

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SAN TIAGO DANTAS – UNESP, UNICAMP E PUC-SP

THIAGO GODOY GOMES DE OLIVEIRA

O nacionalismo e a política externa dos Estados Unidos: o Partido Republicano no século XXI

São Paulo

2021

THIAGO GODOY GOMES DE OLIVEIRA

O nacionalismo e a política externa dos Estados Unidos: o Partido Republicano no século XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, Processos e Atores”, na linha de pesquisa “Estudos sobre Estados Unidos”.

Orientadora: Cristina Soreanu Pecequillo

São Paulo

2021

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Oliveira, Thiago Godoy Gomes de.

- O482 O nacionalismo e a política externa dos Estados Unidos : o Partido Republicano no século XXI / Thiago Godoy Gomes de Oliveira. – São Paulo, 2021.
164 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Cristina Soreanu Pecequilo.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) –
UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-graduação em
Relações Internacionais San Tiago Dantas, São Paulo, 2021.

1. Nacionalismo – Estados Unidos. 2. Partido Republicano
(Estados Unidos). 3. Estados Unidos – Relações exteriores –
Aspectos políticos. I. Título.

CDD 320.540973

THIAGO GODOY GOMES DE OLIVEIRA

O nacionalismo e a política externa dos Estados Unidos: o Partido Republicano no século XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, Processos e Atores”, na linha de pesquisa “Estudos sobre Estados Unidos”.

Orientadora: Cristina Soreanu Pecequilo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cristina Soreanu Pecequilo (Universidade Federal de São Paulo)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça (Universidade Federal de Uberlândia)

São Paulo, 2 de março de 2021

A todos que acreditam em dias melhores.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão das instituições que apoiaram esta pesquisa.

Aqui também cabe o agradecimento ao Programa San Tiago Dantas, seu corpo docente, em especial ao professor Samuel Soares, Giovana e Isabela da Secretaria do Programa, Graziela da Biblioteca do Programa, aos membros do NEAI, alunos e colegas de turma. Muito obrigado por todas as trocas, atenção e oportunidades ao longo desses últimos dois anos. Serei eternamente grato.

Meus primeiros agradecimentos vão para a pessoa mais especial em minha vida. Lari, muito obrigado por todo o apoio, amor, compreensão e pela vida que nós compartilhamos juntos há mais de três anos. Obrigado pelos inúmeros artigos lidos por você e por ter sempre me motivado e acreditado em mim. Você é sensacional e acho que um parágrafo é pouco para agradecer o quanto você fez parte desse processo desde o início. Meu amor eterno é seu.

Gostaria de agradecer toda minha família pelo apoio e todo o amor, em especial aos meus pais. Muito obrigado por acreditaram em mim e me apoiar nesse processo. Apesar da distância física, o laço de amor familiar nunca diminui. Cabe um agradecimento especial aos meus amigos que também estiveram presentes ao longo desse processo, em especial ao Tiago, Paulo, Rachel, Victor, Edu, Júlio, Mari, Júlia e Lucas. Aos alunos que tive e ainda tenho o prazer de lecionar, meu muito obrigado pela confiança e por cada aula dada.

Meus imensos agradecimentos à professora Cristina Pecequilo pela orientação, auxílio e amizade. Muito obrigado por ter aceitado esse desafio, por ter acreditado no meu tema de pesquisa e por ter me ensinado tanto ao longo desse processo. Espero que nossa parceria possa perdurar durante muito tempo. Meu muito obrigado também ao professor Carlos Gustavo por ter sido meu orientador nos momentos iniciais da pesquisa. Mesmo que o destino tenha interrompido formalmente sua orientação, o apoio e amizade ainda continuam. Gostaria de agradecer também aos professores Lucas Leite, Fernanda Magnotta e Igor Alves pela amizade, apoio e por serem fontes de inspiração para o profissional que desejo ser.

Ao professor Carlos Eduardo, muito obrigado pelas aulas, ensinamentos, apontamentos nesse trabalho e disponibilidade para participar da banca. Ao professor Filipe Mendonça, muito obrigado pelos apontamentos realizados até aqui e por também ter topado o desafio de fazer parte da banca. O trabalho não teria chegado nesse resultado final sem as contribuições feitas por vocês

na banca de qualificação. Cabe um agradecimento também aos professores que tive o prazer de terem sido meus mestres ao longo dos anos: Viviane Franco, David Magalhães, Laíz Azeredo, Diego Lopes, Mekitarian, Paulo Dutra, Ana Paula, Vanessa e Joyce Luz

Meus agradecimentos também aos meus filhos felinos, Jesse, Ludovica e Bartolomeu. Meu último obrigado vai para meu filho mais velho, Ringo, que sempre esteve presente desde os meus 9 anos de idade.

The point is that as soon as fear, hatred, jealousy and power worship are involved, the sense of reality becomes unhinged. (ORWELL, 2018).

RESUMO

Dentro da história dos Estados Unidos, o nacionalismo sempre se fez presente em distintos momentos, se materializando no contexto de um sentimento cívico. Nos últimos anos, a ascensão de um sentimento nacionalista mais agressivo e escancarado ficou nítida dentro do Partido Republicano, alcançando seu ápice na administração de Donald Trump. Logo, é de suma importância explorar o crescimento histórico do nacionalismo dentro do principal agente globalizador, buscando compreender a dinâmica do nacionalismo com o Partido Republicano. Para tal, a abordagem utilizada pelo trabalho será o método hipotético-dedutivo. Sob o ponto de vista procedimental, a pesquisa utilizará o método histórico, uma vez que se faz necessário compreender o ponto de partida do Partido Republicano e as transformações ocorridas no decorrer histórico. A pesquisa será de caráter exploratório, baseando-se no levantamento bibliográfico. Os dados utilizados serão secundários, fazendo uso de elementos qualitativos e quantitativos. Os resultados obtidos demonstram que o Partido Republicano, desde o *switch* partidário na década de 1960, buscou conciliar sua base mais moderada com outra mais nacionalista. Nesse sentido, com flertes com essa base nacionalista em cada ciclo eleitoral, o não comprometimento do partido com essa parcela nacionalista viria a frustrar grande parte de seu eleitorado, criaria um cenário propício a uma tomada nacionalista do partido. Trump, logo, não seria a causa do avanço do nacionalismo, mas sim um sintoma e um potencializador, justamente por ter sido capaz de identificar elementos nacionalistas cada vez mais presentes na sociedade norte-americana e, consequentemente, instrumentalizá-los no âmbito político.

Palavras-chave: Grand Old Party. Donald Trump. Política Internacional.

ABSTRACT

Within the history of the United States, nationalism has always been present at different times, materializing in the context of a civic sentiment. In recent years, the rise of a more aggressive and wide-ranging nationalist sentiment has been evident within the Republican Party, reaching its peak in the administration of Donald Trump. Therefore, it is extremely important to explore the historical growth of nationalism within the main globalizing agent, seeking to understand the dynamics of nationalism with the Republican Party. For this, the approach used by the work will be the hypothetical-deductive method. From a procedural point of view, the research will use the historical method, since it is necessary to understand the starting point of the Republican Party and the transformations that occurred in the historical course. The research will be exploratory in nature, based on the bibliographic survey. The data used will be secondary, making use of qualitative and quantitative elements. The results obtained demonstrate that the Republican Party, since the party switch in the 1960s, sought to reconcile its more moderate base with another more nationalist. In this sense, as it would flirt with this nationalist base in each electoral cycle, the non-commitment of the party to this nationalist portion would frustrate a large part of its electorate, creating a favorable scenario for a nationalist takeover of the party. Trump, therefore, would not be the cause of the advance of nationalism, but rather a symptom and an enhancer, precisely because he was able to identify nationalist elements increasingly present in American society and, consequently, instrumentalize them in the political sphere.

Keywords: Grand Old Party. Donald Trump. International Politics.

RESUMEN

Dentro de la historia de Estados Unidos, el nacionalismo siempre ha estado presente en diferentes momentos, materializándose en el contexto de un sentimiento cívico. En los últimos años, el surgimiento de un sentimiento nacionalista más agresivo y de amplio alcance ha sido evidente dentro del Partido Republicano, alcanzando su punto máximo en la administración de Donald Trump. Por tanto, es de suma importancia explorar el crecimiento histórico del nacionalismo dentro del principal agente globalizador, buscando comprender la dinámica del nacionalismo con el Partido Republicano. Para ello, el enfoque utilizado por el trabajo será el método hipotético-deductivo. Desde el punto de vista procedimental, la investigación utilizará el método histórico, ya que es necesario comprender el punto de partida del Partido Republicano y las transformaciones ocurridas en el curso histórico. La investigación será de carácter exploratorio, basada en el relevamiento bibliográfico. Los datos utilizados serán secundarios, haciendo uso de elementos cualitativos y cuantitativos. Los resultados obtenidos demuestran que el Partido Republicano, desde el cambio de partido en la década de 1960, buscó conciliar su base más moderada con otra más nacionalista. En este sentido, con coqueteos con esta base nacionalista en cada ciclo electoral, el no compromiso del partido con esta parte nacionalista frustraría a gran parte de su electorado, creando un escenario propicio para una toma nacionalista del partido. Trump, por tanto, no sería la causa del avance del nacionalismo, sino un síntoma y un potenciador, precisamente porque supo identificar elementos nacionalistas cada vez más presentes en la sociedad estadounidense y, en consecuencia, instrumentalizarlos en el ámbito político.

Palabras clave: Grand Old Party. Donald Trump. Política Internacional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema da Overton Window.....	18
Figura 2 – Botton com o slogan musical utilizado na campanha de Eisenhower.....	45
Figura 3 – Bandeira de Gadsen e da “II Revolução Americana” em comício do Tea Party Express com Sarah Palin.....	78
Figura 4 – Público na cerimônia de posse de Obama, à esquerda, e de Trump, à direita....	96
Gráfico 1 – Visões por inclinação ideológica acerca de imigrantes.....	101
Gráfico 2 – Expressão de protecionismo cultural nos Estados Unidos.....	102
Gráfico 3 – Prioridades na política externa entre Democratas e Republicanos.....	114
Gráfico 4 – Apoio à candidatura de Trump por 67 republicanos Congresso.....	120
Gráfico 5 – Taxa de votos em conjunto com Trump no Congresso (2017-2021).....	124
Gráfico 6 – Rejeição ativa por Casa do Congresso contra projetos apoiados por Trump (2017-2021).....	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dez características comuns do Neonacionalismo.....	98
Tabela 2 – Declarações de Trump sobre a crise da Covid-19.....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Armas de Destruição em Massa
CIA	Central Intelligence Agency
CNR	Comitê Nacional Republicano
DHS	Department of Homeland Security
DPG	Defense Policy Guidance
DS	Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
FDR	Franklin Delano Roosevelt
GOP	Grand Old Party
JFK	John F. Kennedy
KKK	Ku Klux Klan
NAFTA	Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio
OANN	One America News Network
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PNAC	Project for the New American Century
TTP	Tratado Transpacífico
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USMCA	Acordo Estados Unidos-México-Canadá

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O PARTIDO REPUBLICANO E O NACIONALISMO (O <i>GRAND OLD PARTY</i>).....	20
2.1	O nacionalismo.....	20
2.2	A ideologia conservadora no Partido Republicano.....	26
2.3	O nacionalismo norte-americano e a história do GOP	32
2.3.1	O nacionalismo na formação dos EUA	33
2.3.2	De Lincoln ao início do Século XX: As transformações Internas do GOP.....	36
2.3.3	A Reconfiguração Partidária (1914/1969)	41
2.3.4	O início de uma polarização com o partido democrata (1969).....	47
2.3.5	Os anos de Reagan (1980/1989).....	49
3	O PERÍODO DE EFERVESCÊNCIA: DE H. W. BUSH À OBAMA (1989-2017).....	54
3.1	Antecedentes: O movimento conservador de H. W. Bush à Bill Clinton (1989/2001).....	54
3.1.1	H. W. Bush, o DPG e as Eleições de 1992 (1989/1992).....	55
3.1.2	Bill Clinton, o Contrato com a América e as Eleições de 2000 (1993/2000).....	58
3.2	George W. Bush e o nacionalismo no GOP (2001/2009).....	61
3.2.1	A Doutrina Bush	62
3.2.2	Neoconservadorismo X nacionalismo conservador	65
3.2.3	A “falsa promessa” de Bush	69
3.3	A Radicalização do Partido Republicano (2008/2017).....	72
3.3.1	As eleições presidenciais de 2008	73
3.3.2	O movimento do Tea Party	75
3.3.2.1	Composição e ideologia	76
3.3.2.2	As <i>midterms</i> de 2010, o SarahPAC e o Tea Party Caucus	78
3.3.2.3	O nacionalismo e o <i>Tea Party</i>	80
3.3.3	As eleições presidenciais de 2012.....	81
3.3.4	O GOP e Obama	83
4	O NACIONALISMO NA ERA TRUMP (2017-2020).....	86
4.1	As primárias republicanas, as eleições de 2016 e a plataforma de Trump	87
4.2	Trump e o neonacionalismo.....	93

4.2.1	As características e estratégias do neonacionalismo	96
4.2.2	O neonacionalismo e sua instrumentalização na era Trump	99
4.2.2.1	Nativismo e exclusão	100
4.2.2.2	Liderança carismática e antielitismo.....	104
4.2.2.3	Simplificação da realidade, o apelo emocional e a Democracia iliberal.....	107
4.2.2.4	Protecionismo e multilateralismo.....	112
4.2.2.5	Partidos autoritários ou conservadores sociais	117
5	O GOP E TRUMP	119
5.1	Da revolta para o “Partido de Trump”	119
5.2	As novas “facções” do GOP	127
5.3	Os limites do neonacionalismo trumpista	134
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
	REFERÊNCIAS.....	143

1 INTRODUÇÃO

Partidos políticos representam instituições essenciais no processo político de nações democráticas. São responsáveis por auxiliar na organização da liderança executiva, congregar representantes eleitos por suas siglas e defender seus princípios fundacionais no processo legislativo. Todavia, desde a independência do país em 1776, os pais fundadores expressavam seus medos frente a ascensão de facções políticas no país, uma vez que poderiam resultar no domínio de uma agenda política específica a um grupo. Após assumir a presidência em 1789, George Washington buscou criar uma administração livre de facções políticas, indicando dois adversários políticos ao seu gabinete: Alexander Hamilton, como Secretário do Tesouro, e Thomas Jefferson, como Secretário de Estado. Na expectativa de que os dois adversários pudessem trabalhar em prol do benefício nacional, as expectativas de Washington foram frustradas quando, frente discordâncias com Jefferson quanto o papel do governo na sociedade, Hamilton rompeu com a visão de uma nação sem facções políticas, fundando o Partido dos Federalistas em 1789, o primeiro partido político moderno. Em contraposição, Jefferson, juntamente de Thomas Madison, fundaram o Partido Republicano-Democrata – muito diferente do partido que viria a se tornar na era de Lincoln (HOFSTADER, 1969).

As subseqüentes transformações políticas, como a evasão do Partido dos Whigs, viriam a transformar o partido de Jefferson no Partido Democrata em 1828, enquanto o Partido Republicano de Lincoln, com a união de Whigs, uma parcela de democratas e membros do partido *Free-Soil* (contra a escravidão), viria a se formar em 1854 (HOLT, 2003). Os símbolos que representam os partidos, diferentemente da ideologia atual de cada um, permanecem os mesmos desde 1840: um burro e um elefante para democratas e republicanos, respectivamente.

Criados por Thomas Nast, um cartunista do período, os animais foram escolhidos conscientemente para cada partido como uma forma de satirizar suas imagens. Os democratas, sendo o partido em defesa da escravidão e o grande responsável por iniciar a Guerra Civil do país e, posteriormente, por criar a primeira encarnação da *Ku Klux Klan* (KKK), era representado pelo burro como uma forma de representar a ignorância política no partido. Todavia, o elefante representava um animal inseguro de seu próprio peso, arrastando-se pesadamente por uma base que representava sua própria plataforma partidária. O Partido Republicano, nesse sentido, era caracterizado como um partido forte e com uma força política elevada, porém incerto quanto seus passos políticos. Apesar de os dois partidos terem mudado drasticamente de posições no século XX, a caracterização do elefante de Nast ainda viria a estar presente na forma como os republicanos viriam a lidar com sua base ao longo das décadas (NIX, 2015).

O Partido Democrata, por sua parte, viria a se distanciar gradativamente de sua base branca escravocrata do Sul, aproximando-se do trabalhador da classe média e defendendo cada vez mais pautas progressistas dentro da sociedade. O movimento dos direitos civis na década de 1960 foram o ponto de virada para o partido, uma vez que significou um afastamento do eleitorado branco ao sul, e sua solidificação no norte do país e no voto negro. Desde as eleições de 2016, frente o efeito da presidência de Trump, a ala mais à esquerda do partido vem obtendo cada vez mais força e representatividade com o eleitorado. A popularidade de figuras como Bernie Sanders, o segundo colocado à nomeação democrata em duas eleições seguidas, e a eleição de novas representantes, como Alexandria Ocasio-Cortez, do estado de Nova Iorque, refletem justamente uma quinada mais progressista do partido nos últimos quatro anos. Destarte, as raízes fundacionais escravocratas dos democratas são um passado remoto frente o partido de figuras recentes como a de Barack Obama e de Kamala Harris.

Após a presidência de Donald Trump, o Partido Republicano do século XXI se distanciou de seus ideais progressistas fundacionais, defendendo uma agenda política cada vez menos bipartidária, altamente conservadora e mais nativista. Os ataques do 11 de setembro e as subsequentes guerras do Iraque e Afeganistão, assim como a ascensão do *Tea Party* e de novos movimentos ligados ao nacionalismo branco, foram eventos que agravaram ainda mais nas mudanças sofridas pelo partido. Compreender os processos internos e externos que levaram as mudanças observadas nas últimas décadas dentro do partido apresenta-se como um elemento essencial frente o atual cenário político nos Estados Unidos: uma eleição que dividiu o país e na qual, instigados pelo próprio ex-presidente, eleitores republicanos invadiram o Capitólio com o objetivo de alterar os resultados eleitorais e “salvar a democracia” – mesmo que isso significasse realizar um rompimento democrático. Frente o trauma político que ainda permanece, compreender essas mudanças no Partido Republicano também nos permitiria compreender, consequentemente, qual a presença do nacionalismo – agora mais nítido do que nunca – nesse processo. Esse partido, sendo um produto da história da formação política do país ao longo dos séculos, tem justamente em suas drásticas mudanças ideológicas a interferência do fenômeno nacionalista.

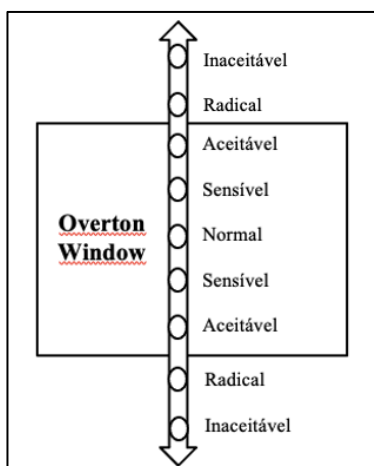
A predisposição de Trump em se reconhecer como um nacionalista, como fez durante um comício em Houston, Texas, e sua proximidade com lideranças nacionalistas internacionais, como Viktor Orbán, da Hungria, Vladimir Putin, da Rússia, e Jair Bolsonaro, no caso brasileiro. Além disso, a defesa de uma agenda doméstica e internacional que valorizavam um abandono do multilateralismo, um protecionismo econômico e uma valorização de elementos subjetivos intrinsecamente ligados à cultura nacional, denotam a importância em compreender as dinâmicas internas do Partido Republicano que acabaram por resultar na ascensão de Trump, resgatando

movimentos históricos dentro da história do partido, como o Macartismo, Goldwater e o *Tea Party*. Logo, o objetivo central dessa dissertação é compreender qual a influência do nacionalismo nas transformações ocorridas no Partido Republicano e que, por consequência, resultaram na presidência de Donald Trump em 2017. Para tal, o trabalho parte da seguinte pergunta problema: “Como se dá a relação do Partido Republicano com o crescente nacionalismo na sua base de eleitores?”

A hipótese proposta é a que se segue: “O Partido Republicano, desde o *switch* partidário na década de 1960, encontra uma constante dificuldade entre consolidar-se como um partido conservador moderado ou como um partido nacionalista conservador. As constantes tentativas de moderar o partido, quando não frustradas, são seguidas de momentos de flerte com sua base de apoio popular mais nacionalista, buscando não se comprometer totalmente com essa parcela mais radical. O não comprometimento total de republicanos com sua base nacionalista, ao longo de cada ciclo presidencial, geraria uma crescente insatisfação com o partido ao mesmo tempo em que se cultivava um terreno fértil para um avanço nacionalista. A ascensão de Donald Trump não seria a causa de uma tomada nacionalista no partido, mas sim um sintoma. Destarte, o controle de Trump sobre o partido e o alinhamento da maior parte de seus representantes com o presidente, até mesmo em situações extremas, denota justamente uma tomada nacionalista do *Grand Old Party* (GOP).”

Nesse sentido, o conceito da *Overton Window*, como apresentado na Figura 1 apresenta-se como um elemento crucial para que possamos compreender a dinâmica do partido com sua base eleitoral. Esse conceito corresponde a um modelo que busca explicar como as ideias na sociedade mudam ao longo do tempo e influenciam a política. Sua ideia central é que os políticos são limitados quanto as ideias de políticas que podem apoiar, buscando na maior parte do tempo por políticas que são amplamente aceitas e legítimas. Essas políticas estão dentro da janela de Overton, isto é, do que é aceitável. As outras ideias políticas que estariam fora dessa janela, normalmente, seriam evitadas – por conta da baixa adesão popular – ou utilizadas como uma forma de alterar a opinião pública acerca de certa ideia. Essa janela, logo, pode ser deslocada a partir da ação de políticos que busquem introduzir novas ideias políticas que, antes com baixa popularidade, poderiam se tornar aceitáveis (MACKINAC CENTER FOR PUBLIC POLICY, 2019). Nesse sentido, sendo Trump um sintoma e um potencializador, este foi capaz de identificar a crescente presença de elementos nativistas dentro da sociedade norte-americana, lhes dando uma representação política comprometida antes ausente. Consequentemente, ao longo de seu mandato, Trump viria a ser capaz de deslocar a janela de Overton, introduzindo elementos nativistas mais extremos no campo político.

Figura 1 – Esquema da Overton Window.



“Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Mackinac Center For Public Policy (2019).”

O objetivo central do trabalho consiste em compreender a dinâmica do nacionalismo com o Partido Republicano, tendo como objetivos secundários identificar os diferentes tipos de nacionalismo presentes nos Estados Unidos, elencar os principais movimentos nacionalistas relacionados ao partido, analisar o fenômeno do neonacionalismo na administração Trump, discorrer sobre a instrumentalização do neonacionalismo na última administração republicana e identificar os novos movimentos nacionalistas proeminentes no país e suas consequências para a política nacional. Para tal, a abordagem utilizada será o método hipotético-dedutivo. Sob o ponto de vista procedimental, a pesquisa utilizará o método histórico, avaliando a trajetória do partido.

A pesquisa, portanto, será de caráter exploratório, baseando-se no levantamento bibliográfico de artigos, livros, revistas, documentos governamentais, discursos e fontes jornalísticas. Os dados utilizados serão secundários, fazendo uso de elementos qualitativos e quantitativos, uma vez que serão utilizados levantamentos de opinião pública e de votos no Congresso dos Estados Unidos. Cabe pontuar que as transformações sociais e demográficas ocorridas no país são fatores de influência nas transformações políticas sofridas pelo Partido Republicano. Estando essa pesquisa inserida no estudo do processo histórico desse partido, transformações sociais econômicas e demográficas, mesmo que pontualmente presentes em partes dessa pesquisa, são elementos que, por enfoque metodológico, não serão explorados à fundo devido a sua alta complexidade. Nesse sentido, a pesquisa será dividida em 5 capítulos.

O primeiro capítulo abordará a relação histórica do Partido Republicano com o nacionalismo, dividindo-se em três subitens. O subitem inicial discorrerá sobre o conceito do nacionalismo, buscando compreender também os diferentes tipos de nacionalismo, sendo eles o nacionalismo cultural, étnico, expansionista, revolucionário, conservador, econômico, o cívico e o

neonacionalismo. O próximo subitem abordará a ideologia conservadora dentro do partido, identificando os momentos em que estiveram presentes e seus principais representantes. Por fim, o último abordará a experiência norte-americana com o nacionalismo na história do partido, analisando desde Lincoln até Reagan.

O segundo capítulo irá analisar o período que consiste na presidência de George H. W. Bush até o final da administração de Obama, caracterizado aqui como o período de efervescência dentro do Partido Republicano, uma vez que é marcado pelo crescente avanço de nacionalistas conservadores dentro das estruturas do partido. Destarte, o primeiro subitem do capítulo abordará a administração H. W. Bush, evidenciando o DPG e a ascensão de Newt Gingrich dentro do partido, assim como seus efeitos para as eleições de 1992, e a administração Clinton, analisando o Contrato com a América e a oposição republicana no período. Em seguida será analisada a administração de George Walker Bush, identificando elementos do nacionalismo na Doutrina Bush, as distinções do nacionalismo com o neoconservadorismo e as dinâmicas políticas do período. Igualmente, aborda-se a era Obama, buscando discorrer sobre a ascensão de um radicalismo de oposição dentro do GOP, potencializado pelo surgimento do movimento do *Tea Party*.

O terceiro capítulo analisará a presença do nacionalismo no governo de Donald Trump. O primeiro subitem tratará dos antecedentes à eleição de Trump, analisando as primárias republicanas, as eleições de 2016 e a plataforma política do ex-presidente. O segundo discorrerá sobre a relação de Trump com o neonacionalismo, visando compreender as características e estratégias do neonacionalismo, elencando dez principais características: nativismo, exclusão, liderança carismática, antielitismo, simplificação da realidade, o apelo emocional, democracia iliberal, protecionismo, baixo multilateralismo e a presença de líderes neonacionalistas em partido autoritários ou conservadores. As estratégias a serem analisadas, logo, consistem no conceito de *Firehose of Falsehoods* e o deslocamento da *Overton Window*. Em seguida, será abordada a forma como Trump instrumentaliza esse tipo de nacionalismo com base nas estratégias e características apresentadas, cabendo utilizar políticas adotadas em sua administração e sua retórica política.

O último capítulo discorrerá sobre a relação do Partido Republicano com Trump, evidenciando uma trajetória inicial de recusa de diversos republicanos para um alinhamento público, na maior parte dos temas, com o ex-presidente. Também se abordará a consequência desse alinhamento, quando consolidado, demonstrando a ascensão de novas facções e grupos políticos na política conservadora, desde a *Alternative Right* até os *Proud Boys* e o *QAnon* no último ano de Trump. Por fim, serão analisados os limites do neonacionalismo trumpista para a política, seguindo-se a conclusão da dissertação.

2 O PARTIDO REPUBLICANO E O NACIONALISMO (O *GRAND OLD PARTY*)

Apesar de não ser o partido mais antigo na história dos Estados Unidos, o Partido Republicano, ou GOP, se apresenta como o partido com maior legitimidade política nacional, especialmente em relação ao Partido Democrata. Nesse sentido, esse capítulo tem como principais objetivos discorrer sobre a formação do partido, seu desenvolvimento ao longo das décadas, seus valores e ideais, suas principais lideranças e as mudanças profundas que sofreu desde sua fundação sob a perspectiva do elemento do nacionalismo histórico – evidenciando que mudanças recentes dentro do partido já estavam em curso no último século.

O capítulo será dividido em duas partes. A primeira terá dois subitens, o primeiro abordará o conceito histórico do nacionalismo e de suas distintas vertentes, e o último irá discorrer sobre a ideologia dominante dentro do partido: o conservadorismo e suas subsequentes derivações no contexto da política norte-americana. A segunda parte do capítulo abordará a história do partido desde sua fundação até o final do governo de Ronald Reagan, elencando como o nacionalismo se fez presente nas transformações históricas sofridas pelo partido.

2.1 O nacionalismo

O nacionalismo, como um fenômeno social e cultural, tomou frente em diversas nações no final do século XIX e, essencialmente, desde o início do século seguinte. A provável memória coletiva acerca do nacionalismo corresponde justamente ao início do século XX com os movimentos nazifascistas do período. Nesse entendimento, o nacionalismo seria uma força destrutiva, belicista estritamente ligada a exclusão de determinados grupos dentro de uma nação. Essa faceta do nacionalismo não deve ser desprezada ou negada na trajetória da história, todavia, o nacionalismo não deve ser simplificado de tal forma.

Além do nacionalismo do século XX, esse fenômeno está estritamente ligado com a formação e a consolidação dos Estado-nações modernos – sendo nos Estados Unidos o sentimento nacionalista um exemplo notório da força motriz da construção nacional. O *Cambridge Dictionary* (2020) define nacionalismo como “o desejo de uma nação e sua tentativa de ser politicamente independente” ou “um amor grande ou muito grande pelo seu próprio país”, sendo que a primeira definição remete a movimentos nacionalistas dentro de um Estado – muitas vezes com percepções distintas – e a segunda a reafirmação do sentimento nacionalista dentro e fora de uma nação. Além disso, pode corresponder a “identificação com a própria nação e apoio aos seus interesses,

especialmente para a exclusão ou detrimento dos interesses de outras nações” (OXFORD LIVING DICTIONARIES, 2020).

No século XVIII, o filósofo francês David Hume reconheceu que a união entre indivíduos e a sobreposição de interações culturais, com o passar do tempo, agregam para a formação de uma identidade nacional entre eles. Em contrapartida, Jean-Jacques Rousseau argumenta que as formas particulares de cada nacional e o zelo patriótico de indivíduos são determinantes para sua identidade nacional (LOWRY, 2018, p. 39). Entretanto, essas definições, especialmente a de Hume, podem implicar que o movimento de autodeterminação de um grupo necessariamente desponha para um movimento nacionalista. Nesse sentido, cabe distinguir esse movimento do nacionalismo, uma vez que

A autodeterminação é simplesmente o direito de qualquer grupo determinar seu governo, em outras palavras, a extensão dos direitos do homem com o grupo. O nacionalismo vai mais longe ao assumir que o grupo não é acidental, mas possui continuidade histórica e uma identidade comum. A nação deriva seus direitos não apenas da vontade coletiva de seus participantes, mas também de sua própria existência como nação. (BEN-ISRAEL, 1992, p. 374, tradução nossa¹).

Discorrer sobre toda a história do nacionalismo, por mais tentador que seja, não corresponde ao objetivo do trabalho por duas razões. Primeiramente, a interferência do nacionalismo na história da humanidade pode ser datada desde a Grécia Antiga e o nacionalismo grego nas Guerras Médicas contra os persas. Logo, uma linha temporal da evolução do nacionalismo, além de ser uma tarefa difícil, merece uma pesquisa inteiramente dedicada ao estudo histórico desse fenômeno e destoa do objeto de análise desse trabalho. Em segundo lugar, fazendo referência ao objeto de estudo, a interferência e origem do nacionalismo nos Estados Unidos ocorre em um momento distinto e sob circunstâncias específicas em relação a de nações europeias, por exemplo.

Sendo assim, o enfoque dessa seção recai sobre as definições de nacionalismo e suas diferentes modalidades que surgiram ao longo da história moderna. Apesar de aparentar ter uma definição clara, o nacionalismo, inserido em dinâmicas sócio-políticas e culturais, representa um fenômeno altamente complexo e imputado de valorizações subjetivas distintas em cada nação. Dessa forma, as abordagens acerca do nacionalismo propostas por Ernest Gellner, Benedict

¹ “Self-determination is simply the right of any group to determine its government, in other words, the extension of the rights of man to the group. Nationalism goes further in assuming that the group is not accidental but possesses historical continuity and a common identity. The nation derives its rights not merely from the collective will of its participants but also from its very existence as a nation.” (BEN-ISRAEL, 1992, p. 374).

Anderson e Eric Hobsbawm nos auxiliam na compreensão dos aspectos mais subjetivos presentes no nacionalismo.

O antropólogo social Ernest Gellner classifica o nacionalismo como um instrumento que fornecesse às sociedades industrializadas os meios para coesão cultural e linguística – uma uniformidade nacional necessária através do poder estatal. A nação não seria um fenômeno natural, mas algo necessário para unificar o Estado a uma cultura, sendo a padronização da cultura uma necessidade do nacionalismo. Por sua vez, o nacionalismo surge a partir do reconhecimento de seus membros entre si enquanto compatriotas dotados de direitos e deveres comuns, não de quaisquer características pré-existentes compartilhadas (BEN-ISRAEL, 1992, p. 371-372).

Já Anderson, por reconhecer a nação como uma fabricação que cria elos de conexão através da identificação de semelhanças entre indivíduos que não se conhecem, aborda o nacionalismo sob a ótica de uma comunidade imaginada. Nessa comunidade política, aspectos socioculturais são mais determinantes na união entre indivíduos do que a ligação com o território em si. O exemplo clássico citado pelo cientista político seriam as lápides e mausoléus de soldados desconhecidos, uma vez que, apesar de muitas estarem vazias ou preenchidas com restos mortais não identificados ou de soldados de outras nacionalidades, diversas nações reivindicam um soldado desconhecido como um que partilha da mesma nacionalidade de um Estado. A nação, segundo Anderson, é imaginada justamente por a maioria de seus integrantes não se conhecerem, mas ainda existirem sob uma mesma nacionalidade a partir de um forte senso de fraternidade que precede as características em comum criadas ao longo dos tempos. Logo, os aspectos subjetivos, imaginados, que determinam as identificações nacionais são mais determinantes (ANDERSON, 2008, p. 6-7).

Por fim, o historiador Eric Hobsbawm reconhece que qualquer grupo volumoso que se identifica como uma nação pode ser assegurado como tal. Por trazer uma perspectiva histórica, Hobsbawm caracteriza os primeiros movimentos nacionalistas como tentativas de unificar territórios e povos, contribuindo para a construção dos Estados modernos entre o século XVIII e XIX e do conceito de soberania estatal – num momento que caracteriza como protonacionalismo. Segundo o autor, a construção de uma nação seria um reflexo de determinado contexto social e econômico em constante mudança, e não por características pré-existentes de identificação entre grupos. Frente seu caráter marxista, a ideologia nacional da classe dominante – *establishment* político – não corresponde a ideologia nacional da classe trabalhadora. Cada classe e grupo detém uma forma de caracterizar sua identidade nacional, fazendo com que os elementos que definem um Estado-nação mudem de maneira gradual ou repentina. Logo, para compreender-se o fenômeno do nacionalismo, o entendimento de uma nação deve ocorrer de baixo para cima (HOBSBAWM, 1990, p. 159-170).

Mesmo que com alta visibilidade, ainda há a utilização do patriotismo como um sinônimo ao nacionalismo, quase como se esse fosse uma versão mais “radical” do sentimento patriota. Tendo em vista que o termo patriotismo é constantemente citado na bibliografia histórica acerca da formação dos Estados Unidos, torna-se necessário apresentar de maneira sucinta sua distinção com o termo “nacionalismo”. O sentimento patriota origina-se de uma forma mais “positiva” em relação ao nacionalismo, uma vez que esse é caracterizado como o “gêmeo do mal” e altamente individualista por reter uma percepção da superioridade de uma nação perante outras (KOSTERMAN; FESCHBACH, 1989, p. 271 *apud* BONIKOWSKI; DiMAGGIO, 2016, p. 4).

Há a presença de elementos patriotas no nacionalismo e no patriotismo, a distinção crucial corresponde ao fato de o sentimento patriota não possuir uma relação causal de superioridade de um Estado-nação frente outro ou o flerte com tendências mais autoritárias em determinadas circunstâncias – uma vez que no patriotismo há a valorização das instituições de um Estado-nação, sendo os valores democráticos uma delas e o respeito aos poderes legislativo, executivo e judiciário algumas delas (LONGLEY, 2019). Nesse capítulo o conceito de patriotismo ainda será resgatado para que seja possível clarificar que, mesmo que com diversas produções na área de estudo e com referências históricas documentadas, o sentimento patriota ao longo da história dos Estados Unidos encontra-se mais próximo de um nacionalismo – mais especificamente, do nacionalismo cívico.

Novas concepções acerca do nacionalismo buscam compreendê-lo com base em subdivisões. Apesar de diversas modalidades de nacionalismo se fazerem presentes nos estudos desse fenômeno, por enfoque metodológico do trabalho a ser desenvolvido, serão elencadas apenas sete: o cultural, étnico, expansionista, revolucionário, conservador, econômico, o cívico e, mais recentemente, o neonacionalismo. O nacionalismo cultural, apesar de estar ligado à preservação da identidade cultural de um Estado, encontra-se mais próximo a preservação de uma identidade histórico-cultural, uma vez que a cultura nacional, apesar de altamente subjetiva e em constante mudança, é uma fonte de sentimentos nacionalistas. A cultura aqui citada não necessariamente se apega a laços raciais, justamente por a cultura histórica de diversas nações não estar estritamente ligada a etnias, mas sim a costumes e a um imaginário histórico-coletivo – tendo a União Europeia (UE) e sua presença na formação histórica do nacionalismo nos Estados Unidos como claros exemplos (NIELSEN, 1999, p. 120-128).

Segundo o sociólogo Anthony D. Smith, o nacionalismo étnico origina-se com base em um mito de ancestralidade comum. Nessa dinâmica, a pátria é definida a partir de um critério genealógico de associação natural, e não territorial. Valores culturais aqui também são valorizados assim como no nacionalismo cultural, somente mais regados por um aspecto mais étnico. Logo, há uma ultra valorização de elementos como o idioma nativo do que a igualdade perante a lei, uma

vez que a narrativa racial é a dominante nesse nacionalismo (SMITH, 1995, p. 118). O nacionalismo expansionista, assim como o étnico, também pode fazer uso dessa mesma narrativa racial – de forma ainda mais agressiva. O expansionismo presente em seu nome remete ao expansionismo territorial e militar, buscando recuperar territórios antes perdidos. O aspecto racial se materializa na mistura de narrativas de identidades e de aspectos patrióticos com narrativas de aversão e recusa ao “outro” – estrangeiro ou nativo – que não faz parte do mesmo “grupo”, potencializando a violência e o sentimento de medo. Em sua forma mais racial, o nacionalismo expansionista pende para o objetivo da criação de etno-Estados formados por nacionais com características étnicas próximas, tendo a *Alternative-Right*, que será abordada no quarto capítulo, como um exemplo contemporâneo (HEYWOOD, 2017, p. 176-187).

O nacionalismo revolucionário possui como exemplo histórico o fascismo italiano de Benito Mussolini no período anterior e no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Seus primórdios são traçados nos movimentos revolucionários sindicais na França e na Itália. Diferentemente do nacionalismo étnico, o revolucionário se caracteriza pela unidade e comunhão nacional, originando um sentimento de destino e propósito à uma nação e um povo, promovendo a perseguição a estrangeiros e contrerrâneos que ameaçassem ou se opusessem a tal união. Por obter suas origens em movimentos sindicais, o nacionalismo revolucionário obteve maior apoio da classe proletária na Itália (GREGOR, 1979, p. 95-99). Mesmo que tenha sido um ponto de partida para o fascismo, cabe pontuar a diferença entre o nacionalismo revolucionário – e do nacionalismo como um todo – do fascismo. Ainda segundo Anthony Smith, para os fascistas, a nação representava uma mera ferramenta para o uso da vontade através da força, visando a obtenção de seus objetivos políticos que não se limitam ao fortalecimento do Estado, mas também a conquista exterior. Além disso, o culto e a lealdade singular ao líder são características que não são essenciais ao nacionalismo, uma vez que a submissão popular a figuras como as de Mussolini e de Adolf Hitler são características notórias dos movimentos fascistas desse período (SMITH, 1979 *apud* LOWRY, 2019, p. 56-7).

Por sua vez, o nacionalismo conservador aproxima-se de um conservadorismo social, promovendo a defesa da família e da estabilidade do status social como elementos essenciais para a preservação da identidade nacional. Aqui há também a incompatibilidade desse nacionalismo com a presença de imigrantes, uma vez que diverge do conservadorismo mais tradicional por dar maior importância a aspectos de uma nação homogênea. Ao mesmo tempo em que não corresponde a vertente mais radical, este nacionalismo visa a defesa do interesse da nação acima de tudo, tendo como exemplos contemporâneos os partidos europeus eurocéticos e o Partido Republicano – especialmente ao longo do século XX (HEYWOOD, 2018). Em contrapartida, o nacionalismo econômico prima pela defesa dos interesses econômicos de uma nação sob a

perspectiva de ganhos absolutos em um jogo de soma-zero², mesmo que isso signifique prejudicar até mesmo nações aliadas. Em um cenário de interdependência econômica e de fóruns econômicos internacionais, mesmo que em níveis desiguais, as nações presentes acabam obtendo benefícios nessa dinâmica. Frente ao nacionalismo econômico, a cooperação presente no liberalismo econômico estabelecida desde Bretton Woods perde força e importância para nações no qual esse tipo de nacionalismo se faz presente, gerando um cenário de competição e desconfiança entre os Estados (GLADDING, 2018).

O nacionalismo cívico, também conhecido como nacionalismo liberal, possui mais semelhanças com o patriotismo. As instituições de uma nação e seus princípios liberais são mais valorizados do que aspectos ligados a identidade cultural ou étnica. Corresponde ao nacionalismo mais inclusivo, uma vez que a participação nessa nação cívica é voluntária, sendo somente necessário a internalização desses valores liberais para que um indivíduo faça parte da mesma. A liberdade, direitos individuais e a igualdade são algumas das instituições presentes e mais valorizadas no nacionalismo cívico.

Na história dos Estados Unidos, o nacionalismo cívico serviu como influência para a formulação de um sistema representativo no país, sendo assim um dos principais tipos de nacionalismo responsáveis pela formação nacional – discussão que, novamente, será aprofundada na seção três. Apesar de similar ao patriotismo, a principal diferenciação entre ambos corresponde justamente a valorização de uma nação em detrimento de outras. No patriotismo, diferentemente do nacionalismo cívico, esse sentimento de superioridade não se faz presente. Mesmo que similares, o nacionalismo, mesmo em sua modalidade mais inclusiva, ainda realça certa exclusão frente os que não compõe um grupo ou que residem em outras nações “menos excepcionais” (LIEVEN, 2012, p. 15-9).

O neonacionalismo, ou “novo nacionalismo”, diferentemente de seus antecessores, originou-se em um período de mudanças profundas na estrutura do capitalismo internacional desde o início do século XX, sendo as instituições internacionais, aumento da migração e criação de normas e condutas internacionais e outros fatores cruciais para a redefinição do conceito do “outro”. Aqui não mais definido por questões territoriais ou puramente étnicas, o “outro” pode tomar a forma de imigrantes, “elites globalistas” ou um establishment político – seja ele doméstico ou estrangeiro – que promove a perda de liberdade de ação, identidade e homogeneidade cultural de uma nação. Logo, a narrativa neonacionalista, ao mesmo tempo em que é difusa e mutável, é

² Preceito de uma situação na qual, se uma parte ganha determinada vantagem, a outra deve sofrer uma desvantagem equivalente (COLLINS, 2020).

extremamente eficaz perante seu público, uma vez que ecoa de forma clara e radicaliza ainda mais o cenário político de uma nação (TEPPER, 2018, p. 16-8).

Destarte, há uma clara mistura de aspectos do nacionalismo étnico e cultural, uma vez que a retórica é composta por conotações fóbicas, xenofobia e islamofobia, e por “ismos”, racismo, sexismo e machismo, sempre justificados por narrativas de ansiedade econômica e cultural. O sentimento “nacional” não está mais somente ligado ao território ou a aspectos específicos e seletos, mas sim a aderência não específica à brancura, cristianismo, cultura ocidental, anti-globalismo e a heterossexualidade cisgênera, sendo esses os componentes dessa nova tradição nacionalista. Nesse quesito, diferentemente do nacionalismo cultural e étnico, por exemplo, não há a criação de certas obrigações com a cultura ou um povo em específico, elevando ainda mais a complexidade das comunidades imaginadas postuladas por Anderson. Aqui, a narrativa política está em constante mudança. (TEPPER, 2008, p. 14).

Destarte, o neonacionalismo faz uso de justificativas ideológicas trans e supranacionais, detendo um caráter forte na política exterior por haver uma similaridade na retórica e discursos entre diversas lideranças, promovendo um distanciamento das identidades e das estruturas propostas por organizações regionais e internacionais. Contudo, é muito mais institucionalizado do que outras modalidades do nacionalismo, uma vez que é capaz de eleger representantes para cargos legislativos e executivos, fazendo com que tal legitimidade permita a utilização de uma retórica mais agressiva no debate político nacional (TEPPER, 2008, p. 14-5).

2.2 A ideologia conservadora no Partido Republicano

Como abordado anteriormente, o pensamento conservador, em suas distintas modalidades, predomina dentro do GOP. Denominar-se como um conservador nos Estados Unidos ultrapassa a ótica política do conceito bruto de conservadorismo. O conservador valoriza mais o presente e o passado em detrimento do futuro. Não por temor ao mesmo, mas sim por corresponderem a uma alternativa real e tangível e não hipotética ou mutável, como o futuro. Pode-se destacar, contudo, uma certa aversão a mudança:

Ser conservador, então, é preferir o familiar ao desconhecido, o testado ao nunca testado, o fato ao mistério, o atual ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, o riso presente à felicidade utópica. (OAKESHOTT, 1991, p. 408).

O linguista e filósofo George Lakoff busca em sua obra *“Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals Don't”* explicar o pensamento conservador partindo de um

contraste com o pensamento liberal e fazendo uso de modelos familiares para exemplificar esse pensamento. Um conservador envolve seus valores morais e familiares quando trata de questões políticas ou pessoais, sempre abordando em seus discursos palavras como caráter, virtude, disciplina, rigidez, normas e padrões, autoconfiança, responsabilidade individual, preservação de patrimônios físicos e ideológicos, meritocracia, autoridade, direito a propriedade, liberdade, punição, trabalho árduo, dentre outras (LAKOFF, 1996, p.18-30). Segundo Lakoff, a visão de mundo de um conservador segue um modelo paternal estrito:

Esse modelo coloca um núcleo familiar tradicional, com o pai tendo a responsabilidade primária de sustentar e proteger a família bem como a autoridade para definir a política geral, para estabelecer regras rígidas para o comportamento das crianças e para reforçar as regras. A mãe tem a responsabilidade diária de cuidar da casa, criando as crianças e apoiando a autoridade do pai. As crianças devem respeitar e obedecer aos pais; fazendo isso, constroem caráter, isto é, disciplina própria e auto resiliência. Amor e nutrição são, claramente, uma parte vital da vida familiar, mas não pode nunca sobrepor a autoridade paternal, sendo em si uma expressão de amor e nutrição – amor firme. Autodisciplina, auto resiliência e respeito para com a autoridade legítima são elementos cruciais que a criança deve aprender. Quando maduras, as crianças estão por si só e devem depender da autodisciplina adquirida para sobreviver. Sua auto resiliência lhes dá autoridade sobre seus próprios destinos e seus pais não devem interferir em suas vidas (LAKOFF, 1996, p. 33, tradução nossa).³

A moralidade desse modelo se baseia no pressuposto de que o próprio exercício da autoridade é moral, justamente por estabelecer um sistema moral de recompensas por obediência e punições por desobediências. Esse sistema parte do pressuposto de que a vida em si corresponde a uma luta pela sobrevivência a partir da competição entre indivíduos, sendo necessário que a criança seja punida e recompensada nesse meio para que possa obter autodisciplina e, por fim, alcançar sucesso e prosperidade futura. A presença da competição nesse sistema é crucial para compreender a visão conservadora acerca da meritocracia – uma vez que aqueles que obtêm sucesso sem autodisciplina ou merecimento são indivíduos imorais – e da sobrevivência, pelo fato de que somente irão triunfar os que merecem – abraçando uma realidade na qual alguns, por falta de empenho, naturalmente não serão melhores que outros que se mantiveram empenhados.

³ “This model posits a traditional nuclear Family, with the father having primary responsibility for supporting and protecting the family as well as the authority to set overall policy, to set strict rules for the behavior of children, and to enforce the rules. The mother has the day-to-day responsibility for the care of the house, raising the children, and upholding the father’s authority. Children must respect and obey their parents; by doing so they build character, that is, self-discipline and self-reliance. Love and nurturance are, of course, a vital part of family life but can never outweigh parental authority, which is itself an expression of love and nurturance – tough love. Self-discipline, self-reliance, and respect for legitimate authority are the crucial things that children must learn. Once children are mature, they learn on their own and must depend on their acquired self-discipline to survive. Their self-reliance gives them authority over their own destinies, and parents are not to meddle in their lives.” (LAKOFF, 1996, p. 33).

Portanto, a força moral conservadora, remetendo a dicotomia da Guerra Fria de Reagan, subdivide a realidade entre duas escolhas: o bem ou o mal (LAKOFF, 1996, p. 67-70).

Entretanto, a prática do conservadorismo na política utiliza-se de ambições futuras que podem resultar em mudanças. Sendo assim, reside aqui a diferença entre um conservador político e a sua faceta mais radical e caricata que acaba por rotular todos aqueles que se autodenominam conservadores, o reacionário (QUINTON *apud* COUTINHO, 2014, p. 24-25). O pensamento futuro do conservador político opera de maneira reativa ao avanço de outras ideologias vistas como utópicas que ameacem a preservação dos fundamentos básicos de uma sociedade. Logo, o conservadorismo surge como uma “ideologia emergencial” frente a fortes mudanças políticas, culturais e sociais (HUNTINGTON *apud* COUTINHO, 1957, p. 460-461). O conservador compreende a realidade como complexa e diversa, se opondo a ideia de que valores como liberdade, igualdade e fraternidade serão usufruídos por todos na mesma intensidade. Tal falácia corresponde a “falácia agregadora” de Roger Scruton, repudiada pelo pensamento conservador (SCRUNTON, 2013, p. 153-165).

A ação do político conservador se baseia na preservação da tradição e de valores que devem guiar e manter uma sociedade ou nação estáveis. O indivíduo nesse meio é moldado e deve atuar positivamente na preservação de tradições, instituições e valores que devem ser usufruídos pelas gerações futuras, deixando de lado seu comportamento natural que pode comprometer a efetivação desse compromisso (BURKE *apud* COUTINHO, 2014, p. 60-61). Logo, revoluções e reformas, ao passo em que tentam instaurar mais liberdade, igualdade e fraternidade somente resultarão, na ótica de um conservador, em um grau mais perverso de servidão, desigualdade e violência. Mudanças devem ser somente superficiais ou pautadas nas leis, já que as bases estruturais da sociedade permanecerão as mesmas assim como os costumes e tradições do povo dessa sociedade. Toda e qualquer mudança deve ser realizada de forma prudente e com base na tradição. Realizadas de tal maneira, a reforma e a mudança passam a ser um grande mecanismo de conservação (COUTINHO, 2014, p. 68-74).

Burke aponta que “Um estado sem a possibilidade de alguma mudança é incapaz de se conservar.” (*apud* COUTINHO, 2014, p. 74). A inovação também possibilita a preservação e o melhoramento daquilo que é precioso e que está em risco, podendo esta ser de origem exógena ou endógena. A primeira, ao mesmo tempo em que traz perdas inevitáveis de algum aspecto da tradição, materializa também um ganho possível, cabendo ao conservador ponderar quais vantagens essa inovação pode ou não angariar. No segundo caso, quando originada pelo conservador, deve partir de uma base concreta, ser uma reação a algum defeito dentro do Estado, ser mínima e parcelada, ocorrer de maneira gradual e com o devido acompanhamento e, por fim,

ser limitada somente ao elemento que se encontra em falta, reduzindo os efeitos indesejáveis ou imprevisíveis que tal inovação pode trazer (COUTINHO, 2014, p. 75-76).

A função do conservadorismo político enquanto governo deve, portanto, respeitar cinco premissas: (1) respeitar a imperfeição intelectual do homem – predisposição a buscar ideais completamente utópicos – frente a complexidade da realidade no ato de governar, (2) reconhecer as diferentes concepções do bem que definem sociedades democráticas, abertas e plurais, (3) respeitar profundamente as tradições para que sobrevivam por diversas gerações, (4) defender reformas que não degradem ou destruam as bases estruturais da sociedade e (5) valorizar e proteger o comércio dentro da sociedade como garantia do bem-estar entre os indivíduos. Logo, o Estado conservador atua de maneira modesta e prudente, preservando a existência de valores primários – individuais – e secundários – presentes na sociedade como um todo –, garantindo a homogeneidade nacional (COUTINHO, 2014, p. 99-102).

Portanto, a mente conservadora assume que negar regras absolutas e padrões sociais e comportamentais seria o mesmo que dizer que não há padrões morais ou regras de convivência, somente restando duas escolhas: absolutismo moral ou o caos social. Logo, o padrão moral conservador pautado no modelo paternal estrito descrito anteriormente necessita de quatro requisitos mentais básicos para funcionar corretamente na mente de um indivíduo: categorização absoluta, sendo que tudo deve estar dentro ou fora de uma categoria para adquirir sentido; todas as regras devem ser literais; comunicação perfeita, na qual o ouvinte compreende o mesmo significado que seu interlocutor desejava transmitir; e o comportamento humano pautado nas premissas de recompensa e punições, sendo isso o que motiva determinadas ações individuais (LAKOFF, 1996, p. 366-370).

Assim como em diversas ideologias, o conservadorismo na política norte-americana criou diversas ramificações. Para que seja possível uma melhor compreensão de diferentes grupos e forças presentes na política dos Estados Unidos, serão abordadas sete dessas ramificações. A primeira delas, o conservadorismo cristão, preocupa-se fundamentalmente com valores familiares entrelaçados em valores religiosos. Nesse sentido, são contrários ao aborto, favoráveis ao ensino religioso em escolas e ao casamento exclusivo entre indivíduos heterossexuais – buscando preservar esses valores até mesmo na esfera do entretenimento e das grandes mídias. Na história dos Estados Unidos, os conservadores cristãos são representados por uma aliança entre ativistas religiosos – sejam eles representantes oficiais ou não da igreja – e políticos da ala conservadora do GOP, representando uma das principais bases de apoio ao governo de Ronald Reagan nos anos de 1980 (LIENESCH, 1982, p. 5-7).

Em contrapartida, o conservadorismo constitucional se orienta com base nos limites estipulados pela constituição do país de 1787. Sendo a defesa da liberdade o elemento central desse conservadorismo, surgiu dentro do partido como uma forma de barrar medidas e pautas progressistas, apontando que estas estariam em desacordo com os princípios fundadores da nação. Por distintas interpretações que podem se originar da constituição, em suas manifestações mais extremas, serviu como fonte de influência para o *Tea Party*, como oposição à reformas sociais de seu período, e para a *Alternative Right*, que utilizou-se dos princípios da constituição para justificar o nacionalismo branco como parte natural da fundação dos Estados Unidos (KRAUTHAMMER, 2019). Já o conservadorismo fiscal, ou econômico como também é conhecido, ascendeu na política norte-americana na era Reagan, advogando por uma redução de impostos e da dívida nacional e um gasto governamental limitado. É justificado em termos de eficiência econômica nacional, mais presente no setor privado, preocupando-se com os custos econômicos presentes que serão herdados por gerações futuras – elemento principal que busca conservar (GIULIANI, 2007).

O conservadorismo social, por sua vez, realça a preservação de valores e crenças tradicionais dentro de uma nação, isto é, a preservação de valores morais que estão em constante risco frente a degradação moral da sociedade – sendo sua preocupação central valores de matéria não fiscal. Logo, elementos do conservadorismo religioso compõe essa ideologia, somando-se também questões relacionadas a preservação dos valores culturais centrais ao país. Surgiu nos Estados Unidos ao final do século XX como uma resposta a interferências governamentais que promoviam o progressismo social, sendo interpretado como uma ameaça à ordem social. Além disso, defende a participação de instituições religiosas nas esferas do governo, opondo-se ao “ateísmo governamental” (HIMMELSTEIN; McRAE JR, 1984, p. 592-594). O conservadorismo libertário, por fundir-se ao libertarianismo⁴, defende a maior liberdade econômica possível e a menor interferência governamental possível na sociedade e na liberdade de um indivíduo. Diferentemente do libertarianismo bruto, a liberdade econômica e individual garantida é utilizada para atingir fins conservadores, buscando minar a disseminação de ideais liberais de democratas. Na contemporaneidade, é a ideologia que norteia as principais ideias do movimento do *Tea Party* (HEYWOOD, 2015, p. 37).

A penúltima ideologia a ser abordada, o neoconservadorismo, encontra suas origens na década de 1970, como uma resposta ao movimento da contracultura que visava questionar os

⁴ Filosofia política que coloca a liberdade de um indivíduo como o maior valor político. Apesar de serem liberais clássicos, vão além da filosofia posta por John Locke, defendendo que o papel do Estado deve ser o mínimo possível para garantir o máximo de liberdade política e econômica a todos. Baseado no princípio de não agressão, a função principal do Estado deve ser punir todo uso ilegítimo da força frente qualquer desrespeito a individualidade de terceiros – evitando, também, ser tirano frente a liberdade individual. (BOAZ, 2020).

valores culturais e institucionais vigentes do período. No mesmo momento em que democratas se tornavam cada vez mais progressistas, antigos democratas, insatisfeitos com os rumos do partido, abandonam o partido. Nesse sentido, inicia-se como um movimento reativo dentro do liberalismo frente a corrupção dos valores tradicionais promovidos pela esquerda do período. Outro elemento que auxiliou no surgimento dos neoconservadores fora a nomeação democrata à George McGovern, defensor de um discurso isolacionista. Para esses antigos democratas, tal política externa mostrava-se indiferente ao comunismo internacional que deveria ser combatido com voracidade. Segundo Irving Kristol, considerado o “pai” do movimento, um neoconservador nada mais seria do que “um liberal que caiu na realidade⁵”. Ganhando mais espaço e notoriedade nos anos de Reagan e no combate ao comunismo, defendendo uma política externa que misturasse um internacionalismo wilsoniano a um pragmatismo mais oportunista. Todavia, na administração de George W. Bush, obtiveram a presença requisitada em matérias de política exterior – sendo representada pela Guerra ao Terror iniciada após os ataques do 11 de setembro de 2001 (TEIXEIRA, 2010, p. 23-7).

Logo, Carlos Gustavo Teixeira elenca quatro temas fundamentais da política externa neoconservadora, sendo o primeiro a defesa de um internacionalismo não-institucional – sem limitações provenientes de instituições internacionais –, mais nacionalista e menos defensivo. Em seguida, o unilateralismo internacional destaca-se como uma forma de não somente defender os interesses nacionais dos Estados Unidos, mas de preservar a estabilidade e a ordem do cenário internacional. Consequentemente, a promoção da democracia no âmbito internacional, o penúltimo tema, complementa o unilateralismo internacional, uma vez que a promoção de regimes democráticos em outras nações auxiliaria na preservação da segurança nacional dos Estados Unidos e, consequentemente, resgataria uma moralidade necessária para a política externa do país e para as relações entre nações – promovendo a mudança de regimes em determinadas nações. Por fim, a promoção internacional do poder militar norte-estadunidense e o constante investimento nacional no mesmo, entrando em conflito direto com correntes como o conservadorismo fiscal – uma vez que promove déficits governamentais e um Estado forte e que, domesticamente, defende, por exemplo, a manutenção do bem-estar-social (TEIXEIRA, 2007, p. 82-94).

A última modalidade de conservadorismo, os paleoconservadores, enfatizam uma forte conexão com o passado, as vezes sendo categorizados como reacionários. Encontram em Russell Kirk, Edmund Burke e William F. Buckley Jr as principais premissas morais e políticas das quais fazem uso. Assim como os neoconservadores, são orientados para a proteção da família, valores religiosos e se opõe deterioração da cultura. Entretanto, são contra a imigração em massa e a

⁵ “A liberal mugged by reality”.

presença de tropas militares dos Estados Unidos em países estrangeiros, sendo um nacionalismo forte e não-intervencionista – representando o auge do isolacionismo conservador em política externa. Foram fortemente marginalizados desde a década de 1950, justamente por possuírem um caráter de conservadorismo mais retrógrado, ressurgindo nas eleições de 1992 com seu principal representante, Pat Buchanan. Apesar de perder a nomeação para George H. W. Bush, Buchanan conseguir mais de dois milhões de votos nas primárias, sendo responsável por auxiliar na derrota de Bush para Clinton. Se fizeram presentes dentro do Congresso até o início do século XXI, perdendo espaço para os neoconservadores na administração Bush.

Todavia, com uma aparente crise da globalização sentida desde o primeiro mandato de Obama, paleoconservadores ganharam cada vez mais espaço no debate político dos Estados Unidos, criando *think thanks* e revistas digitais que acabaram por influenciar futuros movimentos da direita “anti-establishment”, como o *Tea Party*, a *Alternative Right* – sob a qual gerou profunda influência ideológica – e o subsequente movimento “trumpista” das eleições de 2016. Possuem convicção de que correspondem aos verdadeiros herdeiros do movimento conservador nos Estados Unidos da América (EUA), criticando outras vertentes existentes do conservadorismo, uma vez que acreditam que estas não serão capazes de preservar as tradições e valores que tanto prezam (DROLET; WILLIAMS, 2019, p. 17-18).

2.3 O nacionalismo norte-americano e a história do GOP

Nessa secção, a história do *Grand Old Party* será apresentada de uma maneira breve, uma vez que o objetivo principal consiste em demonstrar os principais momentos e mudanças na trajetória histórica do partido, resultando em uma melhor contextualização do partido no período contemporâneo. A história do Partido Republicano inicia-se em meados do século XIX até os dias atuais. Ao longo desse período, o partido passou por momentos de construção, rupturas e de transformações profundas dentro de sua estrutura e de seus ideais e valores. Por esta razão, essa seção não tem como objetivo discorrer acerca do todo da trajetória histórica do GOP, uma vez que esse enfoque se distancia do objetivo principal do trabalho em questão. Além disso, obras como *The Republicans: A History of the Grand Old Party* (2014), de Lewis Gould, e *To Make Men Free: A History of the Republican Party* (2014), de Heather Cox Richardson, cumprem, de forma detalhada, com a proposta de apresentar uma trajetória histórica completa do partido. Logo, caberá nesse momento apresentar um breve histórico da origem do partido e os principais momentos ao longo de sua história que distanciaram o Partido Republicano contemporâneo de sua faceta inicial

– destacando determinados presidentes e períodos cruciais nos quais não estiveram no poder, mas que foram essenciais para sua evolução histórica.

Para que os principais períodos sejam melhor compreendidos, foram realizadas cinco subdivisões. Na primeira, será abordado nacionalismo norte-americano no momento que precede a criação do GOP. A segunda etapa abordará a trajetória do partido desde sua criação em 1854 até o início do século XX, evidenciando um gradativo distanciamento de seus ideais fundacionais mais progressistas. Em seguida, será abordado o momento de reconfiguração partidária de 1914 a 1969, no qual há uma inversão de ideais entre os republicanos e os democratas, respectivamente, se aproximando de valores mais conservadores e de valores mais progressistas. O terceiro momento abordará o início do acirramento político com o Partido Democrata a partir de 1969, no qual há o desenvolvimento de uma polarização política e a consolidação de seus respectivos eleitorados. Finalmente, o governo Reagan e de H. W. Bush marcam o último período a ser abordado, correspondendo, ao mesmo tempo, no período de ápice do partido republicano e no início de crises internas que se potencializariam nos subsequentes governos.

2.3.1 O nacionalismo na formação dos EUA

Perante outras nações, os Estados Unidos destacam-se como uma nação com um sentimento patriota latente, manifestado em comemorações fervorosas, como a o Dia da Independência em 4 de julho, na utilização de símbolos nacionais e, principalmente, na promoção de mensagens como *America is number one*. Como introduzido no início desse capítulo, o sentimento de superioridade nacional perante outros Estados acaba por distanciar os Estados Unidos de um sentimento patriota e o aproximar de um sentimento mais nacionalista – especificamente do nacionalismo cívico. Diferentemente de outros povos, o norte-americano valoriza sua nação como um todo de uma forma excludente.

O slogan nacional citado acima representa de forma clara essa dinâmica: se os EUA é o número um, o pódio não é compartilhado. Para compreendermos a razão pela qual o distanciamento do sentimento patriota sempre ocorrera de forma quase que natural e, especialmente para os próprios norte-americanos, de maneira imperceptível, devemos compreender o sentimento do excepcionalismo norte-americano. Esse corresponde a convicção de que o povo norte-americano é o resultado de uma trajetória histórica única, sendo eles responsáveis por uma missão mundial também igualmente única (COX; STOKES, 2008 *apud* MAGNOTTA, 2016, p. 27).

O excepcionalismo, portanto, cultiva um sentimento de superioridade e que é facilmente reconhecido por terceiros e por aqueles que possuem o mesmo sentimento. Logo, tanto no campo doméstico quanto exterior, o excepcionalismo pode materializar-se através de dois elementos: o iluminismo ou a *American civil religion*. O aspecto iluminista corresponde a utilização de conceitos europeus na nova experiência norte-americana. Partindo-se do pressuposto de que os Estados Unidos seria uma *tábula rasa*⁶, esse seria a possibilidade de realizar o novo início proposto pela corrente iluminista europeia, livre do controle europeu e possibilitando a propagação da liberdade individual e do progresso por meio da razão. Logo, o experimento norte-americano seria o ponto de partida desse novo início, explicando assim o caráter missionário do excepcionalismo. Já a religião civil americana permite que seu povo expresse sentimentos patrióticos através de uma linguagem religiosa, e vice-versa. Esse aspecto cria um elo de consistência entre as preferências políticas e os imperativos religiosos da nação – razão pela qual a retórica religiosa se faz tão presente na história política dos Estados Unidos. A *American civil religion* constrói, portanto, uma aura de aprovação e de providência divina nas decisões tomadas dentro e fora da nação, evocando sempre uma confiança inabalável e um destino nacional solidificado por meio da providência (McCARTNEY, 2004, p. 403-406).

Ainda há considerável hesitação entre nativos e autores norte-americanos em classificar e reconhecer que o patriotismo no país se assemelha mais a um nacionalismo cívico. Rich Lowry, editor-chefe do *National Review*, além de reconhecer a importância do nacionalismo na história dos Estados Unidos, o defende como sendo um fenômeno natural e essencial na história humana.

O nacionalismo deve justamente ser infundido com os ideais de um país e seu senso de missão; deve ser uma força unificadora hostil ao racismo e a todas as distinções desagradáveis que operam nas lealdades subnacionais e nas políticas de identidade; deve ser respeitoso com as prerrogativas de outras nações, mesmo que tenha ciúmes. E o fato é que o nacionalismo é um fenômeno antigo, natural e incrivelmente difundido. (LOWRY, 2019, p. 15, tradução nossa⁷).

⁶ Teoria postulada por John Locke que pressupõe que construção do conhecimento e de ideias ocorre ao longo da experiência de um indivíduo. Dessa forma, “[...] que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento” (*apud* WEFFORT, 2011, p. 66-67).

⁷ “Nationalism should rightly be infused with a country’s ideals and its sense of mission; it should be a unifying force hostile to racism and all invidious distinctions that play into sub-national loyalties and identity politics; it should be respectful of the prerogatives of other nations, even as it is jealous of its own. And the fact is that nationalism is an age-old phenomenon that is natural and incredibly widespread.” (LOWRY, 2019, p. 15).

Além disso, o autor deixa claro que o nacionalismo cívico – abordados por muitos como o pilar do nacionalismo norte-americano – não possui tanto força quanto o nacionalismo cultural no país. Mesmo que os Estados Unidos cumpram com os requisitos de inclusão presentes em um nacionalismo cívico, a nação ainda apresenta um viés cultural muito forte, como a língua e a celebração de feriados específicos a história nacional. Para Lowry, nações não são compostas por associações voluntárias de indivíduos sob instituições políticas e ideias, mas sim pátrias que são sentidas dessa forma por indivíduos que a habitam e que estão ligados por uma rede de associações e memórias (2019, p. 18-19).

Em contrapartida, Colin Dueck ressalta que o nacionalismo conservador representaria a tradição mais antiga de política externa do país, dominando o Partido Republicano especialmente no século XX após a primeira guerra, dividindo o partido entre não-intervencionistas, unilateralistas de linha-dura e conservadores internacionalistas – já abordados na secção anterior (2019, p. 2-4). Nesse sentido, cabe ressaltar momentos cruciais na história do país e do GOP em que o nacionalismo se fez presente, tanto em questões domésticas quanto de política exterior.

O primeiro momento crucial de manifestação do nacionalismo na história americana inicia-se na Revolução Americana (1775-1783) contra seus colonizadores britânicos, resultando na Declaração de Independência em 4 de julho de 1776 e no reconhecimento da mesma por parte da Grã-Bretanha ao final do conflito com a assinatura do Tratado de Paris. A conquista armada pela independência nacional representou duas significantes na formação dos Estados Unidos: seus nacionais estavam dispostos a derramar seu próprio sangue pelo direito de ser um Estado-nação livre e que o direito de autogoverno seria essencial na construção do nacionalismo no país. Após o fim do conflito, os Estados Unidos encontraram-se obrigados a lidar com as pretensões francesas e inglesas acerca de seus territórios e atividade comercial.

O primeiro presidente norte-americano, George Washington (1789-1797) buscou conciliar possíveis desacordos entre essas duas nações de forma pacífica, como uma forma de preservar a paz ao longo de duas décadas e permitir que os Estados Unidos se fortalecessem como nação e aumentasse suas capacidades – anulando a possibilidade de ameaças exteriores. Nesse sentido, juntamente com seu então Secretário do Tesouro, Alexander Hamilton, é elaborado um dos mais importantes documentos da história do país, o *Farewell Address* (LOWRY, 2019, p. 117).

Como seu próprio nome exemplifica, era superficialmente um discurso de despedida de Washington de sua vida pública. Entretanto, o *Farewell Address* foi responsável por elucidar diretrizes nacionais que definem a nação perante seu povo até os dias atuais. Em relação ao povo, Washington define que o povo americano, apesar das distinções individuais, é ligado pela mesma religião, costumes, hábitos e princípios políticos, e unido por uma causa em comum pela qual

lutaram e triunfaram juntos. No campo internacional, é defendida uma política externa clara e livre de amarras provenientes de alianças permanentes, buscando defender justamente a liberdade de agir de forma independente – também conhecido como *freedom of action* –, que irá perdurar até as reformulações de Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt frente os dois grandes conflitos no início do século XX. Mesmo após essas reformulações o conceito de *freedom of action* ainda seria resgatado em inúmeras ocasiões por diferentes presidentes, visando preservar o interesse nacional frente restrições provenientes de alianças externas. Por fim, o documento prevê uma grandeza nacional perante o cumprimento das diretrizes propostas, sendo os Estados Unidos um modelo de liberdade política para outras nações (LOWRY, p. 127-129).

A Doutrina Monroe de 1823 surge posteriormente como uma forma de cessar a intervenção de qualquer nação europeia no continente americano, buscando impedir qualquer possibilidade de reconquista de territórios nos EUA e encorajar o surgimento de um sistema amigável de regimes republicanos por toda a América Latina (DUECK, 2019, p. 12-13). Logo, o Destino Manifesto ao longo do século XIX representou um momento de teor nacionalista expansionista forte na história do país, uma vez que correspondia a crença de que seu povo seria eleito por Deus para liderar outras nações, sendo sua expansão ao longo do Norte – tanto sob o ponto de vista territorial quanto político e cultural – uma simples demonstração de seu dever divino (BONIKOWSKI, DiMAGGIO, 2016, p. 2).

2.3.2 De Lincoln ao início do Século XX: As transformações Internas do GOP

Fundado em 20 de março de 1854, o *Grand Old Party* surgiu como uma resposta ao *Kansas-Nebraska Act* (1854) que ameaçava a resolução do *Missouri Compromise* (1820), que proibia a implementação da escravidão nos novos territórios do Colorado, Nebraska, Wyoming, Montana, Dakota do Sul e Dakota do Norte. A utilização do sistema econômico escravocrata nessas novas regiões, segundo a percepção de muitos nortistas, correspondia a uma ameaça ao princípio de oportunidades econômicas igualitárias, além de expandir um modelo econômico sulista arcaico para regiões que foram livres por mais de trinta anos. Confrontados com estruturas partidárias que se demonstram indiferentes ou subservientes a escravidão, nortistas abolicionistas e anti-escravidão uniram-se para a criação do Partido Republicano. O termo “republicano” foi empregado como uma forma de remeter a Thomas Jefferson – terceiro presidente do país e que chamava seu próprio partido de Republicano – e aos princípios da Declaração de Independência de 4 de julho de 1776, que justamente evocava o princípio da igualdade (RICHARDSON, 2014, p. 20-22).

Por mais que aparente ser um sistema bipartidário, os Estados Unidos desde sua fundação, até os dias de hoje, sempre foram um sistema multipartidário – apesar de nas últimas décadas o debate político ter orbitado entre os partidos Democrata e Republicano. No período anterior a sua criação, a política do país era dominada pelo Partido Democrata e pelos Whigs. O Partido Democrata desse período é extremamente diferente de sua faceta atual, justamente por defender um Estado pequeno e que não interferisse na economia, defendendo, dessa maneira, a supremacia branca no Sul do país. Já os Whigs, como o próprio nome denota, remetia ao partido britânico de mesmo nome, sendo contra o resgate de um sistema monárquico. Logo, esse partido detinha uma forte desconfiança no abuso de poder por parte do executivo. Ao mesmo tempo em que defendiam o interesse comum da sociedade, o partido possuía uma ligação estreita com grandes negócios e interesses comerciais. O descontentamento de alguns membros de ambos os partidos com o *Kansas-Nebraska Act* resultou em dissidência partidária e, consequentemente, levou a fundação do Partido Republicano (GOULD, 2014, p. 7-14).

Nos anos iniciais de sua criação, o partido acreditava que o Estado deveria propiciar um ambiente econômico para o desenvolvimento de trabalhadores livres, e não privilegiar elites econômicas nacionais. A igualdade de oportunidades representou um pilar do movimento republicano ao longo do século XIX. Todavia, cabe destacar uma breve diferença entre os abolicionistas e o republicanos anti-escravidão. Os abolicionistas, compondo uma minoria, eram a favor da emancipação e da adoção de direitos civis aos negros, ao passo que o segundo grupo, do qual Abraham Lincoln – primeiro presidente do GOP – fazia parte, era também contrário a escravidão por acreditar em sua imoralidade, mas acreditava que a emancipação deveria ser gradual e que antigos escravos não deveriam possuir os mesmos direitos da população branca. A razão pela qual a emancipação ocorrera de forma abrupta em 1862 justifica-se a partir de uma política militar, buscando incrementar o contingente do exército da União, utilizando antigos escravos que desertavam de territórios do Sul contra as forças dos Confederados que defendiam a secessão dos territórios sulistas no período da Guerra Civil (1861-1865) (RICHARDSON, 2014, p. 40-47).

A recusa a escravidão por parte de Lincoln e dos republicanos ao longo de seu mandato justificava-se com base na incompatibilidade de um sistema econômico escravocrata, que privilegiava elites oligárquicas e monopólios, com um futuro econômico próspero à nação, permitindo a oportunidade de prosperidade igual tanto para homens brancos quanto negros. Diferentemente do nativismo presente hoje no partido, no período da guerra, o Partido Republicano fora abertamente a favor da entrada de imigrantes no país, uma vez que o conflito acarretava baixa mão de obra que poderia ser suprida por estrangeiros (RICHARDSON, 2014, p. 48-53).

O período da presidência de Abraham Lincoln (1861-1865), e que tange o período da Guerra Civil, representou um momento essencial na consolidação nacional. No período anterior ao conflito, sob a ameaça de secessão territorial, Lincoln, mesmo sendo contrário a escravidão, não era contrário à proibição da mesma nos territórios ao Sul do país, uma vez que a tal contestação poderia ameaçar a preservação da União. Em 1854, Lincoln argumentou que por mais que eu odiasse a escravidão, consentiria em sua extensão, em vez de ver a União dissolvida, assim como consentiria a qualquer grande mal, para evitar um maior. Após o início do conflito, em 1862 afirmou em carta que “Meu objetivo primordial nesta luta é salvar a União, e não salvar ou destruir a escravidão” (LINCOLN, 1862, *apud* LOWRY, 2019, p. 152, tradução nossa⁸).

Segundo sua visão, a escravidão não era compatível com os ideais fundadores da nação e, uma vez preservada a União, a escravidão simplesmente não resistiria. Todavia, com a tentativa de implementar a escravidão em territórios recém-anexados e subsequente oposição do Norte a expansão do modelo ao sul, Lincoln passou a observar a questão da abolição como uma medida necessária à guerra que auxiliaria na preservação da União. O *Gettysburg Address*⁹ serve como um exemplo claro do nacionalismo conservador de Lincoln nesse período, justamente por remeter aos princípios de igualdade e liberdade da Declaração de Independência (LOWRY, 2019, p. 153).

Após o final da Guerra Civil, Lincoln e os republicanos conseguiram levar o partido de um *player* quase que irrelevante na política doméstica para um partido estruturado e altamente fortalecido, garantindo a seu presidente a sua reeleição. Todavia, em 15 de abril de 1865 Abraham Lincoln foi assassinado por John Wilkes Booth, ator e simpatizante dos confederados, em seu camarote durante uma peça de teatro. No período da reconstrução nacional – no qual o país se reestruturava após a guerra de secessão – a presidência do antigo vice-presidente de Lincoln, o republicano Andrew Johnson (1865-1869), acabou por quase que colocar em risco os ideais de igualdade defendidos pelos republicanos na concepção do partido, uma vez que o atual presidente era favorável a supremacia branca no país (GOULD, 2014, p. 36-8).

A presidência de Johnson representou um momento curioso na história do partido, uma vez que após vetar o *Civil Rights Act* (1866) – primeiro documento legal que definia a cidadania e delimitava que todos eram iguais perante a lei e protegidos pela mesma – os congressistas do próprio partido do presidente derrubaram o veto presidencial. Além disso, a implementação de um processo de impeachment contra Andrew Johnson, apesar de não ter ocorrido, demonstrou o quão

⁸ “Much as I hate slavery, I would consent to the extension of it rather than see the Union dissolved, just as I would consent any great evil, to avoid a greater one. [...] My Paramount object in this struggle is to save the Union, and is not either to save or to destroy slavery.” (LINCOLN, 1862 *apud* LOWRY, 2019, p. 152).

⁹ Discurso realizado no cemitério nacional dos soldados em Gettysburg, Pensilvânia, em 19 de novembro de 1863 (CORNELL UNIVERSITY, 2020).

dispostos estavam os republicanos desse período para garantir que os esforços para garantir a construção de uma nação moldada a partir dos ideais defendidos ao longo da Guerra Civil (GOULD, 2014, p. 42).

Passados os dois mandatos do general republicano, Ulysses S. Grant (1869-1877), o período da reconstrução encerrou-se com a problemática posse do republicano Rutherford B. Hayes (1877-1881) nas eleições de 1876. Dúvidas e disputas acerca da supressão de votos da população negra fizeram com que os resultados fossem levados a comissão eleitoral, fazendo com que republicanos necessitassem da aprovação democrata para garantir a presidência de Hayes. No final, a barganha resumia-se em por um fim ao processo de reconstrução, retirando tropas da União dos assuntos políticos dos estados do Sul, uma concessão garantida e cumprida por Hayes após assumir a presidência. Nesse sentido, o compromisso firmado representava um abandono dos objetivos republicanos estabelecidos para a reconstrução nacional, já que permitiu que os estados sulistas abandonassem compromissos de direitos civis e se tornassem mais e mais segregados ao longo de setenta e cinco anos (GOULD, 2014, p. 59-60).

Como aponta Heather Cox Richardson, os republicanos no último quarto do século XIX – a chamada *Gilded Age* – acabaram por se afastar, cada vez mais, dos princípios presentes na fundação do partido, consolidando uma distância da defesa de direitos civis da população negra e dos pequenos trabalhadores e uma aproximação maior dos grandes empresários e negócios, caracterizando o direcionamento de impostos para áreas de auxílio a sociedade como atitudes comunistas e socialistas – sendo que, ironicamente, os próprios republicanos que criaram a *income tax*¹⁰ no período da Guerra Civil (RICHARDSON, 2014, p. 100-3). Cada vez mais, os republicanos liberais ganhavam mais espaço e força dentro do partido.

Enquanto as peculiaridades das eleições de 1872 levaram os republicanos liberais a dividir o mundo em trabalhadores esforçados e preguiçosos que queriam caridade, a política dos próximos anos cimentou essa divisão no partido como um todo. Nas duas décadas seguintes, uma nova geração de líderes republicanos solidificou o movimento do partido em direção aos grandes negócios. Eles abandonaram a ideia de que a economia cresceu de baixo para cima e começaram a argumentar que ela cresceu de cima para baixo. Refinando a crença dos fundadores republicanos de que todos compartilhavam uma harmonia de interesses econômicos, eles insistiram que a legislação que protegia as empresas beneficiava todos os americanos trabalhadores: empresas fortes criariam empregos, mais pessoas encontrariam trabalho e o país cresceria. As autoridades republicanas insistiram em uma tarifa alta para proteger a indústria. Eles cortaram impostos e atacaram qualquer tipo de regulamentação. Então, ignorando o fato de o sistema industrial que eles promoveram estar gerando crescente desigualdade econômica, os republicanos argumentaram que os trabalhadores que tentavam sobreviver com centavos por dia ou os agricultores que operavam com prejuízo

¹⁰ Equivalente ao Imposto de Renda nos Estados Unidos.

que tinham culpa: eram preguiçosos. Em vez de se prenderem ao trabalho, essas pessoas esperavam uma ajuda do governo, paga por dólares em impostos coletados de homens que trabalhavam duro. (RICHARDSON, 2014, p. 104, tradução nossa¹¹).

Ainda distante de adotar o discurso de defesa ao livre-comércio – nesse período defendido ainda pelos democratas – o GOP defendia tarifas protecionistas perante o comércio estrangeiro. A diferença era que essa tarifa, a partir de agora, tinha como objetivo beneficiar os grandes negócios (GOULD, 2014, p. 81). Em contrapartida, a subsequente presidência de Theodore Roosevelt (1901-1909) trouxe um flerte com a defesa do livre-comércio e uma retomada do sentimento de que os partidos políticos deveriam engajar em soluções para solucionar problemas sociais, e não defender grandes corporações – sentimento fortemente presente na população desse período. Para Roosevelt, pouco simpático ao protecionismo tarifário, o GOP era o partido responsável por um “nacionalismo construtivo”, sendo o poder governamental poderia ser empregado para permitir que todos os cidadãos compartilhassem os frutos de uma economia em expansão – com o tempo, vindo a crer que uma regulamentação governamental mínima da economia fosse necessária. Apesar não possuir habilidades persuasivas com membros de seu partido, sua conduta pública fez com que se tornasse uma “celebridade” perante o povo, sendo o primeiro presidente a utilizar sua família como um elemento de construção positiva de sua imagem política e, consequentemente, dando início a uma tradição comum na política dos Estados Unidos e de outras nações nas décadas seguintes (GOULD, 2014, p. 105-6).

A presidência dos republicanos William McKinley (1887-1901) e Theodore Roosevelt (1901-1909) inauguram um novo momento no nacionalismo norte-americano em política externa, fazendo com que os Estados Unidos tomassem um papel de liderança ativa no cenário internacional. Na administração de McKinley, a nação adentrou a Guerra Hispano-Americana (1898), marcando uma intervenção norte-americana no auxílio a independência cubana, iniciada

¹¹ “Whereas the peculiarities of the 1872 election prompted Liberal Republicans to divide the world into hard workers and lazy louts who wanted a handout, the politics of the next few years cemented that division into the regular party. Over the next two decades, a new generation of Republican leaders solidified the party’s swing toward big business. They abandoned the idea that the economy grew from the bottom up and began to argue that it grew from the top down. Refining the belief of Republican founders that everyone shared a harmony of economic interests, they insisted that legislation protecting business benefited all hardworking Americans: strong businesses would create jobs, more people would find work, and the country would grow. Republican officials insisted on a high tariff to protect industry. They cut taxes and attacked any sort of regulation. Then, ignoring the fact that the industrial system they promoted was driving growing economic inequality, Republicans argued that workers trying to survive on pennies a day or farmers operating at a loss had only themselves to blame: they were lazy. Instead of buckling down to work, these people expected a handout from government, paid for by tax dollars collected from men who were hard workers.” (RICHARDSON, 2014, p. 104).

pelos chamados *Rough Riders*¹² – sendo caracterizados por muito como o primeiro momento de manifestação de um imperialismo norte-americano na região (GOULD, 2014, p. 97). Já com Roosevelt, sua estratégia internacional foi sumarizada em *speak softly and carry a big stick*¹³, usando primeiramente um tom mais calmo e tático no campo discursivo – buscando solucionar disputas pacificamente – ao mesmo tempo em que a nação tem a capacidade militar para agir e defender seus interesses, dando maior poder ao discurso norte-americano.

Durante seu mandato, a criação e a expansão da força marítima norte-americana foram partes essenciais para cumprir com os requisitos de uma nova política externa mais internacionalista (DUECK, 2019, p. 38-42). Logo, Roosevelt compreendia o subsequente papel pelo qual os Estados Unidos seriam responsáveis no século XX: “Quer desejemos ou não, não podemos evitar a partir de agora termos deveres a cumprir diante de outras nações. Tudo o que podemos fazer é estabelecer se iremos cumpri-los bem ou mal” (ROOSEVELT *apud* LOWRY, 2019, p. 165, tradução nossa¹⁴). Com a administração de seu sucessor, William Howard Taft (1909-1913), e a subsequente cisão entre os dois políticos, as eleições de 1912 que acabaram por eleger o democrata que comandaria o país no decorrer da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Woodrow Wilson (1913-1921), representaram um momento obscuro na história do partido. Se antes nenhum indivíduo estava acima do partido, Roosevelt, ao não conquistar a nomeação, personificou sua figura política e buscou concorrer através de um partido independente que havia criado¹⁵, e Taft acabou por firmar alianças com os indivíduos mais “sombrios” da ala conservadora do partido para garantir seu sucesso (GOULD, 2014, p. 141).

2.3.3 A Reconfiguração Partidária (1914-1969)

Ao longo dos oito anos da presidência de Wilson, os republicanos, sem os ideais pregados por Roosevelt, distanciaram-se totalmente de reformas progressistas moderadas e ressurgiram como o partido conservador que viria a se manter pelo restante do século. Apesar da intervenção norte-americana na guerra espanhola, o consenso majoritário, tanto republicano quanto da nação como um todo, era de um isolacionismo dos Estados Unidos perante outras nações, buscando não

¹² Primeira cavalaria voluntária no conflito contra a Espanha e que foi recrutada pelo sucessor de McKinley. Obteve alta publicidade nacional pelo uso extravagante de símbolos e roupas que remetiam ao orgulho nacional norte-americano (LIBRARY OF CONGRESS, 2011).

¹³ Fale manso, mas carregue um grande bastão.

¹⁴ “Whether we wish it or not, we cannot avoid hereafter having duties to do in the face of other nations. All that we can do is to settle whether we shall perform these duties well or ill.” (ROOSEVELT *apud* LOWRY, 2019, p. 165).

¹⁵ O chamado Partido Progressista, que durou somente quatro anos (1912-1916), sendo dissolvido pelo seu próprio criador, Theodore Roosevelt (MILKIS, 2009).

interferir ou tomar lados em problemáticas estrangeiras. Mesmo com a intervenção norte-americana na guerra em 1916 e com o apoio do congresso – uma vez que tal ação se fazia necessária como uma medida retaliatória contra ataques alemães à embarcações norte-americanas e frente uma possível aliança com o México –, republicanos e uma considerável maioria democrata recusaram no Senado a ratificação da participação dos Estados Unidos na Liga das Nações (1919-1946) estruturada por Wilson, demonstrando a presença forte do sentimento isolacionista dentro do GOP (GOULD, 2014, p. 143; p. 156-158).

O período de dominância republicana que se sucedeu por mais de uma década com as administrações de Warren G. Harding (1921-1923), Calvin Coolidge (1923-1929) e Herbert Hoover (1929-1933) foi marcado pela consolidação do GOP como o partido dos grandes negócios, tomando medidas que auxiliassem na expansão de empresas e na redução de tarifas e impostos – especialmente para a classe empreendedora. Nas palavras de Andrew Mellon após tomar posse do Departamento do Tesouro em 1921, “O governo é apenas um negócio e pode e deve ser comandado com base nos princípios de negócios¹⁶”. A década de 1920, sob a perspectiva republicana do período, representou o ápice do sucesso republicano, unindo o governo e negócios privados para cumprirem o sonho de prosperidade duradoura de Lincoln (RICHARDSON, 2014, p. 169-172). De fato, essa década representou apogeu de expansão industrial na nação até o momento, desenvolvendo mercados estrangeiros ao mesmo tempo em que protegia a produção doméstica.

Sob Harding, o Congresso havia restaurado as tarifas para seus níveis republicanos anteriores a partir dos mínimos dos anos Wilson. Também deu ao presidente o poder de aumentar ou diminuir tarifas à vontade. Harding e Coolidge alteraram as tarifas trinta e sete vezes; trinta e duas vezes eles subiram as taxas [...]. Ao mesmo tempo, Hoover pediu aos países europeus que comprassem produtos americanos. Sob essas medidas, os negócios cresceram. Mais de vinte e duas mil novas empresas manufatureiras foram formadas entre 1925 e 1926, e a produção industrial decolou. Os lucros das empresas aumentaram e, se os salários não aumentaram muito, também não caíram. Empresários aplaudiram o programa republicano (RICHARDSON, 2014 p. 170, tradução nossa¹⁷).

A Crise de 1929 e a Grande Depressão da década seguinte deixaram os republicanos à deriva frente soluções à crise e explicações para as suas causas, perdendo controle da presidência

¹⁶ The Government is just a business, and can and should be run on business principles (MELLON, 1921 *apud* RICHARDSON, 2014, p. 169).

¹⁷ “Under Harding, Congress had restored tariff rates to their former Republican levels from the lows of the Wilson years. It also gave the president power to raise or lower tariffs at will. Harding and Coolidge changed tariff rates thirty-seven times; thirty-two times they moved rates upward [...] At the same time, Hoover urged European countries to buy American. Under these measures, business boomed. More than twenty-two thousand new manufacturing companies were formed between 1925 and 1926, and industrial production took off. Business profits rose, and if wages didn’t rise much, they didn’t fall, either. Businessmen applauded the Republican program.” (RICHARDSON, 2014, p. 170).

para o democrata Franklin Delano Roosevelt, ou FDR (1933-1945) e seu sucessor Harry Truman (1945-53), no período que compreenderia a recuperação econômica dos Estados Unidos, A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o início da Guerra das Coreias (1950-1953). Apesar de os ideais de Theodore Roosevelt evocarem semelhanças com o *New Deal*¹⁸ de FDR, a implementação do programa gerou um descontentamento total pela parcela republicana, caracterizando este e o próprio presidente como centralizadores e simpáticos a políticas comunistas. Nesse período, e nos anos subsequentes, persistiu um forte movimento que buscava derrubar as diretrizes estabelecidas pelo *New Deal*.

Não somente o programa econômico de Roosevelt, mas a recuperação econômica e social juntamente fez com que o eleitorado negro e sindical, antes alinhados ao GOP, migrassem para o Partido Democrata, agora mais alinhado a pautas progressistas e sociais, representando uma parcela considerável de votos nas reeleições do então presidente. Nesta fase, o termo “conservador” e “liberal” atrelaram-se ao GOP e aos democratas, respectivamente. Assim como ocorreu durante a Primeira Guerra, ainda havia um consenso de neutralidade e isolamento norte-americano frente à nova guerra que se desencadeava no continente europeu. Como táticas eleitorais, republicanos apontaram em diversas ocasiões que Franklin Roosevelt arrastaria o país para o conflito. O democrata, por sua vez, negou tais acusações e afirmou também não almejar uma intervenção na Europa. Até esse momento, o isolacionismo ainda era consenso como diretriz de política exterior – o ataque japonês à base militar norte-americana em Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941 iriam, por sua vez, quebrou esse consenso entre democratas e republicanos (GOULD, 2014, p. 190-198).

Os arranjos do pós-guerra, juntamente com as eleições de 1944 – que garantiram o quarto mandato¹⁹ de Roosevelt –, demonstraram uma crescente radicalização no discurso da oposição republicana, acusando FDR de saber e de ter permitido que os japoneses atacassem em 1941 e que o presidente havia colocado a Europa Oriental nas mãos de Stálin durante as negociações da Conferência de Yalta²⁰. Mesmo com a sucessão de Truman após a morte de FDR em 12 de abril

¹⁸ Programa baseado na ideia de que o poder e a intervenção governamental seriam capazes de recuperar o país frente a Grande Depressão. Logo, propunha uma série de reformas governamentais nas esferas bancárias, auxílio econômico governamental à população. Nos anos seguintes, também estipulou a seguridade social, programas de proteção a sindicatos e auxílio à fazendeiros e imigrantes. Sendo esse programa a base do *welfare state*, ou Estado do bem-estar-social, que perdura até os dias de hoje (LIBRARY OF CONGRESS, 2020).

¹⁹ FDR foi o presidente mais eleito à mandatos na história do país. Até o momento, a reeleição não era limitada a somente dois mandatos. Essa limitação somente viria em 1951 com a passagem da 22ª Emenda (CONSTITUTION CENTER, 2020).

²⁰ Conferência realizada na Crimeia entre 4 e 11 de fevereiro de 1945, contando com FDR, Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido, e o líder da URSS, Joseph Stálin, buscando delimitar zonas de influência capitalistas e socialistas no mundo do pós-guerra (GOULD, 2014, p. 215).

de 1945 e o final do conflito, os democratas, para o GOP, eram ilegítimos e traidores por terem defendido ideais contrários à fundação nacional (GOULD, 2014, p. 209-215).

Após vinte anos de dominância democrata, o partido republicano iria passar por outro momento de redefinição de sua imagem com a presidência do herói de guerra, Dwight D. Eisenhower (1953-1961). A eleição de Eisenhower, ou “Ike”, como era chamado, foi marcada pelo início de campanhas eleitorais transmitidas pela televisão, elevando o investimento em campanhas e a busca por doadores. Se antes a retórica anticomunista dominava o debate político entre os partidos, o início da Guerra Fria (1947-1991) demonstrou ser essa a nova ameaça à nação americana, uma vez que a presença de espiões soviéticos em solo norte-americano passou a ser factual (RICHARDSON, 2014, p. 200-211). A perseguição a dissidentes e simpatizantes ao socialismo nos Estados Unidos, o chamado “Macarthismo²¹” iniciado em 1951, tomou conta do cenário político e do sentimento popular no período. Indo contra as expectativas republicanas do período, Eisenhower não se contrapôs as agendas do *New Deal*, sendo considerado durante muito tempo por alas do partido como apologista de FDR. Apesar de ser um conservador, ao longo de seus dois mandatos, demonstrou não ser uma figura alinhada às demandas majoritárias do partido, indo contra o radicalismo republicano no período, entrando em confronto direto com Joseph McCarthy. Nessa disputa, utilizou uma ordem executiva que ignoraria as audiências de McCarthy no início de 1954, culminando, ao final do ano, em uma moção do senado que condenava o então senador, acabando com sua carreira política e dando início ao fim do Macarthismo (GOULD, 2014 229-239).

A ascensão de Eisenhower à presidência representou o período de consolidação da internacionalização do Partido Republicano. Com o subsequente início da Guerra Fria (1947-1991), Eisenhower via-se responsável por dar continuidade a liderança internacional dos Estados Unidos iniciada durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e minar o avanço comunista sem falir a economia norte-americana. Por sua experiência como general na última guerra, Eisenhower compreendia que os Estados Unidos deveriam embarcar de forma responsável – sob o ponto de vista de gastos econômicos – e pragmática – abraçando fóruns internacionais quando estes estivessem de acordo com os interesses do país e se distanciando deles perante a necessidade de resgatar o *freedom of action* – no combate à ameaça comunista internacional. Segundo sua visão, somente através da criação de uma terceira potência global na Europa e de um alto padrão de vida

²¹ Termo originado por conta de seu proponente, o senador Joseph McCarthy, foi uma prática de acusar de subversão ou traição possíveis comunistas dentro do território. Destarte, perseguições políticas, estabelecimento de inquéritos e exílios fizeram parte dessa política. Contudo, no período de 1950 a 1957, trabalhadores sindicais e até mesmo figuras do entretenimento foram acusadas e, muitas vezes injustamente, perseguidas e exiladas (GOULD, 2014, p. 231).

nesses países, a possibilidade de um conflito com a União Soviética seria minimizada (DUECK, 2019, p. 63-66).

Figura 2 - Botton com o slogan musical utilizado na campanha de Eisenhower.



“Fonte: Smith (2016).”

Eisenhower, por representar um nacionalismo conservador, acreditava na necessidade de fortalecer o âmbito militar ao mesmo tempo em que mantinha certa responsabilidade fiscal dentro da nação, sendo esse o motivo pelo qual prioriza a expansão do arsenal nuclear em detrimento da expansão de forças terrestres – uma vez que a tática de *massive retaliation*²² apresentava-se como mais eficaz, até mesmo do ponto de vista fiscal. Classificar a política externa de Eisenhower como um nacionalismo internacionalista seria um erro grave. A conversão que infringiu ao Partido Republicano, de um caráter protecionista para o livre-comércio internacional, ocorreria como medidas de expandir o sistema econômico defendido pela nação, garantir ganhos e conter o expansionismo soviético. Frente a ameaça comunista e a prioridade em contê-la, Eisenhower representou um momento singular no nacionalismo conservador, reconhecendo que, para “conservar”, o GOP deveria voltar sua atenção para os arranjos internacionais (DUECK, 2019, p. 67-69).

O período da presidência de Eisenhower, não intencionalmente, fora um catalisador para que forças mais conservadoras surgissem dentro do GOP como uma resposta ao “republicanismo

²² Doutrina inaugurada em 1954 que assegurava que, frente um ataque sofrido pelos Estados Unidos, a resposta norte-americana seria dada em lugares e através de meios de sua própria escolha, sendo essa o arsenal nuclear. Essa doutrina garantia que a resposta norte-americana seria de retaliação máxima frente uma ameaça exterior – sendo interpretada como uma ameaça de ataque nuclear pelo bloco soviético (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2020).

moderno” de Ike. O *National Review*²³ de William F. Buckley Jr foi um dos veículos mais ativos nesse período, defendendo abertamente a supremacia branca no sul²⁴ e que, juntamente com organizações como a *John Birch Society*²⁵, se opunham ao movimento dos direitos civis negros, as Nações Unidas e a presidência de Eisenhower – considerados como ferramentas do plano de dominação comunista internacional. Desmoralizado com a derrota de Richard Nixon nas eleições de 1960 para o democrata John F. Kennedy, ou JFK, (1961-1963), o GOP viria a sofrer uma forte mudança nas eleições de 1964 com o surgimento de uma das figuras mais importantes, ainda que por vezes altamente subestimada: Barry Goldwater (DIONNE JR, 2016, p. 45-47). Ainda senador, Goldwater viria a personificar o movimento conservador desse período com sua obra *The Conscience of a Conservative* de 1960:

Tenho pouco interesse em otimizar o governo ou torná-lo mais eficiente, pois pretendo reduzir seu tamanho. Não me comprometo a promover o bem-estar, pois proponho estender a liberdade. Meu objetivo não é aprovar leis, mas revogá-las. Não é para inaugurar novos programas, mas para cancelar os antigos que violam a Constituição, ou que falharam em seus propósitos, ou que impõem ao povo um ônus financeiro injustificado. (GOLDWATER, 1960 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 51, tradução nossa²⁶).

Por mais que o cenário político do período se apresentasse positivo para uma vitória de Goldwater em 1964, o assassinato de JFK no ano anterior e a comoção popular em torno de Lyndon B. Johnson, permitiram que o então vice-presidente permanecesse no cargo como presidente até 1969. Mesmo tendo sofrido uma derrota massiva, a campanha e a agitação política causada por Goldwater denotaram a base de um conservadorismo mais radical, anti-Estado, altamente religioso e conspiratório – além de utilizar-se de táticas de campanha negativa contra seu oponente que vieram a se tornar comuns nos EUA. Inevitavelmente, o senador republicano do Arizona viria a ser esquecido momentaneamente na história dos Estados Unidos até que, em 2009, voltasse ao

²³ Revista semestral de notícias e de comentários acerca de questões políticas, sociais e culturais nos Estados Unidos. Lançada em 1955, a revista foi responsável por moldar as premissas e fronteiras do pensamento conservador do país (PERLSTEIN, 2017).

²⁴ Um editorial de 24 de agosto de 1957 denominado *Why The South Must Prevail* defendeu abertamente a manutenção da supremacia branca na região (DIONNE JR, 2016, p. 47).

²⁵ Grupo de pressão política de direita formado em 1958 pelo magnata Robert Welch, tendo como objetivo combater a subversão política e social originada por uma “conspiração comunista internacional” que se alastrava pelas escolas, jornais, igrejas e dentro do próprio governo. Curiosamente, Buckley viria a “expurgar” essa organização da direita do país, uma vez que, frente a campanha de Barry Goldwater, seu teor conspiracionista viria a danificar a imagem do candidato. Ativa até os dias atuais, essa organização detém alta influência dentro do debate político norte-americano, fazendo uso de narrativas que radicalizem as discussões a seu favor (SAVAGE, 2017)

²⁶ “I have little interest in streamlining government or making it more efficient for I mean to reduce its size. I do not undertake to promote welfare for I propose to extend freedom. My aim is not to pass laws, but to repeal them. It is not to inaugurate new programs but to cancel old ones that do violence to the Constitution, or that have failed in their purpose, or that impose on the people an unwarranted financial burden.” (GOLDWATER, 1960 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 51).

mainstream do debate político com o movimento do *Tea Party* (GOULD, 2014, 246-251; p. 257). Além disso, a corrida presidencial de Barry Goldwater serviu com um exemplo prático para os conservadores do GOP, uma vez que demonstrou que uma retórica altamente agressiva contra programas sociais enraizados na sociedade norte-americana poderia custar colégios eleitorais. Logo, ao mesmo tempo em que o espírito de Goldwater era resgatado, republicanos buscavam não se comprometer de maneira clara como o ex-senador havia feito em 1964 – comportamento que foi abandonado ao longo da campanha eleitoral de Donald Trump (DIONNE JR, 2016, p. 64-65).

2.3.4 O início de uma polarização com o partido democrata (1969-1979)

Se o *Grand Old Party* cada vez mais distanciava-se de seus ideais progressistas, a eleição de Richard Nixon (1969-1974) representou um ponto de virada em 1968 para o eleitorado dos dois partidos. O turbilhão racial do período e o desinteresse e oposição de muitos republicanos no movimento dos direitos civis negros resultou no abandono majoritário do eleitorado branco ao sul do país em relação ao Partido Democrata. Por consequência, o elemento racial do período fez com que Nixon ganhasse 4 milhões de votos brancos a mais que Goldwater, consolidando os democratas como o partido mais progressista e ligado ao eleitorado negro e os republicanos como o partido representante do movimento conservador. Considerado como um dos presidentes republicanos mais controversos, Nixon é considerado como o “último presidente liberal” dos Estados Unidos ao mesmo tempo em que conseguia ser visto como um conservador dentro de seu partido (GOULD, 2014, p. 267). Frente a expansão de gastos da administração com programas sociais ao mesmo tempo em que abandonou sua proposição de uma reforma de expansão do *welfare state*, Richard Nixon, no ponto de vista econômico, representou uma regressão do conservadorismo para um liberalismo. Destarte, sob o ponto de vista discursivo e de costumes – além de sua retórica contra um governo expansionista e altamente burocrático – ainda era capaz de agradar a grande parcela conservadora de seu partido, distanciando-se de uma perspectiva progressista (WHITAKER, 1996, p. 131-133).

Além disso, suas preocupações com questões ambientais e direitos indígenas Nixon era considerado um republicano moderado mais para a “esquerda” de Eisenhower. Todavia, observava seus oponentes, e até mesmo aliados, com alta desconfiança. Acreditando estar cercado por inimigos, a busca por controle de situações políticas despertava o lado mais obscuro e imoral do presidente, resultando, em 1972, no escândalo de Watergate. A tentativa de roubar documentos e instalar escutas no Comitê Nacional do Partido Democrata nas eleições de 1972, representou um dos casos de corrupção mais severos da história dos Estados Unidos e que acabou por custar,

obviamente, a presidência de Nixon – que acabou por renunciar mais tarde em 9 de agosto de 1974. Por conta do aparelhamento do Estado para vigiar e antecipar movimentações de adversários para a obtenção de ganhos políticos, a marca deixada por Nixon no GOP, apesar de seus êxitos, hoje detém um saldo majoritariamente negativo na história do partido (GOULD, 2014, 266-269; p. 275).

A presidência de Nixon entrou para a história como a primeira política externa mais pragmática e amoral – próxima de uma *realpolitik*²⁷ – e, para o público do período, a mais imoral. Nixon, juntamente com seu assessor de segurança nacional, Henry Kissinger, foram responsáveis por realizar uma reaproximação diplomática com a China – instaurando a *One China policy*²⁸ – e por reabrir um canal de comunicação com a União Soviética – limitando a expansão do arsenal nuclear além do arsenal que ambas as nações já detinham com o *Strategic Arms Limitation Talks* (SALT). Com um viés altamente internacionalista, aliados como Arábia Saudita, Israel e Irã passaram a receber uma ajuda exterior generosa, se comprometendo a agir regionalmente sem que os Estados Unidos o fizessem. O internacionalismo de Nixon acabou por infringir, contudo, um forte golpe no nacionalismo norte-americano. A nítida derrota sofrida na Guerra do Vietnã (1955-1975) e o subsequente sentimento da “Síndrome do Vietnã” – sentimento de impotência perante o mundo após a derrota frente uma nação pequena – na política externa do país demonstrou que o conservadorismo internacionalista poderia, inevitavelmente, ser uma faca dois gumes (GOULD, 2014, p. 74-8).

Apesar da comprovação do envolvimento de Richard Nixon em Watergate, sua queda não representou uma decadência do movimento conservador dentro do Partido Republicano, pelo contrário, acabou por radicalizar ainda mais essa ala, uma vez que a saída Nixon somente corroborava para a tese de que havia uma “conspiração liberal” contra o GOP, buscando derrubar e eliminar figuras conservadoras proeminentes. A presidência de seu vice, Gerald Ford (1974-1977) buscou distanciar-se da figura e dos problemas, político e econômicos, herdados pela administração anterior. Dessa maneira, o restante da década de 1970 apresentava uma nação distante da prosperidade da era de Eisenhower, inserida em uma estagflação – no qual há uma alta nos índices de desemprego e de inflação – que acabou por gerar uma das piores crises econômicas desde a Grande Depressão. O orgulho norte-americano, tanto sob o ponto de vista doméstico quanto externo – em decorrência do final amargurado da Guerra do Vietnã em 1975 – estava ferido,

²⁷ Termo cunhado por Ludwig von Rochau, escritor e político alemão do século XIX, que argumentava que a diplomacia e a política deveriam ser baseadas em circunstâncias e questões práticas e realistas. Nesse sentido, premissas ideológicas e moralistas deveriam ser deixadas de lado (BEW, 2014).

²⁸ Reconhecendo a China de Mao Zedong como a única China e não reconhecendo o status político de Taiwan (DUECK, 2019, p. 77).

e a constante do *American dream* parecia cada vez mais distante (RICHARDSON, 2014, p. 248-249).

Nos anos de Ford, os americanos migraram de uma economia de poupança para uma de empréstimos. A utilização de cartões de crédito e o grau de investimentos e de investidores no mercado financeiro elevaram-se como nunca anteriormente. O movimento conservador, todavia, expandiu-se mais ainda, resgatando um símbolo antes abandonado na história do país: a bandeira da Confederação. Grupos evangélicos religiosos cresceram e tornaram-se missionários do movimento, forçando o GOP, e consequentemente Ford – que mantinha uma linha também moderada e simpática a problemáticas sociais – a caminhar mais na direção do movimento conservador (RICHARDSON, 2014, p. 250).

Se os republicanos detinham uma pequena possibilidade de melhorar a imagem do partido após Watergate, esta foi descartada por conta do perdão presidencial que Ford concedeu aos delitos de Nixon. Com uma imagem fragilizada e uma nação mergulhada em uma crise econômica severa, a derrota de Ford para o *outsider* democrata Jimmy Carter (1977-1981) nas eleições de 1976 não foram uma surpresa para os republicanos. Todavia, a curta administração de Carter fora um reflexo da escalada da crise econômica nacional aliada a uma política externa conturbada compostas por episódios como o da Revolução Iraniana (1979), sofrendo ataques tanto de republicanos quanto de democratas. Logo, a vitória republicana nas eleições de 1980 ocorrera com uma vantagem nítida: 489 colégios eleitorais republicanos contra apenas 49 colégios democratas.

Ronald Reagan (1981-1989), antiga estrela do cinema norte-americano e ex-governador do estado da Califórnia, tinha como responsabilidades não somente resgatar a economia e o respeito na política exterior do país, mas também resgatar o sentimento de orgulho nacional da população. Ciente do crescimento de um eleitorado conservador religioso, Reagan abraçou e defendeu ideais religiosos ao longo da campanha, portando-se contra o aborto e a favor do ensino religioso nas escolas, dando a esse grupo uma representatividade ao longo de seus dois mandatos – mantendo um balanceamento necessário para não sub-representar outros segmentos do partido (GOULD, 2014, p. 288-293).

2.3.5 Os anos de Reagan (1980-1989)

Se os anos 1970 foram um período de derrocada do *American dream*, a década seguinte serviu como um resgate do orgulho nacional e de domínio do discurso republicano, se opondo a um Estado grande e ao discurso liberal dos democratas, defendendo um governo limitado para garantir a liberdade da população, diminuindo o orçamento governamental – ao mesmo tempo em

que era elevado o gasto com a defesa nacional – e cortando regulações e impostos. Todavia, o Estado iria se demonstrar mais ativo na guerra as drogas, iniciada por Nixon, e na preservação de costumes conservadores, criando iniciativas que limitassem o aborto e a disseminação de pornografia e conteúdos obscenos. Logo, também em relação a demografia eleitoral majoritariamente branca, o GOP apresentava-se mais alinhado ideologicamente aos Confederados do que aos princípios fundacionais de Lincoln.

Utilizando-se de uma dicotomia religiosa que dividia o mundo entre o “bem” e o “mal”, a presidência de Ronald Reagan (1981-1989) reativou o sentimento de combate ao comunismo internacional, tomando ações que variavam desde sanções econômicas até incentivando guerrilhas anticomunistas, os chamados *freedom fighters*, em outras nações. No âmbito econômico, a *Reaganomics*, também conhecida como *trickle-down economics*, dominou o GOP no período, defendendo a redução de impostos para empresas e para a classe mais rica com o intuito de estimular o investimento em negócios para que, assim, a sociedade como um todo fosse beneficiada (RICHARDSON, 2014, 255-262)

Mesmo com a recuperação e a prosperidade econômica do período, ao final de seu segundo mandato, discrepâncias entre a o discurso e a prática de sua administração tornaram-se aparentes. Se o objetivo da *Reaganomics* era beneficiar a sociedade como um todo, os mais ricos e as grandes corporações corresponderam aos segmentos que mais prosperaram no período. A redução do tamanho do Estado, ao mesmo tempo em que era defendida e realizada como um projeto republicano, ao final da administração, a dívida nacional havia triplicado, saltando de \$994 bilhões para \$2,8 trilhões – uma vez que, com o corte de impostos, a arrecadação federal fora substituída por empréstimos, transformando os Estados Unidos de uma nação credora para uma endividada. Com o crash do mercado financeiro de 1987, ficou aparente que a desregulamentação do setor privado beneficiava mais a especulação e a prosperidade de uma classe exclusiva ao invés da população como um todo (RICHARDSON, 2014, p. 263-4).

Apesar das problemáticas domésticas de Reagan, sua política externa, por auxiliar no início do processo da queda da União Soviética, o saldo de seus dois mandatos foi altamente positivo frente o eleitorado republicano e para a população como um todo, encerrando seu mandato com uma aprovação acima dos 60% (GALLUP, 2020a). Assim como FDR para os democratas, Ronald Reagan representa até os dias atuais o ápice de orgulho do *Grand Old Party*, tendo sua filosofia política e econômica resgatada constantemente por republicanos – especialmente por Donald

Trump²⁹ Logo, seu período surge como um resgate da autoconfiança nacional em um momento no qual havia uma percepção, tanto doméstica quanto exterior, de um processo de declínio inevitável dos Estados Unidos. O atual presidente acreditava não somente no aspecto de que o povo americano era escolhido, como também detinha a crença de que o sistema econômico defendido pela nação seria capaz de triunfar perante o sistema comunista, uma vez que defendia a liberdade política e econômica internacional (LOWRY, 2019, p. 177-178). Reagan foi capaz de observar uma fraqueza intrínseca na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS): seu sistema econômico e social estava estagnado e a falta de liberdade política dava início a novas revoltas dentro da Cortina de Ferro, fazendo com que o comunismo representasse nada mais do que uma aberração efêmera no sistema internacional³⁰.

Dessa forma, abandonou a política de contenção utilizada até o momento, buscando por alternativas de auxílio – com treinamentos, assistência militar e armamentos – à forças anti-soviéticas no leste da Europa, Afeganistão e Nicarágua, sanções econômicas, redução de armamentos nucleares³¹, fortalecimento da defesa nacional dos Estados Unidos – buscando elevar a vantagem diplomática frente o bloco soviético e se utilizar de retóricas estratégicas, como o *Strategic Defense Initiative*³² –, promoção de direitos humanos e, principalmente, fazendo os Estados Unidos como um modelo a ser seguido internacionalmente; classificando a URSS como um *Evil Empire* (GADDIS, 1982, p. 350-353). Segundo ele, os EUA deveriam fazer melhor trabalho em passar a mensagem de que representavam a liberdade de expressão, de religião e a liberdade empresarial, uma vez que a liberdade, por ser frágil, deveria ser protegida (LOWRY, 2019, p. 180).

Ronald Reagan buscava justamente uma estratégia de pressão constante à União Soviética e fortalecimento da imagem dos Estados Unidos frente o inimigo – forçando a URSS a um ponto de ruptura e, consequentemente, as rodadas de negociações diplomáticas. Com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao posto de Secretário Geral da URSS em 1985, Reagan começaria a colher os frutos de sua estratégia, uma vez que o novo líder soviético também partilhava da mesma

²⁹ O próprio slogan de campanha de Trump “*Make America Great Again*” também foi utilizado na campanha eleitoral de Reagan em 1980 (MARGOLIN, 2016).

³⁰ Como eram denominados os grupos de países do Leste Europeu, juntamente com a Alemanha Oriental, que faziam parte do bloco soviético e eram comandados por lideranças da URSS, possuindo quase que nenhuma liberdade política e econômica (MANN, 2014).

³¹ Reagan era contra armamentos nucleares e a capacidade de destruição assegurada que, desejando que fossem abandonados pelos Estados Unidos e outras nações (DUECK, 2019, p. 81).

³² Informalmente conhecido como *Star Wars*, foi um programa de Reagan que buscava a construção de sistemas antimísseis especiais capazes de derrubar mísseis nucleares soviéticos. O programa, contudo, não passava de um blefe estratégico bem-sucedido, tendo como objetivo demonstrar a capacidade tecnológica avançada dos Estados Unidos frente a União Soviética (GADDIS, 1982, p. 359).

percepção das fraquezas internas do regime comunista, optando por não se contrapor ao desmantelamento endógeno do bloco iniciado em 1989 – fazendo com que a União Soviética terminasse de forma pacífica em meados de 1991 (DUECK, 2019, p. 80-84).

Apesar de o governo Reagan ser apontado como o momento de surgimento dos neoconservadores, e por ter obtido apoio desse grupo inicialmente, o internacionalismo altamente comedido em sua presidência foi uma fonte de descontentamento e crítica neoconservadora. Para muitos desse grupo, esperava-se uma postura mais agressiva com a URSS por parte de Ronald Reagan. Todavia, sua recusa de agir de forma direta e expansiva internacionalmente, seu governo demonstrou um nacionalismo conservador altamente responsável e capaz de retomar o sentimento de engrandecimento nacional norte-americano ao final da Guerra Fria (DUECK, 2019, p. 85-87).

Como demonstrado ao longo dessa secção, o Partido Republicano contemporâneo possui mais semelhanças com o Partido Democrata do século XIX do que com o partido idealizado por Lincoln. Longe de ser uma mudança recente ou repentina, as transformações internas do GOP iniciaram-se desde o momento em que o partido assumiu a Casa Branca em 1861. Apesar de os democratas representarem o primeiro partido da história do país, a questão da legitimidade política dos republicanos vai além da legitimação garantida nas eleições. Pelo seu histórico e valores, especialmente defendidos ao longo da Guerra Civil, acreditam que possuem o direito e o dever de comandar a nação frente as forças desleais e não americanas dos democratas. Mesmo distanciando-se de seus ideais progressistas, a preservação da União fez com que os republicanos se colocassem em uma posição de prestígio na qual, por mais inconsistentes fossem suas decisões políticas ao longo do séculos seguintes, sua trajetória era legítima – justamente por ter sido fundado como uma resposta a um sistema escravocrata que sentenciaria os Estados Unidos a um caminho sem volta (GOULD, 2014, p. 3-5).

Antes um partido composto por intelectuais, o Partido Republicano, desde a década de 1970, aproximou-se mais de representantes pautados no instinto político, na autenticidade e em uma espontaneidade que marcou as presidências republicanas desde Nixon. Uma das razões que poderia explicar o motivo que levou os republicanos, a cada ciclo eleitoral, se tornarem mais e mais conservadores poderia ser a necessidade de conservar as bases fundacionais que estabeleceram após 1865 frente uma força destrutiva representada pelos democratas do período. Ironicamente, esse mesmo sentimento de legitimidade incontestável e de preservação levaram os republicanos para um caminho cada vez mais perigoso e distante de seus princípios fundacionais.

O *Grand Old Party*, como apresentado ao longo desse capítulo, possui uma trajetória densa e conturbada em um período que remonta um pouco mais de um século: saiu de um *player* irrelevante para um dos principais partidos no final do século XIX e de um partido completamente

diferente de sua concepção para um altamente conservador e defensor dos grandes negócios. Sua ideologia conservadora, ao passo em que o partido ia se modificando, originou diversas ramificações, sendo algumas complementares e coexistentes entre si e outras que buscavam se distanciar das anteriores e dominar a linha de pensamento do partido. Dessa maneira, o GOP iria encerrar o último século como um partido altamente conservador e, desde a presidência de H. W. Bush, menos inclinado a cooperação bipartidária, cada vez menos moderado, mais midiático e radicalizado. Dessa forma, o próximo capítulo irá abordar o período de radicalização política contínua do Partido Republicano, iniciando-se com a revolução de Newt Gingrich, no governo Bush I, e encerrando-se com o final da presidência de Barack Obama, com a ascensão de movimentos altamente conservadores, como o *Tea Party*.

3 O PERÍODO DE EFERVESCÊNCIA: DE H. W. BUSH À OBAMA (1989-2017)

Ao longo do final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, o GOP, gradativamente, viria a abandonar seus posicionamentos mais moderados tanto por conta de transformações internas quanto por externas, como no caso dos efeitos do pós-11 de setembro no partido. O surgimento de novas lideranças partidárias e de movimentos nacionalistas conservadores, como o *Tea Party*, dividiriam membros do partido entre preservar uma moderação no debate político, especialmente em relação a oponentes políticos, ou abraçar essas novas forças frente a possibilidade de incrementar seu capital político com um eleitorado cada vez mais conservador. Para tal, esse capítulo será dividido em três partes.

O primeiro momento analisará a o movimento conservador nos anos de H. W. Bush e de Bill Clinton, elencando o surgimento de novas forças dentro do partido e a intransigência republicana na presidência de Clinton. Sem seguida, serão analisados os dois mandatos de George W. Bush, abordando a presença do nacionalismo na Doutrina Bush, a presença do neoconservadorismo no período e as consequências das políticas implementadas por Bush para com o GOP. Finalmente, a última parte abordará o período de radicalização política do partido na era Obama, analisando a crescente indisposição do partido com sua presidência, o surgimento do nacionalismo do *Tea Party* e suas consequências para o partido e seu eleitorado.

3.1 Antecedentes: O movimento conservador de H. W. Bush à Bill Clinton (1989-2001)

A década de 1990 representou um período de busca por uma nova identidade para o partido. A ascensão de Newt Gingrich nos postos de liderança do partido, assim como a presença de figuras como Robert Dole, Ross Perot, Pat Buchanan e David Duke nas campanhas presidenciais, demonstraram tendências internas dentro do partido republicano que buscavam, cada vez mais, por um maior espaço político, sendo elas, um conservadorismo nacionalista, o conservadorismo moderado, *outsiders* políticos, nativismo cultural e o nacionalismo étnico, despontando para um nacionalismo branco na segunda década do século XXI. Cabe, portanto, abordarmos a presença do nacionalismo conservador na administração de H. W. Bush, representados por Gingrich e a criação do *Defense Policy Guidance* (DPG), e a presença de *outsiders* políticos e do nativismo cultural ao longo da campanha presidencial de 1992.

3.1.1 H. W. Bush, o DPG e as Eleições de 1992 (1989-1992)

Assim como seu antecessor, George H. W. Bush detinha uma posição similar em relação a criação de novos impostos, uma vez que, nos anos 90, a redução de impostos havia se tornado uma crença enraizada dentro do GOP. Logo, pontuou em diversos momentos ao longo da campanha que, mesmo com a pressão de congressistas, não iria aumentar os impostos, utilizando o clássico bordão “*Read my lips. No new taxes*”³³. Nos primeiros dois anos de seu único mandato, portou-se como um chefe-executivo altamente eficiente e ativista, sendo uma administração até mais conservadora que a de Reagan, apesar de Bush, frente a parcela republicana conservadora, ser visto como um liberal por seus posicionamentos passados favoráveis a iniciativas como a expansão do papel do Estado, de direitos civis e do direito ao aborto (GOULD, 2014, p. 309-317).

Uma das figuras políticas do GOP que acabou por manifestar esse descontentamento com o conservadorismo de Bush, e que mais contribuiu para a consolidação de um novo tipo de oposição republicana, foi Newt Gingrich. Representando o sexto distrito da Georgia desde 1979, Gingrich, na década de 1990, já era uma figura antiga e consolidada dentro do partido. Se antes representantes articulavam sua ascensão política a partir de uma oposição contra o outro partido, Gingrich ganhou a maior parte de seu capital político realizando um movimento de oposição contra o presidente, a figura de liderança de seu próprio partido. Em 1990, Gingrich, Bush e Richard Darman, diretor orçamentário, se reuniram juntamente com representantes democratas para a definição de um acordo orçamentário que, através de um consenso entre os dois partidos, pudesse ser aprovado com facilidade no Congresso (DIONNE JR, 2016, p. 100-101).

Após o consenso, Gingrich realizou uma campanha contra o acordo, mobilizando representantes republicanos a votarem contra. Em 7 de outubro de 1990, somente 71 de 176 republicanos aprovaram o acordo, ao passo que apenas 108 de 258 democratas o aprovaram. Para obter apoio democrata, Bush se viu forçado a ir contra sua promessa de campanha “*Read my lips: no new taxes*”, elevando a taxa do imposto de renda superior de 28% para 31%. O resultado não poderia ser pior: enquanto 271 democratas aprovaram, somente 10 de 173 republicanos votantes o fizeram. O episódio transformou Newt Gingrich na maior liderança política conservadora do Congresso no período, consolidando também o não aumento de impostos como um dogma dentro do GOP para as décadas seguintes – que era antes somente uma tendência dentro do partido (DIONNE JR, 2016, p. 101-102).

³³ Leia meus lábios. Sem novos impostos.

Dentre seus desafios, a recuperação econômica e a correção do déficit nacional apresentavam-se como problemas herdados de Reagan e que deveriam ser prioridades da administração. A primeira parte de seu mandato, em matéria de política externa, consistiu em dar continuidade as medidas de Reagan com relação a URSS e manejar o final do conflito, colhendo seus frutos em diversos acordos sucessivos acordos diplomáticos e anunciando em 26 de dezembro de 1991 o fim da Guerra Fria em rede nacional.

Por mais de 40 anos, os Estados Unidos lideraram o Ocidente na luta contra o comunismo e a ameaça que ele representava para nossos valores mais preciosos. Essa luta moldou a vida de todos os americanos. Forçou todas as nações a viver sob o espectro da destruição nuclear [...]. Esse confronto acabou agora. A ameaça nuclear – embora longe de desaparecer – está diminuindo. A Europa Oriental é livre. A própria União Soviética não existe mais [...]. Este é um dia de grande esperança para todos os americanos. Nossos inimigos se tornaram nossos parceiros, comprometidos com a construção de sociedades civis e democráticas. Eles pedem o nosso apoio, e nós daremos a eles. Faremos isso porque, como americanos, não podemos fazer menos. (H. W. BUSH, 1991 *apud* THE NEW YORK TIMES, 1991, tradução nossa³⁴).

A construção de uma Nova Ordem Mundial liderada pelos Estados Unidos seria o objetivo central de sua política externa. Nesse sentido, a liderança norte-americana na intervenção com aliados da Organização das Nações Unidas (ONU), em janeiro de 1991, no Kuwait contra a invasão iraquiana representou uma “aventura” norte-americana no exterior com resultados dúbios. Ao mesmo tempo em que fora possível libertar a nação do controle do Iraque, a liderança de Saddam Hussein continuou intocável no país – indo contra a expectativa norte-americana que o ditador seria deposto por pressões populares (DUECK, 2019, p. 88-89).

Em 1991, como uma resposta à política externa pouco agressiva de Bush, Dick Cheney e Paul Wolfowitz, secretário e vice-secretário do Departamento de Defesa, respectivamente, elaboraram diretrizes de como deveria ser a estratégia de segurança nacional a ser utilizada adotada pelo país. No ano seguinte, o documento elaborado veio a ser conhecido como *Defense Policy Guidance* (DPG) e prezava pela primazia do unilateralismo em política externa, alianças *ad hoc* e, principalmente, a capacidade dos EUA em agir de forma preemptiva frente uma potencial ameaça – especialmente em relação a Armas de Destruição em Massa (ADM), já citadas no documento.

³⁴ “For over 40 years, the United States led the West in the struggle against Communism and the threat it posed to our most precious values. This struggle shaped the lives of all Americans. It forced all nations to live under the specter of nuclear destruction [...] That confrontation is now over. The nuclear threat – while far from gone – is receding. Eastern Europe is free. The Soviet Union itself is no more [...] This is a day of great hope for all Americans. Our enemies have become our partners, committed to building democratic and civil societies. They ask for our support, and we will give it to them. We will do it because as Americans we can do no less.” (H. W. BUSH, 1991 *apud* THE NEW YORK TIMES, 1991).

Logo, o DPG viria ser um documento central para diretrizes que viriam a compor a Doutrina Bush no pós-11 de setembro de 2001. Com o vazamento do documento em 1992, seguido de uma reação negativa do público e do próprio presidente, Cheney renomeou o DPG para “*Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy*” (DS), reorganizando a zona de paz a ser liderada pelos Estados Unidos em um embate entre nações democráticas e não democráticas. Assim como ocorrera com Gingrich, Cheney viria a ganhar o desprezo de H. W. Bush (SMITH, 2007, p. 45-46).

Frente o episódio envolvendo Gingrich e o DPG, as eleições de 1992 foram marcadas por fortes críticas ao atual presidente. Os ataques iniciais no período de campanha vieram de Pat Buchanan, a principal figura paleoconservadora dentro do GOP, nas primárias do partido. Apesar de criticar também a intervenção no Kuwait, o foco de Buchanan correspondeu a elevação de impostos durante seu governo. A presença de David Duke, antigo diretor nacional da *Ku Klux Klan*, nas primárias, apesar de não ameaçar a nomeação e Bush, denotou a presença do nacionalismo étnico no partido, uma vez que, antes mesmo de concorrer à nomeação, já exercia o cargo de membro da Casa dos Representantes no estado da Louisiana. Em uma corrida com seis candidatos, Duke ficou em terceiro colocado nas primária, obtendo 119,115 votos. Apesar de a nomeação de Bush ter corrido riscos ao início das primárias, Buchanan cada vez mais aparentava despreparo e demasiado radicalismo para ocupar o cargo da presidência. Todavia, o candidato paleoconservador foi capaz de obter 37% dos votos nas primárias, demonstrando uma clara insatisfação do eleitorado conservador com Bush (LEVY, 2009).

A entrada de Ross Perot na corrida eleitoral viria a abalar tanto a candidatura do democrata Bill Clinton quanto a de Bush, se tornando o *front-runner* durante um curto período em julho de 1992. Concorrendo como independente, o empresário viria a construir uma plataforma baseada em um conservadorismo fiscal, descrente quanto a acordos de livre-comércio e anti-*establishment*, criticando um sistema preocupado em privilegiar uma elite econômica. A política externa de Bush, seu trunfo de campanha, viria a ser desconstruído por Perot, já que, com fim da União Soviética, “O povo está preocupado porque nosso governo ainda está organizado para lutar a Guerra Fria.” (PEROT, 1992 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 107, tradução nossa³⁵).

Com a fragilidade de sua presidência e as divisões do partido e eleitores republicanos, Bush viria a conquistar apenas 37,4% do voto popular, a parcela mais baixa para um presidente republicano desde 1912. Apesar de Perot também receber votos democratas, é inegável o efeito de

³⁵ “The people are concerned that our government is still organized to fight the Cold War.” (PEROT, 1992 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 107).

sua candidatura na reeleição de Bush, uma vez que obteve 18,9% dos votos. A vitória de Clinton, contudo, foi extensa no colégio eleitoral: 370 votos para o democrata, contra 168 para Bush (LEVY, 2009). Apesar de ter obtido considerável sucesso no âmbito exterior, o internacionalismo conservador de H. W. Bush na construção de uma nova ordem acabou por, infelizmente, negligenciar aspectos domésticos essenciais, como a crescente recessão econômica e o surgimento de novas forças dentro do partido (DUECK, 2019, p. 88-90).

3.1.2 Bill Clinton, o Contrato com a América e as Eleições de 2000 (1993-2000)

O período de presidência do democrata Bill Clinton (1993-2001) serviu como um prelúdio de como a oposição republicana viria a se manifestar nos anos seguintes. O episódio de Gingrich na última administração republicana, apesar de ter sido um dos fatores que custaram a reeleição de Bush, foi responsável por consolidar sua liderança do movimento mais conservador dentro do GOP. Consequentemente, a vitória republicana nas eleições das *midterms* de 1994 seria liderada por Gingrich com a apresentação do documento sob nome de *Contract With America*, em 27 de setembro do mesmo ano. Auxiliando para uma mobilização do GOP em um caminho mais conservador, há controversas em relação ao quão decisivo foi esse documento para a vitória republicana em 1994. Contudo, cabe pontuar que a estratégia de Gingrich acabou por nacionalizar as eleições para o Congresso, fazendo com que muitos representantes republicanos, alguns sem uma plataforma bem definida, pudessem adotar as diretrizes estabelecidas por esse contrato (FALLOWS, 2014).

O documento sinalizava dez diretrizes legislativas que seriam colocadas em prática com em um Congresso de maioria republicana, sendo que uma delas previa corte no bem-estar social, cinco delas eram ligadas a redução de impostos, uma ao combate ao crime e as últimas três abordavam estabelecer limites às interferências da ONU e, simultaneamente, elevar os gastos com o setor militar nacional, criar um limite máximo de doze anos para o mandato de senadores e congressistas e o estabelecer o *Family Reinforcement Act*, que dispunha sobre medidas ligadas ao conservadorismo social, como o incentivo à adoção e o combate a pornografia (FALLOWS, 2014).

O Contrato era um documento politicamente inteligente (e cuidadosamente focado em um grupo). [...] Décadas depois do fato, é fácil esquecer a importância de 1994. Não é simplesmente que as mudanças estruturais na política do país que a eleição inaugurou ainda estão entre nós. A eleição também ajudou a descreditar uma abordagem conservadora e ratificar outra. Desapareceu a esperança de George H. W. Bush de criar um conservadorismo que consolidaria os ganhos do movimento enquanto fazia concessões às opiniões de meio-termo sobre o meio ambiente e a educação. Também se foi o reconhecimento da necessidade de mais

receita para administrar um governo que oferecesse os benefícios que o eleitor americano desejava. Em ascensão estava a afirmação de Gingrich e seus aliados de que uma abordagem mais dura e ousada, que controlasse os impostos e ampliasse as fronteiras do conservadorismo para a direita, teria mais sucesso. O fato de Bush ter perdido em 1992 e Gingrich ter vencido em 1994 enviou uma mensagem poderosa sobre qual abordagem era mais promissora. (DIONNE JR, 2016, p. 120-121, tradução nossa³⁶).

Em 1995, com Bill Clinton na presidência, o GOP comandava tanto a Câmara quanto o Senado – o que não ocorria desde 1953 –, com Gingrich na presidência da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. As eleições de 1994 também consolidaram o Sul do país como a região eleitoral mais importante para o Partido Republicano, sendo essa a primeira vez desde o final do período da Reconstrução Nacional (1863-1877) no qual os democratas perderam sua maioria nessa região. Nesse sentido, a crescente tendência conservadora dentro do partido somente viria a aumentar nos anos seguintes, uma vez que sua base de apoio havia se consolidado nas regiões mais conservadoras dos EUA (KABASERVICE, 2012, p. 538).

Com a liderança de Gingrich na oposição à administração Clinton, juntamente com a proeminência de veículos de comunicação altamente conservadores – como o radialista Rush Limbaugh e a criação da *Fox News* – a “caça às bruxas” contra republicanos moderados e a polarização do debate político nacional foram elementos marcantes no período de liderança de Gingrich e que viriam a se tornar comuns dentro do GOP. Todavia, o viés altamente ideológico dos republicanos nesse período, enquanto tinha como objetivo demonstrar a incapacidade de governança de Clinton, acabou por demonstrar uma desconexão do GOP com as reais necessidades populares do período. A realização de dois *government shutdowns*³⁷ ao final de 1995 – sendo que o segundo ocorreu em um espaço de menos de um mês e durou por 21 dias – elucidaram uma tendência de Gingrich de realizar uma oposição pela simples oposição contra Clinton em detrimento de uma oposição capaz de se impor, negociar e aprovar legislações eficazes. Ao término

³⁶ “The Contract was a politically clever (and carefully focus-grouped) document. [...] Decades after the fact, it’s easy to forget the importance of 1994. It is not simply that the structural changes in our politics that the election ushered in are still with us. The election also helped discredit one conservative approach and ratify another. Gone was George H. W. Bush’s hope to create a conservatism that would consolidate the movement’s gains while making concessions to middle-ground opinion on the environment and education. Gone also was acknowledgment of the need for more revenue to run a government that provided benefits American voter wanted. On the rise was the claim by Gingrich and his allies that a tougher, bolder approach that held the line on taxes and pushed the boundaries of conservatism rightward would be more successful. That Bush lost in 1992 and Gingrich won in 1994 sent a powerful message as to which approach held more promise.” (DIONNE JR, 2016, p. 120-121).

³⁷ Corresponde à paralisação do governo federal e ocorre quando escritórios não essenciais do governo dos EUA não podem mais permanecer abertos devido à falta de financiamento. Isso ocorre quando há um atraso na aprovação do orçamento federal que vai financiar o governo para o próximo ano fiscal. Enquanto a paralisação está em vigor muitos serviços básicos e essenciais fornecidos pelo governo podem fechar, além de funcionários públicos terem seus salários congelados. A paralisação se encerra somente com a aprovação do orçamento (DOLLARHIDE; CHENG, 2020).

do segundo *shutdown*, que se encerrou com um recuo por parte de Gingrich para que o orçamento fosse aprovado, a estratégia de minar Clinton politicamente não obteve resultados (KABASERVICE, 2012, p. 538-539; p. 541).

As eleições de 1996 também evidenciaram uma clara divisão dentro do GOP. Com a nomeação de Robert Dole, um conservador moderado, o partido trazia duas mensagens contraditórias: uma moderação na presidência e uma revolução conservadora de Gingrich que havia resultados em dois *shutdowns* federais. Cabe pontuar um episódio revelador de sua campanha nas primárias: seu encontro com Barry Goldwater. Como uma forma de obter apoio da ala mais conservadora do GOP, seu encontro com Goldwater acabou por denotar o quão conservador o partido havia se tornado nas últimas décadas. Em uma conversa fora do roteiro, Dole e Goldwater manifestaram seus descontentamentos com o partido, afirmando em tom altamente informal que haviam se tornado “os liberais do partido”. Frente uma plataforma contraditória do Partido Republicano, o descontentamento popular frente os *shutdowns* realizados e a forte recuperação econômica no mandato de Clinton, o presidente democrata foi reeleito com 9 votos a mais no colégio eleitoral do que em sua primeira eleição (DIONNE JR, 2016, p. 133-134).

Cabe pontuar que a ala neoconservadora do partido, com menos evidência no partido desde o final da era Reagan, ainda mantivera em evidência a necessidade da supremacia norte-americana no exterior. Nesse período foram fundados o *The Weekly Standard* em 1995 e o *Project For The New American Century* (PNAC). O primeiro correspondeu a principal revista neoconservadora do país, ao passo que o segundo representou o maior *think tank* para neoconservadores, tendo William Kristol e Robert Kagan como as principais lideranças responsáveis pelo crescimento do neoconservadorismo no debate político do período. Logo, as constantes críticas à política externa de Clinton reiteravam a necessidade de uma liderança norte-americana ativa no cenário internacional (SMITH, 2007, p. 48).

Mesmo com os *shutdowns*, os republicanos ainda foram capazes de manter sua maioria no Capitólio. Todavia, o episódio do escândalo Clinton-Lewinsky³⁸ em 1998 marcou o início do fim da revolução conservadora de Gingrich. A exploração midiática e política do episódio por parte do GOP e a tentativa de retirar Clinton através de um processo de impeachment que ligava o escândalo com atos de perjúrio e obstrução da justiça parecem não ter surtido o efeito esperado no eleitorado. O enfoque de Clinton em problemas nacionais práticos e a energia despendida por

³⁸ Escândalo sexual envolvendo Bill Clinton e Mônica Lewinsky, então estagiária na Casa Branca, no qual haviam mantidos relações sexuais entre 1995 e 1997 (DIONNE JR, 2012, p. 153).

republicanos em explorar de forma explícita episódios sexuais de um presidente acabou por gerar o efeito oposto nos eleitores, resultando na conquista de seis assentos na Casa dos Representantes por parte do Partido Democrata nas *midterms* de 1998. Apesar de o GOP manter o controle das duas casas do Congresso, em janeiro de 1999 Newt Gingrich deixou tanto a liderança do partido quanto seu cargo como congressista (DIONNE JR, 2012, p. 153-155).

A década de 1990, destarte, criou um novo modelo para o GOP do qual seu início é atribuído somente com a administração Obama: presidentes democratas não sofreriam somente com a oposição republicana, eles enfrentariam uma contestação direta de sua autoridade presidencial. O enfoque desproporcional dado ao escândalo sexual de Clinton juntamente com os *shutdowns* realizados demonstrara uma estratégia republicana que buscava minar a atuação política presidencial com base na danificação de sua imagem e através da sabotagem política, uma vez que se esperava que a culpabilidade dos *shutdowns* seria atribuída ao democrata (DIONNE JR, 2012, p. 109).

Com um histórico popular como governador do Texas, George W. Bush surgiu na corrida eleitoral como o *frontrunner* republicano após derrotar o então senador John McCain nas primárias. Na disputa com o democrata Al Gore, vice-presidente de Clinton, Bush conquistou a eleição à presidência em uma das disputas mais acirradas: por um voto distrital, Bush alcançou o número necessário de 270 votos no colégio eleitoral para que fosse eleito. Com uma diferença de 2 mil votos favoráveis à Gore na Flórida, a recontagem realizada no dia seguinte colocou Bush com uma margem de 300 votos a mais que o democrata. Logo, com uma margem de diferença ainda baixa, a decisão na Suprema Corte em não realizar uma recontagem nacional dos votos garantiu a vitória ao candidato republicano. Somado a esse impasse, Bush havia perdido no voto popular para Al Gore por 540 mil votos. Com uma eleição controversa e que sinalizou uma divisão nacional, Bush iniciava seu mandato presidencial em 2001 com uma proposta de moderar o crescente conservadorismo no GOP (POWASKI, 2019, p. 105).

3.2 George W. Bush e o nacionalismo no GOP (2001-2009)

Em 20 de janeiro de 2001, George Walker Bush assume a presidência dos Estados Unidos sob uma promessa de ser uma liderança capaz de unir e não dividir o povo norte-americano. Bush, ao longo de sua campanha, adotou a postura de um presidente focado em resultados e comprometido com medidas de mitigação do aquecimento global. Nesse sentido, se apresentou como uma figura mais moderada dentro do GOP após a revolução conservadora da última década, buscando conciliar a ala moderada e conservadora do partido com base na premissa do

conservadorismo compassivo. Essa modalidade de conservadorismo, apesar de datar do final da década de 1970, ganhou maior proeminência após ser abraçada por Bush em sua campanha. Frente a percepção de que os conservadores estavam desconectados com a realidade e as necessidades do povo, o conservadorismo compassivo tinha como preocupação central a melhoria do bem-estar social através de técnicas conservadoras a partir do livre-mercado, fazendo uma triangulação entre o Estado, igrejas e caridade (KABASERVICE, 2012, p. 547).

Destarte, o conservadorismo compassivo de Bush não sinalizava a origem de um debate sério entre conservadores sobre justiça social, salário mínimo, monopólios privados e as causas mais profundas da desigualdade nacional. A triangulação presente no discurso operava, na prática, a partir da esfera religiosa, baseada na premissa da obrigação pessoal de indivíduos e grupos sociais em agirem de forma compassiva com os mais necessitados. Logo, seria com base na religiosidade cristã e na generosidade comunitária – ações voluntárias – que desigualdades seriam combatidas. Essa retórica permitia que Bush tratasse de temas complexos e polêmicos de uma forma aparentemente conciliadora, contribuindo para um dos objetivos conservadores do GOP em reduzir a participação do Estado na sociedade (DIONNE JR, 2016, p. 166-177).

Ao longo da campanha e nos primeiros meses de 2001, Bush despendia a maior parte de suas energias em questões de política doméstica, tendo em sua plataforma três pilares: o conservadorismo compassivo – representado por constantes reduções de impostos –, o fortalecimento das defesas nacionais e uma inclinação contrária a intervenções democráticas em outras nações, criticando principalmente as missões militares realizadas na administração Clinton. Sendo assim, sua administração priorizaria uma política externa mais realista, pautada na defesa de interesses da nação (DUECK, 2019, p. 93-94). Entretanto, os ataques terroristas do 11 de setembro forçariam uma mudança drástica em suas diretrizes em política doméstica e, especialmente, na política exterior.

3.2.1 A Doutrina Bush

Os ataques de 11 de setembro de 2001 são comumente apontados como os catalisadores de um redirecionamento repentino de diretrizes de um conservadorismo não intervencionista para um conservadorismo internacionalista mais forte (DUECK, 2019, p. 31). As principais figuras de seu governo e a composição da equipe consultiva de campanha de George W. Bush, chamados de *Vulcans* pelo então presidente, e as dinâmicas internas e históricas entre seus membros demonstram que as diretrizes da Doutrina Bush não foram construídas rapidamente a partir de uma reação inusitada aos ataques da Al Qaeda. A primeira figura central na administração Bush

corresponde a Condoleezza Rice, sua conselheira de política externa na campanha e, posteriormente, Conselheira de Segurança Nacional no primeiro mandato e Secretária de Estado após a reeleição de Bush. Rice, ao longo da campanha, foi responsável por auxiliar George Bush em seu conhecimento sobre política externa, uma vez que era a esfera na qual o republicano aparentava não ter um amplo conhecimento. A plataforma realista de Bush, logo, é devida a visão política de Rice, sendo ela caracterizada, inicialmente, como uma realista clássica baseada na premissa de equilíbrio de poder no cenário internacional (PELEG, 2018, p. 43).

Ainda na corrida eleitoral, como uma forma de capital político, Bush sinalizou que o general aposentado Colin Powell estaria presente em sua administração. A nomeação de Powell para Secretário de Estado em seu primeiro mandato sinalizava o consenso de Bush com a chamada Doutrina Powell, que estabelecia condições para o uso da força militar pelos Estados Unidos. Dentre elas destacavam-se que as intervenções somente se justificariam com base em uma ameaça vital aos EUA e deveriam ter objetivos claros, o uso de força militar extensa em caso de intervenções e, por fim, uma estratégia de “saída” clara dessa nação antes de a missão ser iniciada. Powell e sua doutrina, especialmente após o 11 de setembro, seriam enfraquecidos pelo terceiro eixo da administração de George W. Bush (POWASKI, 2019, p. 107-108).

Buscando distanciar-se da sombra da administração de seu pai, para seu terceiro eixo ideológico, George Bush apontou figuras políticas que já tiveram graves desavenças com H.W. Bush. Seu Vice-Presidente, Dick Cheney, seu Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, e seu Vice-Secretário de Defesa, Paul Wolfowitz, representaram a ala conservadora mais intervencionista em política exterior, sendo apontados como os responsáveis principais na elaboração do esboço que viria a ser a Doutrina Bush, tendo sua primeira encarnação com o DPG de 1992. Como abordado anteriormente, na administração do Bill Clinton a ala neoconservadora do Partido Republicano mantivera em evidência a necessidade da supremacia norte-americana no exterior com a fundação do PNAC. Dessa maneira, frente o contexto de um ataque terrorista em escala nacional, a rápida reorientação ideológica da administração Bush ocorrera a partir de diretrizes bem fundamentadas e discutidas na ala do nacionalismo conservador internacionalista do GOP, indo contra a ideia de uma mudança de rumo radical pelo “invasão” de neoconservadores dentro da administração (SMITH, 2007, p. 48).

Juntamente com as diretrizes estabelecidas pelo DS, a publicação do documento “*Rebuilding America’s Defense*”, pelo PNAC, em setembro de 2000, serviu como prelúdio de uma estratégia que viria a se tornar a Doutrina Bush no pós-11 de setembro. O documento versava sobre a necessidade de os Estados Unidos preservarem e maximizarem sua posição de liderança pelo maior tempo possível, uma vez que não haviam rivais globais a serem enfrentados. As quatro

principais missões estabelecidas para as forças militares seriam [1] proteger o território, [2] combater e vencer grandes ameaças de conflitos simultaneamente, [3] exercer os deveres associados a construção e a manutenção de um ambiente seguro em regiões críticas e [4] garantir a superioridade das forças militares norte-americanas no longo prazo, empregando novas tecnologias na área – sendo o incremento dos investimentos na área de defesa um dos principais elementos para sua efetivação. Logo, o poderio militar seria o único meio de manter sua hegemonia global (DONNELLY, 2000).

Apesar de ser citada como uma mudança nas diretrizes da administração após os ataques terroristas, a Doutrina Bush já havia sido citada por Charles Krauthamer em junho do mesmo ano para se referir ao “novo unilateralismo americano” de George W. Bush, caracterizado pela saída do Acordo de Mísseis Antibalísticos de 1972 e na recusa ao Protocolo de Kyoto. Nesse sentido, segundo o autor, esse unilateralismo menos internacionalista buscava garantir a preservação da premissa do *freedom of action*. Mesmo que por uma via mais internacionalista, o elemento da liberdade de ação apontado por Krauthamer se fez presente nas diretrizes da Doutrina Bush pós-11 de setembro (KRAUTHAMER, 2001).

Nesse sentido, a Doutrina Bush pode ser definida por sete ideias centrais. O eixo do terrorismo estatal [1] aponta que os EUA deveriam tratar como terroristas as nações que dão refúgio ou auxílio à grupos terroristas, não diferenciando organizações terroristas de Estados. A preempção e prevenção [2] garantia o direito norte-americano em iniciar uma guerra preventiva contra regimes que se apresentem como uma ameaça para sua segurança – principalmente quando organizações terroristas e ADM estiverem envolvidos. O próximo eixo, definido pela propagação da democracia [3], associava a mudança de regimes em *rogue states*³⁹ como uma forma de minar o terrorismo internacional e permitir a criação de novos Estados democráticos. O unilateralismo [4], elemento central, previa justamente a implementação de um *freedom of action* genuíno, estando diretamente ligado a criação de coalizões *ad hoc* [5], que dava maior importância a alianças temporárias frente outras pré-estabelecidas, como no caso da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O penúltimo eixo, referente a organizações internacionais [6], realçava ainda mais a tentência unilateral da doutrina, uma vez que retirava a importância de arranjos internacionais, como a ONU, frente o interesse norte-americano. Se não estivessem alinhados com esses interesses, organizações internacionais deveriam ser ignoradas. Por fim, o moralismo [7] assegurava que mundo seria dividido entre o “bem”, representado pelos Estados Unidos e seus

³⁹ Termo comumente associado a Estados não democráticos que configuram uma ameaça a manutenção da paz internacional, seja por estarem envolvidos com o terrorismo internacional ou por auxiliarem na proliferação de ADM (BOLTON, 2002).

aliados, e o “mal”, representado por nações rivais, sendo um grande distanciamento de uma política externa que buscava se portar, mesmo que inicialmente, sob um viés mais realista (PELEG, 2009, p. 54-56).

3.2.2 Neoconservadorismo X nacionalismo conservador

A presença de neoconservadores dentro das estruturas da administração e a orientação dessa doutrina para a implementação de uma política exterior neoconservadora – um “sequestro” da administração por figuras e uma ideologia neoconservadora – apresentam-se como narrativas, em grande parte, já superadas. Dentre as principais figuras da administração, como Rice, Rumsfeld, Cheney, Powell e o próprio presidente, não há a presença de neoconservadores em posições proeminentes, exceto por Paul Wolfowitz, ou qualquer aceno direto ao movimento neoconservador. Até mesmo figuras como Cheney e Rumsfeld, muitas vezes associados ao neoconservadorismo, se enquadram mais como nacionalistas fervorosos. Neoconservadores do período se fizeram mais presentes fora da esfera da administração Bush, atuando através de *think tanks* e no meio midiático – influenciando mais o debate político nacional do que a formulação de política externa (BOOT, 2009).

Nesse sentido, Stephen Hurst aponta que a influência neoconservadora durante o governo Bush teria sido marginal, uma vez que caracteriza a política externa do período como sendo pautada em um nacionalismo conservador. Apesar de convergirem em pontos como a primazia norte-americana, a desconfiança em organizações internacionais e um investimento intensivo na defesa, há claras discordâncias das premissas neoconservadoras com o nacionalismo conservador. A promoção da democracia como elemento central da política externa norte-americana, presente no pensamento neoconservador, não seria essencial para nacionalistas conservadores, já que não acreditam que a criação de mais regimes democráticos se apresenta como uma solução para conflitos internacionais. Logo, a Guerra do Iraque (2003), juntamente com a falha e a subsequente desistência na construção de um regime democrático no país, pode ser compreendida não como uma tentativa de democratizar o Oriente Médio, mas em depor Saddam Hussein, assegurar os interesses na região e minar a possibilidade de proliferação de ADM. Além disso, a promoção de direitos humanos acaba tomando uma posição secundária sob a ótica de nacionalistas conservadores – sendo as infrações humanitárias efeitos colaterais na política exterior desse período (HURST, 2005, p. 75-82).

A mudança na retórica de Bush no pós-11 de setembro é comumente apontada como uma um indicador significativo de mudança para uma política exterior neoconservadora. Alguns trechos

de seu discurso no *State of The Union* em janeiro de 2002, após a invasão ao Afeganistão, destacam alguns elementos neoconservadores:

Nossa causa é justa e contínua. Nossas descobertas no Afeganistão confirmaram nossos piores temores e nos mostraram o verdadeiro escopo da tarefa à frente. [...] Esses inimigos vêem o mundo inteiro como um campo de batalha e devemos persegui-los onde quer que estejam. Enquanto os campos de treinamento funcionarem, enquanto as nações abrigarem terroristas, a liberdade estará em risco. E a América e nossos aliados não devem, e não irão permitir isso. [...] Custa muito lutar nesta guerra. Gastamos mais de um bilhão de dólares por mês – mais de US \$ 30 milhões por dia – e devemos estar preparados para operações futuras. [...] Meu orçamento inclui o maior aumento nos gastos com defesa em duas décadas – porque embora o preço da liberdade e da segurança seja alto, nunca é muito alto. Custe o que custar para defender nosso país, nós pagaremos. [...] Durante estes últimos meses, tive o privilégio de ver o verdadeiro caráter deste país em uma época de provas. Nossos inimigos acreditavam que a América era fraca e materialista, que nos fragmentaríamos de medo e egoísmo. Eles estavam tão errados quanto são maus [...]. Nenhuma nação possui essas aspirações, e nenhuma nação está isenta delas. Não temos intenção de impor nossa cultura. Mas os Estados Unidos sempre se manterão firmes nas demandas inegociáveis da dignidade humana: o Estado de Direito; limites ao poder do estado; respeito pelas mulheres; propriedade privada; discurso livre; justiça igual; e tolerância religiosa [...]. Nossos inimigos enviam filhos de outras pessoas em missões de suicídio e assassinato. Eles abraçam a tirania e a morte como uma causa e um credo. Defendemos uma escolha diferente, feita há muito tempo, no dia da nossa fundação. Afirmamos isso novamente hoje. Escolhemos a liberdade e a dignidade de cada vida. Firmes em nosso propósito, agora avançamos. Conhecemos o preço da liberdade. Mostramos o poder da liberdade. E neste grande conflito, meus companheiros americanos, veremos a vitória da liberdade [...]. (BUSH, 2002, tradução nossa⁴⁰).

Além do resgate da primazia norte-americana, Bush aponta a liderança transformadora dos Estados Unidos como a principal força do “bem” contra o “mal” de outras nações – uma dicotomia presente na ideologia neoconservadora. A promoção de valores nacionais à nível internacional,

⁴⁰ “Our cause is just, and it continues. Our discoveries in Afghanistan confirmed our worst fears, and showed us the true scope of the task ahead. [...] These enemies view the entire world as a battlefield, and we must pursue them wherever they are. So long as training camps operate, so long as nations harbor terrorists, freedom is at risk. And America and our allies must not, and will not, allow it. [...] It costs a lot to fight this war. We have spent more than a billion dollars a month – over \$30 million a day – and we must be prepared for future operations. [...] My budget includes the largest increase in defense spending in two decades – because while the price of freedom and security is high, it is never too high. Whatever it costs to defend our country, we will pay. [...] During these last few months, I’ve been humbled and privileged to see the true character of this country in a time of testing. Our enemies believed America was weak and materialistic, that we would splinter in fear and selfishness. They were as wrong as they are evil [...] No nation owns these aspirations, and no nation is exempt from them. We have no intention of imposing our culture. But America will always stand firm for the non-negotiable demands of human dignity: the rule of law; limits on the power of the state; respect for women; private property; free speech; equal justice; and religious tolerance [...] Our enemies send other people’s children on missions of suicide and murder. They embrace tyranny and death as a cause and a creed. We stand for a different choice, made long ago, on the day of our founding. We affirm it again today. We choose freedom and the dignity of every life. Steadfast in our purpose, we now press on. We have known freedom’s price. We have shown freedom’s power. And in this great conflict, my fellow Americans, we will see freedom’s victory [...]” (BUSH, 2002).

como forma de garantir estabilidade e segurança, e a necessidade de expansão dos investimentos na área de defesa também se fazem presentes em sua retórica. A incorporação da Doutrina Bush no *National Security Strategy of the United States*, publicado em setembro do mesmo ano, realçou a universalidade desses valores norte-americanos e a necessidade de promoção e instauração de valores democráticos ao redor do globo. A Guerra do Iraque (2003), consequentemente, acabou por utilizar-se das premissas e da retórica neoconservadora ao longo dessa campanha. Todavia, a retórica de promoção e instauração de regimes democráticos não se refletia, na prática, em ações propriamente voltadas para esse objetivo. Dentro dessa retórica aparentemente neoconservadora, Bush realçava a necessidade de estabelecer uma balança de poder que pudesse criar as condições necessárias para que nações fossem capazes de escolher os benefícios e os desafios das liberdades provenientes da democracia (HURST, 2005, p. 86-88).

Como apontou Condoleezza Rice, então Secretária de Estado, “Agora, estamos seguindo um curso diferente. Estamos apoiando as aspirações democráticas de todas as pessoas [...]” (tradução nossa⁴¹). Sinalizando que o objetivo central em política exterior não era a expansão democrática sob o comando dos EUA: “Como disse o presidente Bush em seu segundo discurso de posse: ‘A América não imporá nosso estilo de governo aos relutantes. Nosso objetivo, em vez disso, é ajudar os outros a encontrar sua própria voz, para alcançar sua própria liberdade e para fazer o seu próprio caminho’ [...]” (RICE, 2005, tradução nossa⁴²).

Os conflitos no Afeganistão e no Iraque, especialmente após seus términos, juntamente com a não centralidade da construção de democracias sólidas em ambos Estados são realidades abordadas na fala de Rice. No Afeganistão, mesmo auxiliando com um capital de investimento abaixo do necessário⁴³, a responsabilidade de reconstrução nacional foi redirecionada para a ONU, restando ao contingente militar norte-americano o objetivo essencial de combate intensivo ao terrorismo na região e captura de Osama Bin Laden. O caso iraquiano também obedece a mesma dinâmica de desinteresse norte-americano no processo efetivo de reconstrução nacional.

Além disso, o regime de Hussein já constituía uma possível ameaça aos Estados Unidos desde a administração de H. W. Bush. As justificativas utilizadas para o início do conflito são extremamente similares e não apresentam o elemento de democratização presente na narrativa

⁴¹ “Now, we are taking a different course. We are supporting the democratic aspirations of all people [...]” (RICE, 2005).

⁴² “As President Bush said in his Second Inaugural Address: ‘America will not impose our style of government on the unwilling. Our goal instead is to help others find their own voice, to attain their own freedom, and to make their own way’ [...]” (RICE, 2005).

⁴³ O Banco Mundial havia estipulado uma quantia necessária de 15 bilhões de dólares para a reconstrução do país nos próximos cinco anos. Juntamente com outras nações, os Estados Unidos disponibilizaram apenas 4,5 bilhões (HURST, 2005, p. 88).

neoconservadora. Destarte, ao passo que neoconservadores buscam criar um mundo democrático, conservadores nacionalistas, no caso de Bush, se limitam a tornar o mundo mais seguro para democracias já existentes (HURST, 2005, p. 88-91). A campanha iniciada com o Iraque, dessa forma, não obteve continuidade nas outras duas nações incluídas no “Eixo do Mal” de Bush: a Coreia do Norte e o Irã. Pelo contrário, foram realizadas tentativas de negociação com a Coreia do Norte e uma tentativas de desescalar as tensões entre Irã e Israel (BOOT, 2009).

Outros dois elementos presentes na Doutrina Bush que demonstram a predominância de um nacionalismo conservador em relação ao neoconservadorismo são o *USA PATRIOT Act* (2001) e a criação do *Department of Homeland Security*, ou DHS (2003). O primeiro, também conhecido como *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*, foi uma ação aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos e ratificado por Bush em 26 de outubro de 2001 como uma resposta ao terrorismo internacional. O ato previa a expansão de medidas e capacidades de vigilância – tanto a nível doméstico como internacional –, o fortalecimento de agências federais no combate ao terrorismo e o aumento de penas para o crime de terrorismo, assim como um alargamento das atividades que poderiam ser tipificadas como terroristas (DEPARTMENT OF JUSTICE, 2001). Já o DHS, criado em 25 de novembro de 2002, foi um resultado do *Homeland Security Act* após os ataques do 11 de setembro. O departamento é responsável pela segurança doméstica dos Estados Unidos, englobando operações e monitoramento na esfera do terrorismo doméstico, imigração, segurança nas fronteiras, prevenção contra desastres e segurança cibernética (DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2019).

Atuando sobre a premissa da Guerra ao Terror, essas duas políticas representaram uma vasta expansão da forma com a qual o poder executivo poderia exercer seu poder. Para que fosse garantida a capacidade irrestrita de atuação unilateral e preemptiva no exterior, essas prerrogativas garantiam que possíveis efeitos colaterais, especialmente em matéria de direitos humanos, não constituíssem entraves legais. Práticas proibidas tanto pela Convenção de Genebra⁴⁴ quanto pela própria legislação doméstica passaram a constituir parte de práticas aceitáveis.

Logo, a apreensão e o cárcere por tempo indefinido de nacionais e estrangeiros por parte do governo e a criação de centros de detenção denominados *black sites* – localizados fora dos Estados Unidos, como no caso da Baía de Guantánamo, em Cuba –, passaram a ser medidas justificáveis e necessárias para a manutenção dos interesses da nação (BAUM, 2015, 52; p. 54). Em seu livro de memórias intitulado “*Decision Points*”, o ex-presidente admite ciência da

⁴⁴ Tratado celebrado por diversas nações que define a legislação internacional acerca dos direitos humanos (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2014).

utilização e a aprovação de métodos de tortura, como o *waterboarding* – uma forma de afogamento simulado –, em sessões de interrogatórios com indivíduos suspeitos de atos de terrorismo. Quando questionado pelo então diretor da *Central Intelligence Agency* (CIA) A acerca de permissão da utilização do afogamento simulado durante interrogatórios, George W. Bush, utilizando como justificativa a necessidade de preservar a segurança nacional, havia autorizado essa prática (BUSH, 2010 *apud* AIGNER-TREWORGY et al, 2010),

Uma outra possível perspectiva que explicaria a sobreposição entre neoconservadores e conservadores nacionalistas nesse período seria a de um “casamento por conveniência”. Por acordarem na incapacidade da diplomacia e de tratados para o alcance dos objetivos norte-americanos, teria ocorrido um consenso, frente a possibilidade apresentada após o 11 de setembro, em abandonar a abordagem de política externa praticada até o momento – mesmo que discordassem sobre o papel dos Estados Unidos no processo de reconstrução do Iraque e na promoção da democracia. Nessa abordagem, também é ressaltada a centralidade da figura de George W. Bush na formulação da política externa do período, indo contra a teoria de um “sequestro neoconservador” no período. Mesmo não demonstrando um conhecimento ativo sobre política externa ao longo da campanha, a consolidação de uma administração com divergentes vertentes ideológicas acerca de política externa, permitia que Bush, mediante proposições apresentadas por sua equipe, fosse o tomador de decisão final dentro dessa dinâmica (DAALDER; LINDSAY, 2003, p. 15-16).

3.2.3 A “falsa promessa” de Bush

As mudanças sofridas nas diretrizes do conservadorismo dentro do GOP ao longo da administração de H.W. Bush e Clinton – tornando-o menos conciliador e mais agressivo – por si só já tornavam difícil a viabilidade do conservadorismo compassivo da administração de George W. Bush e de sua busca por uma moderação política. Os eventos do 11 de setembro, como demonstrado anteriormente, somente acentuaram uma radicalização inevitável dentro da ideologia partidária e de seu próprio *modus operandi*. A administração Bush angariou, ao longo de seus dois mandatos, o descontentamento não só de democratas, mas de sua própria base de eleitores republicanos.

Os progressistas viram um presidente socialmente conservador que cortou impostos sobre os ricos, empurrou o país para a guerra sob falsos pretextos e “atolou” no Iraque. Os conservadores viram um republicano favorável a um grande Estado que transformou superávits em déficits, era muito “multicultural”,

muito aberto à reforma da imigração e muito ansioso para federalizar a política educacional. (DIONNE JR, 2016, p. 181, tradução nossa⁴⁵).

O período de Bush resultou em algumas mudanças significativas dentro da política nacional que viriam a influenciar a maneira pela qual o próprio Partido Republicano viria a se portar durante o governo de Barack Obama. A primeira corresponde a redução da cooperação bipartidária dentro do Congresso norte-americano. Mesmo obtendo uma maioria em ambas as casas legislativas até as *midterms* de 2006 – nas quais os democratas passaram a controlar o Congresso até o final da presidência de Bush –, sua administração fez um uso intensivo de ordens executivas, priorizando uma administração executiva em detrimento de uma coletiva no alcance de objetivos programáticos do governo.

Esse estilo de administração, juntamente com a questão do Iraque e a resposta frente o desastre do furacão Katrina⁴⁶ em agosto de 2005, acabou por contribuir para um descontentamento popular em relação ao partido e para a percepção de que o GOP, mesmo com uma atuação política forte, era ineficaz na esfera administrativa. Logo, a centralidade dada a figura de um líder que, sempre quando possível, afastava-se da possibilidade de cooperação bipartidária e a nacionalização de eleições para o Congresso – atrelando a necessidade de eleger republicanos como um passo essencial para o combate ao terrorismo e a garantia da segurança nacional do período – passaram a ser elementos que viriam a se manifestar com maior intensidade dentro do GOP na administração de Donald Trump (MILKIS; RHODES, 2007, p. 473).

A segunda mudança fora a utilização de elementos maniqueístas de política exterior dentro do debate político do país. Se antes Bill Clinton era considerado um inimigo conservador, na administração de Bush não somente o Partido Democrata, mas também estados majoritariamente compostos por eleitores democratas passaram a serem classificados como não patriotas. A escolha de nacionalizar a política de combate ao terrorismo, especialmente em períodos próximos as eleições, fez com que diretrizes domésticas fossem associadas a Guerra ao Terror, tornando quaisquer críticas de democratas acerca da agenda econômica de Bush como um ataque à defesa nacional (RICHARDSON, 2014). A noção de que democratas eram fracos no combate ao terrorismo e incapazes de garantir uma segurança nacional efetiva contribuiu para o crescimento do sentimento de impossibilidade de conciliação de republicanos, especialmente de seus eleitores,

⁴⁵ “Progressives saw a socially conservative president who cut taxes on the rich, pushed the country to war on false pretenses, and bogged it down in Iraq. Conservatives saw a ‘big-government’ Republican who turned surpluses into deficits, was far too ‘multicultural’, far too open to immigration reform, and far too eager to federalize education policy.” (DIONNE JR, 2016, p. 181).

⁴⁶ A má administração da *Federal Emergency Management Agency* (FEMA) – bem utilizada na administração Clinton – e a falta de importância dada por Bush à destruição que acometeu Nova Orleans resultou na percepção popular de indiferença e distanciamento do presidente com a população (GOULD, 2014, p. 339).

com democratas que não representavam a “América verdadeira” (DIONNE JR, 2016, p. 210). Nas palavras de Karl Rove, Conselheiro Sênior e Subchefe de Gabinete de Bush,

Talvez a diferença mais importante entre conservadores e liberais possa ser encontrada na área da segurança nacional. Os conservadores viram a selvageria do 11 de setembro e os ataques e se prepararam para a guerra; liberais viram a selvageria dos ataques de 11 de setembro e queriam preparar acusações e oferecer terapia e compreensão para nossos agressores. (2005 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 211, tradução nossa⁴⁷).

Por fim, a última mudança é representada pelo efeito reverso que Bush teve dentro de seu próprio partido. Concorrendo em 2000 sob uma plataforma que pregava a popularização de um conservadorismo compassivo com o objetivo de pregar a moderação política e unificar a nação, ao final de seu mandato, não somente o conservadorismo compassivo havia desaparecido como também a possibilidade de se construir uma moderação dentro do GOP, uma vez que conseguiu alienar a ala conservadora e moderada do partido. No quesito de unificação nacional, a administração de Bush foi responsável por uma elevação drástica na polarização partidária que, desde 1987 até 2002, mantinha um distanciamento em torno de 9% a 11% entre democratas e republicanos em relação a 48 perguntas acerca de valores políticos, segundo o *Pew Research Center*. Entre 2002 e 2009, contudo, houve um crescimento de 11% para 16% no distanciamento entre republicanos e democratas nesse período (PEW RESEARCH CENTER, 2012).

A redução de impostos, beneficiando a classe mais rica do país com o *Economic Growth and Tax Relief Reconciliation Act* (2001), juntamente como um incremento no investimento na defesa nacional – resultando em um incremento de 57% no déficit nacional, totalizando 3,293 trilhões de dólares (AMADEO, 2020) – afastou conservadores fiscais e moderados, ao passo que ações mais intervencionistas de sua administração, como o *No Child Left Behind* (2001) – que permitiu que o governo federal penalizasse escolas que não atendessem aos padrões de resultados desejados – e uma visão mais favorável à imigração distanciaram conservadores mais fervorosos de sua administração. A crescente impopularidade com o conflito no Iraque fez com que a popularidade de sua administração sofresse uma queda gradual após o início de seu segundo mandato: alcançando seu maior pico em setembro de 2001, 90%, e o ponto mais baixo de 25% em outubro de 2008, após a intensificação dos efeitos da crise financeira de 2007 (GALLUP, 2020b).

O pacote de resgate de 700 bilhões de dólares aos bancos privados, incluído no *Emergency*

⁴⁷ “Perhaps the most important difference between conservatives and liberals can be found in the area of national security. Conservatives saw the savagery of 9/11 and the attacks and prepare for war; liberals saw the savagery of the 9/11 attacks and wanted to prepare indictments and offer therapy and understanding for our attackers.” (2005 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 211).

Economic Stabilization Act (2008), como uma forma de impedir um colapso do sistema financeiro nacional foi encarado como um ultraje frente a parcela mais conservadora de seu eleitorado, justamente por aparentar privilegiar os “grandes negócios” em detrimento do trabalhador médio. Atrelando cada vez mais a ideia de que, assim como os democratas, o GOP representaria um *establishment* político similar (DIONNE JR, 2016, p. 225). A desilusão frente o Partido Republicano pode ser representado pela redução no grau de identificação popular com o partido, caindo de 31% da população total em 2002 para 25% em 2009. No mesmo período, houve um crescimento de 33% para 36% na parcela de democratas e um crescimento de 30% para 32% para independentes – que viriam a ter um crescimento considerável de mais 6% até 2012 (PEW RESEARCH CENTER, 2011a).

Mesmo não despontando para um resgate de elementos do nacionalismo étnico, o período de George Walker Bush representou uma desvalorização dos elementos do nacionalismo cívico no país. A sobreposição do poder executivo no processo de tomada de decisão e a utilização em larga escala de ordens executivas que, por muitas vezes, continham diretrizes que feriam garantias e direitos fundamentais para que fosse assegurado um objetivo nacional, são alguns dos exemplos históricos abordados ao longo dessa seção. Além disso, a defesa de valores ocidentais frente a luta contra a barbárie, representada aqui pelo terrorismo, foram indícios de um crescimento do nacionalismo cultural no país. O cenário de polarização política cada vez mais intenso juntamente com as diretrizes da administração Bush, mesmo que não despontando para um nacionalismo étnico, criou um terreno fértil para que movimentos regionais com raízes fortemente conservadoras se originassem nos últimos anos da administração republicana. O movimento do *Tea Party* viria a representar um efeito colateral do fortalecimento popular do nacionalismo conservador mediante a desilusão política e a percepção de uma ineficiência de atuação do GOP. Destarte, nos anos da administração de Barack Obama, seria o *Tea Party* a força política que estabeleceria o ponto de partida da dinâmica do Partido Republicano com o novo presidente. Frente a possibilidade de moderar o crescente radicalismo político em sua base, o partido optaria por explorá-lo – consequentemente tornando-se refém do mesmo.

3.3 A Radicalização do Partido Republicano (2008-2017)

Frente um descontentamento tanto de republicanos conservadores quanto moderados com a administração Bush, a crise de 2008 viria a trazer drásticas transformações políticas no país: elevando sentimentos de ansiedade econômica e cultural e propulsionando o surgimento de movimentos nativistas no país. Simultaneamente, a candidatura de Barack Hussein Obama,

senador democrata pelo Havaí, um político negro e com uma plataforma de enfoque mais social, defendendo a implementação de um sistema de saúde público no país, viria a potencializar ainda mais elementos do nacionalismo cultural e étnico na base mais conservadora do GOP, auxiliando na ascensão de Sarah Palin e, após sua reeleição, do *Tea Party*. Destarte, serão abordadas as eleições presidenciais de 2008, elencando o embate entre um conservadorismo mais moderado, representado por John McCain, e o nativismo dentro do partido, representado por Palin. Em seguida será abordado o movimento do *Tea Party*, explorando sua composição e ideologia, sua força política nas *midterms* de 2010 e a presença do nacionalismo no movimento. Por fim, serão abordadas as eleições presidenciais de 2012 e a dinâmica do partido republicano com a administração Obama.

3.3.1 As eleições presidenciais de 2008

A nomeação do senador do Arizona, John McCain, como candidato pelo partido à presidência, mesmo este sendo considerado um conservador moderado, não representava uma volta à moderação dos membros do GOP ou de sua base eleitoral. A vitória de McCain na disputa das primárias do partido com Mike Huckabee, ex-governador do Arkansas, e Mitt Romney, senador pelo Utah, se deu pela divisão eleitoral causada na base conservadora entre os dois últimos candidatos. Huckabee carregou a vitória em *red states* essenciais ao partido, como o Missouri, Alabama, Geórgia e Kansas, ao passo que Romney obteve maioria em outros estados de núcleo republicano, como o Wyoming, Utah, Dakota do Norte e Montana. Por sua vez, McCain, mesmo conquistando a nomeação e a vitória em estados como o Oklahoma e Mississippi, obteve a maioria de delegados com estados que, frente uma disputa nacional com o Partido Democrata, representariam uma derrota para o GOP, como o Connecticut, Nova Jersey, Nova Iorque, Califórnia e Illinois (THE NEW YORK TIME, 2016).

Ao mesmo tempo em que cada vez menos eleitores se identificavam como republicanos, caindo de 25% de 2007 e 2008 para 23% em 2009, a base de eleitores nacionais que se identificavam como conservadores foi a que mais cresceu no mesmo período quando comparado com moderados e liberais, saindo de 36% em 2007 para 37% nos dois anos seguintes (PEW RESEARCH CENTER, 2009). A escolha pela então governadora do Alaska, Sarah Palin, como vice-Presidente do partido serviria como uma forma de balancear o baixo alcance de McCain com a base mais conservadora de eleitores. O descontentamento eleitoral com o *establishment* do GOP foi um dos pontos mais explorados por Palin, que, desde seu discurso de aceitação da nomeação, se colocava como uma *outsider* dentro dos altos ranques do GOP e da política nacional. “[...] A

política não é apenas um jogo de partidos conflitantes e interesses conflitantes. O motivo certo [para ir a Washington] é desafiar o status quo, servir ao bem comum e deixar esta nação melhor do que a encontramos (PALIN, 2008 *apud* THE NEW YORK TIMES, 2008a, tradução nossa⁴⁸)”.

De início, a estratégica escolha de Palin aparentou ser um caminho positivo para a campanha de McCain: uma semana após seu discurso, Palin não somente aumentou em 12% a popularidade do candidato com o eleitorado republicano, mas despontou com uma popularidade individual de 58% no país – acima dos dois candidatos à presidência, que pontuavam 57% cada (RASMUSSEN REPORTS, 2008). Além disso, o recorde de doações recebidos nos dois dias seguintes após o discurso de Palin, totalizando mais 10 milhões de dólares para a campanha de McCain, somavam a percepção de que o GOP poderia ser capaz de dialogar tanto com sua base mais conservadora quanto a sua moderada (ROSS, 2008).

Entretanto, a inexperiência de Palin aliada a sua retórica inflamatória, acusando Obama de ter ligações com grupos terroristas, por exemplo, (COOPER, 2008), acabou por alienar o eleitor moderado republicano e distanciar o eleitor indeciso em estados-chave na composição dos votos necessários para ganhar no colégio eleitoral. Além disso, a dificuldade de McCain em se distanciar da antiga administração republicana e sua narrativa contrária a um Estado maior foram fatores que prejudicaram ainda mais sua imagem após a eclosão da crise e o subsequente pacote de resgate de Bush aos bancos privados (MASON, 2008). Destarte, a vitória ampla de Obama no colégio eleitoral não sinalizava um consenso nacional frente a figura do novo presidente, uma vez que, mesmo com a controversa presença de Palin na chapa republicana, o GOP ainda obteve 47% do voto popular contra 53% dos votos de Obama (THE NEW YORK TIMES, 2016).

Ao mesmo tempo em que McCain tentava moderar sua base e silenciar em seus comícios manifestações racistas em relação a origem de Obama, sua campanha explorava ligações do democrata com terroristas domésticos e, em comícios promovidos por Palin, palavras de ordem como “mate ele” ou “terrorista” eram exclamadas por seus apoiadores sem o repúdio da então candidata à vice-presidência. Mesmo não sendo visto como a melhor opção conservadora, 64% dos eleitores de McCain se declaravam como conservadores, ao passo que, na eleição de H. W. Bush, somente 49% o fizeram. Nesse sentido, o alcance nacional do movimento do *Tea Party* no primeiro ano de Obama não ocorrera repentinamente. O ciclo eleitoral, aliado ao descontentamento republicano frente a eleição do primeiro presidente negro e ao resgate do próprio partido aos grandes bancos, explicam de forma mais adequada a explosão popular rápida que o movimento

⁴⁸ “[...] Politics isn't just a game of clashing parties and competing interests. The right reason [to go to Washington] is to challenge the status quo, to serve the common good, and to leave this nation better than we found it.” (PALIN, 2008 *apud* THE NEW YORK TIMES, 2008a).

viria a ter (DIONNE JR, 2016, p. 282-287).

3.3.2 O movimento do *Tea Party*

Nos meses que se sucederam após a derrota de John McCain, uma crise de identidade política ressoava dentro do Partido Republicano pela falta de uma nova liderança política clara. Apesar de ter sido uma figura controversa, Sarah Palin representava uma possível liderança para a ala mais populista e conservadora do partido. Pelo seu desempenho positivo nas primárias e, respectivamente, sua memória no coletivo popular, Mitt Romney e Newt Gingrich também detinham uma base sólida de apoio popular (KING, 2008). Contudo, o então presidente do Comitê Nacional Republicano (RNC), Mike Duncan, dias após as eleições, sinalizou que a atuação inicial do partido seria uma reação direta frente a possibilidade de Obama frear a ala mais progressista do Partido Democrata, fazendo uma analogia a mesma dinâmica que o GOP adotou durante a administração de Bill Clinton. Frente o controle democrata nas duas casas do Congresso, a lógica de obstrução política já se apresentava como uma estratégia real para o líder republicano no senado, Mitch McConnell. Em entrevista ao *National Journal*, McConnell pontuou que “A coisa mais importante que queremos alcançar é que o presidente Obama seja um presidente de um mandato” (McCONNELL, 2010 *apud* NATIONAL JOURNAL, 2010, tradução nossa⁴⁹).

A plataforma progressista de Obama, que dentre outras diretrizes constava uma reforma no sistema de saúde do país, junto da continuidade do resgate aos bancos e a aprovação do *American Recovery and Reinvestment Act*⁵⁰ nos primeiros meses de 2009 não foram fatores que somente contribuíram para uma potencialização da oposição republicana, mas também para a eclosão de um movimento conservador altamente popular. O ponto de origem do movimento do *Tea Party* é atribuído ao jornalista da MNSBC, Rick Santeli, em uma fala contra o pacote de estímulos de Obama, caracterizando a medida como uma recompensa à maus comportamentos e comparando a intervenção do governo norte-americano com a economia de Cuba: “Teremos uma festa do chá de Chigago em julho! [...] Vou começar a organizar ela!” (SANTELI, 2009 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 297, tradução nossa⁵¹).

Todavia, a fala de Santeli serviu o movimento de duas formas: ao mesmo tempo que lhes

⁴⁹ “The single most important thing we want to achieve is for president Obama to be a one-term president.” (McCONNELL, 2010 *apud* NATIONAL JOURNAL, 2010).

⁵⁰ Um pacote de estímulos econômicos que tinha como objetivo criar novos postos de emprego e manter os empregos já existentes. O custo total do pacote foi de 787 bilhões de dólares (THE WHITE HOUSE OFFICE OF THE PRESS SECRETARY, 2016).

⁵¹ “We’re having a Chicago Tea Party in July! [...] I’m going to start organizing!” (SANTELI, 2009 *apud* DIONNE JR, 2016, p. 297).

dava um nome, popularizou o *Tea Party* em escala nacional com o alcance de sua fala – batendo mais de 2 milhões de visualizações em pouco mais de uma semana no site da emissora. A simbologia do nome servia como um resgate do episódio histórico da revolta do chá de Boston em 1773, na qual colonos se voltaram contra a imposição do monopólio da comercialização do chá para a Companhia das Índias Orientais, atirando mercadorias inglesas ao mar no porto de Boston. Nesse sentido, o resgate do nome *Tea Party* buscava colocar esse novo movimento como uma revolta popular frente uma “tirania” por parte do governo. Logo, a utilização do nome proposto por Santeli foi uma forma de unificar células conservadoras que operavam em campanhas do GOP, em redes sociais, como o *Twitter*, blogs e programas de rádio locais (SKOCPOL; WILLIAMSON, 2012, p. 7-9).

3.3.2.1 Composição e ideologia

A base demográfica do *Tea Party* era variada, sendo composta por indivíduos de baixa escolaridade até pessoas com pós-graduação. Em comparação com o norte-americano médio, incluindo outros conservadores, seus membros aceitam e fazem uso de narrativas mais generalizadas em relação a negros e imigrantes no país – que seriam extensivamente utilizadas em relação a Barack Obama. Apesar de terem uma visão majoritariamente mais favorável do GOP, o *Tea Party* não deve ser entendido como um movimento de base totalmente republicana, uma vez que 36% de seus participantes se identificam apenas como favoráveis ao partido e 53% são republicanos autodeclarados (PEW RESEARCH CENTER, 2013). Apesar de ter sido caracterizado como uma revolução do movimento conservador nos EUA, suas pautas defendidas não eram tão distintas de outros movimentos altamente conservadores, como o de McCarthy ou Goldwater, que influenciaram o comportamento do Partido Republicano. Logo, seus membros apresentavam retóricas que caracterizavam democratas e republicanos moderados como socialistas. Além disso, detinham características similares a de movimentos anteriores: predominantemente homens brancos, de meia idade, entre a classe média e alta, que temiam as transformações sofridas no país nos últimos anos (KABASERVICE, 2012, p. 556).

Apesar de serem favoráveis a defesa de direitos individuais, contrários a um “grande governo” e utilizarem-se de simbologias comumente associadas ao movimento libertário – como a utilização da Bandeira de Gadsen com o lema *don't tread on me*⁵² (ver Figura 3), as preferências

⁵² Podendo ser entendido como “não pise em mim”, sendo uma analogia ao papel intervencionista de um governo sob as liberdades econômicas de seus cidadãos. Apesar de ter sido criada em 1776 sem um teor de origem racial, após

ideológicas de seus membros demonstram que a associação feita entre o *Tea Party* e o movimento libertário não é cabível. Sob a perspectiva econômica, há não somente um sentimento contrário ao papel do Estado, mas também as grandes corporações: 56% e 61%, respectivamente, preferem um Estado menor e consideram o governo como ineficiente na maior parte do tempo, ao passo que 54% acham que as grandes corporações retêm lucros demasiadamente altos. A defesa de liberdades individuais se faz presente na defesa do direito à posse de armas, contando com apoio de 78% de seus participantes. Todavia, 64% se opõe ao casamento homossexual e 59% acham que o aborto deve ser ilegal na maioria dos casos. Destarte, o conservadorismo religioso é crucial nas opiniões postuladas pelo *Tea Party*, uma vez que 53% e 46% de seus membros, respectivamente, citam a religião como a influência mais importante perante suas opiniões sobre o casamento homossexual e o aborto – sendo que 69% dos que concordam com o movimento cristão conservador concordam com o movimento do *Tea Party* (PEW RESEARCH CENTER, 2011a). O movimento, dessa forma, detém três frentes de apoio e de atuação:

O ativismo de base é certamente uma força-chave, energizado por cidadãos irados e de mentalidade conservadora que formaram grupos locais e regionais vitais. Outra força é a panóplia de financiadores nacionais e grupos de defesa do ultra-livre mercado que buscam destacar e alavancar os esforços de base para promover seu objetivo de longo prazo de refazer o Partido Republicano, empurrando-o para a extrema direita em questões de impostos, gastos públicos e regulamentação governamental. Finalmente, o *Tea Party* não pode ser entendido sem o reconhecimento da mobilização fornecida pelos anfitriões da mídia conservadora que defendem e encorajam abertamente a causa. (SKOCPOL; WILLIAMSON, 2012, p.13, tradução nossa⁵³)

ser popularizada pelo *Tea Party*, passou a ser cada vez mais utilizada e associada com movimentos de nacionalismo branco (WALKER, 2016).

⁵³ “Grassroots activism is certainly a key force, energized by angry, conservative-minded citizens who have formed vital local and regional groups. Another force is the panoply of national funders and ultra-free-market advocacy groups that seek to highlight and leverage grassroots efforts to further their longterm goal of remaking the Republican Party, pushing it towards the hard right on matters of taxation, public spending, and government regulation. Finally, the *Tea Party* cannot be understood without recognizing the mobilization provided by conservative media hosts who openly espouse and encourage the cause.” (SKOCPOL; WILLIAMSON, 2012, p.13).

Figura 3 – Bandeira de Gadsen e da “II Revolução Americana” em comício do *Tea Party Express* com Sarah Palin.



“Fonte: Ryan (2010).”

3.3.2.2 As *midterms* de 2010, o SarahPAC e o *Tea Party Caucus*

Frente a criação de organizações ligadas ao movimento, como o *Tea Party Express* e o *Tea Party Patriots*, o apoio de *think tanks* já estabelecidos, no caso da *Freedom Works*, e com o crescimento popular expressivo do movimento, o GOP se encontrava em outro momento crucial de sua tradição política: por um lado, o partido poderia resistir à pressão popular desse movimento e se distanciar de suas posições mais extremas, buscando um posicionamento capaz de dialogar com um eleitorado mais convencional e independente, ou buscar, gradativamente, tomar parte em comícios do *Tea Party*, demonstrar apoio ao movimento e utilizar sua retórica no debate político nacional. Não somente por se alinhar a lógica de obstrução republicana, a escolha pela segunda opção ocorreu também por uma questão de sobrevivência política. Com o crescimento desse movimento, adotar uma posição mais moderada poderia representar um risco de perder assentos no congresso nas *midterms* de 2010 (DIONNE JR, 2016, p. 322). Logo, Sarah Palin foi uma das primeiras vozes de dentro do Partido Republicano a apoiar e incentivar o movimento do *Tea Party*.

Fundado em janeiro de 2009, o comitê de ação política de Palin, conhecido como *SarahPAC*, surgiu com o objetivo de angariar recursos financeiros de seus apoiadores, tendo como intuito criar um fundo para financiar campanhas de outras lideranças ao redor do país e custear as despesas de viagens nacionais de Palin enquanto realizava comícios para promover seu comitê (SCHLESINGER, 2009). Com uma imagem de *outsider* na política do GOP, Sarah Palin, ao

mesmo tempo em que buscou se aproximar do movimento, foi uma das primeiras figuras proeminentes do partido a ser abraçada pelos membros do *Tea Party*. Logo, o *SarahPAC* acabou por ser utilizado como uma forma de promover não somente o movimento, mas também lideranças dentro dele, a tempo das eleições de meio de mandato do ano seguinte, tornando Palin em uma das principais portas vozes do *Tea Party* – que veio a caracterizar o movimento como o futuro da política nacional (BARR, 2010).

A presença de uma recente candidata à vice-presidência pelo Partido Republicano dentro de comícios realizados por organizações do *Tea Party*, juntamente com suas críticas tecidas ao GOP – pontuando que o movimento representava os verdadeiros ideais americanos e, casos não ouvissem sua mensagem, o partido estaria acabado (TRAVIS, 2010) – garantiam ao movimento cada vez mais legitimidade política. Destarte, a legitimidade de Obama seria desafiada também em sua nacionalidade, já que, segundo a narrativa do *birther*⁵⁴, o então presidente não teria nascido no país. Sendo reproduzida por alguns veículos midiáticos e celebridades do período, como Donald Trump, em meados de abril de 2010, apenas 58% da população como um todo tinha certeza absoluta de que Obama havia nascido nos EUA, ao passo que 23% e 20%, respectivamente, não sabiam responder e tinham certeza de que ele não havia nascido no país (DIONNE JR, 2016, p. 300-301).

Destarte, era esperado que as campanhas republicanas para as *midterms* de 2010 fossem altamente influenciadas pela resposta popular que o movimento do *Tea Party* obteve dentro da base de eleitores republicanos. Das 63 cadeiras que os republicanos conquistaram, 42 foram conquistadas por candidatos que, mesmo que de forma indireta, estavam associados a esse movimento, sendo que o índice de sucesso maior entre os candidatos ocorreu em distritos já com tendências republicanas. A mobilização de recursos para suas campanhas foi liderada por organizações já institucionalizadas, como a *Freedom Works*, ou pelo próprio GOP. O levantamento de recursos por parte de indivíduos estritamente ligados as lideranças locais de movimentos não institucionalizados do *Tea Party* foi baixo, uma vez que havia dentro desses grupos o objetivo de preservar sua independência frente o Partido Republicano (COURSER, 2010, p. 1-3).

Contudo, pontuar que os candidatos republicanos que se associaram de alguma forma ao movimento foram eleitos categoricamente por conta de sua associação ao *Tea Party* requer uma análise profunda de casos específicos, o que foge do objetivo postulado aqui. O ponto que merece maior atenção corresponde a pré-disposição do GOP em capitalizar frente os sentimentos políticos

⁵⁴ Teoria conspiratória que afirmava que Obama não haveria nascido nos Estados Unidos, mas sim no Quênia. Mesmo depois de apresentar sua certidão de nascimento, essa teoria ainda se faz presente em diversos círculos conservadores do país (BREWSTER, 2020a).

desse movimento. A criação do *Tea Party Caucus* na Câmara dos Representantes meses antes das *midterms* são um indicativo dessa capitalização por parte do partido. Criado por Michelle Bachmann, congressista pelo estado de Minnesota, essa convenção política buscava ser uma voz institucionalizada para o movimento dentro do congresso. Logo, o *Tea Party Caucus* serviu como uma forma de preservação política em duas frentes: ao mesmo tempo em que muitos representantes já eleitos puderam tomar parte da convenção antes das *midterms*, já havia um órgão institucional dentro do GOP pronto para receber uma esperada nova leva de representantes eleitos por conta do *Tea Party* (GERVAIS; MORRIS, 2016, p. 245-246).

No senado, um *Tea Party Caucus* informal foi criado por dois senadores recém-eleitos que contaram com apoio do movimento, Rand Paul (Kentucky) e Mike Lee (Utah), e pelo já senador desde 2005, Jim DeMint (Carolina do Sul). Segundo Paul, essa convenção foi criada com o objetivo de ser uma fonte de coordenação e liderança do movimento do *Tea Party* que carecia de uma organização nacional, além de que, em suas próprias palavras, via essa convenção informal como “[...] algo que nos ajudará a aprovar legislação.” (*apud* RAJU; WONG, 2011). Subsequentemente, senadores que hesitavam participar dessa convenção acabaram por ceder à pressão, cabendo destacar figuras como a de Mitch McConnell, Jeff Sessions e do recém-eleito senador pela Flórida, Marco Rubio, que teve sua participação efetivada como uma forma de se reconectar com sua base de apoiadores ligados ao *Tea Party* (THOMAS, WERNER, 2013). Além disso, Ted Cruz, eleito em 2012 sob uma plataforma pró-*Tea Party* e contando com o apoio de Palin, viria a participar da convenção política, se tornando uma das figuras mais proeminentes do *Tea Party* no período (ROOT, 2012).

3.3.2.3 O nacionalismo e o *Tea Party*

Sob a perspectiva do nacionalismo no *Tea Party*, apesar de ocorrer um constante resgate de elementos históricos e patrióticos em sua estética, como a utilização de bandeiras e vestimentas do século XVIII em comícios, não há uma conciliação com o nacionalismo cívico, uma vez que há uma exclusão daqueles que não são considerados “verdadeiros americanos”, estando inclusos também democratas e aqueles que advogavam por uma expansão do *welfare state* – comumente classificados como socialistas (BURGHART; ZESKIND, 2010, p. 11). As visões expressivamente negativas do *Tea Party* em relação a imigração, que somente viriam a crescer ao longo da administração de Obama, aproximavam o movimento de um nacionalismo conservador, justamente por resgatar valores e ideais intimamente ligados a preservação da identidade norte-americana, da família e da religião – sendo que 55% dos membros do *Tea Party* consideravam os

EUA como uma nação cristã (COX; JONES, 2010). Como abordado no primeiro capítulo, o nacionalismo conservador, assim como o étnico, apresenta uma grave incompatibilidade com a figura de imigrantes na nação que, segundo essa lógica, comprometeriam a homogeneidade da identidade nacional. Comparados com norte-americanos que se identificam como republicanos, os membros desse movimento apresentam posicionamentos mais negativos em relação a imigrantes ilegais: somente 21% apoiam a possibilidade de que estes que se tornem residentes legais, 41% apoiam que sejam deportados, 63% os consideram uma ameaça aos costumes e valores americanos e 62% os classificam como um fardo à nação, tomando empregos e benefícios estatais (COX et al., 2014).

Nesse sentido, o nacionalismo do *Tea Party*, assim como de outros movimentos anteriores, também ressaltava aspectos étnicos e culturais em sua retórica. Por ter como um de seus princípios fundadores a oposição à presidência de Obama – a figura de liderança do *establishment* político de Washington –, a narrativa direcionada ao então presidente, mesmo não atacado diretamente sua raça, ainda assim atacava sua legitimidade baseada em elementos étnicos, como sua possível não natividade, e culturais, sendo acusado de ser muçulmano. Apesar de a maior parcela de apoiadores do *Tea Party* ter sido uma das menos afetada pelos efeitos da crise econômica de 2008, narrativas de ameaça racial, ou seja, que sinalizassem para a perda do status social de uma maioria por um grupo minoritário, aumentavam a probabilidade de apoio ao *Tea Party* por parte de indivíduos brancos em até 10% em comparação com outros grupos (FEINBERG; WETTS; WILLER, 2016).

Portanto, essa dinâmica explica a presença de elementos históricos racialmente carregados, como a Bandeira dos Confederados, em protestos e comícios de *Tea Party* (TANENHAUS, 2013). Apesar de uma ausência de pensamentos claros acerca da política externa norte-americana, um elemento da reverência à força nacional do país que é marcante corresponde ao seu poderio militar. Mesmo com uma postura quase que isolacionista, na qual os EUA devem olhar mais para questões domésticas, o alto apoio às forças armadas seria um elemento que justificaria um investimento governamental maior no orçamento militar (LIEVEN, 2012, p. 159). Apesar de uma queda na popularidade do movimento, o nacionalismo do *Tea Party* viria a se manter como um elemento crucial na política do Partido Republicano. Com a candidatura de Donald Trump, essa tendência ficou mais clara: 61% dos apoiadores de Trump também apoiavam o *Tea Party* (PEW RESEARCH CENTER, 2019c).

3.3.3 As eleições presidenciais de 2012

Como abordado anteriormente, o Partido Republicano observava no crescimento de sua

base mais conservadora uma oportunidade, simultaneamente, enfraquecer a administração Obama com o avanço de sua agenda mais conservadora e obter maiores ganhos eleitorais. Com a eleição do representante republicano por Ohio, John Boehner, à presidência da Câmara dos Representantes em 2011, a implementação de pautas do *Tea Party* na agenda legislativa republicana se materializou em quatro demandas: um constitucionalismo fervoroso, com a obrigatoriedade de um representante em citar a concordância de um novo projeto de lei com a constituição nacional; diminuição do teto de gastos governamental, reduzindo a capacidade de endividamento do governo; cortar gastos, diminuindo consideravelmente o orçamento governamental; e repelir o *Affordable Care Act* (2010), caracterizado pelos republicanos como “Obamacare” (HALLORAN, 2011). Entretanto, se a expectativa do GOP seria de agradar politicamente o *Tea Party* através de acenos políticos e utilização da mesma retórica combativa, seus membros viriam a se mostrar uma força política difícil de ser controlada. Em relação a defesa das pautas do movimento no congresso, a fala de Amy Kremer, representante do *Tea Party Express*, exemplifica bem essa dinâmica: “Ninguém nunca disse que seria fácil, mas eles têm que descobrir como fazer isso, [...]. Não é muito cedo para começarmos a fazer nossa lista de novos alvos para [as eleições de] 2012.” (KREMER, 2011 *apud* HALLORAN, 2011, tradução nossa⁵⁵).

A influência do movimento já era perceptível nas primárias para a eleição presidencial de 2012. Assim como ocorreu com McCain em 2008, a candidatura de Mitt Romney à presidência também não agradou a base mais conservadora do partido – agora representada pelo *Tea Party*. Na percepção dos membros desse movimento, Romney representava o oposto do que o Partido Republicano deveria ser: parte tanto do *establishment* político quanto econômico e um conservador mais moderado. Desde o início da campanha, Romney nunca se apresentou como uma opção viável por parte do movimento. Em agosto de 2011, Rick Perry, ex-governador do Texas, obtinha 35% do apoio do *Tea Party*, enquanto Romney detinha apenas 14% (JONES, 2011). Além disso, figuras como Michele Bachman e Sarah Palin detinham uma popularidade maior entre eleitores ligados ao *Tea Party*, contando, respectivamente, com 40% e 31% contra 29% de Romney (PEW RESEARCH CENTER, 2011b). Ao final do mesmo ano, Newt Gingrich apresentava uma aceitabilidade de 82% dos apoiadores do movimento, ao passo que Romney obtinha 58% (NEWPORT, 2011). Logo, as pesquisas eleitorais do período demonstravam que ao longo das primárias o apoio do *Tea Party* orbitava entre diferentes nomes, exceto para o de Romney.

A resposta de sua campanha foi similar à de McCain: fazer mais acenos políticos à base do

⁵⁵ “No one ever said it was going to be easy, but they have to figure out how to do it, [...]. It's not too early to start making our 2012 target list”. (KREMER, 2011 *apud* HALLORAN, 2011).

Tea Party. A escolha de Paul Ryan, representante por Wisconsin, para a vice-presidência foi uma resposta ao fiasco de Palin na última eleição. Ao mesmo tempo em que Ryan representava alguém com ampla experiência em Washington, também poderia agradar a ala do *Tea Party* mais preocupada com o conservadorismo fiscal – o que de fato ocorreu. Todavia, o mesmo erro estratégico do GOP na última eleição acabou por se repetir e contribuir para a derrota de Romney em 2012. Ao mesmo tempo que o republicano utilizava a moderação para conquistar eleitores indecisos, apresentava ideias como “autodeportação” para imigrantes e realizava uma distinção da população entre *makers* – aqueles que apoiavam sua candidatura e buscavam produzir dentro da nação – e *takers* – a parcela de 47% de eleitores que se “apropriavam” de benefícios governamentais e que votariam em Obama. Novamente, o GOP buscava flertar com a ala mais ativista e conservadora de sua base ao mesmo tempo em que demonstrava não se comprometer totalmente com seus posicionamentos, resultando em uma derrota similar à de 2008 – já que Romney recebeu apenas 948,6 mil votos a mais que McCain (DIONNE JR, 2016, 360-379).

3.3.4 O GOP e Obama

A estratégia de obstrução do GOP postulada por McConnell antes do primeiro mandato de Obama viria a ser testada em seu máximo ainda em 2013. Repelir o *Affordable Care Act*, além de uma pauta forte dentro do *Tea Party*, era também uma prioridade do próprio partido desde 2010. Todavia, frente a impossibilidade de repelir o Obamacare pela via constitucional – dependendo da aprovação em um Senado majoritariamente democrata –, a ala mais conservadora do partido buscou barganhar a aprovação do orçamento federal para o ano seguinte somente com a condição de que o projeto democrata perdesse seu financiamento. Liderados por Ted Cruz, recém-eleito senador e defensor do *Tea Party*, essa ala conservadora observava dois cenários distintos que independentemente beneficiariam o GOP: se Obama cedesse, seria uma das maiores vitórias legislativas do partido, e, caso permitisse o *shutdown*, a culpa recairia ao Partido Democrata. Mesmo com a oposição de republicanos moderados e do próprio presidente da câmara, John Boehner, representantes liderados por Cruz iniciaram o impasse e serviços essenciais ao governo permaneceram fechados entre os dias 1 e 16 de outubro (KRUPKE, 2013).

A estratégia republicana, contudo, não obteve os resultados esperados. Obama não cedeu à barganha republicana e a culpa sobre o impasse orçamentário recaiu sob o GOP. Apesar de ambos os partidos sofrerem uma perda de popularidade no período do *shutdown*, uma vez que há uma tendência em culpar o Congresso como um todo, os republicanos sofreram a maior parte dos danos: com uma queda para 26% em sua favorabilidade e um crescimento de 62% em opiniões

desfavoráveis ao partido, ao passo que democratas detinham 43% de favorabilidade e 49% contrários (DUGAN, 2013). O movimento do *Tea Party* saiu ainda mais prejudicado desse impasse, alcançando seu índice mais baixo de aprovação, 30%, e seu pico em desaprovação, com 51% (WILKE, 2013).

Apesar de uma possível derrota republicana nas urnas ser o cenário mais esperado após o fiasco do *shutdown*, o atraso considerável na implementação do *Affordable Care Act* – com a queda do *website* e dificuldades de registro em seu lançamento – e a inação de Obama frente a utilização de armas químicas por Bashar al-Assad contra cidadãos sírios, mesmo após o presidente ter delimitado que a utilização dessas armas seria a “linha vermelha” dos EUA para tomar medidas drásticas na Síria, foram dois fatores que contribuíram para a perda de importância do impasse orçamentário e para um declínio na popularidade do presidente. Com a vitória do GOP nas *midterms* de 2014 e a recuperação do controle no Senado, a reeleição de figuras tradicionais dentro do partido frente a baixa ascensão de novos *outsiders* políticos poderia significar um desaparecimento da força política do *Tea Party* (DIONNE JR, 2016, p. 397-398).

Todavia, a consequência mais duradoura do movimento fora no crescimento do sentimento conservador na base republicana: em 2014, 92% dos republicanos se consideravam mais conservadores do que o democrata médio, ao passo que 94% dos democratas eram mais liberais que o republicano médio (PEW RESEARCH CENTER, 2014). Logo, o *Tea Party*, ao mesmo tempo em que tornou o GOP e sua base mais conservadores, acabou por ser internalizado dentro do partido, tornando mais difícil a distinção entre figuras eleitas sob a plataforma do movimento e entre republicanos convencionais.

Se a lógica de atuação do GOP continuaria a ser a de uma oposição constante à Obama, a estratégia do presidente em atuar politicamente através de normas executivas em temas mais sensíveis ao GOP e sua base – como a reaproximação com Cuba, a conclusão de um Acordo Nuclear com o Irã e legalização da situação de mais de 5 milhões de imigrantes ilegais no país – e a utilização de *fillibusters*⁵⁶, agora por parte de democratas no Senado, para impedir a votação de pautas republicanas de bloqueio ao Obamacare, viriam a ser outras variáveis que contribuiriam cada vez mais para uma polarização entre os partidos e seus eleitores e, consequentemente, para a potencialização de um sentimento de insatisfação já existente perante os dois partidos. Ao longo da campanha presidencial de 2016, esse sentimento voltaria a ser explorado mais extensivamente

⁵⁶ Corresponde a uma estratégia política que impede que uma legislação seja apreciada e votada em sessão. Sendo necessário que 60 senadores encerrem o debate, a lei da casa permite que todo e qualquer representante debata pelo tempo que julgar necessário todo e qualquer tema. Logo, o mesmo senador acaba por discorrer por horas sobre temas – muitas vezes aleatórios – até que outra parte abandone a intenção de votar a legislação discutida. A maior *fillibuster* perdurou por mais de 24 horas (REYNOLDS, 2020).

pelo então empresário, Donald Trump. Replicando tendências cada vez mais presentes na base conservadora do partido, Trump viria a liderar uma revolução política no GOP (DIONNE JR, 2016, p. 401-416).

4 O NACIONALISMO NA ERA TRUMP (2017-2020)

No período que antecedeu as eleições presidenciais de 2016, Donald John Trump já era uma figura altamente popular tanto na esfera dos negócios imobiliários e na cultura midiática quanto na política. Em três ocasiões distintas, Trump participou dos movimentos iniciais de corridas presidências no país, vindo a retirar sua candidatura sem conquistar a nomeação de um partido. Em 1988 e 2012, disputou a nomeação presidencial pelo Partido Republicano e, em 2006 e 2014, considerou concorrer como governador de Nova Iorque pelo mesmo partido. Todavia, em 2000, Trump havia tentado a nomeação pelo Partido Reformista, fundado por Ross Perot, se colocando como uma alternativa menos extrema frente as declarações antissemitas e anti-imigração de Pat Buchanan.

Apesar de suas candidaturas terem sido efêmeras e repetidas vezes observadas como um golpe publicitário – tendo em vista que nas eleições de 2000, por exemplo, aproveitou a oportunidade para lançar o livro *The America We Deserve* –, os discursos de Trump apresentavam um padrão claro: a América estava sendo roubada e usurpada por adversários e aliados, logo, um *outsider* seria a única alternativa para que “os melhores acordos” fossem firmados. Ao mesmo tempo em que fazia uso dos ciclos presidenciais para promover sua imagem, Trump, mesmo que não intencionalmente, construía uma base de popularidade política que viria a ser finalmente capitalizada em 2016 (CURTIS, 2021).

A centralidade da popularidade de sua figura não era um elemento reservado somente ao eleitorado republicano, mas também presente em figuras dentro do GOP. Em sua campanha presidencial, Mitt Romney considerou o apoio de Trump como um dos momentos mais altos de sua trajetória eleitoral, elogiando o conhecimento do empresário sobre a economia do país e seu posicionamento contrário ao “roubo” praticado pela China em acordos com os EUA (PRESTON; SILVERLEIB, 2012). A dinâmica de Trump com o GOP, especialmente após 2015, acaba por se tornar mais conturbada, frente os rumos que sua candidatura poderia levar o partido.

O *slogan* publicitário de seu livro nas eleições de 2000 demarcava uma dinâmica antiga que viria a se concretizar após os inícios das primárias republicanas, “Donald Trump para presidente? Concorrendo ou não, as ideias de Donald Trump terão um grande impacto na próxima eleição presidencial” (TRUMP, 2000 *apud* CURTIS, 2021, tradução nossa⁵⁷). Logo, a primeira parte desse capítulo irá discorrer sobre o processo de ascensão política de Trump nas eleições de

⁵⁷ “Donald Trump for President? Run or not, Donald Trump’s ideas will have a major impact on the next Presidential election.” (TRUMP, 2000 *apud* CURTIS, 2021).

2016 e os motivos que levaram a sua vitória. A segunda parte tem como objetivo compreender a forma pela qual o presidente explorou e instrumentalizou o sentimento nacionalista em diferentes frentes e as políticas adotadas e defendidas pela administração.

4.1 As primárias republicanas, as eleições de 2016 e a plataforma de Trump

As primárias republicanas iniciadas em 2015 contaram com 17 representantes na disputada pela nomeação do partido, ao passo que a disputa democrata se concentrou em dois grandes nomes: a ex-Secretária de Estado, Hillary Clinton, e Bernie Sanders, senador pelo estado de Vermont. Logo, havia não somente uma disputa pela nomeação presidencial, mas de como e de quem seria a nova imagem do GOP após dois mandatos de Obama. A corrida foi iniciada em 23 de março de 2015 com a candidatura do senador Ted Cruz, que buscava não reformar os rumos adotados pelo partido nos últimos anos, mas se apresentar como um herdeiro natural da revolução política causada pelo *Tea Party* – sendo a liderança do movimento na disputa.

Ao mesmo tempo, as primárias contaram com figuras já conhecidas dentro do partido, como Lindsey Graham, Chris Cristie, Rick Perry e um dos nomes favoritos do partido ao início das primárias, Jeb Bush, irmão do ex-presidente George W. Bush. Assim como McCain e Romney fizeram, Jeb se apresentou como um republicano moderado, mas com valores conservadores fortes, buscando conquistar um eleitorado-chave ao partido, os hispânicos.

Apesar de seu favoritismo, Jeb, frente o eleitorado republicano, não foi capaz de transmitir a imagem de uma liderança firme, fazendo com que o senador Marco Rubio – anteriormente eleito na plataforma do *Tea Party* – retese o maior apoio da base moderada de eleitores, justamente por seus posicionamentos mais conciliadores em relação a uma reforma na imigração, por exemplo. Destarte, como havia acontecido com o *Tea Party*, *outsiders* políticos acabariam por conquistar a liderança em grande parte do segundo semestre de 2015, tendo como destaque a candidatura de Trump e a de Ben Carson, um famoso neurocirurgião no país (BIALIK, 2016).

Por tecer críticas fortes à Obama durante sua administração, Carson, até dezembro de 2015, liderou as pesquisas junto de Trump (HUFFPOST POLLSTER, 2016). Todavia, sua não familiaridade com política exterior no debate realizado em novembro lhe custou grande parte de seu apoio, após afirmar que havia a presença de autoridades chinesas no conflito na Síria. Além disso, os ataques terroristas ocorridos em Paris no mesmo período tornaram difícil uma recuperação de sua campanha – perdendo a segunda colocação para Ted Cruz (SMITH, 2016).

Apesar de Cruz ter trilhado sua carreira como um político ativista do *Tea Party* e se oposto ao *establishment* político de Washington, a disputa pela nomeação contra Trump fez com que o

senador buscassem se apresentar como uma figura que, mesmo sendo antissistema, seria uma opção mais viável e menos radical que o empresário. Todavia, desde o início de sua campanha, Trump conseguiu se destacar não somente pelo elemento de *outsider* ou de seu histórico no mundo dos negócios, mas sim pela sua comunicação dinâmica em redes sociais – especialmente no *Twitter* – e por críticas tecidas à quase todos os candidatos republicanos e figuras tradicionais no partido, variando desde suas capacidades até suas aparências e criando apelidos que transmitiam uma ideia clara e sucinta aos eleitores: “*Little* Marco Rubio, “*Lying*” Ted Cruz, e “*Low Energy*” Jeb Bush.

Além disso, seus posicionamentos sem filtros acerca de temas como a imigração e uma possível decadência dos Estados Unidos o colocaram em um patamar de conexão direta com eleitores diretamente afetados por transformações intensas no setor industrial norte-americano. Trump foi capaz de unificar as demandas e anseios da parcela mais conservadora de eleitores, simpatizantes do *Tea Party*, com a parcela mais moderada e descontente de trabalhadores (SEVASTOPULO, 2016). Em abril de 2016, Trump já possuía o apoio de 44% dos membros desse movimento, ao passo que Cruz detinha 35% (PEW RESEARCH CENTER, 2019c). A escolha de Mike Pence, ex-governador do Indiana, para a vice-presidência também foi uma forma de agradar os conservadores moderados, justamente por possuir apoio da família Koch⁵⁸ e por seu fervoroso conservadorismo social e religioso (NESBIT, 2016).

Donald Trump [...] conseguiu [a nomeação] falando mal de mexicanos e endossando a deportação em massa de imigrantes ilegais [...] Ele conseguiu condenando a liderança dos Estados Unidos em termos que todos pudessem entender. [...] Sua força era uma medida da profunda desilusão e radicalização no Partido Republicano [...]. Havia muitas razões pelas quais os republicanos podiam se culpar pelo fenômeno Trump. O partido havia criado a besta rude que estava tentando matar. (DIONNE JR, 2016, p. 434-436, tradução nossa⁵⁹).

Após o acirramento da disputa com Cruz, os meses que se seguiram até a nomeação de Trump foram marcados por ataques direcionados a aparência da esposa do senador, uma ligação de seu pai com o assassino de John F. Kennedy, Lee Harvey Oswald, a ilegitimidade de sua cidadania norte-americana – uma vez que Cruz havia nascido no Canadá – (TATUM, 2016) e acusações de que o senador havia roubado os resultados das primárias em Iowa, na qual Trump havia perdido (TENNER, 2016). O aumento na popularidade de Trump e a inevitabilidade de

⁵⁸ Grupo empresarial que, além de atividades ligadas ao mercado, busca financiar e promover pautas conservadoras e de livre-mercado na sociedade norte-americana (NESBIT, 2016).

⁵⁹ “Donald Trump [...] did it by trashing Mexicans and endorsing the mass deportation of illegal immigrants [...] He did it by condemning the leadership of the United States in terms everyone could understand. [...] His strength was a measure of the depth disillusionment and radicalization in the Republican Party [...] There were many reasons why the Republicans could blame themselves for the Trump phenomenon. The Party had created the rough beast it was denly trying to slay.” (DIONNE JR, 2016, p. 434-436).

sua vitória nas primárias foi marcado inicialmente por uma total recusa de membros do partido ao empresário para uma divisão dentro do partido, entre aqueles que garantiram seu apoio a um candidato do qual haviam criticado vorazmente nos meses anteriores e os que se opuseram até os momentos finais do início da disputa com Clinton – ou até a confirmação da vitória de Trump (CALDWELL, 2016).

A oficialização da nomeação de Trump na Convenção Nacional Republicana (RNC) de 2016 ainda foi marcada por manifestações de eleitores e delegados republicanos contrários à sua nomeação (TAYLOR, 2016) e pela recusa do segundo colocado, Ted Cruz, em apoiar a candidatura de Trump. No discurso que proferiu na convenção, Cruz, abafado por uma mistura de aplausos e vaias, suplicou ao eleitor republicano que “Se você ama nosso país e ama nossas crianças, se posicione, fale, e vote com sua consciência, vote em candidatos nos quais você confia para defender nossa liberdade e para ser fiel à constituição.” (CRUZ, 2016 *apud* BECKWITH, 2016, tradução nossa⁶⁰).

Se a campanha das primárias de Donald Trump foram pautadas por uma estratégia demasiadamente agressiva contra oponentes de seu próprio partido, a campanha contra Hillary Clinton não seria diferente. Entre debates, anúncios e comícios, ataques contra Clinton variaram desde sua aparência, saúde mental e física – uma vez que a democrata havia contraído uma pneumonia no decorrer da campanha –, lealdade ao seu matrimônio com Bill Clinton, classificações agressivas, como “o diabo”, “mentirosa” e “um monstro”, e ameaça de colocar a candidata na cadeia caso fosse eleito (SCHRECKINGER, 2016; WORLAND, 2016).

Por trás dos insultos, Trump buscou se distanciar do debate eleitoral convencional, se portando como uma figura política mais próxima da base de eleitores frente Clinton, que teve sua imagem de uma liderança democrata do *establishment* político constantemente reforçada ao longo da campanha. Posteriormente, Clinton viria a admitir em suas memórias a capacidade de Trump nas eleições em energizar seu público e a parcela indecisa e insatisfeita, ao passo que a democrata se colocava como uma figura menos cativante e mais focada na apresentação de novas políticas: “Esse era o meu problema com muitos eleitores: pulei a energização e fui direto para a solução” (CLINTON, 2017 *apud* KAMARCK, 2017, tradução nossa⁶¹).

Ao mesmo tempo em que acabou por gerar uma reação de ultraje por parte dos outros eleitores, alguns membros do GOP, o Partido Democrata e a maior parte dos veículos jornalísticos,

⁶⁰ “If you love our country, and love our children as much as you do, stand, and speak, and vote your conscience, vote for candidates up and down the ticket who you trust to defend our freedom, and to be faithful to the constitution.” (CRUZ, 2016 *apud* BECKWITH, 2016).

⁶¹ “That was my problem with many voters: I skipped the venting and went straight to the solving.” (CLINTON, 2017 *apud* KAMARCK, 2017).

o estilo da campanha de Trump conseguiu cativar uma grande parcela de eleitores que, nos últimos ciclos presidenciais, não haviam encontrado a mesma energia em McCain ou Romney. Mesmo com a maioria das pesquisas apontando para uma eventual derrota, Trump obteve 304 votos no colégio eleitoral contra 227 de Clinton. Posteriormente, foi possível identificar que o erro presente em quase todas as pesquisas realizadas se deu por dois fatores.

O primeiro deles foi o entendimento de que pesquisas nacionais poderiam indicar o resultado no colégio eleitoral da mesma forma que pesquisas individuais em cada estado. Todavia, as pesquisas nacionais foram capazes de prever Hillary como a vencedora no voto popular, obtendo mais de 2,8 milhões de votos a mais que Trump. O outro erro foi identificado no ponto de condução das pesquisas, entrevistando indivíduos mais escolarizados que não compunham a maior parte do eleitorado de Trump e tratando cada estado como um cenário individual e distinto dos outros, não levando em considerações tendências e acontecimentos nacionais que poderiam influenciar de forma similar o eleitorado em diversos estados (TAMMAN; FAULCONBRIDGE, 2016).

Apesar de inusitada, a vitória de Trump encontra explicações em diversos elementos que estão diretamente ligados desde o sistema eleitoral norte-americano até aspectos mais subjetivos na percepção dos eleitores. Obviamente, o colégio eleitoral, como na eleição de Bush em 2000, permitiu que Trump garantisse a presidência mesmo com uma diferença considerável de votos em relação a Hillary. Além disso, o comparecimento às urnas foi expressivamente mais baixo que em 2012 – com 700 mil eleitores a menos. O descontentamento de eleitores democratas mais jovens com a derrota de Sanders nas primárias e a insatisfação com os dois candidatos que acabou por resultar na escolha de candidatos menores, resultando em 4,8 milhões de votos a menos para Clinton em relação a Obama na última eleição, e a percepção popular de que, com base nas pesquisas, Trump perderia com uma diferença ainda muito alta, foram elementos que explicam o baixo comparecimento (MONTANARO, 2016).

Trump adotou uma visão mais estratégica que Clinton: realizou campanhas e comícios em estados-chave que poderiam ter os votos convertidos em seu favor até o dia das eleições, passando 50% mais tempo que Hillary nesses estados nos últimos 100 dias das eleições (TERRELL, 2016). Consequentemente, a vitória de Trump na região do *Rust Belt*⁶² americano, uma das regiões do país mais afetada por transformações socioeconômicas, pode ser compreendida através do forte processo de desindustrialização nessa região e das mudanças sociais e culturais enfrentadas:

⁶² Também conhecida como Cinturão da Ferrugem, corresponde a região antes conhecida por prósperas indústrias de ferro e aço, recebendo esse nome por conta das fábricas abandonadas e a decadência urbana que marcou a região desde 1970. Inclui partes de Nova York, Pensilvânia, Ohio, Michigan, Indiana, Illinois e Wisconsin (ABADI; GAL, 2018).

O Rust Belt revoltou-se contra o desenrolar de uma nova economia neoliberal e uma sociedade multicultural. O fato dessa transformação econômica não é novidade, as pessoas falam nisso há anos. Na verdade, formuladores de políticas, políticos e jornalistas também pararam de falar sobre isso, provavelmente porque estavam exaustos com a conversa. [...] Trump venceu em Ohio, Indiana e no Oeste da Virginia, mais ou menos conforme o esperado, mas também venceu na Pensilvânia, Michigan e Wisconsin. Ele quase venceu o Minnesota. Trump rompeu a coalizão democrata e o fez de forma decisiva. Os votos que mudaram foram no Rust Belt. (McQUARRIE, 2016, p. 1-2, tradução nossa⁶³)

Apesar de ser necessário um trabalho mais aprofundado acerca do grau de influência nos resultados eleitorais, a intervenção da Rússia nas eleições deve ser destacada como um fator de possível influência na percepção de eleitores, uma vez que foi responsável pelo vazamento de milhares de e-mails secretos e comprometedores de Clinton⁶⁴ enquanto era Secretária de Estado – ajudando a narrativa de Trump que tratava a democrata como uma criminoso –, por promover eventos e comícios pró-Trump em diversos estados e impulsionar notícias falsas em redes sociais que favoreciam o candidato republicano (ABRAMS, 2019).

Todavia, os elementos discursivos mais subjetivos de sua campanha, além de nada convencionais, também auxiliaram em sua vitória. Trump resgatou ao longo de sua campanha dois presidentes com legados distintos no GOP: Richard Nixon, com um legado mais controverso, e Ronald Reagan, com um legado mais positivo. O resgate de Nixon foi observado em sua forma de comunicação com o eleitor, falando da volta da “maioria silenciosa”, que tomaria as rédeas da nação, e de um cenário de insegurança urbana generalizado, do qual seria necessário a volta da “lei e da ordem”. O uso desse termo encontra suas origens em um período marcado por tensões raciais com a polícia no país, no qual a campanha presidencial de Nixon em 1968 utilizou-se do termo como uma forma de assegurar o uso da força policial para que a ordem fosse garantida (DIONNE JR, 2016, p. 438). Além de fazer referência a um período racial complexo, Trump utilizou-se do slogan em sua campanha como uma forma de caracterizar o momento recente como o de um declínio nacional e moral, resultando em um cenário catastrófico para o país:

O sonho americano estará em risco. A cidade brilhante na colina começará a parecer um naufrágio em cidades centrais. Não será de manhã na América, como disse o presidente Reagan. Estaremos de luto pela América, uma América que se

⁶³ “The Rust Belt revolted against the rolling out of a neoliberal New Economy and multicultural society. The fact of this economic transformation is nothing new, people have been talking about it for years. In fact, policy makers, politicians, and journalists had also stopped talking about it, probably because they were exhausted by the conversation. [...] Trump won Ohio, Indiana, and West Virginia, more or less as expected, but he also won Pennsylvania, Michigan, and Wisconsin. He nearly won Minnesota. Trump cracked the Democratic coalition and he did so decisively. The votes that switched were in the Rust Belt.” (McQUARRIE, 2016, p. 1-2).

⁶⁴ A polêmica envolvendo os e-mails de Clinton foi ainda mais potencializada pelo fato de terem sido mensagens confidenciais trocadas em um aparelho particular, podendo trazer comprometimentos e riscos à segurança nacional (ABRAMS, 2019).

perdeu no comando de Obama. O dólar vai cair assim como moeda corrente internacional. Nossa economia vai entrar em colapso novamente [...]. E a China substituirá a América como a potência econômica número um do mundo. (TRUMP, 2016, p. 4, tradução nossa⁶⁵).

Em seu livro *Time to Get Tough: Make America Great Again* (2016), relançado nas eleições com o slogan de campanha como subtítulo, Trump apresenta os problemas essenciais que inibem a grandeza norte-americana. Em capítulos com títulos autoexplicativos, como “Pegue o petróleo”, “Taxe a China para salvar os empregos Americanos”, “Isso se chama imigração ilegal por uma razão” e “Aumentando o músculo Americano”, Trump apresenta o cenário internacional como uma mesa de negociações direta, na qual os Estados Unidos deveriam tomar atitudes mais assertivas, como elevar gastos militares frente ameaças reais – no caso, o Irã (p. 97) –, tomar controle de reservas de petróleo do Iraque antes que o Irã o fizesse (p. 11), processar a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, OPEB (p. 21-23), se livrar de imigrantes ilegais – já que, segundo o presidente, o governo pagava pela educação dos filhos desses imigrantes (p. 139) – e taxar a China em 25% em todos os seus produtos exportados (p. 41) e trazer empregos na indústria de volta ao país (p. 37). Além disso, caracteriza a mídia, Obama e o *Affordable Care Act*, o *welfare state*, democratas e republicanos “fracos” como os inimigos internos que enfraqueceram o país, transformando-o em “[...] um alvo de chacota, o garotinho chorão do mundo, culpado por tudo, creditado por nada, sem respeito.” (TRUMP, 2016, p. 2, tradução nossa⁶⁶).

Portanto, seu mantra de campanha, *Make America Great Again*, é uma derivação do *Let's Make America Great Again* de Reagan, nos anos 80. Nesse sentido, Trump buscou cultivar um sentimento de grandeza nacional do país enquanto potencializava um cenário de declínio contemporâneo do poder americano – narrativa já explorada com menos intensidade pelo GOP. O período de grandeza do país, segundo Trump, remetia ao final da década de 1940 e início de 1950. “Se você olhar para trás, realmente um período em que estávamos nos desenvolvendo na virada do século e que foi uma época muito selvagem para este país e muito selvagem em termos de construção daquela máquina, aquela máquina era realmente baseada no empreendedorismo. [...] não éramos pressionados, éramos respeitados por todos, tínhamos acabado de ganhar uma guerra, estávamos praticamente fazendo o que tínhamos que fazer.” (TRUMP, 2016 *apud* KRIEG, 2016,

⁶⁵ “The American Dream will be in hock. The shining city on the hill will start to look like an inner-city wreck. It won't be morning in America, as President Reagan put it. We'll be mourning for America, an America that was lost on Obama's watch. The dollar will fall as the world's international currency. Our economy will collapse again [...]. And China will replace America as the world's number one economic power.” (TRUMP, 2016, p. 4).

⁶⁶ “[...] a laughingstock, the world's whipping boy, blamed for everything, credited for nothing, given no respect.” (TRUMP, 2016, p. 2).

tradução nossa⁶⁷).

Donald Trump contrapunha esse período – que também antecede as ebulições sociais da década de 1960 – com o período globalizado recente, marcado pela desindustrialização do país, ameaças exteriores – como o terrorismo e o crescimento da imigração – e as pressões internacionais de aliados e oponentes frente os Estados Unidos e sua responsabilidade de manutenção da ordem internacional. Logo, o sentimento de perda da identidade nacional, decorrente do avanço do multiculturalismo, e a sensação popular de que tanto os partidos convencionais quanto as próprias instituições políticas do país não estavam preocupados em proteger esse elemento, permitiu com que Trump pudesse explorar a desconfiança de eleitores em relação as instituições políticas do país assim como questões de ordem cultural. Além disso, durante discursos, Trump não deixava claro à qual “período de ouro” ele fazia referência, permitindo que seus eleitores, das mais diversas faixas etárias, pudessem interpretar subjetivamente qual período lhes convinha resgatar – e até mesmo o que seria tal grandeza (McGANN, 2016).

Ao longo das últimas décadas, o Partido Republicano observava possibilidades de explorar sentimentos nacionalistas dentro de seu eleitorado como uma forma tanto de obter capital político quanto fortalecer sua oposição frente governos democratas. Os membros do GOP buscaram explorar esses sentimentos de forma controlada, não se comprometendo completamente com posicionamentos ou políticas extremas e se distanciando de movimentos como o *Tea Party* quando possível. Entretanto, republicanos detinham a percepção falha de que eram capazes de “controlar” o crescimento desses sentimentos e dessa retórica dentro de seu partido e de sua base de eleitores. Quanto mais o partido flertava e não se comprometia completamente com esses sentimentos, a insatisfação em sua base e a percepção de que o GOP não era capaz de “ir longe o bastante” somente cresceu – especialmente na era Obama. Donald Trump não buscou revolucionar o GOP através de sua campanha. Trump, como qualquer indivíduo do mundo dos negócios, foi capaz de observar os sinais e atender as expectativas de uma “maioria silenciosa”.

4.2 Trump e o neonacionalismo

Em 20 de janeiro de 2017, Donald Trump tomou posse como o 45º presidente do país.

⁶⁷ “If you look back, it really was, there was a period of time when we were developing at the turn of the century which was a pretty wild time for this country and pretty wild in terms of building that machine, that machine was really based on entrepreneurship. [...] we were not pushed around, we were respected by everybody, we had just won a war, we were pretty much doing what we had to do.” (TRUMP, 2016 *apud* KRIEG, 2016).

Após uma campanha agressiva contra seus oponentes, era esperado que Trump buscasse amenizar sua retórica e promover a união nacional. O início de seu discurso de posse parecia sinalizar justamente para isso, prestando elogios à Barack Obama e Michele Obama no auxílio do processo de transição. Todavia, o discurso de Trump não sinalizou uma correção de rumos como esperado, operando mais como uma sabatina das narrativas que apresentou ao longo da campanha. O poder, segundo Trump, estava sendo retirado das mãos de uma elite, que buscou se enriquecer às custas da nação, e devolvido de volta ao povo americano – e especialmente aqueles que foram “esquecidos” nas últimas administrações. Ao mesmo tempo em que defendia que os Estados Unidos era uma nação única e unificada perante um mesmo povo e Deus, o presidente resgatava a narrativa de decadência, criando uma visão de um país que estava longe de ser grande novamente.

Mas para muitos de nossos cidadãos, existe uma realidade diferente: mães e filhos presos na pobreza em nossas cidades do interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem de nossa nação; um sistema educacional cheio de dinheiro, mas que deixa nossos jovens e belos alunos privados de conhecimento; e o crime e gangues e drogas que roubaram muitas vidas e roubaram nosso país de tanto potencial não realizado. [...] Por muitas décadas, enriquecemos a indústria estrangeira às custas da indústria americana; subsidiamos os exércitos de outros países, permitindo o triste esgotamento de nossos militares; defendemos as fronteiras de outras nações enquanto nos recusamos a defender as nossas; e gastamos trilhões de dólares no exterior enquanto a infraestrutura da América estava em ruínas e decadência. Tornamos outros países ricos, enquanto a riqueza, a força e a confiança de nosso país desapareceram no horizonte. Uma por uma, as fábricas fecharam e deixaram nossas costas, sem nem mesmo pensar nos milhões e milhões de trabalhadores americanos que ficaram para trás. A riqueza de nossa classe média foi arrancada de suas casas e depois redistribuída por todo o mundo. [...] Deste dia em diante, uma nova visão governará nossa terra. A partir deste momento, será o *America First*. (TRUMP, 2017, tradução nossa⁶⁸).

Em seu discurso de posse, Trump deixava claro que o cenário que os Estados Unidos enfrentavam naquele momento era uma “carnificina” americana que iria cessar com sua presidência, uma vez que os EUA voltariam a “ganhar como nunca” (TRUMP, 2017). Os dias seguintes que se sucederam após sua posse também foram uma reafirmação das estratégias

⁶⁸ “But for too many of our citizens, a different reality exists: Mothers and children trapped in poverty in our inner cities; rusted-out factories scattered like tombstones across the landscape of our nation; an education system, flush with cash, but which leaves our young and beautiful students deprived of knowledge; and the crime and gangs and drugs that have stolen too many lives and robbed our country of so much unrealized potential. [...] For many decades, we’ve enriched foreign industry at the expense of American industry; Subsidized the armies of other countries while allowing for the very sad depletion of our military; We’ve defended other nation’s borders while refusing to defend our own; And spent trillions of dollars overseas while America’s infrastructure has fallen into disrepair and decay. We’ve made other countries rich while the wealth, strength, and confidence of our country has disappeared over the horizon. One by one, the factories shuttered and left our shores, with not even a thought about the millions upon millions of American workers left behind. The wealth of our middle class has been ripped from their homes and then redistributed across the entire world. [...] From this day forward, a new vision will govern our land. From this moment on, it’s going to be America First.” (TRUMP, 2017).

utilizadas ao longo de sua campanha. Quando comparadas as imagens do público presente na posse de Obama, em 2007, com o de Trump, é claramente perceptível um maior número de indivíduos presentes na posse de Obama, como aponta a Figura 4. Apesar de uma evidência visual difícil de ser contestada, Sean Spicer, então Secretário de Imprensa da administração Trump, afirmou, apenas dois dias após a posse, que aquela era a “[...] maior audiência a testemunhar uma cerimônia de posse, ponto. Tanto pessoalmente quanto ao redor do globo.” (SPICER, 2017, *apud* HUNT, 2017, tradução nossa⁶⁹).

No dia seguinte, Kellyanne Conway, então Conselheira do Presidente, concedeu uma entrevista para o jornalista Chuck Todd da NBC que viria a demarcar um padrão que viria a se repetir ao longo da administração Trump. Após ser questionada sobre o motivo que levaria Spicer a mentir sobre um fato tão simples, Conway afirmou que o secretário não havia mentido, mas sim apresentado “fatos alternativos”. O jornalista contra argumentou afirmando que fatos alternativos seriam a mesma coisa que afirmações falsas, sendo rebatido por Conway: “Seu trabalho não é chamar de ridículo as coisas que dizem nosso secretário de imprensa e nosso presidente. Esse não é o seu trabalho.” (CONWAY, 2017 *apud* BRADNER, 2017, tradução nossa⁷⁰). Nesse sentido, a administração de Trump também daria continuidade a sua estratégia de campanha de rivalizar frente críticas e não ceder a pressões exteriores, principalmente se essas viessem da mídia e de democratas. Cabe pontuar que o objetivo aqui não é fazer um levantamento histórico dos acontecimentos que marcaram os quatro últimos anos. O objetivo central é compreender os efeitos dos discursos e práticas nacionalistas por parte do governo Trump no *Grand Old Party*, sendo necessário, primeiramente, compreender qual o tipo de nacionalismo resgatado por Trump.

⁶⁹ “[...] largest audience ever to witness an inauguration, period, both in person and around the globe.” (SPICER, 2017, *apud* HUNT, 2017).

⁷⁰ “Your job is not to call things ridiculous that are said by our press secretary and our president. That's not your job.” (CONWAY, 2017 *apud* BRADNER, 2017).

Figura 4 – Público na cerimônia de posse de Obama, à esquerda, e de Trump, à direita.



“Fonte: CNN (2016).”

4.2.1 As características e estratégias do neonacionalismo

Nos capítulos anteriores foram introduzidos os conceitos e exemplos práticos dos distintos tipos de nacionalismos no Partido Republicano ao longo das últimas décadas. Todavia, classificar a administração Trump como um nacionalismo conservador com inclinações ao nacionalismo cultural ou étnico seria simplificar demasiadamente a presença do nacionalismo nesse período. Ao longo dos últimos quatro anos, Trump demonstrou empregar de forma deliberada elementos do nacionalismo cultural, étnico, conservador, econômico e revolucionário com aspectos ligados ao populismo político e estratégias de polarização política. Trump se aproximou de outras lideranças políticas contemporâneas, como Viktor Órban, Jair Bolsonaro, Vladimir Putin, Geert Wilders, dentre outros, que empregam elementos similares nas dinâmicas políticas de seus países. Nesse sentido, o conceito do neonacionalismo introduzido no Capítulo 1, além de encontrar respaldo na literatura acerca dos estudos do nacionalismo, se faz necessário ao trabalho justamente por demonstrar as estratégias utilizadas para unificar distintos tipos de nacionalismo e, consequentemente, sua finalidade política.

O cientista político islandês, Eiríkur Bergmann, um estudioso do nacionalismo contemporâneo na Europa e nos Estados Unidos, classifica o neonacionalismo como uma forma de nativismo populista. O elemento nativista se baseia na impossibilidade de conciliação de um grupo com a figura do “outro”, sendo “[...] a política que separa grupos de fora daqueles que

são considerados como constituindo ‘o povo’.” (BERGMANN, 2020, p. 38, tradução nossa⁷¹). Seu aspecto populista separa a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos: o povo contra uma elite corrupta, sendo o objetivo final da política atender a vontade geral desse povo. “O povo” descrito acima seria uma força moral homogênea, que constantemente tem sua vontade ignorada pela imposição dos interesses dessa elite. Logo, o populismo pode existir em diferentes formas, se atrelando a ideologias locais, como o liberalismo, socialismo e, no caso em questão, o nacionalismo (BERGMANN, 2020, p. 35-36).

A retórica neonacionalista busca transmitir originalidade em sua liderança e expor “performances roteirizadas” do *establishment* político ou midiático. Logo, a quebra de normas e convenções políticas é essencial ao neonacionalismo. Sua retórica pode ser caracterizada em quatro etapas: primeiro ocorre a declaração não convencional do líder, como uma fala racista; em seguida há uma contraofensiva de atores convencionais – mídia e classe política –, denunciando a declaração; o terceiro passo pode resultar em uma vitimização da liderança neonacionalista ou uma tentativa de desviar o foco da atenção dele para a classe política, visando igualar sua fala com atitudes anteriores e similares do *establishment*; e a última etapa corresponde a ofensiva da liderança, dramatizando o ciclo ocorrido, denunciando opositores e pregando a liberdade de expressão que é suprimida por uma elite opressora. Com o cenário contemporâneo de uma mídia multicanal que, conseqüentemente, busca explorar e denunciar declarações neonacionalistas absurdas, essas lideranças encontram uma forma eficaz de potencializar esse ciclo vicioso (BERGMANN, 2020, p. 43-44).

Além disso, cabe destacar que movimentos neonacionalistas encontram maiores chances de sucesso perante lideranças carismáticas, uma vez que possuem maior afinidade com figuras de liderança do que com partidos políticos convencionais. Cabe pontuar que, apesar de se distanciar do aspecto antidemocrático e da promoção direta da violência física do nacionalismo revolucionário, há um pensamento claro de que a democracia, assim como suas instituições, deve ser subordinada à vontade direta do “povo escolhido”. Logo, por promover a homogeneização de práticas e valores nacionais, o elemento democrático é corroído dentro da nação, desvalorizando-se direitos individuais, a separação dos poderes e os valores das instituições, caracterizando uma democracia iliberal regida conforme a vontade da maioria, segundo sua liderança política (BERGMANN, 2020, p. 44-46). Nesse sentido, dez características comuns ao neonacionalismo podem ser postuladas, conforme a Tabela 1:

⁷¹ “[...] the politics which separates outgroups from those who are considered as constituting ‘the people’.” (BERGMANN, 2020, p. 38).

Tabela 1 – Dez características comuns do Neonacionalismo.

Característica:	Descrição:
1. Nativismo	Utilização de narrativas mitológicas para unificar o grupo frente ameaças estrangeiras ou nacionais.
2. Exclusão	Dividem a sociedade entre “nós” e “eles” – que podem ser imigrantes, minorias e grupos políticos de oposição.
3. Liderança carismática	Operam com base nesse líder do qual detém uma “relação especial”.
4. Antielitista	São contra o <i>establishment</i> político e é altamente anti-intelectual.
5. Simplificação da realidade	Frente cenários complexos, optam por soluções simples que mobilizem e energizem sua base.
6. Apelo emocional	Atitudes que apelem mais para a emoção de seus apoiadores, mesmo que essas estejam embutidas de contradições severas.
7. Protecionismo	Apesar de se classificarem como liberais econômicos, tendem a ser extremamente protecionistas com a produção nacional.
8. Partidos autoritários ou conservadores	Os partidos dos quais se filiam normalmente são de conservadores sociais ou/com tendências autoritárias.
9. Democracia iliberal	Democracia corresponde à vontade do “povo escolhido”. Buscam uma comunicação direta através de canais próprios, especialmente por meio de redes sociais.
10. Menos multilateral	Em matéria de política exterior, não são adeptos de instituições e arranjos supranacionais.

“Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Bergmann (2020).”

Complementarmente, duas estratégias políticas são empregadas no neonacionalismo: o *Firehose of Falsehood* e o conceito da *Overton Window*, já abordado no início do trabalho. Apesar de recente, a primeira estratégia, também conhecida como “mangueira de mentiras”, busca compreender a estratégia e identificar o intuito político que se esconde por detrás à promoção de dados e fatos que, claramente, aparentam ser falsos. O conceito foi desenvolvido em 2016 pelos cientistas sociais Christopher Paul e Miriam Matthews como uma forma de explicar a propaganda política russa sob o governo de Putin. Posteriormente, passou a ser empregado como uma forma de compreender a fabricação de narrativas pela administração de Trump. Nesse sentido, a máquina

política de Trump possui quatro elementos que se originam dessa estratégia. [1] O alto volume de conteúdos políticos em canais múltiplos, como redes sociais, permite uma maior persuasão do público e um contato direto. [2] A produção rápida, contínua e repetitiva desses conteúdos permite que se crie um senso de familiaridade com base na repetição, o que leva a uma aceitação mais facilitada desse conteúdo. [3] A falta de comprometimento com a realidade objetiva se explica a partir dos dois últimos elementos, uma vez que a baixa capacidade da maior parte dos indivíduos em distinguir informações falsas de verdadeiras frente um fluxo elevado de conteúdo, temas familiares repetidos podem se tornar mais atraentes mesmo se falsos, ao passo que a construção de objetividade faz com que cenários evidentemente falsos aparentem certa credibilidade. Logo, com o controle da narrativa, há uma [4] falta de comprometimento com a consistência discursiva, uma vez que novas construções narrativas são aceitas se tiverem uma base mais “forte” do que anteriores (PAUL; MATTHEWS, 2016, p. 2-8).

Apesar de contra intuitivo, o objetivo final dessa estratégia não consiste em persuadir apoiadores, mas sim na demonstração de poder no cenário político. Emitir um alto volume constante de declarações absurdas sem segundas considerações denota uma alta confiança vezes ausente em lideranças políticas, fazendo com que seus apoiadores observem a força de seu líder e identifiquem fraqueza em oponentes políticos, que despendem tempo demasiado checando os fatos em cada frase pronunciada pelo presidente. Destarte, devendo ser a “verdade” um conceito simples e objetivo, quanto mais deve ser defendida, uma maior fragilidade aparenta. Nesse sentido, quando a *Overton Window* é utilizada em conjunto com o *Firehose of Falsehood*, pode servir como uma forma de identificar a presença de ideias e posicionamentos, antes inaceitáveis no debate político nacional, e deslocar a janela de Overton, tornando elementos inaceitáveis em ideias mais acessíveis. Logo, serão analisadas como essas estratégias e características neonacionalistas se fizeram presentes na administração Trump.

4.2.2 O neonacionalismo e sua instrumentalização na era Trump

Cabe frisar que o presente trabalho não tem como objetivo realizar uma retomada histórica completa e cronológica de discursos e políticas empregadas ao longo da administração Trump. Dessa forma, serão abordados elementos e acontecimentos essenciais que demonstrem como a administração Trump instrumentalizou o neonacionalismo na política e como empregou as estratégias apresentadas anteriormente. Logo, serão utilizadas as dez características comuns do neonacionalismo como base para analisar as políticas práticas e narrativas empregadas ao longo dos últimos quatro anos.

4.2.2.1 Nativismo e exclusão

Donald Trump, desde o início de sua campanha até o final de sua administração, buscou unificar sua base de apoiadores com base em uma narrativa de união nacional frente inimigos e ameaças ao potencial de grandeza nacional. Em 2015, durante seu discurso de lançamento de sua campanha, Trump já deixava claro qual seria seu tom acerca de imigrantes e o que eles representavam para a união nacional: “Quando o México envia seu povo, eles não estão enviando o melhor. [...] Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo o crime. Eles são estupradores. E alguns, presumo, são boas pessoas.” (TRUMP, 2015 *apud* PHILLIPS, 2017, tradução nossa⁷²). Também pontuou não somente o imigrante mexicano como uma única ameaça, mas caracterizou a imigração como uma ameaça difusa e em distintas frentes, podendo vir da América do Sul, América Latina e, especialmente, do Oriente Médio – no qual não traçou comparações e ligações de imigrantes dessa região com o Estado Islâmico (PHILLIPS, 2017). Os elementos que compõem essa narrativa são justificados a partir de percepções divididas dentro da sociedade norte-americana em relação ao multiculturalismo, como aponta o Gráfico 1.

Mesmo com uma visão majoritariamente positiva em relação ao papel de imigrantes na construção da identidade do país e em sua participação na sociedade, a parcela mais próxima do espectro mais conservador caracteriza imigrantes como um peso para economia e uma ameaça à identidade dos Estados Unidos. Cabe pontuar que, dentro desse campo mais conservador e republicano, conservadores mais próximos de sentimentos nacionalistas correspondem a parcela que mais caracteriza imigrantes como um fardo para o país (76%) e como um risco à identidade nacional (64%). No quesito do islamismo no país, apesar de 49% não considerarem uma ameaça, 43% o caracterizam como uma ameaça à segurança do país.

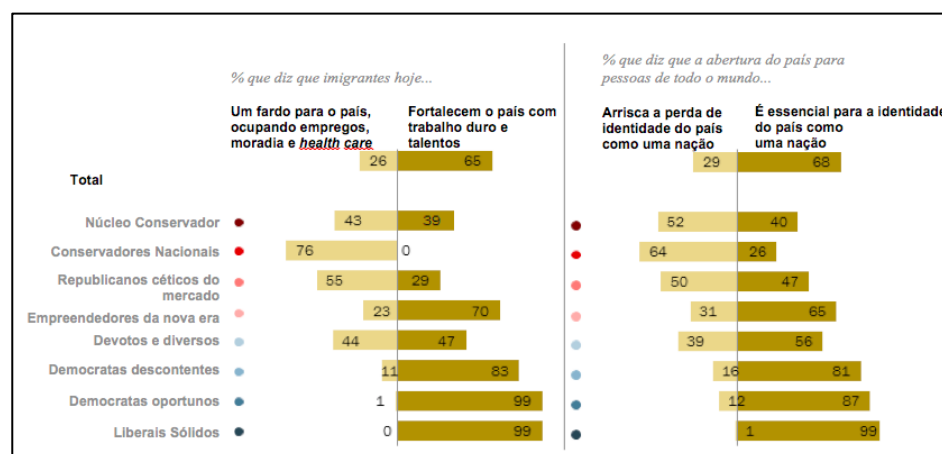
Além disso, 79% do núcleo mais conservador considera o islamismo como uma grave ameaça aos Estados Unidos. No quadro geral da população do país, quase metade de seus habitantes sentem-se “estranhos” em sua nação e mais da metade julgam que o *american way of life* não deve sofrer interferência de estrangeiros. Logo, 70% da população acredita que a fluência na língua inglesa seria um elemento crucial para ser caracterizado como um “verdadeiro americano” (PEW RESEARCH CENTER, 2017b). Todavia, apenas 52,2% dos imigrantes possuem proficiência na língua local. Cabe pontuar que o aspecto religioso não desempenha um

⁷² “When Mexico sends its people, they're not sending their best. [...] They're bringing drugs. They're bringing crime. They're rapists. And some, I assume, are good people.” (TRUMP, 2015 *apud* PHILLIPS, 2017).

elemento essencial para ser um “verdadeiro americano”, uma vez que apenas 32% da população julgam que ser a adesão ao cristianismo como um elemento essencial – sendo a cultura mais essencial do que a religião em si (PEW RESEARCH CENTER, 2019^a).

Frente as mudanças demográficas em curso e temas específicos em relação a identidade do país, sendo que 84% dos democratas observam a imigração como um aspecto positivo e 42% dos republicanos como algo negativo (PEW RESEARCH CENTER, 2017c), há uma clara ansiedade popular em relação a esse tema, justamente por 58% do total apontarem as relações raciais no país como ruins após a eleição de Trump (PEW RESEARCH CENTER, 2019^a). Além disso, há uma elevada preocupação em relação a preservação de identidades, uma vez que mais da metade de brancos, negros, latinos e asiáticos acreditam que existe uma discriminação contra seu grupo (HARVARD T. H. CHAN SCHOOL OF PUBLIC HEALTH; NPR, 2018, p. 4).

Gráfico 1 – Visões por inclinação ideológica acerca de imigrantes.



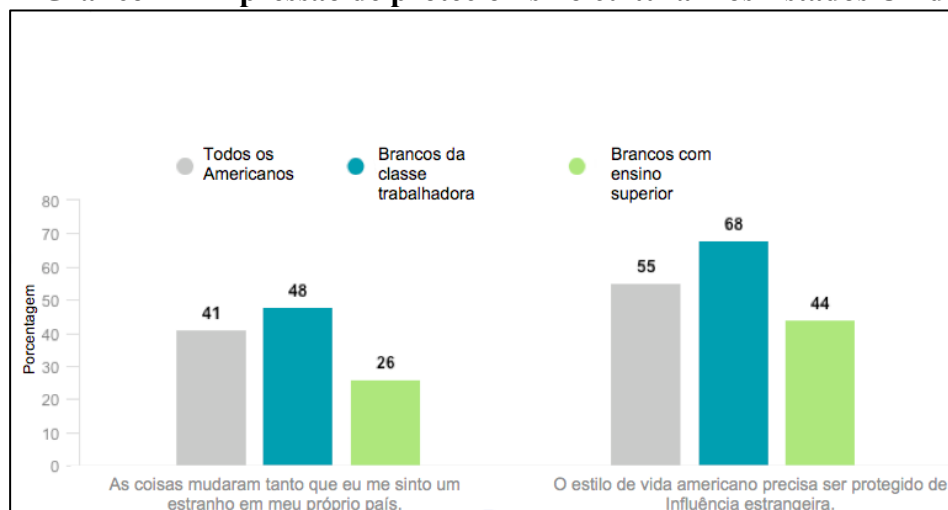
“Fonte: Traduzido pelo autor com base em Pew Research Center (2017a).”

Destarte, Trump construiu na maior parte de seu mandato uma narrativa pautada nesses sentimentos acerca dos imigrantes no país. Em comícios realizados entre fevereiro de 2017 e agosto de 2019, nos momentos em que se referia a imigrantes e temas de imigração, Trump utilizou 19 vezes o termo “invasores”, 31 vezes “predador(es)”, 32 vezes “matador(es)”, 34 vezes “animal”, 43 vezes disse que deveriam “dar o fora do país”, 189 vezes caracterizou como “criminoso(s)” e, em 219 vezes, utilizou o termo “estrangeiro(s) não naturalizado(s)” (BUCHHOLZ, 2019). Em relação ao termo “imigração e imigrantes”, Trump, desde Woodrow Wilson, foi o presidente que, proporcionalmente, mais utilizou essas palavras entre 2017 e 2019, as associando aos custos econômicos, a segurança nacional e a proteção de empregos perante a imigração. Além disso, foi presidente que mais utilizou as palavras “muro” e “muros”, estando estas associadas a necessidade de proteção nacional na fronteira com o México, buscando atender

as demandas de 68% e 41% dos eleitores republicanos que estariam a favor da redução da imigração ilegal e legal, respectivamente (PETULLA, 2019). Nesse sentido, Trump busca contribuir para a narrativa de que, frente um sistema migratório ultrapassado e pouco meritocrático, o país estava sendo “roubado” por forças exteriores e que sua identidade nacional estava sendo comprometida. O Gráfico 2 evidencia especialmente uma ansiedade da classe branca trabalhadora que se manifesta na necessidade de proteção da identidade.

Desde o início de seu mandato, Trump buscou explorar o aspecto identitário em sua base. Apenas sete dias após sua posse, Trump redigiu a Ordem Executiva 13769, apelidada de *Muslim Ban*, na qual reduziu o número de imigrantes a serem admitidos no país naquele ano para apenas 50 mil, suspendeu a entrada de imigrantes sírios por tempo indeterminado, suspendeu, por 120 dias, o programa de admissão para refugiados e proibiu a entrada de imigrantes oriundos do Irã, Síria, Iêmen, Somália, Iraque, Líbia e Sudão. Apesar de ter sofrido impedimentos por diversas cortes nacionais, o banimento perdurou até 6 de março e veio a ser substituído por outras provisões que limitariam a entrada permanente de imigrantes da Síria e da Coreia do Norte, além de estabelecer restrições na concessão de vistos para nações do Oriente Médio e de maioria islâmica (KIGHT, 2020).

Gráfico 2 – Expressão de protecionismo cultural nos Estados Unidos.



“Fonte: Traduzido pelo autor com base em Cox (2017).”

Em conjunto, Trump tentou eliminar o *DACA*⁷³, solicitou uma redução de fundos federais para “cidades santuários” – locais que não cooperam com as política migratórias federais e, conseqüentemente, possuem regras menos rígidas para imigrantes –, reduziu o número de agentes

⁷³ *Deferred Action for Childhood Arrivals*: programa que proíbe a deportação de indivíduos levados ilegalmente ao país quando crianças, sendo elegíveis indivíduos com menos de 31, chamados *dreamers* (US DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2019).

governamentais que conduzem entrevistas de aprovação ou negação de vistos de imigrantes e intensificou o processo de triagem para refugiados, uma vez que estendeu ainda mais o tempo do processo por ter duplicado o número de indivíduos caracterizados como “alto risco” (AMADEO, 2017). Todavia, na prática, Trump não alcançou os patamares elevados mais de 400 mil deportações por ano entre 2012 e 2014 na era Obama, alcançando 337 mil em 2018, seu pico de deportações. Todavia, a apreensão de imigrantes na fronteira dobrou em 2019 (total de 851 mil), sendo que 474 mil do número total de apreendidos compunham núcleos familiares – evidenciando um enfoque maior na redução do número de famílias de imigrantes no país (GRAMLICH, 2020)

Durante um encontro com senadores republicanos e democratas na Casa Branca em 11 de janeiro de 2018, Trump se referiu a ao Haiti e a nações africanas como “*shithole countries*”, questionando o motivo pelo qual não poderiam impedir que imigrantes do Haiti continuassem entrando no país (HUNT; VITALI; THORP V, 2018). Ao longo do mesmo ano, no período de que antecederam as *midterms*, Trump propulsionou em sua conta do *Twitter* a narrativa de que haveria uma invasão de imigrantes da América Central a partir de uma “caravana” que teria se originado no México (FABIAN, 2018). Os efeitos iniciais dessa retórica foram observados em um estudo de 2019 da *University of North Texas*: os condados que mais receberam comícios de Trump nas eleições de 2016 observaram um aumento de 226% nos números de crimes de ódio em comparação com condados dos quais esses comícios não foram realizados. Pontua-se que a retórica usada nesses comícios provavelmente promoveu elementos ligados à identidade branca, auxiliando no aumento da sensação de ameaça de grupo e resultando na intensificação desses incidentes (BRANTON; FEINBERG; MARTINEZ-EBERS, 2019, p. 15). Nesse sentido, a estratégia do *Firehose of Falsehoods* se faz presente no tema da imigração, uma vez que, até 18 de janeiro de 2021, realizou mais de 3,2 mil declarações falsas ou enganosas acerca de imigrantes no país, sendo a imigração o tópico do qual produziu o maior número de informações falsas ao longo de sua administração (KESSLER; RIZOO; KELLY, 2020 *apud* ANDERSON, 2020).

Se anteriormente lideranças do GOP condenavam ou tentavam amenizar declarações racistas de seu público em comícios e eventos políticos, Trump buscou naturalizar, de forma descontraída, um sentimento de violência contra imigrantes. Em um comício realizado em 8 de maio de 2019 na região de Panhandle, Flórida, enquanto abordava a necessidade de impedir o acesso a compra de armamentos por parte de imigrantes hispânicos, Trump foi interrompido por apoiador, pedindo que atirassem nos imigrantes na fronteira. Após uma risada de Trump e da plateia, o comentário foi respondido de forma descontraída: “Só no Panhandle você pode se safar com essa afirmação... Apenas no Panhandle!” (TRUMP, 2019 *apud* DIAMOND, 2019, tradução

nossa⁷⁴). O nativismo e exclusão de indivíduos não se fazem presentes somente em relação a imigrantes. Ao longo de sua administração, democratas, tanto representantes como simples eleitores, foram cada vez mais caracterizados como inimigos da nação – especialmente aqueles que detinham descendências de nações como o México e do continente africano. Mesmo nascidas nos Estados Unidos, Trump atacou quatro congressistas democratas de origem hispânica e africana em uma série de declarações em sua conta no *Twitter*, destacando que seu nativismo se estendia até mesmo no quesito da legitimidade de oficiais eleitos:

É tão interessante ver congressistas democratas “progressistas”, que originalmente vieram de países cujos governos são uma catástrofe total e completa, os piores, mais corruptos e ineptos de qualquer lugar do mundo (se é que têm um governo funcionando), agora falando alto e cruelmente ao povo dos Estados Unidos, a maior e mais poderosa nação da Terra, como nosso governo deve ser administrado. Por que eles não voltam e ajudam a consertar os lugares totalmente destruídos e infestados de crimes de onde vieram? Depois volte e nos mostre como se faz. Esses lugares precisam muito da sua ajuda [...]. (TRUMP, 2019 *apud* BBC NEWS, 2019^a, tradução nossa⁷⁵).

Durante um comício em Minnesota em setembro de 2020, o presidente citou nominalmente a congressista democrata somali-americana, Ilhan Omar, chamando-a de corrupta e desonesta, pontuando que, mesmo servindo seus eleitores, esta não poderia tecer críticas ao presidente: “Então ela nos diz como administrar nosso país, você acredita? Como diabos Minnesota a elegeu? O que diabos há de errado com vocês? O que diabos aconteceu?” (TRUMP, 2020 *apud* LEVIN, 2020, tradução nossa⁷⁶). Destarte, na narrativa de quem são os “reais americanos”, busca alienar opositores, classificando-o como traidores da identidade nacional e reforçando, mesmo que implicitamente, que essa identidade seria majoritariamente branca – distanciando o nacionalismo no país de se caráter cívico e o aproximando de seus aspectos mais culturais e étnicos.

4.2.2.2 Liderança carismática e antielitismo

A autoridade carismática, abordada por Max Weber em seus estudos acerca dos três tipos

⁷⁴ “That's only in the Panhandle you can get away with that statement... Only in the Panhandle!” (TRUMP, 2019 *apud* DIAMOND, 2019).

⁷⁵ “So interesting to see 'progressive' Democrat congresswomen, who originally came from countries whose governments are a complete and total catastrophe, the worst, most corrupt and inept anywhere in the world (if they even have a functioning government at all), now loudly and viciously telling the people of the United States, the greatest and most powerful nation on earth, how our government is to be run. Why don't they go back and help fix the totally broken and crime-infested places from which they came. Then come back and show us how it is done. These places need your help badly, you can't leave fast enough [...]”. (TRUMP, 2019 *apud* BBC NEWS, 2019a)

⁷⁶ “Then she tells us how to run our country, can you believe it? How the hell did Minnesota elect her? What the hell is wrong with you people? What the hell happened?” (TRUMP, 2020, *apud* LEVIN, 2020).

principais de autoridade⁷⁷, corresponderia a uma característica excepcional de uma liderança, uma vez que sua autoridade não exala de suas capacidades “reais”, mas sim da capacidade subjetiva que seus seguidores depositam nesse líder. Diferentemente dos outros tipos de autoridade, a carismática seria uma das mais poderosas e preocupantes, justamente por criar uma imprevisibilidade maior em relação as ações que o líder carismático pode vir a tomar. A liderança carismática, nesse sentido, está ligada a aspectos altamente subjetivos, podendo um líder ser carismático para uma parcela de indivíduos e, simultaneamente, detestado pelo restante (*apud* ADAIR-TOTTEFF, 2005, p. 199).

A liderança carismática de Trump opera de forma similar, uma vez que é capaz de obter um apoio elevado em sua base, com 86% de aprovação entre republicanos em meados de 2020, e uma aprovação baixa de 31% e 5%, respectivamente, entre independentes e democratas (DUNN, 2020). Trump buscou construir e manter seu carisma a partir da construção de uma relação especial com seus eleitores. Mesmo após sua eleição, entre dezembro de 2016 e dezembro de 2019, Trump ainda realizou 79 comícios, sendo 8 em 2016 (*victory rallies*), 10 em 2017 (*post-inauguration rallies*), 40 em 2018 (*midterm rallies*) e 21 em 2019, sendo seis do período de pré-campanha à reeleição e quinze no período das primárias (BENDER, 2019). No período de campanha em 2020, mesmo frente a pandemia da covid-19, realizou 65 comícios (KULTLU, 2020) e 3 após as eleições presidenciais, realizados entre dezembro de 2020 e 6 de janeiro de 2021 (KHALIL, 2020).

Diferentemente de seus antecessores, os comícios de Trump são realizados não somente com a finalidade eleitoral, partidária ou de mobilização popular para uma política pública, mas também operam como uma ferramenta que estimula um contato direto e constante com seu público, demonstrando uma liderança próxima, acessível e que, mesmo após eleita, ainda corresponde a mesma figura cativante das eleições de 2016. Destarte, a estratégia do *firehose of falsehood* – que tem como objetivo final criar a imagem de uma liderança forte – auxilia na propulsão do carisma de sua liderança, uma vez que, mesmo após derrotado nas últimas eleições e com a invasão ao Capitólio por apoiadores do ex-presidente em 6 de janeiro de 2021, 64% de seus eleitores ainda acreditavam que Trump definitivamente havia ganhado as últimas eleições (PEW RESEARCH CENTER, 2021). Trump também busca corroborar para a imagem de sua liderança forte e única – e quase que messiânica para alguns de seus eleitores – quando compartilhou um *tweet* em agosto de 2019 que promovia uma teoria conspiratória da qual israelenses observaram Turmp como “o Rei de Israel” e a “segunda vinda de Deus”. Em outra

⁷⁷ Além da carismática, apresenta a burocrática, baseada em uma autoridade imbuída pela lei e por um cargo burocrático, a tradicional, estando ligada a autoridade geracional e de sucessão (ADAIR-TOTTEFF, 2005, p. 190).

publicação, horas depois, explicou que estava tomando atitudes mais assertivas com a China por ser “o escolhido” (MILBANK, 2019).

Outro aspecto intimamente ligado à sua liderança seria sua retórica anti-*establishment* e a forma pela qual Trump se coloca nessa posição de *outsider* político. Todavia, mesmo após eleito, Trump continuou propulsionando a narrativa de um *establishment* político e midiático no país que, mesmo após ter sido retirado do poder, ainda operava em diversas esferas do governo federal, buscando sabotar sua administração. Esse “novo” *establishment* foi caracterizado por sua administração como sendo o *Deep State*, ou Estado profundo, comandado por lideranças democratas que buscavam minar a atuação política do presidente através de funcionários dentro da esfera federal que eram leais a esse Estado-paralelo. Dessa forma, o *establishment* político estaria tentando incriminar a equipe de campanha de Trump, fazendo ligações de sua equipe com autoridades russas nas eleições de 2016, como afirmou em maio de 2018 (GORDON, 2020).

Além disso, a mídia, um grande alvo ao longo de sua campanha, operaria em prol desse *establishment*, como apontou o ex-presidente em sua conta no *Twitter*: “O Deep State e a Esquerda, e seu veículo, a Fake News Media, estão enlouquecendo – e não sabem o que fazer. A economia está crescendo como nunca antes, os empregos estão no auge histórico, e em breve [...] dois novos juízes na Suprema Corte [...].” (TRUMP, 2018 *apud* GORDON, 2020, tradução nossa⁷⁸). Em 2020, Trump retomou a narrativa das investigações de ligações com a Rússia, nomeando-a de *#ObamaGate* e indicando que não somente o ex-presidente estaria envolvido, mas também autoridades ucranianas e seu vice, Joe Biden. Quando questionado em uma coletiva de imprensa acerca do crime sob o qual acusava Obama, Trump afirmou que a mídia sabia qual era o crime: “Você sabe qual é o crime. É muito óbvio para todos. Tudo que você precisa fazer é ler os jornais, exceto o seu.” (TRUMP, 2020 *apud* ALJAZEERA, 2020, tradução nossa⁷⁹).

Cabe pontuar que Trump também buscou estender o aspecto de *outsider* para seu Gabinete presidencial, iniciando sua administração com figuras sem experiência política prévia, como Ben Carson, Rex Tillerson, ex- CEO da ExxonMobil, Betsy DeVos e Steve Bannon. Todavia, somente em seu primeiro ano de governo, 14 de seus membros que não detinham experiência política deixaram a administração por pressões políticas ou a pedido do presidente (TENPAS, 2021). Logo, Trump buscou cultivar a imagem de um *outsider* político como uma forma de auxiliar também a construção de uma narrativa na qual, mesmo quando presidente, se recusaria a operar da mesma

⁷⁸ “The Deep State and the Left, and their vehicle, the Fake News Media, are going Crazy - & they don’t know what to do. The Economy is booming like never before, Jobs are at Historic Highs, soon TWO Supreme Court Justices [...]” (TRUMP, 2018 *apud* GORDON, 2020).

⁷⁹ “You know what the crime is. The crime is very obvious to everybody. All you have to do is read the newspapers. Except yours.” (TRUMP, 2020 *apud* ALJAZEERA, 2020).

forma com a qual o *establishment* político e midiático atuava no país.

4.2.2.3 Simplificação da realidade, o apelo emocional e a Democracia iliberal

As narrativas propostas por Trump ao longo dos últimos quatro anos, como observado, não eram dotadas de alta complexidade e sempre caminhavam para a mesma direção: um inimigo poderoso que, mesmo operando através de forças externas – como a China – e internas – o *Deep State* –, tinha como objetivo prejudicar sua administração e “devolver” a América para um *establishment* que não representava o povo. Logo, não haviam “áreas cinzentas” na política nacional, uma vez que o cenário estaria dividido entre forças do “bem” e do “mal”. A simplificação da realidade, nesse sentido, permitia que propostas aparentemente desnecessárias ou inviáveis se justificassem. A construção de um novo muro na fronteira ao sul do país e que seria financiado pelo próprio México, uma das suas principais plataformas ao longo da campanha, corresponderia a uma solução relativamente simples para um tema tão complexo quanto a imigração legal e ilegal. Após não conseguir o financiamento na Casa dos Representantes – em dezembro de 2018, com o retorno da maioria democrata –, Trump se comprometeu a somente assinar o orçamento para o próximo ano se recebesse o financiamento para o muro. Com a recusa democrata, o *shutdown* do governo iniciou-se em 22 de dezembro de 2018, vindo a durar 35 dias – o maior da história (PRIGNANO, 2020).

Mesmo quando questionados se “a única forma de encerrar o *shutdown* seria a aprovação de um orçamento que não incluísse os recursos necessários para financiar o muro”, 69% dos republicanos entrevistados apontaram que isso seria “inaceitável”. Além disso, 82% de eleitores republicanos ainda estavam a favor da construção do muro na fronteira e 69% acreditavam que ela resultaria em uma redução elevada no número de imigrantes ilegais no país, ao passo que, no início da administração Trump, somente 63% dos republicanos estavam a favor da construção do muro (PEW RESEARCH CENTER, 2019b). Apesar de Trump não ter cumprido com sua promessa de que o México pagaria pelo muro, reiterada diversas vezes no período eleitoral e ao longo de sua administração, a popularidade pela construção do muro continuou em constante ascensão entre seus apoiadores.

A construção do muro, diretamente ligada à aspectos subjetivos de preservação da identidade nacional e mesmo com claras contradições ao longo do processo, ainda detém um apoio considerável no país. O subsequente movimento voluntário de apoiadores de Trump para a construção de um muro privado a partir da campanha *We Build The Wall*, que contava com uma plataforma de financiamento virtual e que obteve, até meados de 2020, 25 milhões de dólares,

representa a elevada carga emocional que detém a narrativa por de trás da proposta de fortificação da fronteira com o México – uma vez que diversos apoiadores estariam dispostos a financiar uma iniciativa na qual parte do orçamento estava sendo desviado para lideranças da campanha, como no caso de Steve Bannon (SOLENDER, 2020a).

De acordo com a base de dados de verificação de fatos do *Washington Post*, desde o início de seu mandato, Trump proferiu mais de 30.573 declarações falsas ou enganosas (FACT CHECKER, 2021). Mesmo criando medidas que causassem ultraje internacional, como a separação de crianças imigrantes de seus pais na fronteira, colocando-as em campos de detenção, Trump buscou não recuar frente suas ações recuadas, mas direcionar a culpa para terceiros. No caso das famílias separadas, apontou, erroneamente, que essa política havia sido implementada na administração Obama e que não detinha ciência do ocorrido, declarando que iria encerrar essa política criada por democratas (BBC NEWS, 2019b).

Logo, o aspecto de simplificação da realidade requer, especialmente perante crises complexas, um grau de negação da realidade e a construção de novas narrativas. Frente a recente crise da covid-19, Trump minimizou a severidade do vírus, contrariou métodos de prevenção e distanciamento, incentivou soluções anticientíficas e criou diversas narrativas, por vezes inconsistentes, que apontavam a China, o *Deep State* e democratas como responsáveis pela atual crise, buscando estender o período de quarentena e, no caso do atual presidente, Joe Biden, criar um *lockdown* permanente dentro do país – cerceando a liberdade nacional (DOGGETT, 2021). A Tabela 2 compila algumas das principais declarações de Trump em coletivas, entrevistas e postagens em redes sociais acerca da pandemia desde fevereiro de 2020.

Estando intimamente ligado com a simplificação da realidade e o apelo emocional, o aspecto da democracia iliberal se faz presente a partir da criação de um inimigo nacional que deve ser combatido, sendo necessário um líder com pulso forte para tal. De acordo com o *Public Religion Research Institute*, havia uma percepção nacional de que, com o país fora dos eixos, seria necessário que um líder quebrasse algumas regras para solucionar o atual cenário. Em relação a classe branca trabalhadora e branca com ensino superior, 60% e 32%, respectivamente, concordam com a o cenário anterior. Mesmo com uma reprovação de 67% da parcela branca com ensino superior, há uma clara divisão no todo nacional: 49% e 50% da população total concordam e discordam da afirmação, respectivamente. Nesse sentido, uma predisposição considerável da população em desvalorizar valores e ideais democráticos, aponta para uma perda de força do nacionalismo cívico no país (COX et al, 2017).

Tabela 2 – Declarações de Trump sobre a crise da Covid-19 em 2020.

Data:	Declaração:
27/02	“Vai desaparecer. Um dia, é como um milagre, vai desaparecer”
30/03	"Fique calmo, ele [o vírus] irá embora. Você sabe disso - você sabe que ele está indo, e irá embora, e nós teremos uma grande vitória."
22/04	“Se [o coronavírus] voltar, não vai voltar na forma que estava, vai voltar em doses menores que podemos conter ... também é possível que não volte de todo.”
23/04	"Vejo o desinfetante que elimina em um minuto, um minuto. E há uma maneira de fazermos algo assim por injeção interna ou quase limpeza? Como você vê, chega aos pulmões, faz um trabalho tremendo nos pulmões, então seria interessante verificar isso. "
09/05	“Isso vai passar sem uma vacina.”
20/06	"O teste é uma faca de dois gumes, ... Quando você faz o teste dessa forma, você vai encontrar mais pessoas, você vai encontrar mais casos, então eu disse ao meu pessoal, 'diminua o teste, por favor.'"
25/06	“O número de casos do vírus chinês aumenta, por causa do da grande testagem, enquanto o número de mortes (taxa de mortalidade), diminui. A mídia de Fake News não gosta de dizer isso! ”
08/07	“Na Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia e muitos outros países, AS ESCOLAS ESTÃO ABERTAS SEM PROBLEMAS. Os democratas acham que seria politicamente ruim para eles se as escolas dos EUA abrissem antes das eleições de novembro, mas é importante para as crianças e famílias. Pode cortar o financiamento [escolar] se não forem abertas! ”
21/07	"Você nunca ouvirá isso nas notícias falsas sobre o vírus da China, mas em comparação com a maioria dos outros países, que estão sofrendo muito, estamos indo muito bem – e fizemos coisas que poucos outros países poderiam ter feito!"
22/08	“O <i>Deep State</i> , ou quem quer que seja, no FDA está tornando muito difícil para as empresas farmacêuticas levarem pessoas para testar as vacinas e as terapêuticas. Obviamente, eles esperam adiar a resposta para depois de 3 de novembro [após as eleições]. Deve focar na velocidade e salvar vidas! ”
04/09	“[Haverá uma vacina] antes do final do ano e talvez até antes de 1º de novembro. Acho que provavelmente poderemos tomá-la em outubro.”
10/10/20	“Isso não é culpa de ninguém, apenas da China.”
12/10	Após Trump ter testado positivo para o vírus: “Eu passei por isso. Agora, eles [médicos] dizem que estou imune. Eu posso sentir – me sinto tão poderoso”
18/10	"Ele [Biden] vai ouvir os cientistas ... Se eu ouvir totalmente os cientistas, teríamos agora um país que estaria em uma grande depressão – somos como um foguete. Dê uma olhada nos números."
19/10	“Eles estão ficando cansados da pandemia, não estão? Você liga a CNN, é só isso que eles cobrem. 'Covid, Covid, pandemia, Covid, Covid.' Você sabe por quê? Eles estão tentando convencer todo mundo a parar de votar. As pessoas não estão acreditando nisso, CNN, seus idiotas. "

02/11	Um dia antes das eleições: “Joe Biden está prometendo adiar a vacina e transformar a América em um estado de prisão – trancando você em sua casa enquanto deixa os rebeldes da extrema esquerda vagarem livres. O <i>lockdown</i> de Biden significará sem escola, sem formaturas, sem casamentos, sem Dia de Ação de Graças, sem Natal, sem 4 de julho.”
-------	---

“Fonte: Elaborado e traduzido pelo autor a partir de Doggett (2021).”

Nesse aspecto, Trump buscou deslegitimar instituições democráticas no país, como nas ocasiões em que afirmou que não aceitaria resultados eleitorais desfavoráveis. Durante um comício em Minden, Nevada, em setembro, considerou a possibilidade de negociar um terceiro mandato após sua reeleição, uma vez que “merecia” pela forma como havia sido tratado em seu primeiro mandato (SOLENDER, 2020b). Após a noite de eleição em 3 de novembro, reiterou a narrativa de que havia uma tentativa de fraude a partir dos votos democratas enviados por correio em *battleground states*, uma vez que, antes da contagem desses votos “ilegais”, ele havia ganhado nesses estados.

Em uma coletiva em 6 de novembro, antes que a contagem fosse finalizada, Trump pontuou que havia ganhado as eleições “Se você contar os votos legais, eu ganho facilmente. Se você contar os votos ilegais ... eles podem tentar roubar a eleição de nós [...]. A votação por correspondência destruiu nosso sistema, é um sistema corrupto e faz as pessoas são corruptas, mesmo que não sejam por natureza.” (TRUMP, 2020 *apud* ZAPPONE, 2020, tradução nossa⁸⁰). O reforço da narrativa do *Deep State* também corrobora para o aspecto de uma democracia pautada no interesse de um povo escolhido, como disse em um comício no dia 6 de setembro de 2018 em Billings, Montana: “[...] operadores não eleitos de um estado profundo que desafiam os eleitores para promoverem suas próprias agendas secretas são verdadeiramente uma ameaça à democracia” (TRUMP, 2019 *apud* WOLF, 2019, tradução nossa⁸¹).

Além de classificar os democratas como “o partido do crime” em um comício em Rochester, Minnesota (TRUMP, 2018 *apud* LAMBERT, 2018) e constantemente utilizar o termo “Hillary desonesta⁸²” e estimular gritos de “prenda ela!” de seus apoiadores (TRUMP, 2016 *apud* FRAZIN, 2019), os contínuos ataques aos jornais e jornalistas do país também corroboram para o elemento da democracia iliberal do nativismo populista. Em diversas ocasiões classificou a mídia como “o inimigo do povo” (LARDIERI, 2019), buscando justamente reduzir o grau de confiança

⁸⁰ “If you count the legal votes, I easily win. If you count the illegal votes ... they can try to steal the election from us [...]. Mail-in voting has destroyed our system, it's a corrupt system and it makes people corrupt even if they aren't by nature.” (TRUMP, 2020 *apud* ZAPPONE, 2020).

⁸¹ “[...] Unelected deep state operatives who defy the voters to push their own secret agendas are truly a threat to democracy.” (TRUMP, 2018 *apud* WOLF, 2019).

⁸² Crooked Hillary.

de seus apoiadores em relação aos veículos jornalísticos que tecessem críticas negativas contra sua administração: "Fique conosco. Não acredite nas porcarias que você vê dessas pessoas [jornalistas], nas notícias falsas ... O que você está vendo e o que está lendo não é o que está acontecendo." (TRUMP, 2019 *apud* CILLIZZA, 2019, tradução nossa⁸³).

Uma pesquisa publicada em julho de 2019 perguntou aos entrevistados se estes consideravam os jornais como sendo “o inimigo do povo”, obtendo uma resposta afirmativa de 33% dos entrevistados. Todavia, dentro da parcela de republicanos, 51% caracterizaram os jornais como um inimigo do povo (THE HILL, 2019), enquanto 45% e 40% dos que apoiavam fortemente Trump apontaram, respectivamente, que jornalistas detinham padrões éticos baixos e muito baixos (GOTTFRIED et al, 2019). A criação do *Real News Update*, um programa semanal que buscava apresentar os feitos da administração e promover sua reeleição desde o início de seu mandato, sinalizou outro elemento de busca do controle da narrativa. Como consequência, ao final de seu mandato, um quarto dos eleitores republicanos acreditavam que a equipe de campanha de Trump era uma fonte confiável para obtenção de notícias, sendo que, 72% desses, acreditavam que pouca atenção foi dada para alegações de fraude eleitoral nas eleições presidenciais (JURKOWITZ, 2020).

O último elemento da democracia iliberal que merece atenção corresponde a relação de Trump com o judiciário norte-americano. Com apenas um mandato, Trump indicou 54 juízes para cortes de apelação (perdendo apenas para 59 de Jimmy Carter), criando uma maioria de republicanos nessas cortes; 3 juízes para a Suprema Corte, tendo Amy Coney Barrett de posicionamento altamente conservador; e 174 juízes distritais – proporcionalmente mais indicações do que todos os presidentes desde Carter (GRAMLICH, 2020). A maior problemática não reside somente no número de indicações, mas na forma pela qual buscou instrumentalizar tais indicações, solicitando aos seis juízes conservadores da Suprema Corte que invalidassem os votos de Biden em estados como o Wisconsin e pressionando tribunais locais a aceitarem suas alegações (WOLFE, 2020). Com os recursos jurídicos esgotados, Trump buscou pressionar legisladores republicanos locais a depositarem os votos do colégio eleitoral em sua campanha, desconsiderando os votos obtidos por Biden: "Esperamos que os tribunais e/ou legisladores tenham a coragem de fazer o que for necessário para manter a integridade de nossas eleições e dos próprios Estados Unidos da América." (TRUMP, 2020 *apud* CHENEY, 2020, tradução nossa⁸⁴).

⁸³ “Stick with us. Don't believe the crap you see from these people, the fake news. ... What you're seeing and what you're reading is not what's happening.” (TRUMP, 2019 *apud* CILLIZZA, 2019).

⁸⁴ “Hopefully the Courts and/or Legislatures will have the COURAGE to do what has to be done to maintain the integrity of our Elections, and the United States of America itself.” (TRUMP, 2020 *apud* CHENEY, 2020)

4.2.2.4 Protecționismo e multilateralismo

Ao analisar as diretrizes de Trump perante essas duas características neonacionalistas, inevitavelmente, serão abordadas diretrizes de sua política exterior. Nesse sentido, cabe desmistificar algumas concepções acerca de sua política externa. O caráter isolacionista, por vezes presente na esfera discursiva, não é facilmente conciliado com o neonacionalismo presente em sua administração. Como abordado anteriormente, conservadores nacionalistas em política exterior, ao mesmo tempo em que evitam intervenções exteriores ou participações em arranjos internacionais, são movidos pela preservação do interesse nacional. Logo, se necessário, a preservação desse interesse nacional pode acarretar uma participação ativa no exterior. Sua equipe de política exterior, apesar de ter sofrido alterações consideráveis desde o início de seu mandato⁸⁵, era composta desde defensores de uma participação mais ativa dos EUA no exterior, como Pence, Nikki Haley (embaixadora na ONU), Tillerson e Mike Pompeo, até nacionalistas econômicos mais unilateralistas, como Bannon, Stephen Miller (redator de discursos e conselheiro sênior do presidente) e o Diretor do Conselho Nacional de Comércio, Peter Navarro (DUECK, 2019, p. 112-113).

Dessa forma, o protecționismo de Trump explica-se não somente pela sua equipe, mas também por tendências nacionais, uma vez que, no período que antecedeu sua eleição, 61% da população acreditava que o país era menos respeitado internacionalmente, sendo que 71% da parcela republicana também concordava com o mesmo cenário (DOHERTY, 2016). Um levantamento realizado no segundo ano de seu mandato elencou as principais preocupações internacionais dos nacionais, representadas no Gráfico 3.

Dentre os republicanos e simpatizantes, as afirmações que pontuam consideravelmente mais que a parcela democrata estão intimamente ligadas à aspectos aspectos de protecționismo nacional: tomar medidas para proteger os EUA do terrorismo (84%), proteger os empregos de trabalhadores americanos (81%), manter a vantagem militar dos EUA sobre todas as outras nações (70%) e reduzir a imigração ilegal para os EUA (68%). O fortalecimento militar e a promoção dos interesses econômicos dos Estados Unidos, também com grande destaque no grupo republicano, se destacam nas preferências republicanas, não necessariamente apontam para um protagonismo internacional, mas sim para a manutenção do slogan *America first*, garantindo uma segurança

⁸⁵ Tendo como alguns exemplos a saída de Bannon, a substituição de Tillerson por Mike Pompeo para Secretário de Estado e a troca de H. R. McMaster por John Bolton e, posteriormente, por Robert C. O'Brien para a posição de *National Security Adviser* (DUECK, 2019, p. 112-113).

nacional forte frente ameaças inesperadas. Além disso, a baixa adesão republicana em questões relacionadas à promoção de valores (11%), defesa dos direitos humanos (20%) e no auxílio na melhoria do padrão de vida em outros países (12%) apontam justamente para um papel internacional ativo dos EUA em questões especificamente relacionadas aos seus interesses nacionais (PEW RESEARCH CENTER, 2018).

Logo, a redução do déficit comercial com outros países, representou para 54% dos republicanos um tema importante para a política exterior, estando em crescimento constante desde 1997. Ao mesmo tempo em que 56% dos republicanos concordaram que outros países também arquem com os custos de manutenção da ordem mundial, 51% e 54% dos republicanos, respectivamente, defendiam que os EUA promovessem externamente negócios e interesses nacionais e reduzissem o déficit comercial com outras nações. Em contrapartida, em 1997, esses dois últimos pontos representavam, respectivamente, 23% e 44% do total de republicanos (PEW RESEARCH CENTER, 2018). Já na esfera discursiva, quando comparado com outras administrações, Trump foi um dos presidentes que menos fez menções as palavras “o mundo, o globo e nações” desde a década de 1990 (PETULLA, 2019).

Nesse sentido, Trump buscou demonstrar que, mesmo que os EUA ainda representassem a hegemonia internacional, estaria disposto redistribuir os custos de manutenção da ordem global com outras nações. Frente a elevada importância dada à proteção de empregos nacionais, uma vez que corresponde a segunda prioridade de política exterior, curiosamente, Trump foi um dos presidentes que menos empregou as palavras “emprego, a economia e trabalhos” em seus pronunciamentos. Todavia, quando citadas, muitas são associações feitas em relação a empregos perdidos devido a imigração ilegal. Em relação a infraestrutura nacional, Trump discorre sobre um cenário pouco positivo, abordando uma infraestrutura nacional em frangalhos cujos recursos seriam direcionados para outras nações (PETULLA, 2019).

A saída do Tratado Transpacífico (TTP) sob o pretexto de privilegiar a reativação da indústria nacional representa e de realizar novos acordos mais eficientes representa tanto a presença do protecionismo quanto do abandono do multilateralismo em política exterior. O fim do Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA), classificado por Trump como o pior acordo da história, e sua substituição pelo Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA), quando observadas suas provisões e possíveis efeitos econômicos futuros, exemplifica o protecionismo empregado em sua administração. Anteriormente, 62,5% de um automóvel, no mínimo, deveria ser construído em um dos três países para receber tratamento tarifário preferencial. Sob o USMCA, o mínimo passou para 75%. Além disso, 70% dos componentes de aço e alumínio de um carro devem se originar dos Estados Unidos, forçando a

compra desses componentes em indústrias norte-americanas – consequentemente elevando o custo de produção. Por fim, atribui uma nova provisão que estipula que 40% de um carro seja montado por trabalhadores que recebam um pagamento mínimo de 16 dólares por hora. Somado a retirada da possibilidade de solução de disputas comerciais entre os países por tribunais independentes – antes presente no NAFTA – há a presença de clara provisões que buscam privilegiar a indústria norte-americana, mesmo podendo acarretar em um aumento de custos para a produção de automóveis (BROADMAN, 2020).

Gráfico 3 – Prioridades na política externa entre Democratas e Republicanos.



“Fonte: Traduzido pelo autor a partir de Pew Research Center (2018).”

Outro elemento marcante do protecionismo econômico da era Trump – e que remete ao aspecto da forte presença de um nacionalismo econômico – fora a guerra comercial com a China. As origens da disputa datam de uma de suas promessas de campanha: reformular agressivamente as relações comerciais entre os Estados Unidos e a China. Em meados de 2017, os Estados Unidos iniciaram a guerra comercial com o objetivo de pressionar mudanças significativas que limitem práticas desleais chinesas, como a transferência forçada de tecnologia, roubo de propriedade intelectual, subsídios a empresas estatais chinesas e acesso limitado ao mercado chinês.

Entre 2018 e 2019, os EUA impuseram tarifas sob bens chineses que totalizaram 550 bilhões de dólares, ao passo que a China, no mesmo período, retaliou com tarifas que totalizaram mais de 185 bilhões sob produtos norte-americanos. Frente os custos criados pelo conflito comercial – como uma perda estimada de US \$ 1,7 trilhão para empresas norte-americanas no preço de seus estoques por conta das tarifas impostas à China 300.000 empregos e cerca de 0,3% do PIB real do país em 2019 – o acordo firmado em 2020 deixou de fora questões relacionadas aos subsídios chineses, empresas estatais, a politização do setor industrial chinês para beneficiar suas próprias empresas frente concorrentes estrangeiros e um maior acesso ao mercado fora do setor financeiro (HASS; DENMARK, 2020).

Cabe pontuar que o processo de negociação com a China também denotou não somente o caráter protecionista, mas também o distanciamento dos Estados Unidos em temas multilaterais como os direitos humanos. Em agosto de 2019, frente os protestos de Hong Kong contra a repressão do governo chinês, Trump disse acreditar que Xi Jinping havia atuado de forma responsável com os protestos. Em novembro, Trump evitou criticar novamente a China, vinculando a situação dos protestos com as negociações comerciais: "Temos que estar com Hong Kong, mas também estou com o presidente Xi." (TRUMP, 2019 *apud* HASS; DENMARK, 2020, tradução nossa⁸⁶). Logo, a saída dos Estados Unidos da UNESCO e do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (CDHNU) estão ligadas ao abandono de temas multilaterais, buscando atender as expectativas republicanas e conservadoras de um distanciamento de temas referentes a promoção internacional dos direitos humanos.

A saída do CDHNU teve como justificativa um descontentamento norte-americano frente as constantes críticas feitas aos israelenses em relação ao conflito com a Palestina, especialmente por virem de nações como Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos e Venezuela – conhecidas por desrespeitar direitos humanos em seu próprio território. No pronunciamento acerca

⁸⁶ "We have to stand with Hong Kong, but I'm also standing with President Xi." (TRUMP, 2019 *apud* HASS; DENMARK, 2020)

da decisão da saída dos Estados Unidos, Nikki Haley, a antiga Embaixadora do país na ONU, argumentou que o Conselho deveria mudar suas diretrizes caso busque se tornar uma organização na qual os EUA possam confiar novamente. Sem essa mudança, o país iria buscar promover valores relacionados aos direitos humanos sozinhos (DWYER, 2018). Logo, Trump, reconhecendo a necessidade de reforma nesses órgãos, optou por abandoná-los em detrimento de atuar como o protagonista dessas mudanças. Além disso, a reaproximação com Israel, um Estado altamente nacionalista, ficou claro nesse episódio e ao longo de sua administração, justamente pela proximidade de Trump e Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro israelense, e pela mudança da embaixada americana em Israel de Tel Aviv para Jerusalém (FARRELL, 2018).

O abandono do multilateralismo também se fez presente nos regimes internacionais, marcados pelo encerramento do acordo nuclear com o Irã e a saída do Acordo de Paris, ambos em 2017. Representando, simultaneamente, uma retaliação em relação a administração Obama e o cumprimento de promessas eleitorais, a saída desses dois acordos demonstraram o comprometimento da administração em abandonar arranjos que resultem em compromissos que limitem sua capacidade de ação, especialmente no caso do Irã que, uma vez um inimigo histórico, ainda deveria ser tratado como tal (HALTIWANGER, 2019). O distanciamento de aliados históricos, como no caso da União Europeia, é uma consequência dessa política exterior. Frente atritos com líderes como Emmanuel Macron, primeiro-ministro da França, e Angela Merkel, Chanceler alemã, juntamente com a imposição de uma tarifa de importação de 25% sob o aço americano para a UE, Canada e México (LONG, 2018), Trump não se constrangeu em acenar para outras lideranças neonacionalistas, como Jair Bolsonaro e Viktor Orbán da Hungria (PETTI, 2019).

Em relação a presença norte-americana no exterior, Trump, desde sua campanha, demonstrou uma inclinação à não intervenção internacional dos Estados Unidos, tecendo críticas a Guerra do Iraque e a intervenção na Líbia em 2011. Entretanto, sua administração realizou ações militares unilaterais em temas estritamente ligados à segurança nacional, como os dois ataques a bases militares do regime de Bashar al-Assad, em 2017 e 2018, o assassinato do líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdad, durante uma operação em outubro de 2019 (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2019), e o ataque aéreo no Aeroporto Internacional de Bagdá, Iraque, matando o major iraniano, Qassem Soleimani, chefe da Guarda Revolucionária Islâmica, no início de 2020 (DILANIAN; KUBE, 2020).

Buscando preservar o aspecto de *freedom of action*, Trump atendeu expectativas de eleitores republicanos em reduzir os comprometimentos militares, criticando a utilidade da OTAN, seus altos custos, o baixo investimento de outros Estados-membros e ameaçando retirar o país do

bloco militar (BARNES; COOPER, 2019). Destarte, sua atuação internacional foi marcada por elementos protecionistas e pelo unilateralismo. O nacionalismo econômico se apresentou não somente como um último recurso, mas como um elemento mais essencial que o multilateralismo e principal fonte de barganha. Nesse sentido, sua política exterior pode ser descrita como uma tentativa de obter a maior quantidade possível de ganhos relativos para os Estados Unidos através de uma dinâmica contínua de escalção e redução das pressões com aliados e inimigos – como no caso das negociações de desarmamento nuclear com a Coreia do Norte (DUECK, 2019, p. 125).

4.2.2.5 Partidos autoritários ou conservadores sociais

Os princípios fundacionais do Partido Republicano, assim como sua história, distancia consideravelmente o GOP de partidos mais autoritários e que tem como bandeira principal a exclusão de indivíduos dentro de uma sociedade, como no caso do partido húngaro nacionalista e de extrema-direita, o *Jobbik*. Contudo, como demonstrado nos capítulos anteriores, a evolução histórica do GOP, buscando conquistar o eleitorado branco ao sul do país na década de 1960 ao explorar narrativas de mudanças sociais, de pautas mais socioculturais, utilizando a plataforma de “lei e ordem”, e distanciando-se de uma pauta menos responsável no âmbito fiscal, com baixos impostos para a classe mais rica do país e o crescimento do déficit nacional, especialmente na era Bush, resultou em drásticas transformações em sua base eleitoral, dando vida a ciclos de movimentos cada vez mais conservadores – resultando, na última década, no *Tea Party* e no trumpismo. Na obra *Authoritarianism and Polarization in American Politics*, de Marc Hetherington e Jonathan Weiler (2009), essas dinâmicas do Partido Republicano acabaram por gradativamente atrair eleitores com tendências mais autoritárias, que viriam a ser “ativadas” frentes mudanças socioculturais intensas no país nas últimas décadas e a ascensão de um novo *player* na política do partido – forçando o GOP em uma direção mais extrema e da qual buscou não se comprometer totalmente em eleições anteriores.

No ano das eleições de 2016, um estudo de campo foi realizado buscando identificar como eleitores se encaixavam em um teste de perfil autoritário e, consequentemente, quem iriam apoiar nas próximas eleições. Os resultados obtidos demonstraram que um em cada cinco norte-americanos pontuaram como “muito alto” para tendências autoritárias, sendo que, aqueles que se identificaram como eleitores republicanos, sete em cada dez também pontuaram como “muito alto” para essas tendências (TAUB, 2016). Com a crescente descrença no governo – em 1958, 73% da população confiava no governo federal para agir da melhor forma, hoje, apenas 17% o fazem (DIMOCK, 2020) – e a ascensão de uma figura que se colocava como o oposto de um chefe do

executivo convencional, o GOP, mesmo que de forma contra intuitiva, acabou por semear sentimentos autoritários em sua base.

Ao longo de sua administração, Donald Trump empregou estratégias pouco usuais no cenário político norte-americano. Sob a perspectiva da *Overton Window*, Trump foi capaz de naturalizar posicionamentos e declarações que, antes de sua presidência, eram consideradas inaceitáveis. Logo, a figura de um presidente classificar imigrantes como invasores, opositores políticos de inimigos e veículos jornalísticos de enganosos se tornaram aspectos rotineiros e previsíveis. No que tange a estratégia de *Firehose of Falsehoods*, o ex-presidente obteve uma média de mais de 50 declarações falsas ou enganosas por dia ao longo de seu mandato, demonstrando um não comprometimento com a realidade objetiva da nação e do mundo. O uso dessas estratégias, como demonstrado, estiveram estritamente alinhadas com características de políticas nativistas populistas, tendo como objetivo energizar e unificar sua base eleitoral e política frente a figura de um inimigo em comum, podendo ser imigrantes, a China, o Irã, a mídia, democratas e, até mesmo, republicanos moderados. Destarte, cabe explorar como veio a ser essa nova dinâmica entre Trump e o Partido Republicano.

5 O GOP E TRUMP

Como abordado anteriormente, Trump, apesar de deter um apoio popular considerável nas primárias republicanas, não era o candidato ideal do *establishment* do partido. Após sua eleição, contudo, posições mais críticas frente seus discursos e ações práticas foram, gradativamente, desaparecendo dentro do partido. Apesar de ser comum uma certa conformidade de representantes políticos frente um presidente de mesmo partido, a presidência de Trump, como demonstrada na secção anterior, foi fortemente marcada por episódios nada familiares na política do país, potencializando ainda mais um cenário de polarização e radicalização política. Logo, esse capítulo irá abordar como se deu a relação entre Trump e o GOP, buscando explorar também os efeitos da conformidade do partido para a ascensão e surgimento de novos movimentos e grupos paralelos ao Partido Republicano. Nesse sentido, também irá analisar os extremos e os limites ao neonacionalismo de Trump, explorando elementos cruciais do último ano – como a pandemia da covid-19, movimento do *Black Lives Matter*, a Convenção Nacional Republicana e o conturbado período pré e pós-eleitoral no país.

5.1 Da revolta para o “Partido de Trump”

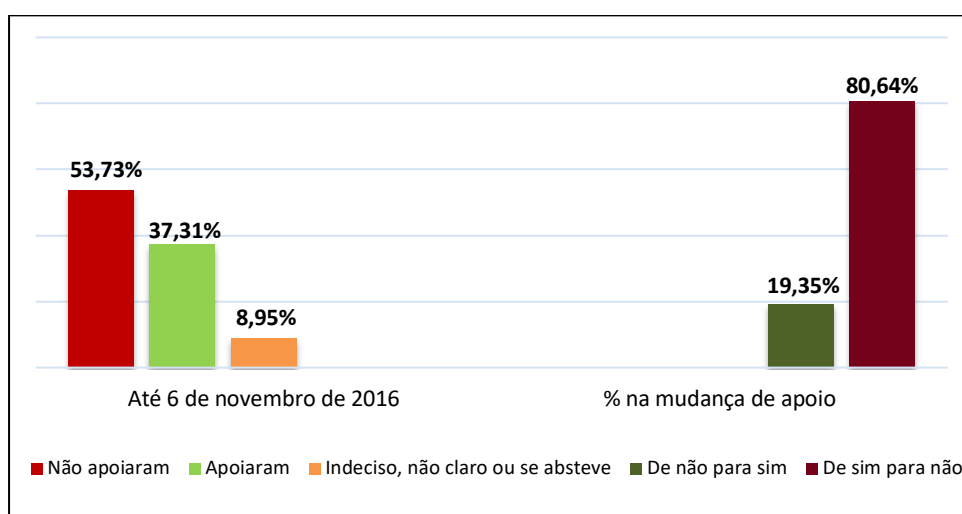
Como abordado brevemente no início desse capítulo, a reação inicial do GOP à candidatura de Trump foi vista como uma tentativa de um “golpe publicitário” e que não deveria ser levada a sério. Mesmo após ter conquistado a nomeação, até 6 de novembro de 2016, dois dias antes das eleições, Trump não detinha o apoio de uma parcela considerável dos 67 representantes republicanos que haviam se pronunciado sobre sua candidatura, conforme o Gráfico 4. Logo, mesmo obtendo um apoio de figuras centrais como Paul Ryan e Mitch McConnell, mais de 80% da mudança de apoio foi direcionada contra a eleição de Trump mesmo após sua nomeação. Apesar de não contar com o apoio de diversos representantes, poucos declararam apoio aberto à Clinton.

Além disso, dentre comentaristas conservadores e antigos membros do partido, Trump sofreu oposição de diversas figuras neoconservadores, dentre elas Robert Kagan, Max Boot, Bill Kristol, Paul Wolfowitz e Charles Krauthamer. Como esperado, Rice e Powell, antigos membros da administração Bush, não concederam apoio ao ex-presidente. Todavia, obteve o apoio de Ronald Rumsfeld, Dick Cheney, Sarah Palin e Newt Gingrich, figuras intimamente ligadas a um viés mais nacionalistas e parcialmente responsáveis por polarizações políticas ao longo das últimas décadas. Em relação a comentaristas, Trump obteve o apoio de Bill O'Reilly e Sean Hannity, âncoras

da *Fox News* altamente conservadores, e do famoso radialista conservador, Rush Limbaugh (GRAHAM, 2016) – a quem condecorou com a *Medal Of Freedom* durante o *State of The Union* de 2020 (RODRIGUEZ, 2020).

Após a o início de seu mandato, a conformidade do partido com Trump se deu por duas razões: aposentadoria de antigos membros ou saída de membros mais moderados e o crescente apoio ao longo de seu mandato. Em 2018, um total de 26 republicanos no Congresso optaram por deixar seus cargos, correspondendo a maior taxa de saída de membros do partido desde 1974, e, até julho de 2019, 24 republicanos indicaram que fariam o mesmo. Pontuar a presidência de Trump como o motivo teria levado a saída desses representantes seria um exagero, uma vez que êxodos partidários são comuns antes de eleições nas quais há indicações de uma corrida mais acirrada ou incerta – gerando maiores custos de campanha. Além disso, outros motivos que explicam a saída de alguns membros correspondem ao limite de mandatos em alguns estados, assim como a aposentadoria por plena vontade (BACON JR, 2019).

Gráfico 4 – Apoio à candidatura de Trump por 67 republicanos Congresso.



“Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Graham (2016).”

Todavia, é notória a saída de alguns membros como a de Paul Ryan, ex-líder republicano e presidente da *House Of Representatives* entre 2015 e 2019, e do qual detinha uma relação conturbada com Trump. Ao longo da campanha de Trump, Ryan falou ativamente contra o ex-presidente, em um momento o classificando como “racista”, e apontando os perigos de sua retórica para o GOP. Mesmo apoiando sua eleição na reta final das eleições, Paul Ryan buscava conter algumas demandas de Trump e moderar a atuação republicana no Congresso. Após se aposentar e condenar posicionamentos de Trump, o ex-congressista foi chamado de fraco pelo então presidente: "Nunca soube ir atrás dos democratas como eles vão atrás de nós. Não foi possível tirá-

lo do Congresso rápido o suficiente!” (TRUMP, 2019 *apud* VUCCI, 2019, tradução nossa⁸⁷). Após sua saída, foi substituído por Kevin McCarthy, que veio a se tornar uma das maiores lideranças de Trump e do *House Freedom Caucus*⁸⁸.

Em 2019, o representante do Michigan, Justin Amash, uma das figuras mais críticas à Trump, também abandonou o partido frente a inação do GOP em responsabilizar o presidente pelo envolvimento de sua campanha com autoridades russas na interferências das eleições de 2016, evidenciado pelo relatório elaborado por Robert Mueller, então procurador especial do Departamento de Justiça (BYRD, 2019). A mesma dinâmica também se deu no Senado, com John McCain sendo uma voz ativa contra Trump, até sua morte em agosto de 2018, Bob Corker, do Tennessee e Jeff Flake, do Arizona, se aposentaram do cargo, e Ben Sasse, do Nebraska, foi substituído Marsha Blackburn, altamente pró-Trump. Apesar de algumas vozes ativas contra Trump terem restado no Senado, o partido também sofreu alterações em sua composição devido aos ciclos eleitorais seguintes. As *midterms* de 2018 reduziram quase que por completo a representação republicana em distritos que obtiveram vitória democrata em 2016, representando por uma forte oposição do eleitorado democrata. Logo, sem o controle das duas casas após 2018, os republicanos restantes, em sua maioria de estados mais conservadores, acabaram por se alinhar mais com o então presidente frente a presidência da democrata Nancy Pelosi na Câmara e o avanço de uma agenda democrata (BACON JR, 2019).

A popularidade de Trump entre eleitores republicanos, especialmente em estados mais conservadores, acabou por, consequentemente, eleger novos representantes que, assim como ocorrera com o *Tea Party*, se promoveram a partir da plataforma de Trump. Nas *midterms* de 2018, Trump apoiou um total de 75 candidatos ao Congresso e fez campanha ativa para 36 deles, elegendo, respectivamente, 55% e 64% da mesma parcela. Logo, o fato Trump não pode ser ignorado, uma vez que apoiou mais candidatos que Pence e representantes democratas e ainda sim obteve uma taxa de sucesso maior – exceto por Bernie Sanders (KAMARCK, 2018). Dentre os novos sete novos senadores republicanos eleitos, apenas Mitt Romney viria a ser o único senador dessa leva a se posicionar contra Trump em relação as alegações de fraudes nas eleições presidenciais de 2020. Os novos senadores republicanos, Mike Braun (Indiana), Kevin Cramer (Carolina do Norte), Josh Hawley (Montana.), Rick Scott (Flórida), Cindy Hyde-Smith (Mississippi) e Marsha Blackburn (Tennessee), viriam a apoiar Trump em suas alegações

⁸⁷ “Never knew how to go after the Dems like they go after us. Couldn't get him out of Congress fast enough!” (TRUMP, 2019 *apud* VUCCI, 2019).

⁸⁸ Uma continuidade do *Tea Party Caucus*, sendo um dos blocos mais conservadores na Câmara dos Representantes (DESILVER, 2015).

(BALLOTPEDIA, 2018). Cabe destacar que, ainda com a invasão ao Capitólio em 6 de janeiro de 2020, Hawley e Hyde-Smith, juntamente com o senador Ted Cruz e outros três senadores republicanos, viriam ainda a votar contra a certificação da vitória de Joe Biden nas últimas eleições (WAGNER et al, 2021).

Mesmo após perder as eleições, se recusar a conceder derrota e alegar sem provas contundentes que ocorreram fraudes no processo eleitoral, o alto apoio que Trump ainda recebeu de membros de seu partido demonstra uma certa lealdade ao ex-presidente e um controle efetivo da estrutura partidária. A política altamente personalista de Trump, como demonstrado anteriormente, também se estendeu para as estruturas políticas do GOP – tanto no nível federal quanto estadual. Logo, Trump buscou homogeneizar o partido anulando dissidentes dentro do GOP através de uma perseguição política e midiática contra republicanos que se colocassem em oposição a sua figura, forçando-os ao alinhamento político ou a deixarem seus postos; abandonando planos para reeleição ou deixando o partido (GALVIN, 2020, p. 151). Os constantes ataques que Trump direcionou à Amash até sua saída do partido exemplifica bem essa antiga dinâmica, já que, após anunciar sua resignação, o ex-presidente o ridicularizou em suas redes sociais: "Uma ótima notícia para o Partido Republicano, já que um dos homens mais burros e desleais do Congresso está 'desistindo' do Partido, [...]" (TRUMP, 2019 *apud* BYRD, 2019, tradução nossa⁸⁹).

Apesar de ser comum, especialmente no caso de presidente republicanos, uma construção de uma base popular e política sólida dentro do partido, sua busca por uma “unificação” do GOP buscou servir a mobilização de sua base de eleitores, criando maior engajamento popular e fidelizando antigos e novos eleitores republicanos. Enquanto estratégias de mobilização partidária sempre estiveram presentes no partido, antigos presidentes republicanos buscavam construir uma base unificada e que perdurasse após deixarem a presidência, como no caso da tentativa de construção de um “republicanismo moderno” com o presidente Eisenhower. Nesse sentido, interesses políticos particulares de cada presidente também eram explorados juntamente com as capacidades organizacionais do partido, buscando cultivar ganhos políticos e deixar uma base sólida para o GOP. Logo, Eisenhower também buscou explorar sua popularidade política ao longo de sua administração, mas, diferentemente de Trump, atrelou sua imagem ao partido como uma forma de auxiliar o partido a promover seu posicionamento e aumentar sua popularidade com novos eleitores (GALVIN, 2020, p.141-144).

⁸⁹ “Great news for the Republican Party as one of the dumbest & most disloyal men in Congress is 'quitting' the Party, [...]”. (TRUMP, 2019 *apud* BYRD, 2019)

Em relação a mobilização de recursos financeiros, após sua eleição, Trump colocou indivíduos leais em cargos de liderança do GOP, investindo nos primeiros dois anos de mandato na arrecadação de capital para sua campanha em 2020. Após os republicanos perderem o controle do Congresso nas *midterms*, o ex-presidente, como esperado, alterou sua estratégia de arrecadação com o Comitê Nacional Republicano (CNR):

[...] a operação conjunta de arrecadação de fundos, Trump-Comitê Nacional, começou a canalizar milhões de dólares para comitês partidários estaduais para apoiar corridas parlamentares e eleições estaduais. O comitê conjunto também publicou mais propagandas negativas em distritos com representantes democratas mais vulneráveis e lançou uma ferramenta digital inovadora de arrecadação de fundos chamada *WinRed* para amplamente arrecadar e distribuir fundos para candidatos republicanos [...]. Quando a campanha de 2020 começou, o Comitê Nacional Republicano assumiu a liderança na arrecadação de fundos, inclusive esforços virtuais, prospecção de novos doadores e a organização de grandes eventos de arrecadação de fundos. Juntas, a campanha Trump e o CNR arrecadaram \$463 milhões até o final de 2019 e tinham quase \$ 200 milhões em caixa no início de 2020 (GALVIN, 2020, p. 156, tradução nossa⁹⁰).

Além disso, houveram grandes esforços dispendidos no treinamento de novos voluntários para a coordenação de grupos de apoio regionais, que tiveram como objetivo recrutar, promover mensagens políticas para grupos específicos, registrar novos eleitores e realizar campanhas “de porta em porta” e em redes sociais. Aliado a mobilização de recursos, Trump buscava também silenciar críticas públicas de membros do partido com base na possibilidade de não financiamento em campanhas de reeleição. O ex-presidente também buscou estender essa influência no nível estadual através de representantes leais no GOP, recrutando e permitindo a entrada em corridas eleitorais de indivíduos intimamente ligados a mensagem partidária de Trump.

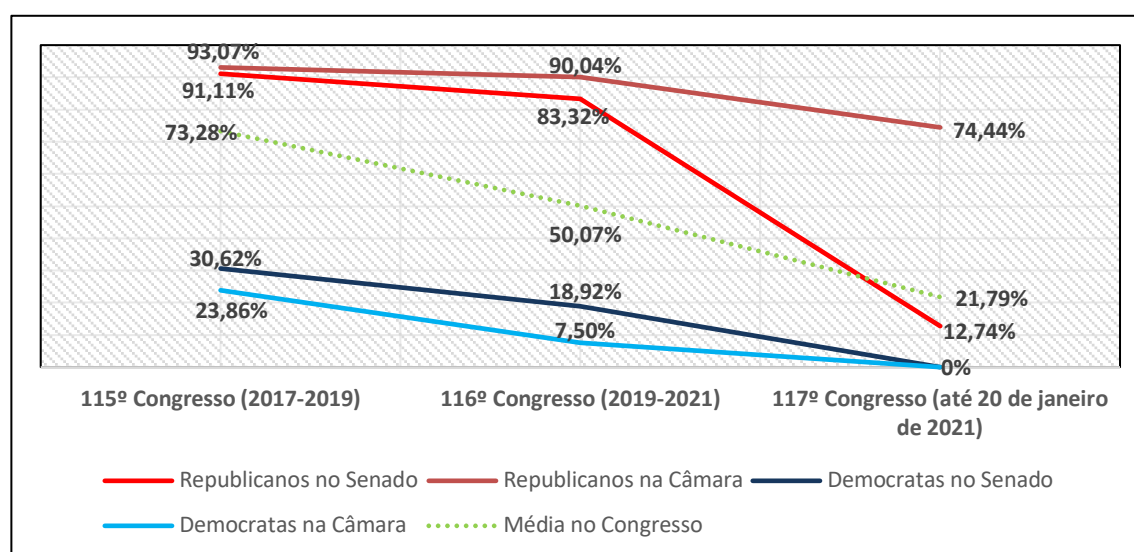
Logo, Trump mantém a lealdade de membros do GOP com base na retaliação presidencial em duas frentes: acesso a recursos financeiros do partido e a possibilidade de ser atacado em diversas mídias pelo presidente, podendo distanciar a base de eleitores de um representante eleito. Nesse sentido, assim como muitos membros do GOP se viram reféns de um eleitorado mais conservador e nacionalista com o movimento do *Tea Party*, muitos também enfrentam a mesma dinâmica com o eleitorado trumpista. Todavia, a homogeneização abordada aqui diz respeito ao posicionamento público de representantes do GOP frente os posicionamentos e declarações de

⁹⁰ “[...] the joint Trump-RNC fundraising operation began funneling millions of dollars into state party committees to support congressional races and state-level elections. The joint committee also ran negative ads in the districts of vulnerable Democrats and launched an innovative new digital fundraising tool called WinRed to raise and distribute funds broadly to down-ballot Republican candidates, [...] As the 2020 campaign got underway, the RNC took the lead on fundraising, including digital efforts, prospecting for new donors, and hosting major fundraising events. Combined, the Trump campaign and the RNC raised \$463 million by the end of 2019 and had almost \$200 million cash on hand at the start of 2020.” (GALVIN, 2020, p. 156).

Trump (GALVIN, 2020, p. 151-155). Apesar de diversas declarações inusitadas ao longo de sua administração, o confronto direto de membros de GOP com Trump foram pontuais. Essa lealdade não implica em fidelidade de votos em pautas colocadas no Congresso. O Gráfico 5 elucida justamente a dinâmica de votos de democratas e republicanos em pautas defendidas por Donald Trump.

Os resultados foram obtidos através da compilação de dados públicos do Congresso dos Estados Unidos e de levantamentos realizados pelo *Daily Kos* e *ProPublica*, que criou uma média de porcentagem de voto de cada congressista em relação a pautas defendidas ou apresentadas por Trump no Congresso. Logo, os congressistas foram divididos entre membros do Partido Democrata e Republicano, buscando estabelecer uma porcentagem média de votos de cada partido em cada casa do Congresso. Destarte, Trump apresenta, mesmo com republicanos, uma tendência decrescente de votos em conjunto. Mesmo com as *midterms*, diversos republicanos ainda votaram em oposição à Trump em temas distintos, cabendo destacar o voto do Senado para impor sanções à Rússia, Irã e Coreia do Norte e sua oposição em repelir o *Affordable Care Act*, ambos em julho de 2017 (BYCOFFE; SILVER, 2021).

Gráfico 5 – Taxa de votos em conjunto com Trump no Congresso (2017-2021).



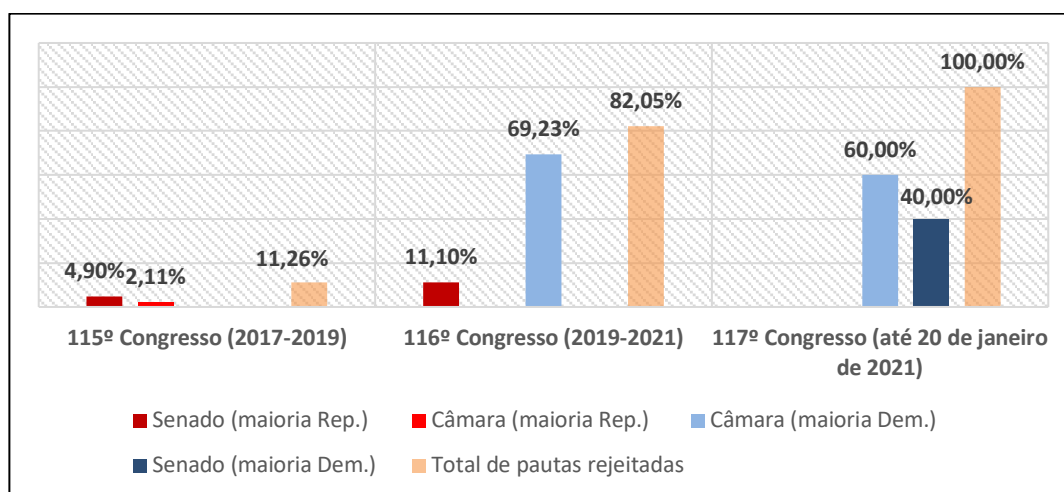
“Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Bycoffe e Silver (2021).”

Todavia, em temas intimamente ligados a imagem do presidente, como a anulação de sua condenação no Senado em fevereiro de 2020 após sofrer seu primeiro impeachment pela Câmara em 2019 e apoiando sua campanha de realizar um *government shutdown* caso não obtivesse fundos para a construção do muro na fronteira com o México, a grande maioria dos representantes republicanos votaram em conjunto com o ex-presidente. Cabe destacar que no último período do

gráfico ocorreram somente cinco votações no Congresso, sendo estas a objeção aos resultados eleitorais no Arizona e na Pensilvânia (ambas rejeitadas nas duas casas) e o impeachment de Trump aprovado na Câmara. Todavia, Donald Trump ainda obteve um apoio ativo de senadores e diversos representantes na Câmara frente um processo de impeachment no qual o ex-presidente estava sendo julgado por incitar uma insurreição no Capitólio (BYCOFFE; SILVER, 2021).

Em contrapartida, o Gráfico 6 aborda a quantidade de vezes nas quais o Senado e a Câmara votaram ativamente contra pautas defendidas pelo então presidente. Deve ser pontuado que a porcentagem de votos calculada pelo Senado e Câmara republicanos consiste em votações nas quais, mesmo não sendo necessário maioria qualificada (dois terços na Câmara e três quintos no Senado), a maioria de republicanos optou por votar ativamente contra Trump. O Gráfico 6 evidencia também a forte oposição democrata que Trump sofreu na Câmara após a conquista de maioria democrata nas *midterms*, refletindo em uma dependência maior de ordens executivas nos anos seguintes, saindo de 36 em 2018, para 44 em 2019 e 68 em 2020 (BYCOFFE; SILVER, 2021). Logo, os dados apresentados corroboram para a dinâmica de que, mesmo com a inação pública de diversos membros do GOP em condenar atitudes, falas e políticas defendidas por Trump, ainda havia uma certa liberdade de ação de congressistas republicanos em temas nos quais discordavam do ex-presidente. Destarte, o alinhamento público que grande parte do partido buscou com o eleitorado de Trump também requereu uma aproximação do GOP com a retórica trumpista.

Gráfico 6 – Rejeição ativa por Casa do Congresso contra projetos apoiados por Trump (2017-2021).



“Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Bycoffe e Silver (2021).”

Um estudo publicado pelo *V-Dem Institute*, uma *think-tank* sueca da *University of Gothenburg*, demonstrou que o GOP, por consequência da liderança de Trump, acabou se tornando

um partido mais populista e mais autoritário. Com uma base de dados de 1,9 mil partidos em 169 países, desde 1970, o *V-Dem* criou dois índices que permitiram compreender o crescimento do autoritarismo em partidos políticos, sendo eles o nível de populismo e de iliberalismo presentes na retórica política e em pautas defendidas. Sendo assim, com uma variação de 0 a 1, quanto mais alto um partido pontuasse em cada um desses elementos, menos democrático ele seria. Em 2018, o GOP havia se tornado amplamente mais iliberal que outros partidos em nações democráticas. Somente 15% do restante dos partidos analisados se comportavam de forma mais autoritária que o Partido Republicano. O estudo demonstra um crescimento do iliberalismo dentro do partido desde os anos 2000, contudo, apresentando um crescimento exponencial entre 2014 e 2016; saindo de 0,4 para quase 0,7 em apenas dois anos. Logo, o GOP, desde 2018, apresenta uma retórica mais próxima de partidos autoritários europeus, como *Fidesz* da Hungria, do que partidos conservadores tradicionais, como o *Conservatives* do Reino Unido (LÜHRMANN et al, 2020, p. 1).

Dentre os temas referentes ao populismo que obtiveram um crescimento exponencial entre 2000 e 2018 na retórica do GOP destacam-se a utilização da religiosidade, defesa de uma superioridade cultural norte-americana, anti-imigração e o antielitismo. Em relação a aspectos antidemocráticos, houve um crescimento na incitação da violência, demonização e desrespeito a oponentes políticos e a violação de direitos de minorias. Em comparação com o Partido Democrata nos mesmos tópicos acerca do populismo e de elementos antidemocráticos, não houveram alterações significativas do posicionamento desse partido. Pelo contrário, os democratas acabaram por se tornarem mais favoráveis aos direitos de grupos LGBTs e menos defensores de uma superioridade cultural no país. Mesmo no aspecto antielitista, apesar de um crescimento nessa área, democratas ainda mantêm uma distância considerável da utilização demasiada de uma retórica antielitista por republicanos. Logo, os democratas se tornaram levemente mais populistas e mantiveram o mesmo posicionamento democrático que detinham no início dos anos 2000, ao passo que republicanos se tornaram altamente mais populistas e antidemocráticos. Curiosamente, tanto a política econômica quanto a oposição de republicanos a igualdade de LGBTs não sofreram alterações, mantendo um posicionamento esperado à direita até 2018 (LÜHRMANN et al, 2020, p. 2).

Frente as proposições apresentadas, o relacionamento de Donald Trump com o Partido Republicano possui claras similaridades com a dinâmica do mesmo partido com movimentos com o *Tea Party*. Todavia, Trump buscou centralizar o partido em sua figura e em sua plataforma política neonacionalista, dividindo o partido entre representantes “leais ao povo” e “traidores da nação”. As mesmas dinâmicas que utilizou para a construção de narrativas de inimigos nacionais também acabou, consequentemente, por ser utilizada contra membros de seu próprio partido. A

centralização do GOP na figura de Trump requereu que os membros do partido utilizassem de retóricas similares a do ex-presidente como uma forma de garantir sua sobrevivência política dentro do partido e nos ciclos eleitorais seguintes.

Todavia, o alinhamento público da maioria de integrantes do GOP garantiu uma alta legitimidade da retórica e pautas utilizadas por Trump nos últimos quatro anos, atraindo novos representantes republicanos intimamente ligados a mensagem trumpista, como no caso da recém-eleita Marjorie Taylor Greene, representante do estado Geórgia na Câmara. Ao longo de sua campanha, Greene classificou repetidamente o *Black Lives Matter* como uma organização terrorista, afirmou que Obama era secretamente um muçulmano e que havia uma invasão islâmica no Congresso do país. Em seu discurso de vitória, ao se referir a presidente democrata na Câmara, Nancy Pelosi, afirmou que “Ela é antiamericana. E vamos expulsar aquela vadia do Congresso.” (GREENE, 2020 *apud* MATHERS, 2020, tradução nossa⁹¹).

A unificação da imagem do GOP sob a plataforma neonacionalista acabou por criar conexões entre eleitores e representantes do GOP com novos movimentos e organizações que antes não possuíam uma ligação direta ou qualquer tipo de relação com o Partido Republicano. O caso de Greene evidencia esse novo fenômeno no partido, uma vez que alcançou popularidade política ao promover teorias conspiratórias relacionadas ao *QAnon* em redes sociais, defendendo que democratas estariam ligados a uma rede satânica e internacional de pedofilia (MATHERS, 2020). Logo, cabe compreender quais foram os novos e antigos movimentos, grupos políticos e organizações trazidas ao *mainstream* político nos últimos quatro anos – buscando identificar as relações de Trump e do GOP com elas.

5.2 As novas “facções” do GOP

Como consequência do neonacionalismo presente em sua administração, o deslocamento da *Overton Window* ao longo dos últimos quatro anos acabou por criar naturalizações de temas e pautas antes não defendidas no *mainstream* político, como o ataque racial à imigrantes e demonização de opositores políticos. O *Southern Poverty Law Center* (SPLC), um *think tank* especializado em monitorar grupos extremistas no país, registrou em 2019 um crescimento de 55% dos grupos de nacionalismo branco no país desde 2017, totalizando 940 grupos extremistas no país naquele ano. Entre 2016 e 2018, foram documentados 125 comícios, passeatas e protestos

⁹¹ “She’s anti-American. And we’re going to kick that bitch out of Congress.” (GREENE, 2020 *apud* MATHERS, 2020)

nacionais organizados por grupos ligados ao nacionalismo branco, neonazismo, membros da *Ku Klux Klan*, reacionários e membros da *Alt-Right*. Ao longo dos últimos quatro anos, as manifestações desses grupos foram gradativamente se distanciando de protestos organizados para manifestações esporádicas e reativas à protestos de grupos ligados a ala progressista, como o *Black Lives Matter* (SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2020).

No aspecto do nacionalismo branco, a *Alt-Right* destacou-se no período eleitoral de Trump e nos dois primeiros anos de seu mandato, prestando apoio contínuo à Trump ao longo de sua campanha e organizando comícios e manifestações. Criado em 2009 por Richard Spencer, o termo *Alternative Right* surgiu como uma forma de descrever uma nova direita que identificava a supremacia branca como um elemento constitucional e essencial para a formação de uma nação norte-americana totalmente branca. Diferentemente de outros movimentos e *websites* de supremacia branca, como a *Ku Klux Klan* e os sites *VDare* e *Stormfront*, a *Alt-Right* conseguiu unificar elementos cômicos, digitais e intelectuais para promover e naturalizar elementos de nacionalismo branco na sociedade norte-americana – sendo caracterizado, dessa forma, como um movimento metapolítico segundo Spencer (HAWLEY, 2017).

Assim, promovem em redes sociais e em *websites* ligados ao movimento elementos cômicos de teor altamente racista, ao mesmo tempo em que produzem livros e artigos em produtoras e *think tanks* próprios para promover o aspecto intelectual do movimento. Nesse sentido, a prospecção de novos membros se dá de uma forma menos explícita e panfletária se comparados aos métodos da *Ku Klux Klan*. Com sua popularidade em salas de bate papo virtuais, como o *4chan*, o movimento ganhou maior atenção nacional após Hillary Clinton classifica-los como “deploráveis” (HAWLEY, 2017).

Ao mesmo tempo em que Trump buscou se distanciar e condenar o movimento, também buscava demonstrar indiferença e um apoio “indireto”. A relação de seu antigo estrategista, Steve Bannon, esteve constantemente presente enquanto este comandava o portal de notícias *Breitbart*. Sob a liderança de Bannon, o *Breitbart* foi responsável por disseminar narrativas racistas criadas pela própria *Alternative Right*, como a existência de uma conspiração chamada *White Genocide*, na qual brancos no país estariam sendo exterminados gradativamente a partir do multiculturalismo crescente no país. O *website*, ativo até hoje, foi classificado pelo próprio Bannon como a plataforma da *Alt-Right* em 2016. Após deixar a Casa Branca, Bannon voltou a comandar o *website* e, mesmo que não publicamente, manteve uma proximidade de Trump – que acabou por contratá-lo novamente como um membro de sua campanha à reeleição em 2020 (NEIWERT, 2017, p. 285-289). Além disso, Trump já realizou sinalizações diretas de apoio a narrativas do grupo, compartilhando, em 2016, um *tweet* de um usuário do *Twitter* sob o nome *White Genocide*

(KOPAN, 2016).

Em agosto de 2017 foi possível observar a tração popular desses movimentos de nacionalismo branco com os comícios e protestos do *Unite The Right*, ocorridos em Charlottesville, Virgínia. O evento de dois dias contou com membros da *Alternative Right*, *Ku Klux Klan*, distintos grupos neonazistas e membros de grupos e veículos de comunicação da extrema-direita do país, e teve como objetivo demonstrar o tamanho desse movimento nativista no país. Seus participantes marcharam com tochas acesas em mãos, gritos de ordem como “judeus não irão nos substituir” e “sangue e solo”, bandeiras neonazistas e dos Confederados além de saudações nazistas. Durante contraprotestos simultâneos de grupos antifascistas, um manifestante do *Unite The Right* avançou seu veículo contra esses manifestantes, ferindo vinte pessoas e levando uma manifestante à óbito.

Quando questionado acerca da severidade desse episódio, apesar de condenar grupos neonazistas, Trump apontou que haviam indivíduos bem-intencionados em ambos os lados (PHELPS, 2019). Dois anos após o episódio, o ex-presidente voltou a defender sua resposta e justificar que o motivo das manifestações teria sido o movimento contrário à retirada de uma estátua do general Confederado, Robert E. Lee, uma figura histórica que lutou em prol da permanência do sistema escravagista no país:

Quer você goste ou não, ele foi um dos grandes generais. Falei com muitos generais aqui, bem na Casa Branca, e muitas pessoas que pensaram nos generais, acham que talvez ele fosse seu general favorito. As pessoas estavam lá protestando contra a derrubada do monumento de Robert E. Lee. Todo mundo sabe disso (TRUMP, 2019 *apud* PHELPS, 2019, tradução nossa⁹²).

Apesar de a *Alt-Right* não ter mantido a mesma proeminência que obtivera até final de 2017, sua estrutura altamente descentralizada permitiu que elementos presentes na ideologia do movimento fossem reutilizados em novos movimentos e grupos que viriam a surgir nos dois últimos anos da administração. Contudo, antes de adentrar essas novas iterações da *Alt-Right*, cabe pontuar as novas mídias alternativas que também auxiliaram na ascensão de novos movimentos. O *InfoWars*, programa de notícias no formato virtual e de rádio, apesar de fundado em 1999, obteve um maior alcance e ganho de popularidade na corrida eleitoral de Trump. Fundado por Alex Jones, o *website* foi responsável por propagar diversas teorias conspiratórias, variando desde a narrativa de que o 11 de setembro teria sido um trabalho interno da administração Bush até a teoria de que

⁹² “Whether you like it or not, he was one of the great generals. I have spoken to many generals here, right at the White House, and many people thought of the generals, they think maybe he was their favorite general. People were there protesting the taking down of the monument of Robert E. Lee. Everybody knows that.” (TRUMP, 2019 *apud* PHELPS, 2019)

havia uma rede de pedofilia satânica internacional liderada pelos Clintons. Essa teoria, denominada *PizzaGate*, postulava que havia uma pizzaria em Washington DC onde crianças eram mantidas reféns em porões secretos.

Consequentemente, em dezembro de 2016, um homem armado foi preso após tentar invadir uma pizzaria na capital do país (KENNEDY, 2017). Somente o *The Alex Jones Show* possui uma audiência média semanal de 2 milhões de pessoas, disseminando narrativas antissistema e contra elites globalistas que buscam o domínio cultural e que incitam um combate fervoroso, e as vezes violento, por parte de seus telespectadores (RELMAN, 2017). Frente a disseminação de notícias falsas e de discursos de ódio ao longo das décadas, Alex Jones teve todas as suas contas pessoais banidas de todas as plataformas virtuais (COASTON, 2018). Contudo, ainda exerce muita influência em diversos grupos nacionalistas e, durante a campanha de Trump, recebeu o então candidato à presidência em seu programa, que teceu elogios à Jones: “Sua reputação é fantástica. Eu não vou te decepcionar.” (TRUMP, 2015 *apud* BRADNER, 2015, tradução nossa⁹³).

Ao longo de seu mandato Trump obteve uma proximidade da rede de notícias *Fox News*, constantemente aparecendo em programas do canal e elogiando âncoras como Bill O’Rilley e Sean Hannity. Todavia, em seu todo, a *Fox News* ainda detinha diversos jornalistas críticos às medidas da administração Trump, não caracterizando uma rede de notícias totalmente fiel ao presidente. Gradativamente, a *One America News Network* (OANN) e o *Newsmax*, canais que veiculavam histórias altamente positivas à Trump e teciam elogios a sua administração em coletivas da Casa Branca, ganharam mais espaço na base eleitoral de Trump. Se a *Fox News* não estivesse disposta à um alinhamento automático com o trumpismo, esses dois canais se mostraram altamente dispostos a contribuir para a estratégia do *Firehose of Falsehoods* de Trump. Ao longo de 2020, disseminaram teorias conspiratórias de que o vírus da covid-19 estaria sendo espalhado propositalmente por elites globalistas, comandadas por George Soros, o Partido Comunista Chinês e Hillary Clinton, com o objetivo de controle de natalidade.

Ao longo de 2020, OANN defendeu a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais e promoveu uma cura falsa para o coronavírus, tendo seu canal no *YouTube* suspenso temporariamente (ROBERTSON, 2020). Após sofrer subseqüentes críticas por comentaristas da *Fox News* por conta das alegações de fraudes eleitorais, Trump promoveu ainda mais esses canais: “É por isso que @FoxNews durante a semana e no fim de semana perderam suas avaliações... Muitas alternativas excelentes estão se formando e existem. Experimente @OANN e @newsmax,

⁹³ “Your reputation is amazing. I will not let you down.” (TRUMP, 2015 *apud* BRADNER, 2015).

entre outros!” (TRUMP, 2020 *apud* WILSON, 2020, tradução nossa⁹⁴)

Em 2016, Gavin McInnes, um apresentador e comentarista conspiracionista, fundou uma milícia de extrema-direita denominada *Proud Boys*. Ao longo de sua carreira, McInnes foi um comentarista regular em diversos programas da *Fox News* e do *InfoWars*, escreveu para revistas ligadas a *Alt-Right*, como a *Taki's Magazine*, e apresentou seu programa *The Gavin McInnes Show* em formato virtual e similar ao de Alex Jones, desde 2015. Apesar de ter deixado o *Proud Boys* em 2018, após diversos membros terem sido indiciados criminalmente, Gavin demarcou a retórica do grupo como altamente violenta: “Nós vamos matar você. Esses são os *Proud Boys* em poucas palavras. [...] Nós vamos assassinar você. [...] Você pode pedir violência em geral? Porque eu estou. [...] Precisamos de mais violência vinda do povo de Trump. Apoiadores de Trump.” (McINNES, 2016 *apud* BEERS, 2020, tradução nossa⁹⁵).

Diferentemente da *Alternative Right* que evitava o rótulo violento, os *Proud Boys* se apresentam como um grupo armado composto exclusivamente por homens que buscam combater o politicamente correto, o *establishment* político e a “culpa do homem branco” pregada na sociedade, explorando explorar enfrentamentos entre a polícia e manifestantes progressistas e incitando a violência contra grupos que defendem pautas progressistas e anti-Trump (McEVOY, 2020). Outro grupo armado similar que ganhou proeminência no mesmo período foram os *Boogaloo Boys*, participando ativamente de protestos contra os *lockdowns* estaduais, estimulando invasão a assembleias legislativas e, diferentemente dos *Proud Boys*, promovendo abertamente o nacionalismo branco e suas ligações com outros movimentos neonazistas (PINEDA, 2020). Um levantamento do SPLC identificou que apenas em 2018 haviam 181 milícias armadas espalhadas pelo país, sendo muitas delas ligadas estritamente a um sentimento anti-*establishment* e anti-globalista, com anseios sobre a possibilidade de uma nova Guerra Civil no país (SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2021).

Trump deu ainda mais voz a esses grupos quando solicitaram que condenasse grupos de milícias de supremacistas brancos durante o primeiro debate presidencial de 2020. Antes de citar o grupo, Trump apontou que a violência que observava era mais praticada por grupos de esquerda no âmbito nacional, remetendo a sua fala quando questionado sobre o *Unite The Right*. Ao citar os *Proud Boys*, o ex-presidente fez um pedido ao grupo: “Proud Boys, recuem e fiquem em alerta.”

⁹⁴ “This is why @FoxNews daytime and weekend daytime have lost their ratings... Many great alternatives are forming & exist. Try @OANN & @newsmax, among others!” (TRUMP, 2020 *apud* WILSON, 2020)

⁹⁵ “We will kill you. That’s the Proud Boys in a nutshell. [...] We will assassinate you. [...] Don’t listen to what he has to say. Choke him. [...] Can you call for violence generally? Cause I am. [...] We need more violence from the Trump people. Trump supporters.” (McINNES, 2016 *apud* BEERS, 2020).

(TRUMP, 2020 *apud* WAXMAN, 2020, tradução nossa⁹⁶). Nos dias que se seguiram os *Proud Boys* adotaram a fala de Trump como um novo lema, produzindo camisetas e bonés com os dizeres. Um dos líderes do grupo, Joe Biggs, interpretou o pedido como uma forma de apoio, escrevendo em sua conta no *Parler*, rede social de direita, que o presidente “[...] basicamente disse para nós acabarmos com eles. Isso me faz tão feliz.” (BIGGS, 2020 *apud* MURDOCK, 2020, tradução nossa⁹⁷).

O último movimento potencializado ao longo da administração de Donald Trump foi responsável por fortificar a narrativa conspiratória do ex-presidente de que havia um *Deep State* operando nos Estados Unidos. Assim como ocorreu com a *Alt-Right*, o movimento do *Qanon* se disseminou inicialmente no *4Chan* quando uma conta anônima sob o pseudônimo de “Q” afirmou em uma publicação que Hillary Clinton seria presa em 30 de outubro de 2017. O movimento desde sua concepção adota a narrativa de que “Q” seria um patriota infiltrado nesse *Deep State* e que busca transmitir informações essenciais para que esse governo paralelo seja derrubado, tendo Donald Trump como o líder dessa cruzada. A questão da pedofilia também é utilizada na narrativa e serve a dois propósitos: como uma forma de associar os democratas como parte da elite política satanista e praticante de atos de canibalismo que comanda uma operação internacional de tráfico infantil, e obter um apelo maior de suas narrativas conspiracionistas, adotando o lema “salvem as crianças” como bússola moral (LaFRANCE, 2020).

O então presidente reconheceu a existência do grupo ao responder uma pergunta em durante uma coletiva de imprensa em agosto de 2020: “Não sei muito sobre o movimento, só entendo que eles gostam muito de mim, e eu agradeço isso [...] Ouvi dizer que são pessoas que amam nosso país” (TRUMP, 2020 *apud* HOLPUCH, 2020, tradução nossa⁹⁸). Em outra ocasião mais preocupante, Trump se recusou a desmentir a teoria do movimento de que os democratas estariam comandando um círculo satânico de pedofilia. Durante um *town hall meeting*⁹⁹ em 15 de outubro de 2020, a jornalista que moderava o evento explicou qual era a principal narrativa conspiracionista do movimento e pediu que o presidente confirmasse que essa teoria era falsa e que desaprovasse o *Qanon* como um todo. Trump argumentou que não sabia do que se tratava o grupo, mesmo após a explicação da jornalista, e concordou com o combate a pedofilia proposto pelo movimento: “Deixe-me apenas dizer o que eu ouvi é que eles são fortemente contra a

⁹⁶ Proud Boys, stand back and stand by (TRUMP, 2020 *apud* WAXMAN, 2020)

⁹⁷ “[...] basically said to go fuck them up. This makes me so happy.” (BIGGS, 2020 *apud* MURDOCK, 2020).

⁹⁸ “I don’t know much about the movement other than I understand they like me very much, which I appreciate [...] I’ve heard this are people that love our country.” (TRUMP, 2020 *apud* HOLPUCH, 2020).

⁹⁹ Reuniões realizadas entre representantes políticos nacionais ou estaduais com seus eleitores, como uma forma de sanar dúvidas e prestar esclarecimento popular. São eventos comuns organizados nos EUA tanto dentro quanto fora do período eleitoral.

pedofilia. E eu concordo com isso [...]”. Quando questionado se acreditava na presença de uma elite democrática satânica no comando dessa rede de pedofilia, o ex-presidente não negou a possibilidade: “Eu não faço ideia. Eu não sei nada sobre isso ... Eu não sei e nem você sabe disso.” (TRUMP, 2020 *apud* VAZQUEZ, 2020, tradução nossa¹⁰⁰).

Nas últimas eleições nacionais, mais de 31 candidatos concorrendo tanto para o Congresso quanto para assembleias legislativas estaduais construíram sua campanha com base em elementos ligados ao *Qanon*, variando desde simples posts em redes sociais até vídeos de campanha que utilizavam iconografias do movimento. Apesar de o movimento trazer uma narrativa perigosa e que demoniza literalmente oponentes políticos, representantes do GOP buscaram se distanciar e ignorar a existência desse e de outros movimentos. Todavia, o partido permitiu e capitou ativamente candidatos ligados ao movimento em diferentes estados (ROGERS, 2020). Logo, apesar de Trump não declarar um apoio aberto e claro a esses grupos, suas declarações deram abertura para que esses movimentos e grupos buscassem em suas palavras um apoio indireto do presidente.

Entre 2016 e 2019, houve um crescimento de 19,4% no número de crimes de ódio cometidos no país, em um crescimento ascendente saindo de 6.121 para 7.314 crimes registrados. A maior parte dos crimes tiveram motivações raciais, sendo os alvos principais a população negra, judeus, homens gays e latinos. Se comparados com a administração de Obama, o crescimento desses crimes nos últimos anos vai contra a tendência antes de 2016, uma vez que ocorrera uma queda de 21% desses crimes entre 2008 e 2016 (CENTER FOR THE STUDY OF HATE AND EXTREMISM, 2019 *apud* VILLARREAL, 2020). Consequentemente, episódios de violência racial, especialmente praticados por nacionalistas brancos e por membros de milícias, marcaram a administração Trump. Em agosto de 2019, 22 pessoas foram mortas durante um tiroteio que tinha como alvo mexicanos dentro de um *Walmart* em El Paso, Texas – sendo um dos piores crimes do tipo registrados pelo *Federal Bureau of Investigation*, conhecido como FBI (BBC NEWS, 2020).

Durante protestos frente a violência policial contra negros em Kenosha, Wisconsin, diversas milícias se “colocaram à disposição” para conter possíveis enfrentamentos. Kyle Rittenhouse, um jovem de 17 anos que portava ilegalmente um rifle de assalto, saiu de Illinois, seu estado natal, para participar das ações com as milícias presentes em Kenosha. Durante uma confusão entre manifestantes, Rittenhouse realizou disparos contra manifestantes que avançavam em sua direção, matando dois e ferindo um (MAXOURIS et al 2020). Após o ocorrido, Trump

¹⁰⁰ “Let me just tell you what I do hear about is that they are very strongly against pedophilia. And I agree with that [...]. I have no idea. I know nothing about that... I don’t know that and neither do you know that.” (TRUMP, 2020 *apud* VAZQUEZ, 2020).

reiterou a tese de que o jovem havia agido em autodefesa e, de acordo com documentos obtidos no *Department of Homeland Security*, autoridades federais foram direcionadas a realizar comentários complacentes com Rittenhouse (BREWSTER, 2020b). Outro episódio notório envolvendo esses grupos foi a descoberta de uma tentativa de sequestro da governadora democrata do Michigan, Gretchen Whitmer, em outubro de 2020. Treze indivíduos ligados a milícias armadas foram presos sob as acusações de

[...] terem tentado identificar os endereços residenciais de policiais a fim de alvejá-los, feito ameaças de violência com o objetivo de instigar uma guerra civil e envolvidos no planejamento e treinamento de uma operação de ataque ao edifício do capitólio de Michigan e para sequestrar funcionários do governo, incluindo o governador de Michigan. (NESSEL, 2020 *apud* CARREGA; STRACQUALURSI; CAMPBELL, 2020, tradução nossa¹⁰¹).

Após o incidente, Whitmer criticou duramente a administração de Trump, apontando que sua retórica era responsável por inflamar grupos como esses. Durante um comício em Muskegon, Michigan, no mesmo mês, o então presidente criticou as falas da governadora, rebatendo que ele não tinha qualquer relação com a tentativa de sequestro. Em seguida, Trump comentou que, graças as eleições, os eleitores de Michigan iriam tirar ela do poder em breve. Consequentemente, seus apoiadores repetiram os mesmos gritos de “prendam ela!” após as falas de Trump (MASON; MARTINA, 2020).

Mesmo não prestando uma aprovação direta a esses grupos, Trump fez um uso contínuo do *dog whistle politics* em sua retórica. Esse elemento, livremente traduzido como “política do apito de cachorro”, consiste na utilização de termos e iconografias que, para o público geral, passem despercebidas. Contudo, grupos específicos são capazes de compreender e entender essas mensagens como uma forma de apoio, sendo o objetivo final dessa prática “ativar” esses grupos (OLASOV, 2016). Nesse sentido, o enfoque de Trump em energizar cada vez mais sua base acabou por aproximar cada vez mais o GOP de grupos similares aos citados. Apesar de associações com esses grupos pudessem ser feitas, Trump tornou as ligações menos tênues, uma vez que novos representantes eleitos pelo partido, defendiam abertamente a retórica desses grupos.

5.3 Os limites do neonacionalismo trompista

¹⁰¹ “[...] to have attempted to identify the home addresses of law enforcement officers in order to target them, made threats of violence intended to instigate a civil war, and engaged in planning and training for an operation to attack the capitol building of Michigan and to kidnap government officials, including the governor of Michigan.” (NESSEL, 2020 *apud* CARREGA; STRACQUALURSI; CAMPBELL, 2020).

No âmbito popular, Donald Trump foi um do presidente mais divisível da história do país. Durante seus quatro anos, o seu ponto mais alto de aprovação foi no início de seu mandato, com 45,5%, e seu ponto mais alto de reprovação foi ao final de seu mandato, com 57,9%. Até mesmo Nixon, ao final de seu conturbado mandato, ainda detinha uma aprovação de 51,7% (BYCOFFE; MEHTA; SILVER, 2021). Todavia, nunca pontuou abaixo dos 79% de popularidade entre eleitores republicanos, obtendo sua maior aprovação (95%) após sua recusa em aceitar os resultados eleitorais das últimas eleições. Após os ataques do Capitólio, seu banimento de redes sociais e sua saída do governo, Trump ainda detinha 82% de aprovação entre republicanos (GALLUP, 2021). Destarte, o período de campanha eleitoral de Trump em 2020, ao mesmo tempo em que demonstrou ainda mais sua força com sua base eleitoral e seu partido, evidenciou fraquezas claras em sua abordagem política neonacionalista.

A crise sanitária e econômica nos Estados Unidos, causadas pela pandemia da Covid-19, foram eventos que acabaram por afastar Trump de sua base de eleitores mais pragmática. As estratégias empregadas para energizar sua base ao longo dos anos encontraram um obstáculo intransponível para uma parcela considerável de eleitores, uma vez que, frente a desaceleração econômica e o crescente número de casos, a indisposição de Trump em reconhecer a severidade do vírus, buscar se eximir de responsabilidades, atribuindo culpabilidade à China e democratas, e reiterar o discurso de que a economia norte-americana, mesmo com alto desemprego, estava melhor do que nunca, tornaram-se fatores difíceis de serem ignorados nas urnas. Comparado com o último ciclo eleitoral, os principais estados que Trump perdeu em 2020 – Pensilvânia, Michigan e Wisconsin – representaram estados decisivos para sua vitória em 2016 e compunham parte da região do *Rust Belt*. Em Wisconsin, por exemplo, o pico de casos na região antes das eleições revelou que 57% dos eleitores acreditavam que a pandemia não estava sob controle (JOHNSON et al, 2020).

Em contraposição, Biden se colocou como o candidato capaz de tratar do tema com seriedade, sendo constantemente criticado por Trump por utilizar máscaras e realizar comícios no formato de *drive-ins*. Logo, o discurso de preservação da liberdade individual em detrimento da implementação de *lockdowns*, mesmo funcionando nos momentos iniciais da campanha de Trump, acabou por alienar o eleitor republicano mais moderado. Uma pesquisa conduzida nacionalmente entre 9 e 13 de outubro de 2020 que mais de 50% dos eleitores acreditavam que Biden teria maior capacidade de lidar com a pandemia, enquanto apenas 37% acreditavam que Trump era o mais capaz (SCHEYDER et al, 2021).

A elevada rejeição de Trump também resultou no maior comparecimento às urnas em uma eleição presidencial, uma vez que uma grande parcela de eleitores democratas que não

compareceram em 2016, frente um desencanto com a candidatura de Hillary, fizeram questão de sair às urnas em 2020. Os episódios de violência policial contra negros, representados no último ano pela morte de George Floyd, serviram como uma forma de mobilizar e incentivar um registro maior de eleitores negros para as eleições presidenciais, uma vez que eleitores negros registrados e aptos a votar atingiram um recorde de 30 milhões em 2020, sendo que mais de um terço desses residiam em *battleground states*, de acordo com o *Pew Research Center* (BUDIMAN, 2020). Além disso, a população negra representou 50% de todos os eleitores democratas na Geórgia, 20% de todos os eleitores democratas em Michigan e 21% de todos os eleitores democratas na Pensilvânia (RAY, 2020). Representando em torno de 11% da população nacional, a pouca atenção dada por Trump sobre o tema racial, juntamente com a sua proximidade de movimentos nacionalistas brancos e de milícias armadas, acabaram por custar grande parte do apoio da população negra – especialmente de mulheres negras –, uma vez que Biden conquistou uma média de 81,8% dos votos negros, sendo da primeira vice-presidente negra, Kamala Harris, um elemento que auxiliou na vitória do democrata com esse eleitorado (STAFFORD et al, 2020).

O recorde de votos de Joe Biden, 80 milhões, foi seguido pelo segundo candidato mais votado da história: Donald Trump, com 74 milhões de votos. Comparado a sua eleição de 2016, Trump cativou 11 milhões de eleitores a mais nessa eleição (MONTANARO, 2020). Se por um lado as estratégias de Trump falharam com um eleitorado mais moderado, foram capazes de energizar sua base ao ponto de um presidente renegar os resultados de uma eleição democrática e iniciar um processo político que buscava reverter os resultados, contando com o apoio de seu partido e de seus eleitores mais fiéis. A personalização do GOP na figura de Trump fora sancionada na Convenção Nacional Republicana em agosto de 2020, justamente por colocar o ex-presidente como uma figura messiânica capaz de evitar a destruição de uma “nova América” que havia sido construída nos últimos quatro anos. Dessa forma, a convenção foi marcada por estratégias usuais empregadas por Trump, como a negação e simplificação da realidade, negando a gravidade da pandemia, por ter sido realizada no jardim da Casa Branca e sem protocolos sanitários de segurança (ZURCHER, 2020). A questão da justiça racial foi instrumentalizada como uma forma aperfeiçoar a imagem de Trump com eleitores negros, tendo como exemplo um perdão presidencial concedido à um presidiário negro, durante a transmissão do segundo dia do evento (JOHN, 2020).

O Partido Republicano reiterou a incompatibilidade de oponentes políticos com os ideais norte-americanos, caracterizando democratas como socialistas que teriam como objetivo confiscar armamentos pessoais, limitar liberdades e impor um sistema de saúde público mandatório. A presença de Mark e Patricia McCloskey, um casal de advogados de classe média alta de St. Louis que apontaram armas de fogo para manifestantes do *Black Lives Matter*, enquanto estes

protestavam perto de sua residência, serviu como uma forma de fortificar a percepção política de “nós contra eles”, uma vez que o casal sugeriu que democratas buscavam abolir os subúrbios nacionais (ZURCHER, 2020). Em seu discurso, Donald Trump Jr, caracterizou Biden como subserviente ao governo chinês e elucidou a real ameaça do Partido Democrata para o país:

No passado, ambas as partes acreditavam na bondade da América. Concordávamos para onde queríamos ir, apenas discordamos sobre como chegar lá. Desta vez, a outra parte está atacando os próprios princípios sobre os quais nossa nação foi fundada: liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de religião, o estado de direito. (TRUMP JR, 2020 *apud* ZURCHER, 2020, tradução nossa¹⁰²).

A subsequente derrota de Trump nas eleições e o apoio, ou complacência, de grande parte do GOP na narrativa de contestação dos resultados eleitorais permitiu que o ex-presidente, sem o constrangimento de seu próprio partido, energizasse sua base em uma direção sem precedentes na história do país. A invasão à centros de contagens de votos, como ocorreu em centros de apuração de votos em Phoenix, Arizona, enquanto manifestantes pró-Trump sob gritos de ordem de “parem o roubo¹⁰³” tentaram invadir o centro e impedir a contabilização dos votos – sendo que muitos desses manifestantes portavam armas e possuíam claras ligações com milícias (BEAMOUNT, 2020). Além disso, diversas ameaças com bombas foram identificadas em diversos desses centros durante o processo de contabilização de votos, como no caso da Filadélfia, Pensilvânia, que resultou na prisão de dois indivíduos armados com ligações à ameaça de bomba no local de votação. O veículo utilizado pelos suspeitos continha uma bandeira do país e, visivelmente, um adesivo de apoio ao *QAnon* (CHMURAK, 2020).

Todavia, o ápice da gravidade da retórica de Donald Trump foi evidenciado no dia 6 de janeiro de 2021. Com a certificação dos votos de Joe Biden e Kamala Harris pelo Congresso, Trump e sua equipe organizaram o último comício de sua presidência, intitulado *Save America*. Após sua equipe ter iniciado, e perdido, 42 ações legais no país que desafiavam o resultado eleitoral, Trump reiterou narrativa de fraude com o objetivo de incitar manifestações de seus apoiadores em frente ao Capitólio: “Nosso país está farto. Não vamos aguentar mais e é disso que se trata. Para usar um termo favorito que todos vocês realmente criaram, vamos parar o roubo. Hoje vou apresentar apenas algumas das evidências que provam que vencemos esta eleição e a

¹⁰² “In the past, both parties believed in the goodness of America. We agreed on where we wanted to go, we just disagreed on how to get there. This time the other party is attacking the very principles on which our nation was founded: Freedom of thought, freedom of speech, freedom of religion, the rule of law”. (TRUMP JR, 2020 *apud* ZURCHER, 2020).

¹⁰³ *Stop the steal*.

vencemos por uma vitória esmagadora.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁴). Comparou o sistema eleitoral dos EUA com países de terceiro mundo: “Suas eleições são mais honestas do que as que temos vivido neste país. É uma vergonha. É uma vergonha.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁵).

Trump também buscou pressionar seu vice, pedindo para que Mike Pence não certificasse a vitória de Biden e que seus eleitores pressionassem os republicanos “fracos” a fazerem o mesmo:

Vamos ver se temos ou não grandes e corajosos líderes ou se temos ou não líderes que deveriam ter vergonha de si mesmos ao longo da história, por toda a eternidade, eles terão vergonha. E sabe de uma coisa? Se eles fizerem a coisa errada, nunca devemos esquecer o que fizeram. Nunca se esqueçam. Nunca devemos esquecer. (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁶).

Os inimigos a serem combatidos foram reiterados no discurso, como a mídia – “Nossa mídia não é livre. Não é justa. Suprime o pensamento. Suprime a fala e se tornou o inimigo do povo.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁷) – o Partido Democrata e a China. “Mas este ano, usando o pretexto do vírus da China e do golpe das cédulas eleitorais, os democratas tentaram o mais descarado e ultrajante roubo eleitoral.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁸). Biden, logo, foi caracterizado como um perdedor e um presidente ilegítimo, capaz de fazer com que o país deixasse de ser grande novamente. Ao final de seu discurso, Trump faz um último apelo a seus apoiadores, “E nós lutaremos. Nós lutaremos como o inferno e se você não lutar como o inferno, você não terá mais um país. [...] Então, vamos, vamos andar pela Avenida Pensilvânia, eu amo a Avenida Pensilvânia, e vamos ao Capitólio [...]” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021, tradução nossa¹⁰⁹).

Os eventos que se sucederam resultaram em uma insurreição seguida de uma tentativa de golpe no Capitólio norte-americano. Diversos manifestantes ultrapassaram as barreiras de

¹⁰⁴ “Our country has had enough. We will not take it anymore and that’s what this is all about. To use a favorite term that all of you people really came up with, we will stop the steal. Today I will lay out just some of the evidence proving that we won this election, and we won it by a landslide.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

¹⁰⁵ “Their elections are more honest than what we’ve been going through in this country. It’s a disgrace. It’s a disgrace.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

¹⁰⁶ “We’re going to see whether or not we have great and courageous leaders or whether or not we have leaders that should be ashamed of themselves throughout history, throughout eternity, they’ll be ashamed. And you know what? If they do the wrong thing, we should never ever forget that they did. Never forget. We should never ever forget.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

¹⁰⁷ “Our media is not free. It’s not fair. It suppresses thought. It suppresses speech, and it’s become the enemy of the people.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

¹⁰⁸ “[...] But this year using the pretext of the China virus and the scam of mail-in ballots, Democrats attempted the most brazen and outrageous election theft.” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

¹⁰⁹ “And we fight. We fight like Hell and if you don’t fight like Hell, you’re not going to have a country anymore. [...] So we’re going to, we’re going to walk down Pennsylvania Avenue, I love Pennsylvania Avenue, and we’re going to the Capitol [...]” (TRUMP, 2021 *apud* REV, 2021).

contenção, invadiram o prédio, depredaram áreas históricas e roubaram pertences de diversos representantes. Apesar da brecha de segurança, a polícia do Congresso conseguiu evacuar os congressistas presentes durante a invasão. A insurreição resultou em quatro mortes e contou com uma gama diversa de apoiadores: eleitores comuns, nacionalistas brancos, milícias, neonazistas e de pelo menos 16 representantes republicanos estaduais eleitos e aposentados. Derrick Evans, um legislador recém-eleito pelo estado da Virgínia do Oeste, transmitiu em suas redes sociais o momento em que estava invadindo o Capitólio. Após ter sido indiciado pelo FBI, Evans renunciou seu cargo (ASTOR, 2021).

Durante invasão, Trump atrasou o envio da Guarda Nacional que havia sido solicitada por representantes e policiais no Congresso, e após pressionado por Biden, gravou um vídeo pedindo para que os manifestantes deixassem o prédio. Todavia, em momento algum do vídeo Trump condena as ações de seus manifestantes, insistindo na existência de fraude eleitoral nas eleições e da injustiça do ocorrido. Seu pronunciamento terminou com uma mensagem a seus apoiadores: “Nós te amamos, vocês são muito especiais.” (TRUMP, 2021 *apud* CALDWELL, 2021, tradução nossa¹¹⁰). Após a retomada de controle do Congresso, o episódio encerrou-se com a confirmação da vitória do candidato democrata. Mesmo encerrando seu mandato com um segundo impeachment e sem o acesso a qualquer plataforma de redes sociais, uma vez que sofreu o mesmo tipo de banimento de Alex Jones, Trump estaria longe de deixar a presidência como uma figura politicamente fraca. Os impasses internos que criou dentro do partido após sua saída e sua base fiel de eleitores colocam o GOP em uma encruzilhada que se repete a cada ciclo eleitoral do partido: o retorno a posições mais moderadas ou seguir com um caminho que, mesmo perigoso, detém ganhos políticos mais claros no curto prazo.

¹¹⁰ We love you, you're very special (TRUMP, 2021 *apud* CALDWELL, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender como que se deu a relação do Partido Republicano com o crescente nacionalismo no país. Nesse sentido, foi apresentado uma análise da evolução histórica do GOP e dos principais movimentos políticos que se fizeram presente, assim como uma análise acerca da dos conceitos presentes do nacionalismo e das ideologias do partido. O nacionalismo, nas suas mais distintas vertentes, é um fenômeno contemporâneo complexo e que ainda demanda de maiores produções acadêmicas que busquem compreender a sua mais nova vertente: o neonacionalismo. O processo de transformação que o Partido Republicano experimentou ao longo de sua história poderia ser classificado como um processo natural e pelo qual diversos partido políticos estariam sujeitos. Todavia, o Partido Democrata, mesmo passando por transformações profundas e distanciando-se totalmente de suas ideias fundacionais, acabou por não se distanciar da tradição do nacionalismo cívico presente no país.

O primeiro elemento capaz de explicar a gradativa radicalização do GOP a ponto de, em 2018, o partido ter mais elementos em comum com partidos autoritários europeus do que com o Partido Democrata, seria a crença da legitimidade incontestável dos republicanos. Por deterem a crença de que, frente seus princípios fundacionais de preservação da União, correspondiam a representantes políticos mais dignos que os democratas. Essa linha de pensamento viria a culminar no questionamento da legitimidade política de Obama por questões étnicas e na classificação de democratas como inimigos do país, no último mandato republicano.

Entretanto, a legitimidade unipartidária por si só se apresenta como insuficiente para explicar a radicalização do GOP e as transformações ocorridas no partido. O *switch* partidário nos Anos 60 foi o início de uma aproximação do Partido Republicano com uma base eleitoral mais alinhada com elementos de um nacionalismo cultural e étnico. Nesse sentido, o trabalho demonstra que as profundas transformações ocorridas no partido a partir de H. W. Bush já estavam em curso ao longo do século XX. O partido buscou uma estratégia política que pudesse conciliar um conservadorismo moderado juntamente de um nacionalismo conservador e que, no longo prazo, se mostrou inviável. O flerte com esses elementos nacionalistas, ao mesmo tempo em que energizava sua base, abria precedentes perigosos em relação a como o partido viria se comportar no debate político. O não comprometimento com esses elementos acabou por criar também um sentimento anti-*establishment* contra o próprio partido, uma vez que, durante cada ciclo presidencial, os republicanos observavam onde se encontrava a *Overton Window* de sua base menos moderada e buscavam dialogar com alguns dos elementos presentes nela. Todavia, o cálculo de erro republicano consistiu em acreditar na possibilidade de energizar e explorar

elementos nacionalistas em sua base sem, cada vez mais, deslocar janela de Overton ao longo desse processo e, conseqüentemente, acabar por se tornar refém dessa estratégia.

As expectativas republicanas de poder manter um “controle” sobre sua base menos moderada foram frustradas frente a ascensão de Donald Trump. A ascensão do *Tea Party* ao final da administração Bush demonstrou justamente uma aliança entre elementos nativistas no país e uma crescente descrença frente o *establishment* político no país. Dessa forma, Trump foi capaz de observar essa dinâmica e construir sua retórica, desde 2015, com base nessas frustrações da base mais conservadora do GOP. O presente trabalho foi capaz de demonstrar justamente essa dinâmica ao longo das últimas décadas, apontando Trump como um sintoma e não a causa do avanço do nativismo no GOP. Destarte, o trabalho se mostrou capaz de confirmar a hipótese defendida.

Além disso, o trabalho também foi capaz de demonstrar como esse elemento foi instrumentalizado ativamente durante a última administração, elucidando como estratégias utilizadas por Trump, por vezes nada convencionais e aparentemente impulsivas, detinham objetivos específicos e que, ao final da administração Trump, se tornaram mais claros. A administração de Trump, nesse sentido, tornou o partido republicano refém de sua própria estratégia de sobrevivência política. A saída de Trump não representa, de longe, uma desaceleração dos sentimentos nacionalistas no país e, até mesmo dentro do partido. O partido, no pós-Trump, encontra-se na mesma encruzilhada entre a moderação ou a aproximação de uma base mais conservadora. Contudo, se a retomada à moderação se aparentava difícil em outros momentos históricos do partido, atualmente, se apresenta como um desafio. Trump deixa para trás um legado altamente traumático para o país e para o GOP, uma vez que a tentativa de um rompimento democrático em 6 de janeiro de 2021 havia sido ensaiada desde o início de sua administração, justamente por apontar que, mesmo em sua vitória em 2016, haviam ocorrido fraudes eleitorais e que não aceitaria os resultados de uma eventual derrota em sua reeleição.

Destarte, Trump, ao mesmo tempo que soube identificar a *Overton Window* no eleitorado republicano em 2016, auxiliou consideravelmente no deslocamento do que viria a ser considerável como “aceitável” na política nacional. Se a contestação da certidão de nascimento de Barack Obama, no período anterior a 2016, era considerado como uma narrativa política extrema do GOP, no período pós-Trump a caracterização de democratas, tanto por eleitores quanto por alguns representantes eleitos, como sendo membros de uma seita satânica viria ser considerado como possível pelo próprio ex-presidente. A construção de inimigos a partir de conterrâneos e oponentes políticos, a crescente deslegitimação de instituições nacionais e a naturalização de *players* políticos não convencionais, como a *Alternative Right*, e de narrativas políticas irreverentes, como a do *QAnon*, apresentam-se como elementos demasiadamente perigosos já inseridos no cenário político

dos Estados Unidos. Destarte, o trabalho também foi capaz de demonstrar as consequências da institucionalização do neonacionalismo para a democracia norte-americana.

Mesmo com a invasão ao Capitólio, o Partido Republicano ainda não deixou clara qual será sua direção nos próximos anos, uma vez que há uma recusa de grande parte de seus representantes em condenar ativamente os posicionamentos de Trump no período pós-eleitoral. A eleição de Marjorie Taylor Greene, juntamente com suas controversas e envolvimento com o *QAnon*, e a centralidade de figuras antigas no partido, como o Senador Ted Cruz, demonstram que as estratégias perigosas utilizadas por Trump ainda se fazem presentes tanto entre uma nova linhagem de republicanos quanto com republicanos já estabelecidos na política nacional. A recusa de diversos republicanos em condenar as declarações de Greene, incluindo a mais recente controversa envolvendo um assédio moral com um sobrevivente de um tiroteio escolar¹¹¹, exemplifica o contínuo dilema republicano em aproximar-se de uma moderação política ou explorar elementos nativistas em sua base. A única diferença atual é que Trump, provavelmente, tenha transformado esse dilema em uma questão de sobrevivência política para o partido, sendo extremamente difícil se distanciar dos precedentes políticos abertos na última administração. Destarte, a representação do *Grand Old Party* pelo cartunista Thomas Nast ainda se apresenta como oportuna para o partido em seus dias atuais: um elefante não ciente de seu peso na política nacional e que se arrasta por uma base de apoio que pode, a qualquer momento, romper-se.

¹¹¹ Antes de ser eleita, Greene, em 2018, perseguiu David Hogg, sobrevivente do tiroteio em uma escola em Parkland, Flórida, nas ruas de Washington, o acusando de ser um ator e ser financiado pelo bilionário George Soros (ZURCHER, 2021).

REFERÊNCIAS

- ABADI, Mark; GAL, Shyanne. The US is split into more than a dozen 'belts' defined by industry, weather, and even health. **Business Insider**, 7 mai. 2018. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/regions-america-bible-belt-rust-belt-2018-4>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- ABRAMS, Abigail. Here's What We Know So Far About Russia's 2016 Meddling. **Time**, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://time.com/5565991/russia-influence-2016-election/>. Acesso em: 9 jan. 2021.
- ADAIR-TOTTEFF, Christopher. Max Weber's Charisma. **Journal of Classical Sociology**, v. 5, n. 189, p. 191-204, 2005. DOI: 10.1177/1468795X05053491. Acesso em: 24 jan. 2021.
- AIGNER-TREWORG, Adam et al. Bush on waterboarding: 'Damn right'. **CNN**, 5 nov, 2010. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2010/POLITICS/11/05/bush.book/index.html>. Acesso em: 20 set. 2020.
- ALJAZEERA. Explainer: What is 'Obamagate' and where did it come from? 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/5/14/explainer-what-is-obamagate-and-where-did-it-come-from>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- AMADEO, Kimberly. Donald Trump on Immigration, Pros and Cons of His Policies. **The Balance**, 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.thebalance.com/donald-trump-immigration-impact-on-economy-4151107>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- AMADEO, Kimberly. US Budget Deficit by President. **The Balance**, 2 nov. 2020. Disponível em: <https://www.thebalance.com/deficit-by-president-what-budget-deficits-hide-3306151>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 336 p.
- ANDERSON, Stuart. Built A Wall Of False Claims On Immigration. **Forbes**, 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/stuartanderson/2020/10/26/fact-checkers-say-trump-built-a-wall-of-false-claims-on-immigration/?sh=2830444c7d73>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- ASTOR, Maggie. Derrick Evans, a West Virginia legislator who stormed the Capitol, has resigned. **The New York Times**, 9 jan. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/01/09/us/politics/derrick-evans-resigns-capitol-riot.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- BACON JR, Perry. Trump Completed His Takeover Of The GOP In 2019. **FiveThirtyEight**, 23 dez. 2019. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/trump-completed-his-takeover-of-the-gop-in-2019/>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- BALLOTPEdia. New members elected in 2018 congressional elections. 6 dez. 2018. Disponível em: https://ballotpedia.org/New_members_elected_in_2018_congressional_elections.

Acesso em: 22 jan. 2021.

BARNES, Julian E; COOPER, Helene. Trump Discussed Pulling U.S. From NATO, Aides Say Amid New Concerns Over Russia. **The New York Times**, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/01/14/us/politics/nato-president-trump.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BARR, Andy. Palin PAC: Tea party is the 'future'. **Politico**, 21 set. 2010. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2010/09/palin-pac-tea-party-is-the-future-042488>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BAUM, Chris W. Nationalism in United States Foreign Policy in the Post 9/11 Era. 2015. Dissertação (Master of Science in Conflict Resolution) – Portland State University, Portland 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15760/etd.2528>. Acesso em: 20 set. 2020.

BBC NEWS. Trump to congresswomen of colour: Leave the US. 2019a. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-48982172>. Acesso em: 24 jan. 2021.

BBC NEWS. US border: Who decided to separate families? 2019b. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-44303556>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BBC NEWS. US hate crime highest in more than a decade – FBI. 17 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-54968498>. Acesso em: 30 jan. 2021

BEAUMONT, Peter. Trump supporters descend on Arizona voting centre. **The Guardian**, 5 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/nov/05/arizona-trump-supporters-protest-at-voting-centre-over-early-election-call>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BECKWITH, Ryan Teague. Watch Ted Cruz Fail to Endorse Donald Trump at the Republican Convention. **Time**, 20 jul. 2016. Disponível em: <https://time.com/4416396/republican-convention-ted-cruz-donald-trump-endorsement-speech-transcript-video/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

BEERS, David. Gavin McInnes Said His Proud Boys Were Built for Violence. Now Trump Is Sending Them Signals. **The Tyee**, 1 out. 2020. Disponível em: <https://thetyee.ca/News/2020/10/01/Gavin-McInnes-Proud-Boys-Violence/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BEN-ISRAEL, Hedva. Nationalism in Historical Perspective. **Journal of International Affairs**, 1992, v. 45, n. 2. P. 367-397.

BEW, John. The Real Origins of Realpolitik. **National Interest**, 2014. Disponível em: <https://nationalinterest.org/article/the-real-origins-realpolitik-9933> Acesso em: 24 mar. 2020.

BIALIK, Carl. How The Republican Field Dwindled From 17 To Donald Trump. **FiveThirtyEight**, 5 mai. 2016. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/how-the-republican-field-dwindled-from-17-to-donald-trump/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BOAZ, David. Libertarianism. **Encyclopedia Britannica**, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/libertarianism-politics>. Acesso em: 16 abr. 2020.

BOLTON, John. Beyond the Axis of Evil: Additional Threats from Weapons of Mass Destruction. **The Heritage Foundation**, 6 mai. 2002. Disponível em: <https://www.heritage.org/defense/report/beyond-the-axis-evil-additional-threats-weapons-mass-destruction-0>. Acesso em: 11 set. 2020.

BONIKOWSKI, Bart; DiMAGGIO, Paul. Varieties of American Popular Nationalism. **American Sociological Review**, v. 81, 5 ed. 2016. Disponível em: https://scholar.harvard.edu/files/bonikowski/files/bonikowski_and_dimaggio_-_varieties_of_american_popular_nationalism.pdf.

BOOT, Max. Think Again: Neocons. **Foreign Policy**, 28 out. 2009. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2009/10/28/think-again-neocons/>. Acesso em: 15 set. 2020.

BORADMAN, Harry G. Trump's USMCA Cannibalized NAFTA. **Forbes**, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/harrybroadman/2020/01/31/trumps-usmca-cannibalized-nafta/?sh=29d1ef797902>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BRADNER, Eric. Conway: Trump White House offered 'alternative facts' on crowd size. **CNN**, 23 jan. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/01/22/politics/kellyanne-conway-alternative-facts/index.html>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRADNER, Eric. Trump praises 9/11 truther's 'amazing' reputation. **CNN**, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/12/02/politics/donald-trump-praises-9-11-truther-alex-jones/index.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BREWSTER, Jack. Obama Rebukes Trump For Fueling 'Racial Anxiety' By Peddling Birther Conspiracy In New Book. **Forbes**, 12 nov. 2020a. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jackbrewster/2020/11/12/obama-rebukes-trump-for-fueling-racial-anxiety-by-peddling-birther-conspiracy-in-new-book/?sh=f5fc1032257f>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BREWSTER, Jack. Report: Trump Officials Were Directed To Defend Kyle Rittenhouse Publicly, Documents Show. **Forbes**, 1 out. 2020b. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jackbrewster/2020/10/01/report-trump-officials-were-directed-to-defend-kyle-rittenhouse-publicly-documents-show/?sh=5e81de856eeb>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BUCHHOLZ, Katharina. Infographic: How Trump Talks About Immigrants. **Statista Infographics**, 2019. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/18977/trump-language-towards-immigration-rallies/>. Disponível em: 20 jun. 2020.

BUDIMAN, Abby. Key facts about Black eligible voters in 2020 battleground states. **Pew Research Center**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/10/21/key-facts-about-black-eligible-voters-in-2020-battleground-states/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BURGHART, Devin; ZESKIND, Leonard. Tea Party Nationalism: A Critical Examination of the Tea Party Movement and the Size, Scope, and Focus of Its National Factions. Kansas City: **Institute for Research & Education on Human Rights**, 2010, 94 p. Disponível em: http://dig.abclocal.go.com/wtvd/docs/IREHR_Report_102010.pdf.

BUSH, George Walker. President Delivers State of the Union Address. **The White House**, 29 jan. 2002. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

BYCOFFE, Aaron; METHA, Dhruvil; SILVER, Nate. How unpopular is Donald Trump. **FiveThirtyEight**, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/trump-approval-ratings/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BYCOFFE, Aron; SILVER, Nate. Tracking Congress In The Age Of Trump. **FiveThirtyEight**, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/congress-trump-score/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

BYRD, Haley. Trump critic Justin Amash quits Republican Party. **CNN**, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/07/04/politics/justin-amash-leaving-gop/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CALDWELL, Leigh Ann. These Republican Leaders Say Trump Should Not Be President. **NBC News**, 8 out. 2016. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/donald-trump-widely-condemned-republican-leaders-legislators-n662446>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CALDWELL, Travis. Trump's 'We love you' to Capitol rioters is more of the same. **CNN**, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/01/07/politics/trump-history-comments-trnd/index.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Meaning of nationalism in English. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/nationalism>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CHENEY, Kyle. Trump calls on GOP state legislatures to overturn election results. **Político**, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2020/11/21/trump-state-legislatures-overturn-election-results-439031>. Acesso em: 22 jan. 2021.

CHMURAK, Elizabeth. Philadelphia police investigate bomb threat and arrest two men armed with handguns near vote counting location. **NewsNation**, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://www.newsnationnow.com/us-news/northeast/philadelphia-police-investigate-bomb-threat-and-arrest-two-men-armed-with-handguns-near-vote-counting-location/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CNN. Inaugural crowd sizes: Trump v. Obama. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/videos/us/2017/01/20/trump-obama-inaugural-crowd-size-sg-orig-mobile.cnn>. Acesso em: 21 jan. 2021.

COASTON, Jane. YouTube, Facebook, and Apple's ban on Alex Jones, explained. **Vox**, 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/8/6/17655658/alex-jones-facebook-youtube-conspiracy-theories>. Acesso em: 30 jan. 2021.

COLLINS. Zero-sum game definição e significado. 2020. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/zero-sum-game>. Acesso em: 26 out. 2020.

CONSTITUTION CENTER. 22nd Amendment: Two-Term Limit on Presidency. Disponível em: <https://constitutioncenter.org/interactive-constitution/amendment/amendment-xxii>. Acesso em: 10 abr. 2020.

COOPER, Michael. Palin, On Offensive, Attacks Obama's Ties to 60's Radical. **The New York Times**, 4 out. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/10/05/us/politics/05palin.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

CORNELL UNIVERSITY. The Gettysburg Address. Disponível em: https://rmc.library.cornell.edu/gettysburg/good_cause/transcript.htm. Acesso em: 22 mar. 2020.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Trump's Foreign Policy Moments Council on Foreign Relations. **Council on Foreign Relations**, 2000. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 24 dez. 2020.

COURSER, Zachary. The Tea Party at the Election. **De Gruyter**, 10 jan. 2011, v. 8, n. 4. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/for/8/4/article-for.2011.8.4.1410.xml.xml?language=en>. Acesso em: 30 nov. 2020.

COUTINHO, João Pereira. **As Ideias Conservadoras**: Explicadas a Revolucionários e Reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014, 200 p.

COX, Daniel et al. Beyond Economics: Fears of Cultural Displacement Pushed the White Working Class to Trump. **PRRI/The Atlantic Report**, 2019. Disponível em: <https://www.prri.org/research/white-working-class-attitudes-economy-trade-immigration-election-donald-trump/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

COX, Daniel et al. What Americans Want From Immigration Reform in 2014. **PRRI**, 6 out. 2014. Disponível em: <https://www.prri.org/research/immigration-reform-06-2014/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

COX, Daniel; JONES, Robert P. Religion and the Tea Party in the 2010 Elections. **PRRI**, 10 mai. 2010. Disponível em: <https://www.prri.org/research/religion-tea-party-2010/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CURTIS, Justin. Demystifying the Donald: Trump, Past and Present. **Harvard Kennedy School Institue of Politics**, 2021. Disponível em: <https://iop.harvard.edu/get-involved/harvard-political-review/demystifying-donald-trump-past-and-present>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. About DHS. 2019. Disponível em: <https://www.dhs.gov/about-dhs>. Acesso em: 18 set. 2020.

DEPARTMENT OF JUSTICE. The USA PATRIOT Act: Preserving Life and Liberty. 2001. Disponível em: <https://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

DESILVER, Drew. What is the House Freedom Caucus, and who's in it? **Pew Research Center**, 20 out. 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/10/20/house-freedom-caucus-what-is-it-and-whos-in-it/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

DIAMOND, Jeremy. Trump jokes after rally attendee's suggestion to "shoot" migrants at the

border. **CNN**, [s. l.], 9 mai. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/05/09/politics/donald-trump-rally-shoot-migrants/index.html>. Acesso em: 7 out. 2020.

DILANIAN, Ken; KUBE, Courtney. Airport informants, overhead drones: How the U.S. killed Soleimani. **NBC News**, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/mideast/airport-informants-overhead-drones-how-u-s-killed-soleimani-n1113726>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DIMOCK, Michael. How Americans View Trust, Facts, and Democracy Today. **Pew Trust Magazine**, 19 fev. 2020. Disponível em: <https://www.pewtrusts.org/en/trust/archive/winter-2020/how-americans-view-trust-facts-and-democracy-today>. Acesso em: 29 jan. 2021.

DIONNE JR, E. J. **Why The Right Went Wrong**: Conservatism - From Goldwater to Trump and Beyond. New York: Simon & Schuster, 2016, 548 p.

DOGGETT, Lloyd. Timeline of Trump's Coronavirus Responses. **United States Congressman Llyod Doggett**, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://doggett.house.gov/media-center/blog-posts/timeline-trump-s-coronavirus-responses>. Acesso em: 29 jan. 2021.

DOLLARHIDE, Maya ; CHENG, Marguerita. What Really Happens During a Government Shutdown. **Investopedia**, 2021. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/g/government-shutdown.asp>. Acesso em: 10 set. 2020.

DONNELLY, Thomas. Rebuilding America's Defenses: Strategy, Forces and Resources For a New Century. **New American Century**, set. 2000. Disponível em: <https://cryptome.org/rad.htm#II>. Acesso em: 10 set. 2020.

DROLET, Jean-Francois; WILLIAMS, Michael. The view from MARS: US paleoconservatism and ideological challenges to the liberal world order. **International Journal: Canada's Journal of Global Policy Analysis**, v. 74, n. 1. 2019, p. 15–3.

DUECK, Colin. **Age Of Iron**: on Conservatism Nationalism. New York: Oxford University Press, 2019, 228 p.

DUGAN, Andrew. Republican Party Favorability Sinks to Record Low. **Gallup**, 9 out. 2013. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/165317/republican-party-favorability-sinks-record-low.aspx>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DUNN, Amina. Trump's approval ratings so far are unusually stable – and deeply partisan. **Pew Research Center**, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/08/24/trumps-approval-ratings-so-far-are-unusually-stable-and-deeply-partisan/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Massive Retaliation. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/nuclear-strategy/Massive-retaliation#ref1224925>. Acesso em 24 mar. 2020.

FABIAN, Jordan. Trump: Migrant caravan 'is an invasion'. **The Hill**, 29 out. 2018. Disponível em: <https://thehill.com/homenews/administration/413624-trump-calls-migrant-caravan-an-invasion>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FALLOWS, James. Washington and The Contract With America. **The Atlantic**, 1994. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/past/docs/unbound/jfnpr/jfreview.htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

FARRELL, Stephen. Why is the U.S. moving its embassy to Jerusalem? **Reuters**. 7 mai. 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-israel-diplomacy-jerusalem-explain-idUSKBN1I811N>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FEINBERG, Ayal; BRANTON, Regina; MARTINEZ-EBERS, Valerie. The Trump Effect: How 2016 Campaign Rallies Explain Spikes in Hate. **University of North Texas**, 2019. Disponível em: https://lmas.unt.edu/sites/lmas.unt.edu/files/lmas/Hate%20Incidents%20Spike_0.pdf.

FEINBERG, Matthew; WETTS, Rachel; WILLER, Robb. Threats to Racial Status Promote Tea Party Support Among White Americans. **Stanford School Graduate of Business**, 4 mai. 2016. Disponível em: <https://www.gsb.stanford.edu/faculty-research/working-papers/threats-racial-status-promote-tea-party-support-among-white>. Acesso em: 28 nov. 2020.

GADDIS, John Lewis. **Strategies Of Containment**. 2 ed. New York: Oxford University Press, 1982, 484 p.

GALLUP. Presidential Approval Ratings -- Donald Trump. 2021. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/203198/presidential-approval-ratings-donald-trump.aspx>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GALLUP. Presidential Approval Ratings -- George W. Bush. 2020b. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>. Acesso em: 6 nov. 2020.

GALLUP. Presidential Approval Ratings – Gallup Historical Statistics and Trends. 2020a. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/116677/presidential-approval-ratings-gallup-historical-statistics-trends.aspx>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GALVIN, Daniel J. Party Domination and Base Mobilization: Donald Trump and Republican Party Building in a Polarized Era. **The Forum**, v. 18, n. 2, 29 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1515/for-2020-2003>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GERVAIS, Bryan T; MORRIS, Irwin L. Reading the Tea Leaves: Understanding Tea Party Caucus Membership in the US House of Representatives. **Political Science and Politics**, p. 240-245, abr. 2012. DOI: 10.1017/S1049096511002058. Acesso em: 30 nov. 2020.

GIULIANI, Rudy. The Meaning of Fiscal Conservatism. **The Wall Street Journal**, 2007. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB119664632056611239>. Acesso em: 16 abr. 2020.

GLADDING, Ian. Rise of Economic Nationalism and Its Implications | Faculty Forum. *In: Lewis University Faculty Forum*. 25 abr. 2018. Disponível em:

<https://www.lewisu.edu/experts/wordpress/index.php/rise-of-economic-nationalism-and-its-implications>. Acesso em: 7 out. 2020.

GORDON, Rebeca; DISPATCH, Tom. What the American 'deep state' actually is, and why Trump gets it wrong. **Business Insider**, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/what-deep-state-is-and-why-trump-gets-it-wrong-2020-1>. Acesso em: 27 jan. 2020.

GOTTFRIED, Jeffrey. 1. Within both parties, approval of Trump is closely linked to trust in the news media. **Pew Research Center**, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www.journalism.org/2019/12/12/within-both-parties-approval-of-trump-is-closely-linked-to-trust-in-the-news-media/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

GOULD, Lewis L. **The Republicans: A History of the Grand Old Party**. 2 ed. New York: Oxford University Press. 2014, 416 p.

GRAHAM, David A. Which Republicans Oppose Donald Trump? A Cheat Sheet. **The Atlantic**, 6 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/11/where-republicans-stand-on-donald-trump-a-cheat-sheet/481449/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GRAMLICH, John. How border apprehensions, ICE arrests and deportations have changed under Trump. **Pew Research Center**, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/03/02/how-border-apprehensions-ice-arrests-and-deportations-have-changed-under-trump/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

GRAMLICH, John. How Trump compares with other recent presidents in appointing federal judges. **Pew Research Center**, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/01/13/how-trump-compares-with-other-recent-presidents-in-appointing-federal-judges/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

GREGOR, Anthony. **Young Mussolini and the Intellectual Origins of Fascism**. California: University of California Press. 1979.

HALLORAN, Liz. GOP Takes Power In House Under Tea Party Scrutiny. **NPR**, 5 jan. 2011. Disponível em: <https://www.npr.org/2011/01/09/132656398/tea-party-activists-take-hard-line-on-gop-agenda>. Acesso em: 3 dez. 2020

HARVARD T. H. CHAN SCHOOL OF PUBLIC HEALTH; NPR. DISCRIMINATION IN AMERICA: FINAL SUMMARY. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://cdn1.sph.harvard.edu/wp-content/uploads/sites/94/2018/01/NPR-RWJF-HSPH-Discrimination-Final-Summary.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HASS, Ryan; DENMARK, Abraham. More pain than gain: How the US-China trade war hurt America. **Brookings**, 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2020/08/07/more-pain-than-gain-how-the-us-china-trade-war-hurt-america/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

HAWLEY, G. **Making Sense Of The Alt-Right**. New York: Columbia University Press, 2017, 218 p.

HETHERINGTON, Marc J.; WEILER, Jonathan D. **Authoritarianism and Polarization in American Politics**. New York: Cambridge University Press, 2009, 248 p.

HEYWOOD, Andrew. **Essentials of Political Ideas**: For a level. Palgrave, 2018, 216 p.

HEYWOOD, Andrew. **Key Concepts in Politics and International Relations**. 2 ed. Red Globe Press. Macmillan International Higher Education, 2015, 276 p.

HEYWOOD, Andrew. **Political Ideologies**: An Introduction. Macmillan International Higher Education, 2017, 400 p.

HIMMELSTEIN, Jerome; McRAE JR, James. Social Conservatism, New Republicans, and the 1980 Election. **Public Opinion Quarterly**, v. 48, n. 3. 1984, p. 592-605.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990, 230 p.

HOFSTADER, R. **The Idea of a Party System**. Berkeley: University of California Press, 1969, 200 p.

HOLPUCH, Amanda. White House says Trump doesn't know of QAnon, despite his tacit endorsement. **The Guardian**, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/aug/23/donald-trump-qanon-conspiracy-theory>. Acesso em: 30 jan. 2021.
<https://www.vox.com/2016/3/1/11127424/trump-authoritarianism>. Acesso em: 29 jan. 2021.

HOLT, M. F. **The Rise and Fall of the American Whig Party**. New York: Oxford University Press, 2003.

HUFFPOST POLLSTER. 2016 National Republican Primary. 2016. Disponível em: <https://elections.huffingtonpost.com/pollster/2016-national-gop-primary>. Acesso em: 14 dez. 2020.

HUNT, Elle. Trump's inauguration crowd: Sean Spicer's claims versus the evidence. **The Guardian**, 22 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/22/trump-inauguration-crowd-sean-spicers-claims-versus-the-evidence>. Acesso em: 21 jan. 2021.

HUNT, Kasie; THORP V, Frank; VITALI, Ali. Trump referred to Haiti and African nations as 'shithole' countries. **NBC News**, 10 jan. 2018. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/white-house/trump-referred-haiti-african-countries-shithole-nations-n836946>. Acesso em: 23 jan. 2021.

HURST, Steven. Myths of Neoconservatism: George W. Bush's "Neo-conservative" Foreign Policy Revisited. **International Politics**, v. 42, n. 1, p. 75-96, 2005.
DOI:10.1057/palgrave.ip.8800103. Acesso em: 18 set. 2020.

HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony. **Nationalism**. New York: Oxford University Press. 1995, 392 p.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS. The Geneva Conventions of 1949 and their Additional Protocols. 11 jan. 2014. Disponível em: <https://www.icrc.org/en/document/geneva-conventions-1949-additional-protocols>. Acesso em: 20 set. 2020.

JOHN, Arit. Trump highlights criminal justice reform with pardon at GOP convention. **Los Angeles Times**, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.latimes.com/politics/story/2020-08-25/rnc-trump-pardon-jon-ponder>. Acesso em: 30 jan. 2020.

JOHNSON, Carla K et al. Counties with worst virus surges overwhelmingly voted Trump. **Associated Press**, 5 nov. 2020. Disponível em: <https://apnews.com/article/counties-worst-virus-surges-voted-trump-d671a483534024b5486715da6edb6ebf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

JONES, Jeffrey M. Tea Party Supporters Backing Perry for GOP Nomination. **Gallup**, 26 ago. 2011. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/149213/tea-party-supporters-backing-perry-gop-nomination.aspx>. Acesso em: 7 dez. 2020.

JURKOWITZ, Mark. Republicans who relied on Trump for news more concerned than other Republicans about election fraud. **Pew Research Center**, 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/01/11/republicans-who-relied-on-trump-for-news-more-concerned-than-other-republicans-about-election-fraud/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

KALIL, Ashraf. Trump to speak at D.C. rally expected to draw hundreds as Congress meets to vote on election. **PBS News Hour**, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/politics/trump-to-speak-at-d-c-rally-as-congress-meets-to-vote-on-election>. Acesso em: 27 jan. 2021.

KAMARCK, Elaine. Trump endorsed 75 candidates in the midterms. How did they fare on Election Day? **Brookings**, 7 nov. 2018. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2018/11/07/trump-endorsed-75-candidates-in-the-midterms-how-did-they-fare-on-election-day/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

KARMARCK, ELAINE. Why Hillary Clinton lost. **Brookings**, 20 set. 2017. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2017/09/20/why-hillary-clinton-lost/>. Acesso em: 7 jan. 2021.

KENNEDY, Merrit. 'Pizzagate' Gunman Sentenced To 4 Years In Prison. **NPR**, 22 jun. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2017/06/22/533941689/pizzagate-gunman-sentenced-to-4-years-in-prison>. Acesso em: 30 jan. 2021.

KIGHT, Stef W. The evolution of Trump's Muslim ban. **Axios**, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.axios.com/trump-muslim-travel-ban-immigration-6ce8554f-05bd-467b-b3c2-ea4876f7773a.html>. Acesso em: 22 jan. 2021.

KING, John. GOP faces identity crisis in months ahead. **CNN**, 2008. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2008/POLITICS/11/06/gop.identity.crisis/index.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

KOPAN, Tal. Donald Trump retweets 'White Genocide' Twitter user. **CNN**, 22 jan. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/01/22/politics/donald-trump-retweet-white-genocide/index.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

KRAUTHAMMER, Charles. The Bush Doctrine. **The Washington Examiner**, 4 jun. 2001. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/weekly-standard/the-bush-doctrine-1776>. Acesso em: 11 de set. 2020.

KRAUTHAMMER, Charles. Toward a Constitutional Conservatism. **National Review**, 2019. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/magazine/2019/01/28/toward-a-constitutional-conservatism/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

KRIEG, Gregory. Donald Trump reveals when he thinks America was great. **CNN**, 28 mar. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/03/26/politics/donald-trump-when-america-was-great/index.html>. Acesso em: 13 jan. 2021.

KRUPKE, Eric. How We Got Here: A Shutdown Timeline. **NPR**, 17 out. 2013. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/itsallpolitics/2013/10/16/235442199/how-we-got-here-a-shutdown-timeline>. Acesso em: 8 dez. 2020.

KUTLU, Övünç. Trump to address 14 rallies in last 3 days of campaign. **Anadolu Agency**, 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/americas/trump-to-address-14-rallies-in-last-3-days-of-campaign/2025410>. Acesso em: 26 jan. 2021.

LaFRANCE, Adrienne. The Prophecies of Q: American conspiracy theories are entering a dangerous new phase. **The Atlantic**, jun 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2020/06/qanon-nothing-can-stop-what-is-coming/610567/>. Acesso em: 30 jan 2021

LAKOFF, George. **Moral Politics: How Liberals and Conservatives Think**. 3ª Ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1996, 490 p.

LAMBERT, Brian. Trump calls Democrats 'party of crime' during Minnesota rally. **MinnPost**, 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.minnpost.com/glean/2018/10/trump-calls-democrats-party-of-crime-during-minnesota-rally/>. Acesso em: 26 out. 2020.

LARDIERI, Alexa. One-Third Believe Media Are 'Enemy of the People'. **US News**, 2 jul. 2019. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/politics/articles/2019-07-02/poll-one-third-of-americans-believe-media-are-enemy-of-the-people>. Acesso em: 27 jan. 2020.

LEVIN, Bess. Trump Goes Full White Supremacist at Minnesota Campaign Rally. **Vanity Fair**, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/2020/10/donald-trump-minnesota-racist>. Acesso em: 26 out. 2020.

LEVY, Michael. United States presidential election of 1992. **Britannica**, 2009. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/United-States-presidential-election-of-1992#ref285344>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LIBRARY OF CONGRESS. Great Depression and World War II, 1929-1945: President Franklin Delano Roosevelt and the New Deal, 1933-1945. 2020. Disponível em:

<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/timeline/depwwii/newdeal/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LIBRARY OF CONGRESS. Rough Riders. 2011. Disponível em: <https://www.loc.gov/rr/hispanic/1898/roughriders.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

LIENESCH, Michael. Right-Wing Religion: Christian Conservatism as a Political Movement. **Political Science Quarterly**: v. 97, n. 3 (1982), pp. 403-425.

LIEVEN, Anatol. **America Right Or Wrong: An Anatomy of American Nationalism**. 2 ed. New York: Oxford University Press. 2012, 312 p.

LONG, Heather. Trump has officially put more tariffs on U.S. allies than on China. **The Washington Post**, 31 mai. 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/work/wp/2018/05/31/trump-has-officially-put-more-tariffs-on-u-s-allies-than-on-china/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LONGLEY, Robert. What Is Patriotism? Definition, Examples, Pros and Cons. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/patriotism-and-nationalism-4178864>. Acesso em: 12 jun. 2019.

LOWRY, Rich. **The Case for Nationalism: How it made US Powerful, United and Free**. New York: Broadside Books, 2019, 280 p.

LÜHRMANN, Anna et al. New Global Data on Political Parties: V-Party. **University of Gothenburg: V-Dem Briefing Paper**, n 9, out. 2020. Disponível em: https://www.v-dem.net/media/filer_public/b6/55/b6553f85-5c5d-45ec-be63-a48a2abe3f62/briefing_paper_9.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

MACKINAC CENTER FOR PUBLIC POLICY. The Overton Window. 2019. Disponível em: <https://www.mackinac.org/OvertonWindow>. Acesso em: 22 jan. 2021

MAGNOTTA, Fernanda. **As Ideias Importam: o Excepcionalismo Norte-americano no Alvorecer da Superpotência**. 1 ed. São Paulo: Appris, 2016, 161 p.

MANN, Jonathan. How the Iron Curtain collapsed. **CNN**, 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/01/02/world/how-the-iron-curtain-collapsed/index.html>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MARGOLIN, EMMA. ‘Make America Great Again’—Who Said It First? **NBC News**, 2016. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/make-america-great-again-who-said-it-first-n645716>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MASON, Jeff; MARTINA, Michael. Trump blasts Michigan governor Whitmer; crowd chants 'lock her up'. **Reuters**, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-michigan-idUSKBN27206V>. Acesso em: 30 jan. 2021.

MASON, Jeff. Why John McCain lost the White House. **Reuters**, 5 nov. 2008. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-mccain-idUSTRE4A47Z020081105>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MATHERS, Matt. QAnon supporter, who made racist videos, calls Pelosi a ‘b*****’ in angry acceptance speech after winning Georgia GOP primary. **Independent**, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/gop-candidate-marjorie-taylor-green-pelosi-bitch-georgia-primary-victory-speech-a9666796.html>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MAXOURIS, Christina et al. Kenosha shooting suspect faces more homicide charges. **CNN**, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/08/27/us/kenosha-wisconsin-shooting-suspect/index.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

McCARTNEY, Paul. American Nationalism and U.S. Foreign Policy from September 11 to the Iraq War. **Political Science Quarterly**, v. 119, n. 3. 2004, p. 399-423.

McEVOY, Jemima. Who Are The Proud Boys, The Group Behind The Controversial Portland Rally? **Forbes**, 26 set. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jemimamcevoy/2020/09/26/who-are-the-proud-boys-the-group-planning-a-controversial-portland-rally/?sh=2b12a48d654a>. Acesso em: 30 jan. 2021.

McGANN, James G. Why Donald Trump Won the Election and Does it Mean The End To Think Tanks and Policy Advice as We Know it? **University Of Pennsylvania Scholarly Commons**, 2016. Disponível em: https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=ttcsp_papers.

McQUARRIE, Michael. Trump and the Revolt of the Rust Belt. **London School of Economics**, 11 nov. 2016. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/69123/1/blogs.lse.ac.uk-Trump%20and%20the%20Revolt%20of%20the%20Rust%20Belt.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MILBANK, Dana. Column: Trump claims he’s the messiah. Maybe he should quit while he’s ahead. **Chicago Tribune**, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://www.chicagotribune.com/suburbs/post-tribune/opinion/ct-ptb-milbank-column-st-0823-20190822-lhdznbvelfb5zhzfd64w4di6vy-story.html>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MILKIS, Sidney M. Theodore Roosevelt, the Progressive Party, and the Transformation of American Democracy. **University Press of Kansas**, 2009. Disponível em: <https://kansaspress.ku.edu/978-0-7006-1817-0.html>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MILKIS, Sidney M.; RHODES, Jesse. George W. Bush, the Republican Party, and the “New” American Party System. **Perspectives on Politics**, v. 5, n 3 p. 461-488, 2005. DOI: 10.1017/S1537592707071496. Acesso em: 7 nov. 2020.

MILLER CENTER. McCarthyism and the Red Scare. **University of Virginia**. Disponível em: <https://millercenter.org/the-presidency/educational-resources/age-of-eisenhower/mcarthyism-red-scare>. Acesso em: 10 abr. 2020.

MILLER, Cassie; GRAVES, Howard. When the ‘Alt-Right’ Hit the Streets: Far-Right Political Rallies in the Trump Era. **SPLC**, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://www.splcenter.org/20200810/when-alt-right-hit-streets-far-right-political-rallies-trump-era>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MONTANARO, Domenico. 7 Reasons Donald Trump Won The Presidential Election. **NPR**, 12 nov. 2016. Disponível em: <https://www.npr.org/2016/11/12/501848636/7-reasons-donald-trump-won-the-presidential-election>. Acesso em: 9 jan. 2021.

MONTANARO, Domenico. President-Elect Joe Biden Hits 80 Million Votes In Year Of Record Turnout. **NPR**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2020/11/25/937248659/president-elect-biden-hits-80-million-votes-in-year-of-record-turnout>. Acesso em: 30 jan. 2020.

MURDOCK, Sebastian. Proud Boys Celebrate Trump's Call For The Hate Group To 'Stand By'. **Huffpost**, 30 set. 2020. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/proud-boys-celebrate-trumps-call-for-hate-group-to-stand-ready_n_5f749378c5b6d698bb26c759. Acesso em: 30 jan. 2021.

NATIONAL JOURNAL. Top GOP Priority: Make Obama a One-Term President. 2010. Disponível em: <https://www.nationaljournal.com/member/magazine/top-gop-priority-make-obama-a-one-term-president-20101023/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

NEIWERT, D. **Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump**. New York: Verso, 2017, 651 p.

NESBIT, Jeff. Donald Trump Had One YUGE Reason for Picking Mike Pence. **Time**, 18 jul. 2016. Disponível em: <https://time.com/4410596/donald-trump-mike-pence-koch-network/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

NEWPORT, Frank. Republicans See Gingrich, Romney as "Acceptable" Nominees. **Gallup**, 5 dez. 2011. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/151325/republicans-gingrich-romney-acceptable-nominees.aspx>. Acesso em: 7 dez. 2020.

NIELSEN, Kai. Cultural nationalism, neither ethnic nor civic. **The Philosophical Forum**, Albany: State University of New York Press. 1999.

NIX, Elizabeth. How the Republican and Democratic Parties Got Their Animal Symbols. **History**, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://www.history.com/news/how-did-the-republican-and-democratic-parties-get-their-animal-symbols>. Acesso em: 31 jan.

OAKESHOTT, Michael. **Rationalism in Politics**. 1ª Ed. Indiana: Liberty Fund, 1991, 582 p.

OLASOV, Ian. Offensive political dog whistles: you know them when you hear them. Or do you? **Vox**, 7 nov. 2016. Disponível em: <https://www.vox.com/the-big-idea/2016/11/7/13549154/dog-whistles-campaign-racism>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ORWELL, George. **Notes on Nationalism**. 1ª Ed. Penguin Classics, 2018, 64 p.

OXFORD LIVING DICTIONARIES. Nationalism. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/nationalism>. Acesso em 15 mar. 2020.

PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It. **Rand Corporation**, 2016. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>.

PERLSTEIN, Rick. I Thought I Understood the American Right. Trump Proved Me Wrong. **The New York Times Magazine**, 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/04/11/magazine/i-thought-i-understood-the-american-right-trump-proved-me-wrong.html?_r=4. Acesso em: 21 mar. 2020.

PETULLA, Sam. How Trump's compares with 100 years of speeches. **CNN**, [s. l.], 6 fev. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/01/30/politics/trump-state-of-the-union-in-history-100-years/index.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. 4. Race, immigration and discrimination. 2017c. Disponível em: <https://www.people-press.org/2017/10/05/4-race-immigration-and-discrimination/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Biden Begins Presidency With Positive Ratings; Trump Departs With Lowest-Ever Job Mark. 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2021/01/15/biden-begins-presidency-with-positive-ratings-trump-departs-with-lowest-ever-job-mark/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PEW RESEARCH CENTER. Conflicting Partisan Priorities for U.S. Foreign Policy. 2018. Disponível em: <https://www.people-press.org/2018/11/29/conflicting-partisan-priorities-for-u-s-foreign-policy/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. How Countries Around the World View National Identity. 2017b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2017/02/01/what-it-takes-to-truly-be-one-of-us/>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Independents take center stage in Obama Era. 21 mai. 2009. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2009/05/21/section-1-party-affiliation-and-composition/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Key findings on Americans' views of race in 2019. 2019b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/04/09/key-findings-on-americans-views-of-race-in-2019/>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PEW RESEARCH CENTER. Most Border Wall Opponents, Supporters Say Shutdown Concessions Are Unacceptable. 2019a. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2019/01/16/most-border-wall-opponents-supporters-say-shutdown-concessions-are-unacceptable/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PEW RESEARCH CENTER. Obama Leadership Image Takes a Hit, GOP ratings decline. 2011a. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2011/08/25/section-2-the-2012-election/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Partisan Polarization Surges in Bush, Obama Years. 2012. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2012/06/04/partisan-polarization-surges-in-bush-obama-years/>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Political Polarization in the American Public. 12 jun. 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2014/06/12/political-polarization-in-the-american-public/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Political typology: Race and discrimination, opinions about immigrants and Islam. 2017a. Disponível em: <https://www.people-press.org/2017/10/24/6-race-and-discrimination-opinions-about-immigrants-and-islam/>. Acesso em: 4 jun. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Tea Party's Image Turns More Negative. 2013. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2013/10/16/tea-partys-image-turns-more-negative/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. The Tea Party and Religion. 2011b. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2011/02/23/tea-party-and-religion/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. Trump's Staunch GOP Supporters Have Roots in the Tea Party. 2019c. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2019/05/16/trumps-staunch-gop-supporters-have-roots-in-the-tea-party/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PHELPS, Jordyn. Trump defends 2017 'very fine people' comments, calls Robert E. Lee 'a great general'. **abcNews**, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/trump-defends-2017-fine-people-comments-calls-robert/story?id=62653478>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PHILLIPS, Amber. They're rapists.' President Trump's campaign launch speech two years later, annotated. **The Washington Post**, 16 jun. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-trump-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/#annotations:12172185>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PINEDA, Khrysgiana. The boogaloo movement is gaining momentum. Who are the boogaloo 'bois' and what do they want? **USA Today**, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2020/06/19/what-is-boogaloo-movement/3204899001/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

PRESTON, Mark; SILVERLEIB, Alan. Trump endorses Romney. **CNN**, 3 fev. 2012. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2012/02/02/politics/campaign-wrap/index.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PRIGNANO, Christina. A timeline of President Trump's first term. **Boston Globe**, 31 out. 2020. Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/2020/10/31/nation/timeline-president-trumps-first-term/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RAJU, Manu; WONG, Scott. Senate tea party: Members wanted. **Politico**, 27 jan. 2011. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2011/01/senate-tea-party-members-wanted-048266>. Acesso em: 3 dez. 2020.

RASMUSSEN REPORTS. Palin Power: Fresh Face Now More Popular Than Obama, McCain. 5 set. 2008. Disponível em: https://web.archive.org/web/20080906053604/http://www.rasmussenreports.com/public_content/

politics/election_20082/2008_presidential_election/palin_power_fresh_face_now_more_popular_than_obama_mccain. Acesso em: 7 nov. 2020.

RAY, Rashawn. How Black Americans saved Biden and American democracy. **Brookings**, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/how-we-rise/2020/11/24/how-black-americans-saved-biden-and-american-democracy/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

REIMAN, Eliza. How a public-access broadcaster from Austin, Texas, became a major conspiracy theorist and one of Trump's most vocal supporters. **Business Insider**, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/alex-jones-bio-conspiracy-trump-megyn-kelly-2017-6>. Acesso em: 30 jan. 2021.

REV. Donald Trump Speech “Save America” Rally Transcript January 6. 2021. Disponível em: <https://www.rev.com/blog/transcripts/donald-trump-speech-save-america-rally-transcript-january-6>. Acesso em: 30 jan. 2021.

REYNOLDS, Molly E. What is the Senate filibuster, and what would it take to eliminate it? **Brookings**, 9 set. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/policy2020/votervital/what-is-the-senate-filibuster-and-what-would-it-take-to-eliminate-it/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RICE, Condoleezza. Remarks at the American University in Cairo. **U.S. Department of State**, 20 jun. 2005. Disponível em: <https://2001-2009.state.gov/secretary/rm/2005/48328.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

RICHARDSON, Heather Cox. **To Make Men Free: A History of the Republican Party**. New York: Basic Books. 2014, 418 p.

ROBERTSON, Adi. YouTube suspends One America News for one week after it promoted a fake COVID-19 cure. **The Verge**, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theverge.com/2020/11/24/21660572/youtube-suspends-oann-video-coronavirus-misinformation-monetization>. Acesso em: 30 jan. 2021.

RODRIGUEZ, Adrianna. Medal of Freedom: What is it and why did Trump award it to Rush Limbaugh during State of the Union? **USA Today**, 5 fev. 2020. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2020/02/05/why-did-trump-give-medal-freedom-rush-limbaugh-during-sotu/4665020002/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ROGERS, Kaleigh. QAnon Isn't Going To Take Over Congress In 2020. But It's Found A Home In The GOP. **FiveThirtyEight**, 29 out. 2020. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/qanon-isnt-going-to-take-over-congress-in-2020-but-its-found-a-home-in-the-gop/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ROOT, Jay. Cruz Easily Tops Sadler to Win U.S. Senate Race. **The Texas Tribune**, 6 nov. 2012. Disponível em: <https://www.texastribune.org/2012/11/06/cruz-easily-wins-us-senate-race/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ROSS, Brian. \$10 Million Woman: Palin a Hit with GOP Donors. **ABC News**, 2 set. 2008. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Blotter/story?id=5700022&page=1>. Acesso em: 9 nov. 2020.

RYAN, David L. Flags of the Tea Party. 2010. Disponível em: http://archive.boston.com/bostonglobe/ideas/gallery/Tea_party_flags?pg=2. Acesso em: 2020 nov. 2020

SAVAGE, John. The John Birch Society Is Back. **Politico Magazine**, 2017. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2017/07/16/the-john-birch-society-is-alive-and-well-in-the-lone-star-state-215377>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SCHEYDER, Ernest et al. In 2016, Trump won these Rust Belt counties on the economy. In 2020, he might lose them over coronavirus, **Reuters**, 19 out. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-usa-election-coronavirus-insight-idUKKBN27415X>. Acesso em: 30 jan. 2021.

SCHLESINGER, Robert. Why Sarah Palin Has Launched Her New PAC, SarahPAC. **US News**, 28 jan. 2009. Disponível em: <https://www.usnews.com/opinion/blogs/robert-schlesinger/2009/01/28/why-sarah-palin-has-launched-her-new-pac-sarahpac>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHRECKINGER, Ben. 16 insults that redefined acceptable political rhetoric. **Politico**, 10 jun. 2016. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/11/2016-election-best-insults-230794>. Acesso em: 4 jan. 2021.

SCRUTON, Roger. **The Uses of Pessimism: And the Danger of False Hope**. 1ª Ed. Oxford: Oxford University Press, 2013, 240 p.

SEVASTOPULO, Demetri; JOPSON, Barney. How Trump won the nomination. **Financial Times**, 4 mai. 2016. Disponível em: <https://www.ft.com/content/4bb06e32-11ce-11e6-91da-096d89bd2173>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. **Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism**. New York: Oxford University Press. 2012, 270 p.

SMITH, Allan. The day Ben Carson's campaign died. **Business Insider**, 7 mai. 2016. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/ben-carson-president-campaign-why-2016-2>. Acesso em: 14 dez. 2020.

SMITH, Jordan. Why We Like Ike. **The American Conservative**, 2016. Disponível em: <https://www.theamericanconservative.com/articles/why-we-like-ike/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SOLENDER, Andrew. Trump Reportedly Gave 'We Build The Wall' His Blessing And Tried To Steer \$1B Contract To Its Builder. **Forbes**, 20 ago. 2020a. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/andrewsolender/2020/08/20/trump-reportedly-gave-we-build-the-wall-his-blessing-and-tried-to-steer-1b-contract-to-its-builder/?sh=549e5a203904>. Acesso em: 29 jan. 2021

SOLENDER, Andrew. Trump Says He Will 'Negotiate' Third Term Because He's 'Entitled' To It. **Forbes**, 13 set. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/andrewsolender/2020/09/13/trump-says-he-will-negotiate-third-term-because-hes-entitled-to-it/?sh=3e96f470287c>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. Antigovernment Movement. 2021. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/antigovernment>. Acesso em: 30 jan. 2021.

STAFFORD, Kat et al. ‘This is proof’: Biden’s win reveals power of Black voters. **Associated Press**, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://apnews.com/article/election-2020-joe-biden-race-and-ethnicity-virus-outbreak-georgia-7a843bbce00713cfde6c3fdb2e31eb7>. Acesso em: 30 jan. 2021.

TAMMAN, Maurice; FAULCONBRIDGE, Guy. How the polls, including ours, missed Trump's victory. **Reuters**, 9 nov. 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-polls/how-the-polls-including-ours-missed-trumps-victory-idUSKBN1343O6>. Acesso em: 8 jan. 2021.

TANENHAUS, Sam. How That Confederate Flag at the White House Got There. **The New Republic**, 13 out. 2013. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/115172/confederate-flag-white-house-intellectual-history>. Acesso em: 28 nov, 2020.

TATUM, Sophie. An incomplete list of the most vicious Trump vs. Cruz attacks. **CNN**, 24 set. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/09/23/politics/worst-things-donald-trump-ted-cruz-said-about-each-other/index.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

TAUB, Amanda. The rise of American authoritarianism. **Vox**, 1 mar. 2016. Disponível em:

TAYLOR, Jessica. Watch: Chaos Erupts On RNC Floor As #NeverTrump Makes Last Stand. **NPR**, 18 jul. 2016. Disponível em: <https://www.npr.org/2016/07/18/486512303/watch-chaos-erupts-on-rnc-floor-as-nevertrump-makes-last-stand>. Acesso em: 4 jan. 2021.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. **O pensamento neoconservador em política externa nos Estados Unidos**. São Paulo: Editora Unesp. 2010, 109 p.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento neoconservador em política externa*. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 50, n. 2, p. 80-96, 2007.

TENNERY, Amy. Trump accuses Cruz of stealing Iowa caucuses through 'fraud'. **Reuters**, 3 fev. 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-trump-cruz-idUSKCN0VC1Z6>. Acesso em: 15 dez. 2020.

TENPAS, Kathryn Dunn. Tracking turnover in the Trump administration. **Brookings**, jan. 2021. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/tracking-turnover-in-the-trump-administration/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

TEPPER, Madison. **The Paradox of Transnational (Neo)Nationalism: Neo-nationalist Entanglements with Capital-“isms” in Modern Poland**. **Dissertação** (Mestrado de Artes em Ciência Política) – Virginia Polytechnic Institute and State University. Virgínia, 80 p. 2018.

TERRELL, Anthony. Trump Out-Campaigned Clinton by 50 Percent in Key Battleground States in Final Stretch. **NBC News**, 13 nov. 2016. Disponível em:

<https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/trump-out-campaigned-clinton-50-percent-key-battlegrounds-final-100-n683116>. Acesso em: 13 jan. 2021.

THE HILL. Poll: One-third of Americans say news media is the 'enemy of the people'. 2 jul. 2019. Disponível em: <https://thehill.com/hilltv/what-americas-thinking/451311-poll-a-third-of-americans-say-news-media-is-the-enemy-of-the-people>. Acesso em: 25 jan. 2021.

THE NEW YORK TIME. Election 2008. 6 dez. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/elections/2008/primaries/results/index.html?mtrref=www.google.com&assetType=REGIWALL>. Acesso em: 7 nov. 2020.

THE NEW YORK TIMES. End of the Soviet Union: Text of Bush's Address to Nation on Gorbachev's Resignation, 26 de dezembro de 1991. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1991/12/26/world/end-soviet-union-text-bush-s-address-nation-gorbachev-s-resignation.html>. Acesso em: 25 dez. 2020.

THE NEW YORK TIMES. Palin's Speech at the Republican National Convention. 3 set. 2008. Disponível em: https://www.nytimes.com/elections/2008/president/conventions/videos/transcripts/20080903_PALIN_SPEECH.html. Acesso em: 9 nov. 2020.

THE WASHINGTON POST. In four years, President Trump made 30,573 false or misleading claims. 20 jan. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/graphics/politics/trump-claims-database/?utm_term=.27babcd5e58c&itid=lk_inline_manual_2&itid=lk_inline_manual_2. Acesso em: 25 jan. 2021

THE WHITE HOUSE OFFICE OF THE PRESS SECRETARY. Seven Years Ago, the American Recovery and Reinvestment Act Helped Bring Our Economy Back from the Brink of a Second Great Depression. 25 fev. 2016. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/02/25/fact-sheet-seven-years-ago-american-recovery-and-reinvestment-act-helped>. Acesso em: 15 nov. 2020.

TRUMP, Donald. President Trump's Inaugural Address, Annotated. **NPR**, 20 jan. 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/01/20/510629447/watch-live-president-trumps-inauguration-ceremony>. Acesso em: 20 jan. 2021.

TRUMP, Donald. **Time to Get Tough: Make America Great Again!** 2 ed. Washington DC: Regnery Publishing. 2016, 256p.

VAZQUEZ, Maegan. Trump again refuses to denounce QAnon. **CNN**, 16 out. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/10/15/politics/donald-trump-qanon-town-hall/index.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

VILLARREAL, Daniel. Hate Crimes Under Trump Surged Nearly 20 Percent Says FBI Report. **Newsweek**, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.newsweek.com/hate-crimes-under-trump-surged-nearly-20-percent-says-fbi-report-1547870>. Acesso em: 30 jan. 2021.

VUCCI, Evan. Trump calls Paul Ryan 'lame duck failure' after excerpts from book critical of presidente. **Madison**, 12 jul. 2019. Disponível em: <https://madison.com/news/local/govt-and->

politics/trump-calls-paul-ryan-lame-duck-failure-after-excerpts-from-book-critical-of-president/article_d0907924-59b9-533c-b043-9375857f71ee.html. Acesso em: 27 jan. 2021.

WAGNER, Meg et al. Calls grow for Trump's removal after Capitol riot. **CNN**, 7 jan. 2021. Disponível em: https://edition.cnn.com/politics/live-news/washington-dc-election-riots/h_102b6c46f9c4776e2eb4541bc97a106e. Acesso em: 22 jan. 2021.

WALKER, Rob. The Shifting Symbolism of the Gadsden Flag. **The New Yorker**, 2 out. 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/the-shifting-symbolism-of-the-gadsden-flag>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WAXMAN, Olivia B. The Proud Boys Are Part of America's Long History of Vigilante Violence. Here's What to Know About the Group's Origins. **Time**, 2 out. 2020. Disponível em: <https://time.com/5894743/trump-proud-boys-history/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

WHITAKER, John C. *Nixon's Domestic Policy: Both Liberal and Bold in Retrospect*. Presidential Studies Quarterly, Vol. 26, No. 1, The Nixon Presidency (1996), p. 131-153.

WILKE, Joy. Tea Party Favorability Falls to Lowest Yet. **Gallup**, 11 dez. 2013. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/166217/tea-party-favorability-falls-lowest-yet.aspx>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WILSON, Jason. OANN: what is the alternative far-right media outlet Trump is pushing? **The Guardian**, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/nov/16/oann-what-is-tv-network-trump-is-pushing>. Acesso em: 30 jan. 2021.

WOLF, Zachary B. 9 ways Trump has shredded US institutions. **CNN**, 31 mai. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/05/31/politics/trump-shred-democratic-institutions/index.html>. Acesso em: 7 out. 2020.

WOLFE, Jan. Trump campaign will again ask U.S. high court to upend election results. **Reuters**, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-trump-court/trump-campaign-will-again-ask-u-s-high-court-to-upend-election-results-idUSKBN28U0UJ?edition-redirect=in>. Acesso em: 25 jan. 2021.

WORLAND, Justin. Trump Comments on Clinton Health After Days of Silence. **Time**, 15 set. 2016. Disponível em: <https://time.com/4494889/donald-trump-hillary-clinton-health/>. Acesso em: 5 jan. 2021.

ZAPPONE, Chris. The shrinking presidency: Six main lies from Trump's press conference. **The Sydney Morning Herald**, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://www.smh.com.au/world/north-america/the-shrinking-presidency-six-main-lies-from-trump-s-press-conference-20201106-p56c63.html>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ZURCHER, Anthony. RNC 2020: Key takeaways from Trump speech and Republican convention. **BBC News**, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/election-us-2020-53942272>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ZURCHER, Anthony. Marjorie Taylor Greene: Why she embodies Republicans' post-Trump dilemma. **BBC News**, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us>

canada-55845756. Acesso em 1 de fev. 2021.